



**A HISTÓRIA DA PRAÇA PRINCESA  
IZABEL EM NOVA FRIBURGO:**

*O projeto esquecido de Glaziou*

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Letras e Artes  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo

*Luiz Fernando Dutra Folly*

LUIZ FERNANDO DUTRA FOLLY

**A HISTÓRIA DA PRAÇA PRINCESA IZABEL EM NOVA FRIBURGO:  
O PROJETO ESQUECIDO DE GLAZIOU**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências do Urbanismo.

Orientadora: Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira

Rio de Janeiro  
2007

F668 Folly, Luiz Fernando Dutra.  
A história da Praça Princesa Izabel em Nova Friburgo: o projeto esquecido de Glaziou / Luiz Fernando Dutra Folly. - Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2007.  
216 f.: il.; 30cm.

Orientadora: Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira

Dissertação (mestrado) – UFRJ/PROURB/ Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2007.

Referências bibliográficas: f. 174-180

1. Paisagismo; 2. Praça Princesa Izabel; 3. Glaziou, Auguste François Marie; 4. Nova Friburgo. I. Folly, Luiz Fernando Dutra. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD 712

LUIZ FERNANDO DUTRA FOLLY

**A HISTÓRIA DA PRAÇA PRINCESA IZABEL EM NOVA FRIBURGO:  
O PROJETO ESQUECIDO DE GLAZIOU**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências do Urbanismo.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Carlos Gonçalves Terra  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Maria Sá Antunes Costa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 23 de março de 2007.

**Dedico o meu mestrado à memória de minha querida mãe  
Marly Dutra Folly, presença constante em minha vida.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiro a **Deus**, de quem recebo a força, a saúde e a paz para a realização desse trabalho.

Ao **CNPq** pelo auxílio de bolsa, sem o qual seria impossível estar aqui.

A Dr<sup>a</sup>. **Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira**, pela sua orientação e apoio.

Ao professor, amigo e verdadeiro mestre Dr. **Carlos Gonçalves Terra**, pela orientação informal, pelas nossas infindáveis conversas e o apoio constante.

A professora Dr<sup>a</sup>. **Rosângela Lunardelli Cavallazzi**, por existir em minha vida “Proubiana” e pelas importantes sugestões na Disciplina Metodologia da Pesquisa.

Aos **funcionários** do Pró-Memória de Nova Friburgo, pela atenção e carinho que me auxiliam.

A **Thereza de Albuquerque**, pelas nossas conversas e pela ajuda na obtenção dos documentos relativos a história de Nova Friburgo.

A **Jayme Jaccoud**, pela ajuda na pesquisa das Atas da Câmara de Nova Friburgo.

A Bibliotecária **Michele Moraes** e a estagiária **Janaina Leal**, pela ajuda na busca por documentos relativos a Carlos Eboli na Academia Nacional de Medicina.

A **Harold de Nova Friburgo Lee Hartmann**, descendente da família Clemente Pinto, que nos forneceu novos dados sobre a genealogia do Barão de Nova Friburgo.

A **Maria Helena Flores Guinle**, pela sua atenção e ajuda, abrindo os arquivos de sua família.

Ao meu pai **Sydney Folly**, pelo seu carinho, pela ajuda técnica e obtenção de dados na Prefeitura Municipal de Nova Friburgo.

A minha irmã **Izabel Cristina Dutra Folly**, segunda mãe, pelo incentivo alegre e carinho constante. Apesar da distância.

Ao meu cunhado **Wagner Dias Rodrigues**, por estar sempre disposto a ajudar nossa família nos momentos de dificuldade durante os últimos anos. Sem sua ajuda teria sido muito difícil chegar até aqui.

Ao meu irmão **Walter Sydney Dutra Folly**, pela ajuda nas medições e levantamentos da Praça Getúlio Vargas.

A **Valci Rubens Oliveira de Andrade**, pelo apoio e incentivo.

A minha amiga **Renata Loura Cavalcante Gonzalez**, pela 'força' constante e por estar sempre pronta a me ajudar.

A minha amiga **Lia Gianelli de Azevedo** e sua mãe **Luelly de Carvalho Gianelli**, que apoiaram nos momentos de dificuldade.

Ao meu amigo **Adilson Luiz Amaral Junior**, pela sua ajuda na maquete eletrônica.

A minha amiga **Moema Falci Loures**, por estar sempre pronta a me ouvir, pelas nossas discussões teóricas sobre arquitetura, paisagismo e da obra de Glaziou.

E ao meu amor **Luanda Jucyelle Nascimento de Oliveira**, nova luz em minha vida.

As Instituições de Pesquisa: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Museu Imperial de Petrópolis, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Academia Nacional de Medicina - Biblioteca Alfredo Nascimento, pela atenção e auxílio na busca documental.

## CATEDRAL DE EUCALIPTOS

### I

Coração de Friburgo a pulsar cada dia  
desde que o céu se tinga ao rubor matinal,  
para mim, não és a praça somente, eu diria  
que és, a um só tempo, praça, e imensa catedral.

Catedral de eucaliptos... Verde catedral  
cuja cúpula é a densa e inquieta ramaria  
que tem em cada copa um rendado vitral  
tecido pela luz do luar na noite fria!

Templo leigo do povo aberto a toda gente:  
- aos da terra e aos de longe, ao sadio e ao doente,  
aos que crêem no belo, mesmo sendo ateus.

Com seu domo de ogivas vegetais, frondosas,  
ampla, imensa, soberba, esplêndida, radiosa,  
és, - na altura da serra, - a morada de Deus!

### II

Catedral de eucaliptos, verdes, farfalhantes,  
onde se esgueira o sol pelas manhãs douradas  
em mil jatos de luz, nos mais belos cambiantes,  
descendo entre os vitrais das mais altas ramadas!

Brincam a sua sombra as crianças confiantes,  
e ao seu canto infantil - como em contos de fadas, -  
os verdes tinhorões, em gestos cativantes  
namoram, lado a lado, as rosas encarnadas...

Imensa catedral de belezas pagãs!  
O sol, vem, como um Deus, em seu fulvo esplendor  
rezar nos teus altares todas as manhãs...

E eu também, como o sol, ergo um canto feliz,  
e rezo ao céu e à terra uma oração de amor  
igual a que rezou São Francisco de Assis!

(J. G. de Araujo Jorge *in*  
"Canto à Friburgo" - 1961 )



## RESUMO

A introdução da vegetação nos espaços livres públicos de Nova Friburgo, realizada de forma planejada, se dá a princípio de forma lenta. O primeiro espaço público da cidade que denuncia à inserção de um jardim organizado foi a Praça Princesa Izabel em 1880. Nos cem anos que esta dissertação percorre (1819-1919), mostraremos o processo de construção individual ou dos grupos sociais tecendo a evolução urbana de Nova Friburgo, através de discursos que atendiam aos interesses ligados à higiene e a salubridade da cidade e a exploração do turismo. Analisamos os processos de formação e transformação da Praça Princesa Izabel em relação ao centro urbano de Nova Friburgo, verificando a sua importância e as razões pelas quais foi construída. Sendo provavelmente a única praça de Glaziou realizada segundo os moldes dos jardins franceses do século XVII, indo assim contra o partido inglês, livre, assimétrico e com elementos românticos do qual sempre foi seguidor, criando para Nova Friburgo uma praça onde as linhas direcionais conduziam o olhar para uma perspectiva sem fim, onde a escala humana perdia-se no eixo longitudinal de simetria dos tanques e renques formados por eucaliptos. Reconstruímos o projeto de Glaziou para a Praça Princesa Izabel, já que o mesmo nunca foi encontrado. Baseando-nos em indícios documentais históricos e iconográficos, que deram provas reais de seu traçado, mostrando a importância da sua criação para a sociedade friburguense do século XIX e começo do XX.

Palavras-chave: Nova Friburgo, Glaziou, Praça Princesa Izabel.

## ABSTRACT

The introduction of vegetation in free public spaces of Nova Friburgo, accomplished in a planned way, happens slowly at the beginning. The first public space of the city where is noticed the insertion of an organized garden was the Princesa Izabel Square in 1880. In the period of one hundred years that this dissertation covers (1819-1919), we will show the process of individual construction or of the social groups weaving the urban evolution of Nova Friburgo, through speeches that took care of the interests on the hygiene and the salubrity of the city and the exploration of the tourism. We analyzed the formation processes and transformation of the Princesa Isabel Square in relation to the downtown of Nova Friburgo, verifying its importance and the reasons for which it was built. Being probably the only square of Glaziou accomplished according to the patterns of the French gardens of the seventeenth century, in opposition to the english party, free, asymmetric and with romantic elements of which he was always follower, creating for Nova Friburgo a square where the directional lines led the glance for an endless perspective, where the human scale got lost in the longitudinal axis of symmetry of the lakes and rows of eucalyptuses. We reconstructed the Glaziou's project for the Princesa Izabel Square, since itself was never found. Basing on indications of historical and iconographic documents, which gave real evidences of its layout, showing the importance of its creation for the people of Nova Friburgo of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century.

Key-words: Nova Friburgo, Glaziou, Princesa Izabel Square.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Caminho da Serra de Macacu para a Colônia do Morro Queimado.

FIGURA 02: A Colônia Suíça de Fribourg, litografia de Jean-Baptiste Debret desenhada em 1826.

FIGURA 03: Planta da Vila de Nova Friburgo em 1822 de N. G. Rubstov.

FIGURA 04: Esquema elaborado para a visualização das partes que compreendiam a Vila de Nova Friburgo, em 1819.

FIGURA 05: Esquema elaborado para a visualização das áreas públicas da Vila de Nova Friburgo, em 1819.

FIGURA 06: Fachada do solar da família Clemente Pinto.

FIGURA 07: Fechadura do solar da família Clemente Pinto.

FIGURA 08: Pensão Nascimento.

FIGURA 09: Casa de Galiano das Neves.

FIGURA 10: Casa de Galiano das Neves.

FIGURA 11: Casa de Galiano das Neves.

FIGURA 12: Vista do lado sul de Nova Friburgo, em 1851.

FIGURA 13: Detalhe da Vila de Nova Friburgo, em 1840.

FIGURA 14: Vista da Vila de Nova Friburgo, em 1840.

FIGURA 15: 1º Barão de Nova Friburgo Antonio Clemente Pinto.

FIGURA 16: Jardins ao fundo do solar dos Clemente Pinto.

FIGURA 17: Fundos da Estação de Trem de Nova Friburgo.

FIGURA 18: Fachada da Estação de Trem de Nova Friburgo.

FIGURA 19: Vista da Praça Princesa Izabel, por volta de 1870.

FIGURA 20: Praça Princesa Izabel, por volta de 1870.

FIGURA 21: Chácara do *Challet*, atual Parque São Clemente.

FIGURA 22: Bonde *decauville* com o Pavilhão de Caça.

FIGURA 23: Auguste François Marie Glaziou, fotografia de Eugène Pirou (1841-1909).

FIGURA 24: Projeto da Chácara do *Challet* de Auguste François Marie Glaziou.

FIGURA 25: Chalé da família Clemente Pinto.

FIGURA 26: Lago superior do Parque São Clemente.

FIGURA 27: Desenho mostrando as alamedas: larga - côncava e a estreita - plana.

FIGURA 28: Projeto paisagístico mostrando as alamedas principais mais largas e as secundárias, mais estreitas.

FIGURA 29: Bifurcação de duas alamedas de mesma importância.

FIGURA 30: Bifurcação entre uma alameda principal e uma secundária.

FIGURA 31: Desenhos mostrando as várias maneiras de distribuir regularmente as árvores.

FIGURA 32: Desenhos mostrando as várias maneiras de distribuir irregularmente as árvores.

FIGURA 33: Detalhe da vista da Cidade de Nova Friburgo à partir do Colégio Anchieta, por volta de 1879.

FIGURA 34: Vista da Cidade de Nova Friburgo à partir do Colégio Anchieta, por volta de 1879.

FIGURA 35: Boulevard Richard-Lenoir, 1863.

FIGURA 36: Instituto Hydrotherapico e Hotel Central de Carlos Eboli em Nova Friburgo.

FIGURA 37: Instituto Hydrotherapico de Carlos Eboli em Nova Friburgo, hoje Colégio Nossa Senhora das Dores.

FIGURA 38: Sala de duchas do Instituto Hydrotherapico.

FIGURA 39: Ducha dorsal e aparelho para duchas verticais e laterais.

FIGURA 40: Praça Princesa Izabel cercada, por volta de 1900.

FIGURA 41: Hotel Engert, fachada do chalé tirolês.

FIGURA 42: Hotel Engert.

FIGURA 43: Prédio lateral do Hotel Engert, construído já no século XX.

FIGURA 44: Hotel Leuenroth.

FIGURA 45: Detalhe da Praça Princesa Izabel, na planta da Vila de Nova Friburgo, realizado pela turma de Engenheiros Civis da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sob a orientação de Paulo de Frontin.

FIGURA 46: Vista do *Challet* dos Clemente Pinto elaborado a partir do modelo em três dimensões.

FIGURA 47: Vista da Praça Princesa Izabel elaborada a partir do modelo em três dimensões.

FIGURA 48: Vista da Praça Princesa Izabel elaborada a partir do modelo em três dimensões.

FIGURA 49: Planta para a visualização do projeto de Glaziou.

FIGURA 50: Praça Princesa Izabel: Reconstituição com medidas aproximadas, incluindo o projeto posterior de Farinha Filho.

FIGURA 51: Esquema elaborado para a visualização da área da Praça Princesa Izabel, em 1822.

FIGURA 52: Sobreposição da planta de Nova Friburgo de 1919, sobre a planta de Rubstov de 1822.

FIGURA 53: Corte esquemático do projeto de Glaziou para a Praça Princesa Izabel.

FIGURA 54: Escavação feita na praça por volta da década de 1990, onde percebemos parte de um dos tanques feitos por Glaziou.

FIGURA 55: Praça Princesa Izabel, aproximadamente 1885.

FIGURA 56: Renque de bunganviles na lateral da Praça princesa Izabel.

FIGURA 57: Uma das alamedas da Praça Princesa Izabel.

FIGURA 58: 2º Barão, Visconde e Conde de Nova Friburgo Bernardo Clemente Pinto 1835 – 1914.

FIGURA 59: Nova Friburgo: Mapa da cidade no final do século XIX e início do XX com suas principais edificações.

FIGURA 60: Nova Friburgo: Mapa representativo da cidade com a nomenclatura das ruas.

FIGURA 61: Praça Paissandu, em aproximadamente 1919.

FIGURA 62: Praça Paissandu, em aproximadamente 1919.

FIGURA 63: Praça do Suspiro, em aproximadamente 1919.

FIGURA 64: Praça do Suspiro, em aproximadamente 1919.

FIGURA 65: Praça do Suspiro, em aproximadamente 1919.

FIGURA 66: Praça do Suspiro, em aproximadamente 1919.

FIGURA 67: Cinema Leal, por volta de 1919.

FIGURA 68: *Rink* de patinação.

FIGURA 69: Coreto em estilo de pagode Chinês.

FIGURA 70: Área vazia da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista, por volta de 1881.

FIGURA 71: Área vazia da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista, por volta de 1881.

FIGURA 72: Reconstituição do projeto do segmento da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista.

FIGURA 73: Coreto do segmento da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista.

FIGURA 74: Vista da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista.

FIGURA 75: Casa da família Salusse no final da Praça Princesa Izabel.

FIGURA 76: Hotel Salusse.

FIGURA 77: Hotel Casino-Turista.

FIGURA 78: Praça Princesa Izabel, aproximadamente em 1919.

FIGURA 79: Fachada do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

FIGURA 80: Planta baixa do 1º pavimento do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

FIGURA 81: Planta baixa do 2º pavimento do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

FIGURA 82: Corte do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

FIGURA 83: Planta de telhado do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

FIGURA 84: Vista da Praça Princesa Izabel, no trecho em frente a Catedral de São João Batista.

FIGURA 85: Vista da Praça Princesa Izabel, no trecho em frente a Catedral de São João Batista.

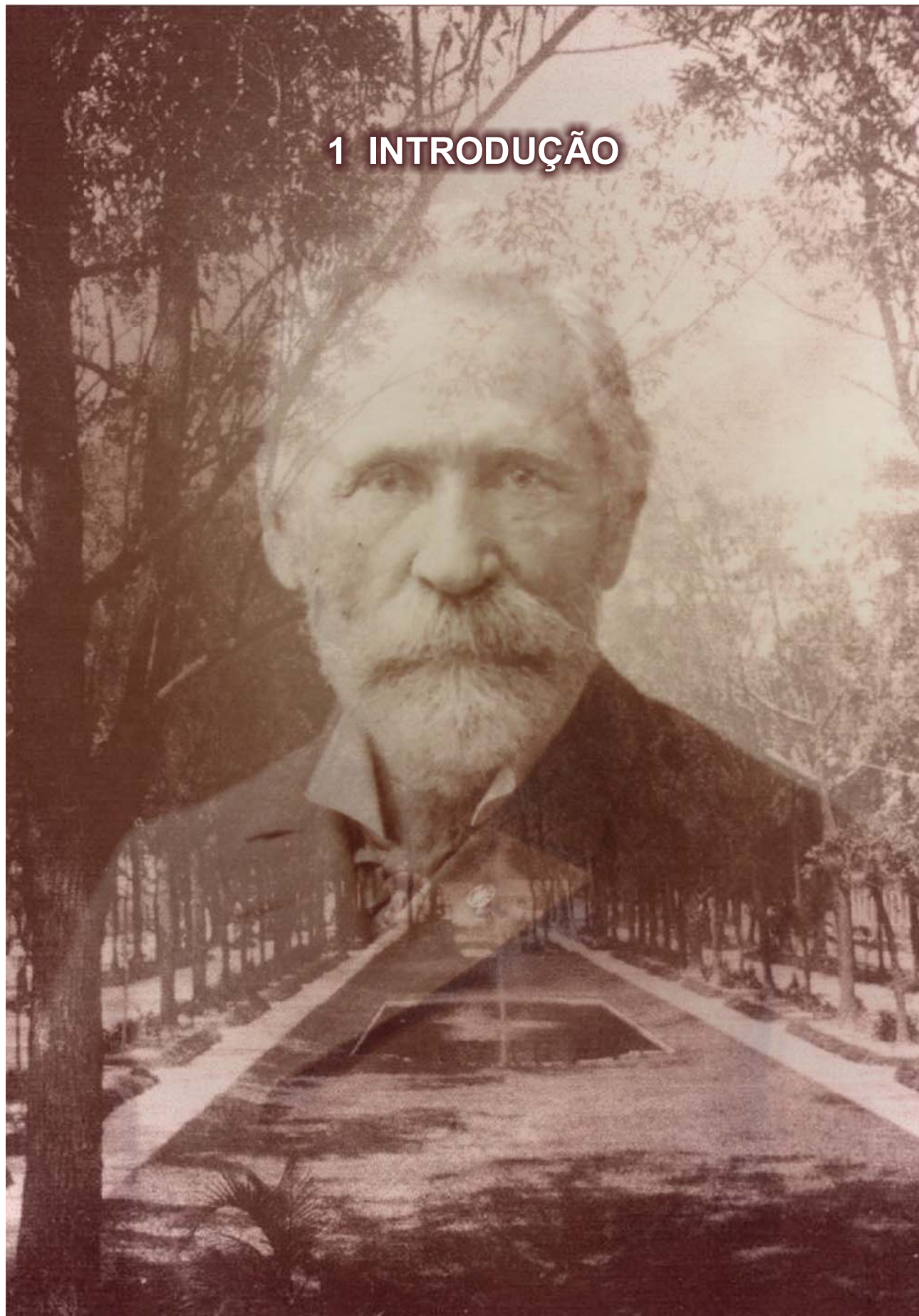
FIGURA 86: Vista da Praça Princesa Izabel.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 DAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DE NOVA FRIBURGO.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 A conquista da paisagem em 1819.....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 Atores em cena: O poder público municipal (1819–1873).....</b>	<b>38</b>
<b>3 DOS JARDINS DA CHÁCARA DO CHALLET AO CONVITE DE CARLOS ÉBOLI: <i>Glaziou em Nova Friburgo</i> .....</b>	<b>72</b>
<b>3.1 O primeiro projeto de Glaziou em Nova Friburgo.....</b>	<b>73</b>
<b>3.2 O pedido de Carlos Eboli (1873 – 1880).....</b>	<b>90</b>
<b>4 PRAÇA PRINCESA IZABEL: <i>O projeto esquecido de Glaziou</i>.....</b>	<b>114</b>
<b>4.1 O projeto esquecido de Glaziou.....</b>	<b>115</b>
<b>4.2 Auge e declínio da Praça Princesa Izabel (1880–1919).....</b>	<b>134</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>171</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>174</b>
<b>7 ANEXOS.....</b>	<b>181</b>

# 1 INTRODUÇÃO



**D**urante muitos séculos os blocos de desenho foram os objetos mais importantes no cotidiano dos paisagistas. Era sobre suas folhas que se buscava perpetuar impressões, cores, texturas e formas das espécies vegetais e das paisagens. Quando detendo seu olhar sobre o que lhe parecia agradável, engenhoso ou perturbador, o paisagista pensava, através do desenho, a permanente operação que sempre realizou de se apropriar e reconstruir a paisagem – quadro material da existência dos homens.

Atualmente, é graças a essa antiga tradição que podemos adicionar também as nossas reflexões através dos desenhos deixados por um paisagista, Auguste François Marie Glaziou, sobre Nova Friburgo e a praça que criou em 1880 no centro da cidade: a Praça Princesa Izabel<sup>1</sup>.

Até poucos anos atrás, pouco sabíamos sobre esse personagem que foi estudado de forma mais rigorosa pelo professor Carlos Gonçalves Terra, em sua dissertação de mestrado em 1993. Através de sua pesquisa verificamos a preocupação em estudar de uma forma científica e crítica a arte de elaborar jardins de Glaziou.

A sua dissertação foi publicada duas vezes, e na apresentação da segunda edição, no ano de 2000<sup>2</sup>, Terra diz que não pretende esgotar o tema sobre os jardins do século XIX e a obra de Glaziou, e diz acreditar que o seu trabalho é o “começo que pode despertar outros estudiosos na área de história do paisagismo brasileiro e incentivá-los a mapear áreas diversas do Brasil, como já vem acontecendo”.

O despertar aconteceu. Partindo de um desejo de tentar compreender melhor a Praça Princesa Izabel, começamos a pesquisa e nos deparamos com os arquivos

---

<sup>1</sup> Atuais Praças Getúlio Vargas e Dermeval Barbosa Moreira.

<sup>2</sup> TERRA, Carlos Gonçalves. *Os jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado*. 2. ed. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000.

do Pró-Memória de Nova Friburgo, onde seu farto material sobre a cidade, desde sua fundação aos dias atuais, mostrava indícios dos caminhos a serem percorridos para compreender os processos que conduziram ao seu surgimento.

Buscando informações em diversos arquivos particulares e públicos tentamos entender as inquietações de Carlos Éboli, do 2º Barão de Nova Friburgo Bernardo Clemente Pinto, de Auguste François Marie Glaziou, de Carlos Engert e de Luís Pires de Farinha Filho frente a criação da Praça Princesa Izabel. Fazendo um registro da história de vida desses indivíduos, nós focalizamos suas memórias pessoais e construímos, também, uma visão mais concreta da dinâmica de suas atuações na construção da paisagem e das várias etapas da trajetória do grupo social ao quais pertenciam com a criação e manutenção da praça.

A fim de construir o nosso quadro teórico, tentamos articular conceitos para alcançar as intenções propostas nos objetivos. Eles são imprescindíveis para a definição dos componentes com os quais vamos lidar no desenvolvimento de nosso estudo. Queremos apenas apontar conceitos que possam encaminhar o raciocínio, bem como, dirigir as reflexões, que serão fundamentais para sustentar nossa argumentação teórica.

Partimos da premissa que toda paisagem é uma herança<sup>3</sup> da natureza e do modo como nela trabalharam, viveram e criaram os que nos antecederam. O centro de Nova Friburgo e principalmente a Praça Princesa Izabel é uma herança que não nos pertence, como também não pertenceu aos que vieram antes de nós e aqueles que nos sucederão. Mas, ao mesmo tempo em que não nos pertence, fazemos parte desse processo de criação, construção e manutenção da paisagem.

---

<sup>3</sup> AB'SABER, A. N. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. In: *Boletim Geomorfologia*, nº 55. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1977; SANDERVILLE Jr., Euler. *A herança da paisagem*. Dissertação (Mestrado), São Paulo, 1993.

A paisagem, que materializa a complexa interação entre os seres vivos com o mundo, é o cenário e o texto que aprendemos a decifrar para entendê-lo, as possibilidades de transformá-lo, e, em última análise, refletir sobre nossos potenciais e limitações na condução desses processos.

A noção de paisagem é utilizada por um grande número de disciplinas, mas esta noção se difere em cada campo. Se um arquiteto, um geógrafo, um pintor estudarem uma paisagem, o resultado das análises e o método de os conduzir serão diferentes, cada um com seu grau de percepção e interesse.

E segundo Chantal Blanc-Pamard e Jean-Pierre Raison<sup>4</sup>, o vocábulo paisagem é “polissêmico, e cada um de nós deveria explicar o que entende por paisagem”. Veremos que é com base nesse pensamento e através de relatos e de imagens que formularemos nossa compreensão da paisagem de Nova Friburgo em sua fundação em 1818 e da paisagem criada por Glaziou e Farinha Filho em 1880 e 1918, respectivamente.

A nossa percepção está intimamente ligada à idéia do belo. Quando buscamos uma paisagem que contenha uma beleza ideal, quase sempre a associamos ao “Éden”, ao “paraíso”. Esta noção alicerçada no Cristianismo e que se espalhou pelo mundo através da arte européia dos séculos XVII, XVIII e XIX, foi sendo exaltada por imagens romanceadas de uma natureza idealizada.

Observemos o que nos diz Schama a esse respeito:

(...) toda a nossa tradição da paisagem é o produto de uma cultura comum, trata-se, ademais, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões. Os cultos, que somos convidados a procurar em outras culturas nativas – da floresta primitiva do rio da vida, da montanha sagrada –, na verdade estão a nossa volta, vivos e passando bem; resta saber onde procurá-los.

---

<sup>4</sup> BLANC-PAMARD, Chantal; RAISON, Jean-Pierre. Verbete paisagem. In: *Enciclopédia*. Porto: Editora Einaudi – Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

Entenderemos aqui a paisagem como um conjunto de alta complexidade, que possui suas raízes no passado, mas é alimentado com a passagem do tempo, com o acúmulo de experiências e de sentimentos. Seria a experiência primitiva do espaço experimentada a partir do corpo.

Assim, a definição de paisagem que consideramos mais apropriada é a seguinte:

A paisagem é uma marca, porque ela exprime uma civilização; mas também é uma matriz, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação, isso é, da cultura, que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno.<sup>5</sup>

Milton Santos, estabelecendo a diferenciação entre paisagem e espaço, afirma que:

(...) a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. (...) a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal.<sup>6</sup>

A evolução urbana de Nova Friburgo está relacionada com a conquista de um vale estreito na Serra dos Órgãos, arduamente construído sobre um charco e com obras de drenagem. A cidade fundada em 1819 por colonos suíços foi a primeira empresa colonial contratada pelo governo português.

Cada fase de crescimento da malha urbana está relacionada a uma luta contra a topografia que inicialmente dificultou, mas também orientou o espaço urbano em meio ao vale e apontou os caminhos que foram determinantes, na orientação da expansão da cidade nos anos seguintes ao da fundação.

---

<sup>5</sup> BERQUE, A. *Paysage-empreinte, paysage-matrice*: éléments de problématique pour une géographie culturelle. L'Espace Géographique. 1984.

<sup>6</sup> SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo : Hucitec, 1996.

O projeto inicial da vila pode ser considerado como elemento primário, como “um conjunto de elementos determinados que funcionaram como núcleos de agregação<sup>7</sup>”, pois a área central da cidade que constituiu a Praça Princesa Izabel serviu como elemento urbano que participou da evolução da cidade no decorrer do tempo e de forma permanente. Existe uma permanência do projeto, das construções ao redor da área da praça, que constituem “um conjunto que é a estrutura física da cidade<sup>8</sup>”.

A Praça Princesa Izabel pode ser considerada como um fato urbano primário, mesmo apresentando durante o decorrer do tempo mudanças em suas funções como praça, no sentido do uso original que é destinado. Assim ela é um fato urbano que gerou a forma do centro da cidade e acelerou o processo de urbanização.

Ao analisarmos a formação dos espaços livres públicos de Nova Friburgo, percebemos que a introdução da vegetação, realizada de forma planejada, se dá a princípio de forma lenta, sem sofisticação no seu traçado, na disposição dos estratos ou organização de conjuntos arbóreos, sejam eles compostos por maciços ou aléias. O primeiro espaço público da cidade que denuncia à inserção de um jardim organizado foi a Praça Princesa Izabel.

A área ocupada pela praça em Nova Friburgo surge como em outras cidades brasileiras, onde a construção de cadeias, câmaras e igrejas se faz em torno de um espaço não construído, na verdade construindo um espaço, de onde as ruas partem, ou se encontram e se alargam. Os largos transformaram-se em jardins, e não em praças, no significado tradicional desses espaços resgatados por Saldanha<sup>9</sup> e

---

<sup>7</sup> ROSSI, Aldo. *Arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça*. São Paulo: Edusp, 1993.

Segawa<sup>10</sup>, à semelhança das cidades européias, nas quais muitos proprietários rurais foram educados ou pelo menos visitaram.

Crônicas e documentos históricos das câmaras municipais mostram que os jardins foram construídos tanto para a elite como para os trabalhadores (para controle do ócio), mas o uso desses espaços foi sempre dominado pelos primeiros. A colocação de grades e pórticos fazia destes jardins um espaço coletivo dos senhorios. O resgate desta gênese, no qual o espaço se materializa e reproduz relações sociais embasadas em relações econômicas, pode ajudar a compreender a formação destes espaços, ao longo da história e nos tempos atuais.

Nos cem anos que esta dissertação percorre, mostraremos o processo de construção individual ou dos grupos sociais tecendo a evolução urbana de Nova Friburgo, através de discursos que atendiam aos interesses ligados à higiene e a salubridade da cidade e a exploração do turismo.

Entender as lutas entre diferentes representações é importante para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe sobre outro, buscando visualizar como eles se formam e quem os compõe. O objetivo final desta identificação dos atores é mostrar que a história não se faz sem a participação destes, que a evolução urbana de Nova Friburgo é personificada.

E é quase irresistível aos cientistas sociais o encantamento produzido pelo contato com as fontes primárias - documentos, papéis, fotografias - capazes de revelar parcelas desconhecidas ou até então invisíveis da história e do mundo social.

Temos muito a extrair das memórias dos relatos dos primeiros colonos, das atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo e dos viajantes que aqui aportaram ao longo do centenário da cidade. Sob este aspecto, a Praça Princesa Izabel não foi

---

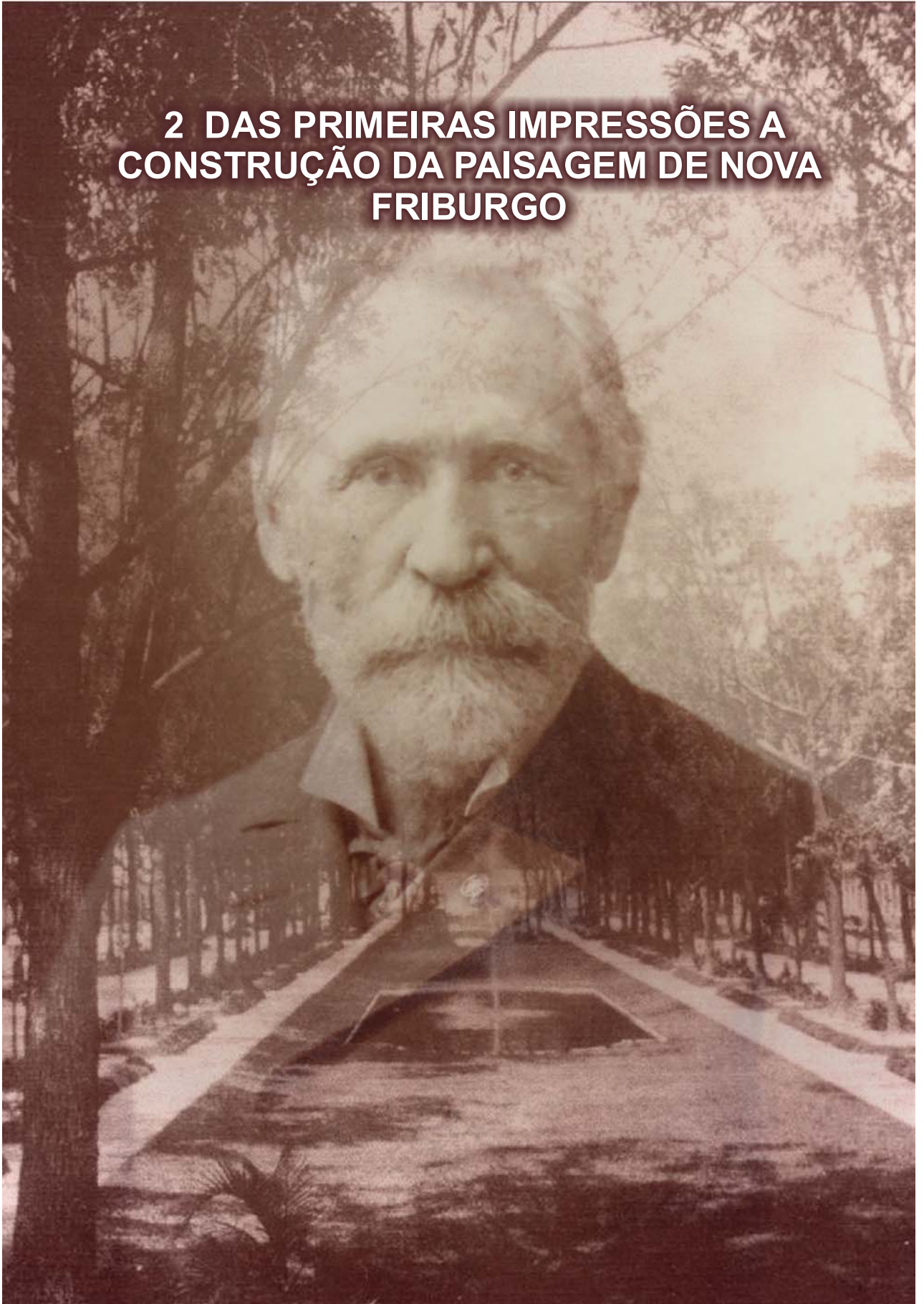
<sup>10</sup> SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Fapesp, Studio Nobel, 1996.



ainda devidamente analisada. Muitas possibilidades nos são oferecidas quando nos utilizamos da memória dos que aqui estiveram tempos atrás.

Estudar o projeto de Glaziou para a Praça Princesa Izabel nos lançou a um desafio de retirar do esquecimento esta obra de um mestre do paisagismo brasileiro.

## 2 DAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DE NOVA FRIBURGO



## 2.1 A conquista da paisagem em 1819

Quase duzentos anos nos separam da experiência de vida dos primeiros colonos suíços que fundaram Nova Friburgo. O que seria da história da cidade sem a memória de seus relatos? Existem poucas marcas visíveis dessa época – a memória de uma cidade, de uma paisagem natural há muito modificada. Os vestígios estão ocultos e cabe tentarmos explorá-los.

Este capítulo é um convite a um retorno no tempo, para o período de constituição da colônia de Nova Friburgo através da ação dos primeiros colonos que vão construindo a paisagem, buscamos perceber como a cidade surgiu, demarcando e afirmando a área que se tornará a Praça Princesa Izabel, em 1880.

O período das guerras napoleônicas deixou, por décadas após, várias seqüelas não só no continente europeu, mas também sentidas no continente americano.

A Confederação Helvética, que sofrera mudanças territoriais significativas, passou também por problemas que ocasionaram distúrbios afetando sua integridade político-social. Com a chegada do liberalismo econômico e as crises de 1816/1817, agravada pelo insucesso das suas produções agrícolas, a fome se disseminou entre a população. A Confederação não tinha como mais alimentar a totalidade de seus cidadãos, e a solução que à época pareceu mais adequada seria permitir movimentos migratórios para o exterior.

Um dos movimentos surgiu com a investida do suíço de Gruyères, Sebastien-Nicolas Gachet, que foi nomeado cônsul pelo Cantão de Fribourg para negociar com o Príncipe Regente Dom João a instalação de uma colônia suíça em território brasileiro.

Tal iniciativa encontrou campo extremamente favorável no seio das autoridades imperiais portuguesas, pois, a exemplo dos demais países europeus, o Reino de Portugal, estrategicamente indefensável a exércitos invasores, também sofrera a investida de Napoleão Bonaparte. Dom João e toda a corte portuguesa, numa retirada estratégica, buscavam refúgio na sua colônia americana e, em 1808, se instalara no Rio de Janeiro.

Dom João VI, em decreto de 16 de maio de 1818, aceitou as condições propostas pelo agente Sebastian-Nicolas Gachet, permitindo-se o estabelecimento da colônia composta de cem famílias. Para esse fim foi escolhida a localidade *Morro Queimado*, na província do Rio de Janeiro, criada em vila, por alvará de 3 de janeiro de 1820, com a denominação de Nova Friburgo.

Fui Servido aprovar as Condições na data de onze do corrente mez, acceitas pelo Agente do Cantão de Fribourg, Sebastião Nicoláo Gachet, que acompanhão este Decreto, e com as quaes Concedí a permissão para o estabelecimento neste Meu Reino do Brasil de huma Colônia de Suissos composta de cem Familias. Thomaz Antônio de Villanova Portugal, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, encarregado interinamente da Repartição dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, e da Presidencia do Meu Real Erario assim o tenha entendido, e faça executar com os Despachos necessários.  
Palácio do Rio de Janeiro em dezesseis de Maio de mil oitocentos e dezoito<sup>11</sup>.

Na Suíça a notícia repercutiu de forma muito positiva, pois os intermediários do projeto descreviam o Brasil, em particular, a região da colônia, como um Eldorado. Alistaram-se mais de duas mil pessoas, sendo 830 pessoas de Fribourg, 500 do Jura, 160 do Valais, 90 do Vaud, 5 de Neuchatel, 3 de Geneve, 143 de Aargau, 118 de Solothurn, 140 de Lucerne e 17 de Schwytz, totalizando 2006 colonos.

---

<sup>11</sup> DECRETO e Condições do estabelecimento de huma colônia de Suissos no Reino do Brazil. Rio de Janeiro, Impressão regia, 1820, p.3; Coleção de Legislação Brasileira do Império II, p.326.

Após o alistamento, vários problemas relacionados com a desorganização do projeto trouxeram conseqüências trágicas. À espera do embarque para a viagem ao Brasil, os colonos ficaram acampados nos pântanos de Milj, perto de Dordrecht, na Holanda, onde sofreram toda espécie de desconforto, como comida ruim ou deteriorada, que provocou doenças como varíola, tifo, disenteria e malária.

Somente nos dias 11 e 12 de setembro de 1819 as primeiras 1206 pessoas conseguiram embarcar, e em 10 de outubro as 800 restantes. Os colonos foram acomodados nos navios Daphné, Urânia, Deux Catherine, Debby Elisa, Heurex Voyage, Elisabeth-Marie e Camillus. Havia mais um navio chamado Trajan que transportou apenas as bagagens dos passageiros.

A ambição do cônsul Sebastian-Nicolas Gachet, que procurava economizar dinheiro de todas formas possíveis, alugou navios em quantidade insuficiente, dando indícios que em todos os navios havia superlotação.

Por isso, a travessia do oceano foi muito penosa, demorada e com muitas mortes. Na chegada ao Rio de Janeiro, foram recebidos de forma agradável pelo Rei Dom João VI, recebendo muitos presentes e comidas como pão, vinho, bananas e laranjas.

Do Rio de Janeiro os colonos ainda tinham que percorrer mais de 120 quilômetros até à Colônia no Morro Queimado. A metade do caminho era por via fluvial, até perto da atual cidade de Cachoeira de Macacú. A partir daí em carroças e lombo de burro, percorrendo caminhos estreitos, quase intransitáveis em meio a floresta tropical, quente e úmida, com muitos animais diferentes e chuvas abundantes. Mas eram bem recebidas pelas populações das fazendas por onde passavam, recebendo presentes, doces e comidas em geral. Mais adiante, a viagem

tornou-se mais difícil, pois os carros não tinham como avançar. As mulheres, crianças e idosos percorriam o trajeto em mulas, e os homens a pé (Figura 1).

Ao chegar em Nova Friburgo os colonos verificaram que os problemas ainda não haviam acabado. O governo imperial havia preparado apenas 100 casas, número insuficiente para alojar tantas pessoas. A solução encontrada foi a de acomodar em cada casa, mais de uma família, de modo que cada casa abrigou de 18 a 20 pessoas, dando origem ao que ficou conhecida como a “*família artificial*”.

Exemplo de uma das casas de “família artificial”<sup>12</sup>:

Casa nº 22  
 Família Vuichard, Jacques, mulher e dois filhos.  
 Família da viúva Nanette Jaccoud, com dois filhos e uma filha, todos com mais de 15 anos.  
 Família da viúva Marie Balmat e seus cinco filhos.  
 O professor Bonaventure Bardy.  
 O colono solteiro Charles Mercier.

O choque com o novo se processou de diversas formas, com maior ou menor força, como se percebe na correspondência enviada pelos colonos a Suíça. Em contato com essa outra realidade, eles reagem com aceitação, medo, resignação, revolta e outros sentimentos que deixam transparecer ao longo de sua correspondência.

Os colonos suíços em suas cartas mostram que o Brasil encontrado não diferia muito das paisagens retratadas pelos primeiros cronistas: um lugar de múltiplas possibilidades, de paraíso, onde os que tivessem capacidade seriam os bem-aventurados que mudariam o seu futuro, a sua posteridade.

---

<sup>12</sup> Os originais encontram-se no Arquivo Municipal de Nova Friburgo: *Documentos sobre a colonização suíça em Nova Friburgo 1819-1830*, fl. 22.



Figura 1: Caminho da Serra de Macacu para a Colônia do Morro Queimado. Aproximadamente 1819.  
Fonte: Arquivo de David Emmerich Jourdain.

A leitura que esses colonos fizeram, em relação ao que viam em Nova Friburgo, denota a construção de uma percepção própria daquela realidade, resultado de um contexto histórico o qual viveram e viviam naquele momento. Trata-se, dessa forma, de um discurso não oficial, mas ainda é um discurso e portanto, deve ser analisado pela historiografia como um depoimento legítimo de uma visão de mundo.

A paisagem de Nova Friburgo vai sendo apropriada na medida em que é vivida pelos colonos e nessas formas de apropriação a percepção é um dado fundamental, pois representa a maneira como esses colonos enxergam seu lugar e o valorizam.

Dessa forma as primeiras visões da paisagem de Nova Friburgo são descritas de maneiras diferentes em cada tempo. Vejamos alguns relatos dos colonos em 1819, 1820 e 1821.

A primeira carta analisada foi enviada a seus parentes por um jovem suíço de 29 anos, Jacques Page, que decidira abandonar a terra natal e partir em busca de sonhos de prosperidade no Novo Mundo.

A carta de Page fala da expectativa de realização de um desejo de conquistar a riqueza, partilhado por outros imigrantes, e esse desejo se materializa em Nova Friburgo, em um esforço individual de construir um novo lar. Naquele momento, a vila não era um sonho comum, mas a riqueza advinda do movimento de mudança era compartilhada igualmente por todos.

Em alguns anos os que não forem preguiçosos serão felizes. Quanto a mim, não temo não ser capaz de me sustentar. Aguardando que a terra seja dividida, ganho sempre dinheiro trabalhando para os portugueses<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> *Journal du Jura*, 26/março/1820, p. 148.



E Jacques Page ao falar da paisagem local, esboça em apenas um linha suas impressões:

A vila onde estamos fica numa planície rodeada de montanhas muito altas<sup>14</sup>.

Já o colono Meuret de Miécourt, nos apresenta uma visão mais detalhada e não sintetizada como a de Page. Ele nos fala da presença de colinas e de montanhas, comparando-as com montanhas suíças:

Os arredores apresentam uma série de pequenas colinas semelhantes àquelas chamadas Königsberg e Hühnli, perto de Berna; existem também montanhas altas com rochas sem vegetação<sup>15</sup>.

Outro colono, um dos mais loquazes era Jacques-Martin Péclat de 36 anos. Escrevendo aos seus irmãos, cunhados e amigos que ficaram na Suíça, contava como transcorrer a viagem, a chegada ao Brasil, como se dera a instalação dos colonos em Nova Friburgo e como fora o início da nova vida.

Péclat viajara acompanhado da esposa e dos seus seis filhos. Porém, ao longo de sua carta, descobrimos que o seu grupo familiar era mais amplo, incluía também o primo Jean Page, que imigrara acompanhado da família. A esposa de Page falecera enquanto ainda esperava o embarque na Holanda, onde surtos de varíola, tifo e febres diversas fizeram diversas vítimas entre os emigrantes<sup>16</sup>; e os seus dois filhos morreram ao longo da travessia no mar. Mesmo com todos os anseios individuais, da luta para sobreviver e prosperar, os laços familiares acabaram falando mais alto, e Péclat estendeu a mão ao seu primo necessitado.

---

<sup>14</sup> NICOULIN, Martin. *A gênese de Nova Friburgo – emigração suíça no Brasil (1817-1827)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p. 176.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 146-7.

Em sua carta, Jacques Péclat narrou sucintamente a travessia marítima e descreveu a vida em Nova Friburgo. Ele se preocupava com o cotidiano, dando ênfase ao custo de vida e a sua casa. A narrativa de sua carta também apresenta o seu lado religioso, mostrando o lado providencial da viagem, o Deus que intervem e julga sobre a vida.

Péclat ao analisar a fauna brasileira procedia por comparações. E os mesmos animais que espantavam ou decepcionavam os outros imigrantes, para Péclat, eram menos perigosos do que os da Suíça, e dizia: "não vimos um único animal selvagem, como tanto se alardeava na Suíça... Existem algumas serpentes, porém são mais raras que na Suíça"<sup>17</sup>.

Mas o que nos chama mais a atenção é a sua preocupação em transmitir a sua impressão ao chegar na Vila de Nova Friburgo, voltando seu olhar para as primeiras casas:

[...] chegamos a nosso destino no dia 12 de dezembro último, quando ficamos muito felizes ao vermos as bonitas casas que Sua Majestade mandou construir para nós, bem feitas até o teto, cobertas de telhas, cem casas tendo cada uma seu número e cada número com 4 quartos. [...] elas não tem janelas porque neste país só há contraventos, pois aqui não faz frio. Eu vos direi que estou morando muito bem no centro da cidade, no número 18, onde todos os dias o mercado se instala na frente de nossa casa, de modo que posso garantir-vos que estamos muito bem, melhor do que todos vocês juntos [...]<sup>18</sup>

Já o relato do padre Jacob Joye nos mostra uma visão que nos causou espanto ao ser examinado. O homem que deveria prover aos colonos conforto espiritual, zelar pelas almas e pelo seu desenvolvimento moral, escreveu sua carta com o tom mais crítico que os colonos. Ele havia sido escolhido pela diocese de Fribourg para acompanhar os colonos nessa empreitada rumo ao Brasil. Em seu relato não encontramos o deslumbramento dos demais colonos, e sim um tom ácido

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 291.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

e cruel. Essa falta de ânimo e decepção por essa nova situação, talvez se explique pelo fato de que a decisão de partir não fora uma escolha sua e sim uma imposição.

O relato do padre Jacob Joye nos mostra uma visão preocupada em descrever detalhes mais minuciosos da vila e dos colonos. Neste trecho podemos verificar a importância dos jardins nas casas, e como se dariam as primeiras melhorias da vila:

As casas, em cada quarteirão, são contíguas em número de dez, mais ou menos; a porção de terreno atrás de cada habitação foi concedida para construção de jardins<sup>19</sup>.

Passados mais de um ano da fundação de Nova Friburgo, em dezembro de 1821, Joseph Crelier falava de uma outra Nova Friburgo. Ele mostrava uma vila onde os colonos já haviam conseguido pequenas vitórias, e muitos percalços já haviam sido vencidos. Ele escreve a sua família na Suíça e as convida para Nova Friburgo.

O colono Joseph Crelier dá a mesma importância aos jardins, dizendo a sua família na Suíça:

Não vos esqueçais de trazer todo o tipo de sementes para jardinagem. Para a conservação dos grãos, deve-se colocá-los em uma garrafa tampada e lacrada com piche<sup>20</sup>.

Após os primeiros anos, para agravar mais ainda a situação, a maior parte da ajuda prometida e estabelecida no documento inicial, não foi cumprida. Não lhes foram dadas as sementes, o gado, entre outras.

Aqueles que não tinham profissões definidas, as viúvas e órfãos começaram a passar fome e foram pedir esmolas. Essa situação sensibilizou alguns suíços estabelecidos no Rio de Janeiro que fundaram a Sociedade Filantrópica Suíça do

---

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 293.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 296.

Rio de Janeiro, tentando evitar a miséria dos colonos, dando-lhes assistência médica e educação para as crianças.

Em 23 de março de 1820, foram distribuídas as terras, muitas em áreas íngremes de difícil acesso e outras onde o cultivo era impossível. Essa distribuição de terras feitas de forma errônea, associada à dificuldade de se penetrar a mata e iniciar a lavoura, levou à desistência de inúmeros colonos, que buscaram novas terras e ocupações, principalmente em Cantagalo, Macaé e no Rio de Janeiro.

Nesse momento a colônia que havia atraído os suíços para um sonho de riqueza e prosperidade entrou em decadência. Em 1825, o contingente de colonos era de pouco mais de 600 pessoas.

Os suíços chegaram ao Brasil com a missão de trazer novas técnicas de plantio, ao chegarem em Nova Friburgo foram obrigados a assimilar uma vida agrícola de subsistência, utilizando os métodos tradicionais de criação e cultivo no Brasil.

Os que conseguiram alcançar o seu sonho de riqueza através da exploração do café utilizando a mão de obra escrava, acumularam grandes fortunas em Cantagalo e Macaé.

Assim se dá o fracasso da colônia modelo de Dom João VI. Os que ficaram em Nova Friburgo tentaram, somados aos esforços de outras pessoas que vieram para a cidade, construir uma cidade pautada ainda na agricultura, mas com o olhar voltado para o “turismo”.

De 1830 até final do século, com o desenvolvimento do café, a Freguesia de Nova Friburgo cresce e começa a exportar os excedentes de sua agricultura, composta basicamente de hortifrutigranjeiros, para a área de monocultura cafeeira, assumindo uma função importante na região. As fortunas adquiridas através do café

foram, em parte, investidas na cidade na forma de residências de verão, de estabelecimentos industriais e comerciais.

Além disto, a Freguesia se constituía passagem obrigatória para o transporte da produção de café da região de Cantagalo e de diversos outros produtos advindos, inclusive, de Minas Gerais em direção ao mercado de Niterói e, principalmente, Rio de Janeiro. Esse contexto aumenta o vínculo sócio-econômico de Nova Friburgo com a região, transformando-a em um forte centro comercial, cultural e prestador de serviços.

Esse papel foi consolidado com a inauguração da linha de ferro Leopoldina Railway, em junho de 1873. A ferrovia, reduziu o tempo de viagem do Rio de Janeiro à Freguesia de Nova Friburgo de 4 dias para 4 horas, aumentando a circulação de pessoas e dinamizando o turismo.

Neste momento tornaram-se necessárias melhorias nos espaços públicos da cidade, como era o caso da Praça Princesa Izabel, que estava no centro da cidade. O projeto de cidade elaborado para Nova Friburgo (que será visto com mais clareza no próximo capítulo) assemelha-se muito com as cidades coloniais brasileiras.

De acordo com Robba e Macedo<sup>21</sup>, a formação dos primeiros espaços públicos no Brasil se deu nos adros das Igrejas das cidades coloniais. O adro consistia no espaço deixado em frente aos templos e, na qual, viria formar a praça.

A praça colonial brasileira, segundo os mesmos autores, tinha como característica dominante a presença de uma igreja e de edifícios importantes da cidade como os edifícios administrativos e sedes de governo. Os largos e praças das cidades coloniais brasileiras eram espaços polivalentes onde interagiam diversos segmentos da sociedade colonial.

---

<sup>21</sup> ROBBA, Fabio e MACEDO, Sílvio Soares. *Praças Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 19.

Entretanto, observa-se que largo e praça não devem ser entendidos com a mesma significação. Nesse ponto, concordamos com Lamas<sup>22</sup>, quando retrata a praça como um local intencional de encontro e práticas sociais, cabendo ao largo ou terreiro “espaços acidentais” – vazios ou alargamentos da estrutura urbana – que com o tempo são apropriados e usados, podendo a partir daí, vir a formar uma praça.

Enquanto as praças consistiam em “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população”<sup>23</sup>, o jardim “era um espaço destinado à meditação e à contemplação da natureza”<sup>24</sup>.

Em Nova Friburgo, os jardins estavam restritos aos quintais das residências. Nos quintais predominava o plantio de árvores frutíferas e hortaliças destinadas ao uso privado.

Em fins do século XIX e início do século XX, a higiene das habitações passou a ser de grande preocupação a profissionais como engenheiros e médicos. De acordo com Lemos<sup>25</sup>, as condições insalubres em que se apresentavam as habitações destinadas, principalmente, aos pobres, eram de verdadeira promiscuidade.

Conseqüentemente são tomadas providências, através da legislação, que melhorassem as condições de higiene e insalubridade dentro das casas friburguenses. A partir daí surge uma nova tipologia da casa, bem diferente daquela vernacular em que as casas são geminadas umas às outras e possuem ventilação apenas na parte frontal e nos fundos da casa. O afastamento em relação a todos os

---

<sup>22</sup> LAMAS, José Manuel R. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fergráfica, 2000, p.102.

<sup>23</sup> ROBBA e MACEDO, *opus citatum*, p.17.

<sup>24</sup> *Ibidem*; p.23.

<sup>25</sup> LEMOS, Carlos A. C. *A República ensina a morar (melhor)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

limites dos lotes isola a casa em meio a um jardim criando um contato entre o ambiente interno e externo.

Dessa maneira, na segunda metade do século XIX as áreas ajardinadas passam a constituir um elemento importante nos espaços livres de Nova Friburgo, assim como, no conjunto de suas edificações. Segundo Robba e Macedo<sup>26</sup>, a população do final do século XIX cria o hábito da jardinagem, valorizando e utilizando a vegetação para o embelezamento da cidade.

As praças passam a serem ajardinadas e o mercado característico da praça é transferido para edificações destinadas a atividades comerciais. Altera-se a função da praça na cidade, minimizando o uso comercial e passando a ser uma área destinada às atividades de recreação, contemplação da natureza e convivência social.

Portanto, como dissemos, o final do século XIX é caracterizado pelas políticas sanitaristas e planos de embelezamento e reforma urbana que tinham por objetivo modernizar a cidade. As referências eram as grandes reformas das cidades européias no século XIX, como as realizadas pelo Barão Haussmann, em Paris, em meados do século XIX.

---

<sup>26</sup> ROBBA e MACEDO, *opus citatum*, p.25.

## 2.2 Atores em cena: O poder público municipal (1819–1873)

Para entendermos bem a localização e forma da Praça Princesa Izabel, devemos buscar sua origem no relevo do vale que estruturava o centro da Vila de Nova Friburgo em 1819 (Figura 2). Os rios Cônego e Santo Antônio encontravam-se e formavam o rio Bengalas de onde surgiam as direções de orientação das primeiras construções, que se instalaram ao longo dessa planície. As primeiras casas da vila foram construídas no ano de 1819, orientadas pelo Inspetor da Colônia de Nova Friburgo, Monsenhor Miranda - Pedro Machado de Miranda Malheiro.

A Vila de Nova Friburgo foi projetada segundo consta em documentos achados no Arquivo Nacional por “um senhor Cordeiro”<sup>27</sup>. A vila dividia-se em quatro partes, fato observado em planta<sup>28</sup> datada de 1822 (Figura 3). Ela foi feita pelo geógrafo e astrônomo Nester Gavrilovich Rubstov (1799-1874), da Expedição de Langsdorff ao Brasil.

Usando como ponto de referência o espaço formado entre o rio e a aglomeração central das casas, o lugar a noroeste era denominado o *Chateau du Roi*, que servia como centro cívico e religioso. Na direção sul foram instaladas as primeiras casas ao redor da praça do Pelourinho, batizada pelos suíços de *Village du Aut*, que forma a atual Praça Marcílio Dias e a nordeste o terceiro núcleo junto a Praça 1º de Março, chamada por eles de *Village du Bas*, que formou o atual bairro da Vilage. Nos retemos ao segundo núcleo, que nos serviu como referência inicial, onde as construções orientavam-se no sentido norte/sul, entre o rio Bengalas e a base do morro onde hoje se encontra o bairro do Tingly. Neste ponto está

<sup>27</sup> Estes dados da construção da Villa de Nova Friburgo encontram-se no Arquivo Nacional na Cidade do Rio de Janeiro, no documento *Colônia de Nova Friburgo*, caixa 991, pacote 1.

<sup>28</sup> Cópia da planta doada por Martin Nicoulin ao Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.



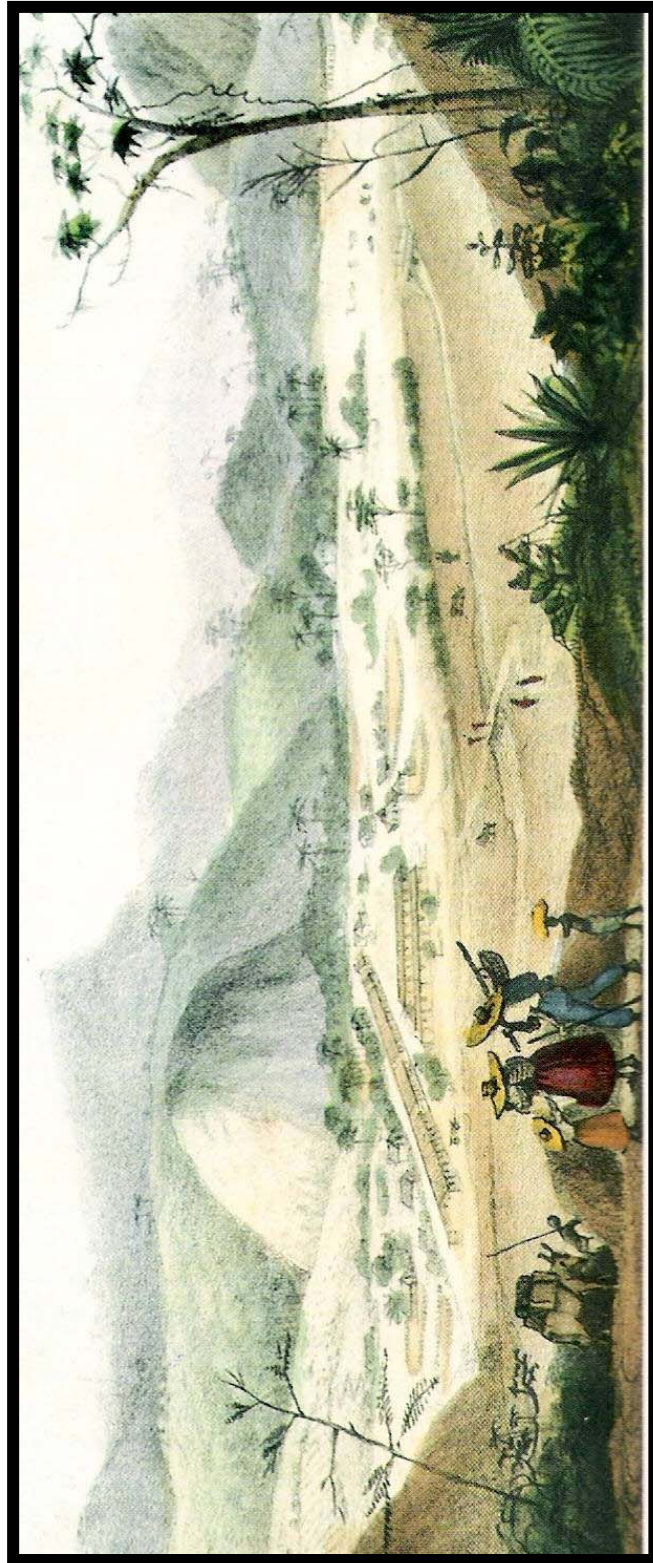


Figura 2: A Colônia Suíça de Fribourg, litografia de Jean-Baptiste Debret desenhada em 1826. Observar a vila no primeiro plano e a direita ao fundo a *Village du Aut*.  
Fonte: Nicoulin, 1996.

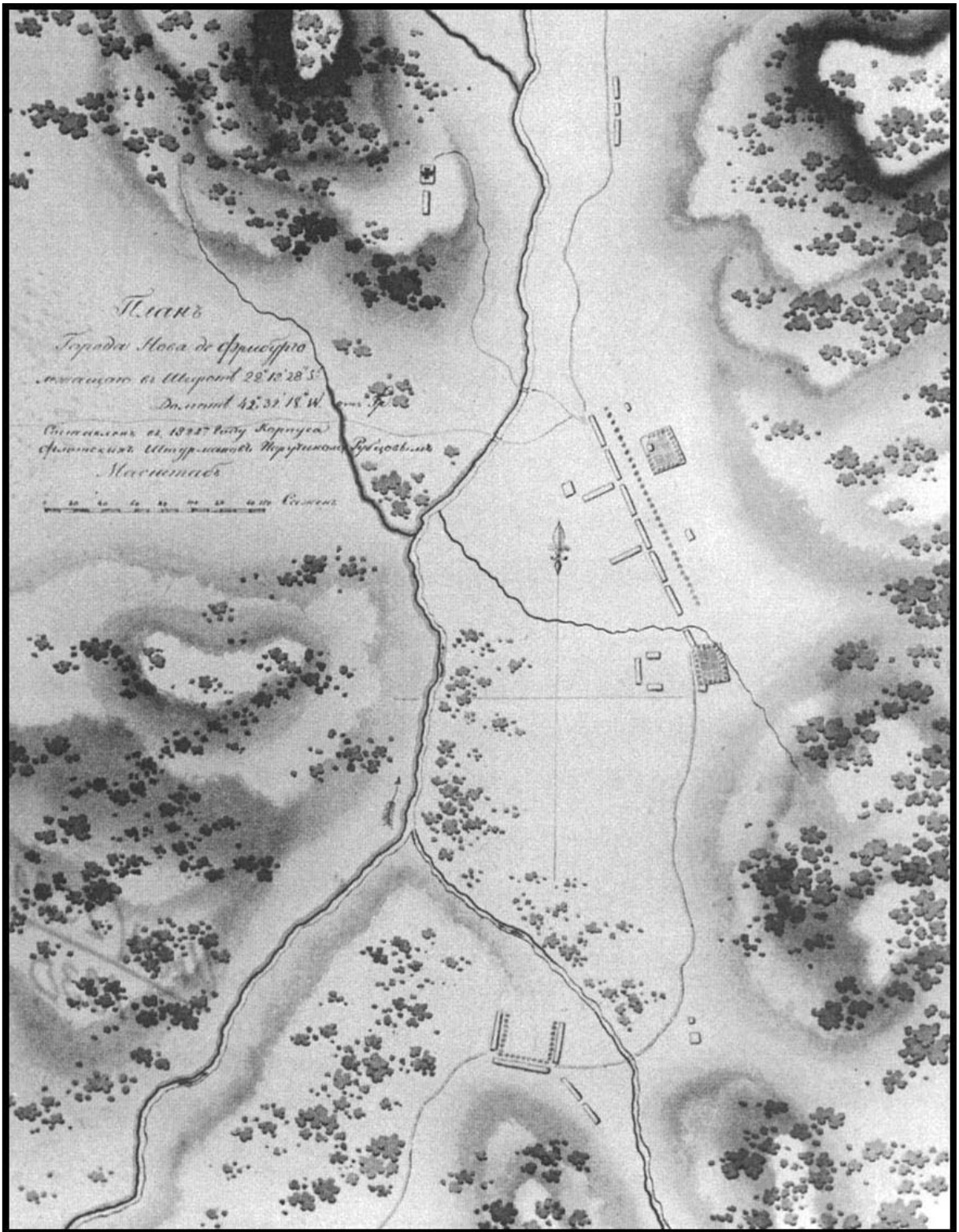


Figura 3: Planta da Vila de Nova Friburgo, em 1822, elaborado por Nester Gavrilovich Rubstov.  
 Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.

localizada a área que será destinada a Praça Princesa Izabel, que se formou com as construções das casas dos colonos suíços (Figura 4).

Na vila também foram construídas: uma casa para a inspeção da vila, um armazém com uma botica, olaria, fontes para abastecimento de água potável, fornos para fabricação de telhas, moinhos e fornos. Foi iniciada a construção de um quartel para a polícia, que não foi concluído e, também, foi projetada uma igreja.

O projeto original da cidade nunca foi encontrado, o que existe é uma cópia de uma planta de autor desconhecido<sup>29</sup>, onde encontramos mais alguns dados que complementam os encontrados na planta de Rubstov. Com a informação contida nas duas plantas elaboramos um esquema sobre a planta de Rubstov mostrando as áreas públicas da vila: praças e largos (Figura 4). É interessante notar que neste primeiro momento a área da Praça Princesa Izabel era dividida em três praças distintas e um largo: Praça de São João, Praça D'El Rei Dom Manuel, Praça do Príncipe Real Dom Pedro e o Largo do Mercado (Figura 5).

Segundo Martin Nicoulin, a colônia neste começo já apresentava propostas para “sanear e embelezar a cidade”<sup>30</sup>. Os colonos foram aproveitados para colocar em prática o projeto proposto por Monsenhor Miranda, recuperar pontes e caminhos e abrir valas para o escoamento das águas. Martin Nicoulin também relata que os suíços dedicavam seu tempo em projetos, que visavam melhorias estéticas para a vila. Plantaram palmeiras, laranjeiras e arbustos de flores azuis que ornavam as ruas da vila.

---

<sup>29</sup> Acredita-se que tenha sido baseado no projeto feito para a construção da Vila

<sup>30</sup> NICOULIN, *opus citatum*, p. 188.

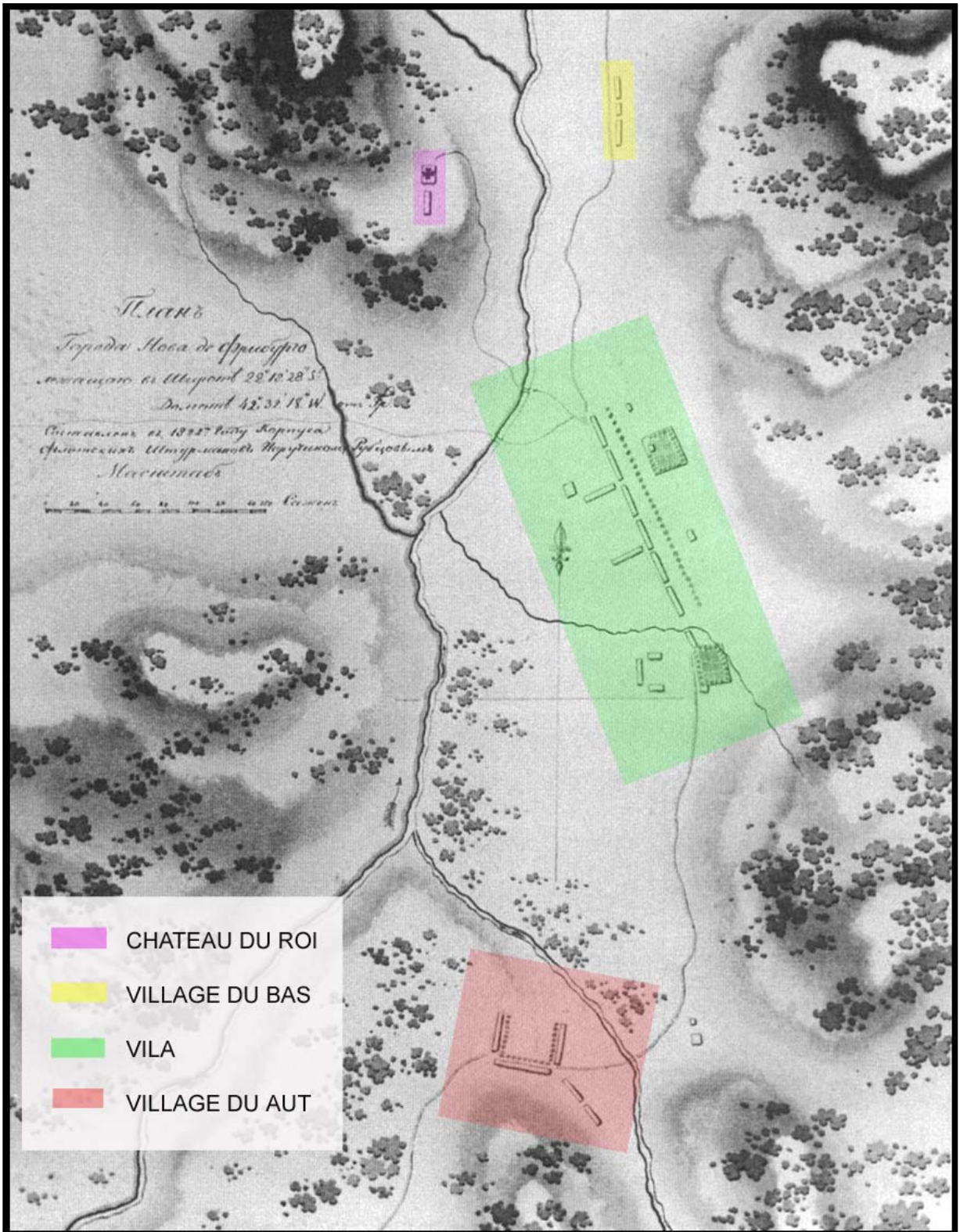


Figura 4: Esquema elaborado para a visualização das partes que compreendiam a Vila de Nova Friburgo, em 1819.

Fonte: Desenho do autor sobre planta de N. G. Rusbtov.

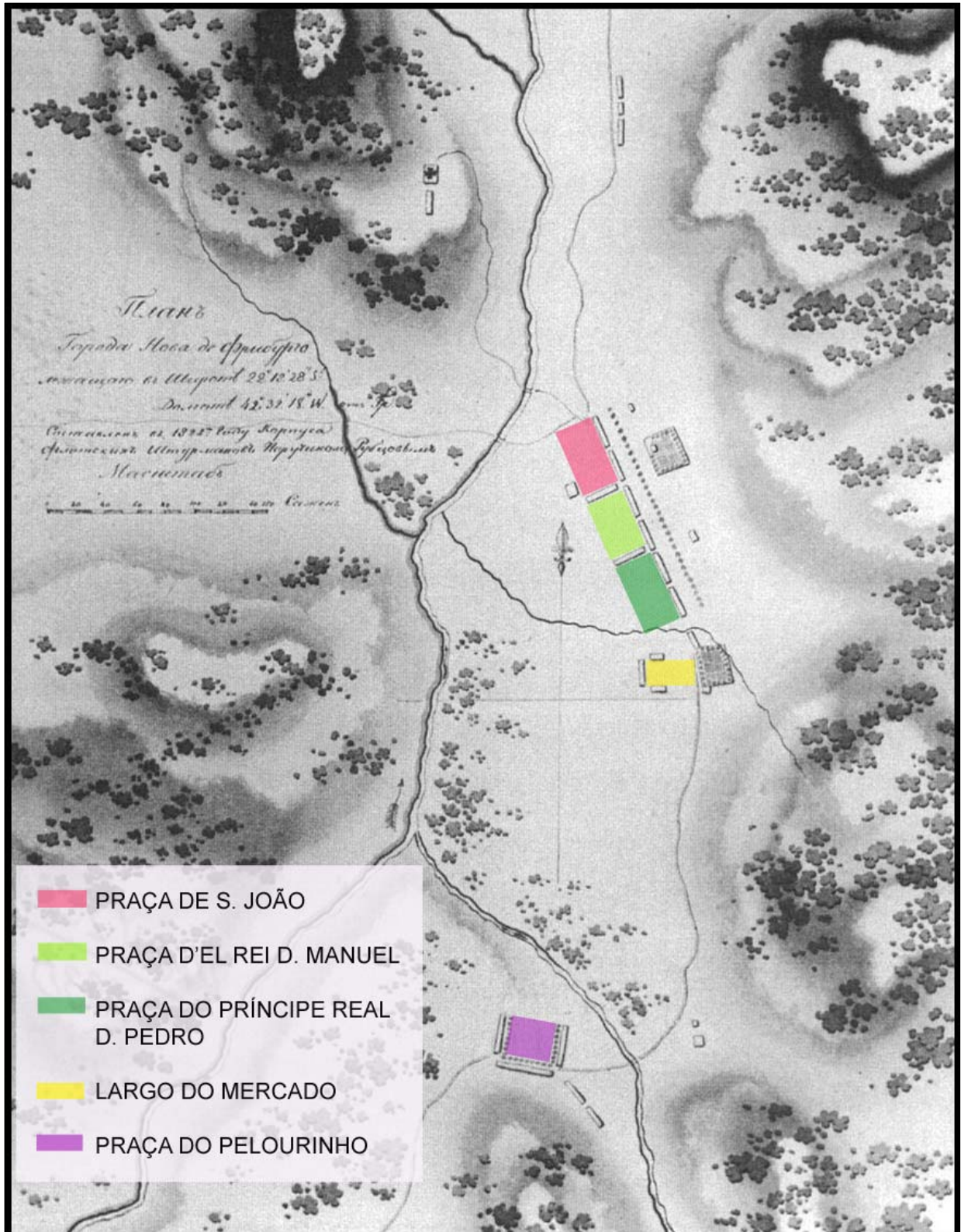


Figura 5: Esquema elaborado para a visualização das áreas públicas da Vila de Nova Friburgo, em 1819.

Fonte: Desenho do autor sobre planta de N. G. Rusbtov.

Em 10 de fevereiro de 1823, a vereança resolveu escrever a todos os colonos que em momento de folga, ajudassem a roçar as áreas públicas, pois o mato avançava pelos caminhos da cidade e a Câmara não possuía recursos para efetuar a limpeza.

Mas todo esse desejo de melhorar, de construir a paisagem da Vila durou pouco tempo. Assim que os colonos se mudaram para seus respectivos lotes de terra, para começar a construção de suas casas, e iniciar o plantio, automaticamente abandonaram os três núcleos no centro da cidade, indo somente lá para comprar produtos essenciais a sobrevivência e saber das notícias da capital Rio de Janeiro.

Em 13 de janeiro de 1829, o médico da colônia Jean Bazet tornava-se o presidente da Câmara de Nova Friburgo. A Câmara era ocupada por sete membros, sendo quatro suíços<sup>31</sup>. Jean Bazet implementou mudanças na administração do município, começando pela sua organização político-administrativa: dividiu o município em distritos, demarcou seus limites com os vizinhos e implementou melhorias relativas a limpeza dos caminhos de penetração, além da construção de pontes, resolvendo assim os problemas de saneamento que se acumulavam.

Em 14 de outubro de 1829, Jean Bazet frente ao péssimo estado que se encontrava o caminho para o Rio de Janeiro, conclamou o povo friburguense e a Câmara de Cantagalo (grande interessada naquele trecho do caminho) a participar, com dinheiro e serviços, para a melhoria da estrada da Serra da Boa Vista. Com o trabalho conjunto e contribuições financeiras de Cantagalo, Nova Friburgo e a ajuda do governo imperial, começaram as obras. Ao término das obras e com algumas

---

<sup>31</sup> A Câmara era composta por Jean Bazet, o vigário Jacob Joye, Joaquim–Antônio Marques, Cláudio Matheley, Francisco Perroud, Alexandre Robadey, Mindelino Francisco de Oliveira e Antonio Soares da Encarnação.

modificações de traçado, a estrada ficou um pouco mais longa, mas tornando-se uma estrada menos íngreme e mais segura.

Nesse momento em que o poder público e a população das duas cidades vizinhas se uniram para a melhoria da cidade, nos deparamos pela primeira vez nas atas da Câmara, com o nome de mais um colaborador dessa empreitada: Antonio Clemente Pinto, futuro Barão de Nova Friburgo. Ele era o procurador na Corte para a arrecadação e envio do dinheiro da subscrição para as obras da estrada da Serra da Boa Vista.

Na sessão de 9 de junho de 1831, Jean Bazet comunicou à Câmara os bons resultados que tinham sido obtidos com a nova estrada da Serra da Boa Vista e segundo os autos:

...a Câmara, com especial agrado, anuiu à proposição do senhor Presidente e resolveu que, por meio da imprensa, se fizesse convidar aos Povos do Rio de Janeiro, [...] que quisessem vir gozar das vantagens que o clima da Vila oferece, participando-lhes que, em breves dias se terminará uma porção do caminho da nova Serra da Boa Vista, o que facilitará o trânsito na parte mais dificultosa que lhe corresponde<sup>32</sup>.

Observamos assim uma primeira tentativa de atrair “turistas” para a vila, ufanando o clima da cidade e a nova facilidade da estrada de acesso.

Durante o processo de melhorias da estrada, o presidente da Câmara Jean Bazet, mostrou em 1829 o estado de total falta de recursos em que se encontrava o município, levando ao estado de ruínas, por falta de manutenção, cem casas construídas dez anos antes na Vila. A única solução encontrada por ele para tentar sanar os problemas referentes a conservação foi o de pedir para “empregar nas obras públicas os escravos fugidos, refugiados neste termo, sustentados á custa do conselho e administrados por um homem pago pelo mesmo”<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> NOVA FRIBURGO. *Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo*, de 9 de junho de 1831. Nova Friburgo, 1831.

<sup>33</sup> Idem, *Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo*, de 9 de junho de 1831. Nova Friburgo, 1829.

Essa mesma Câmara em 27 de outubro de 1831, toma a decisão de demarcar o alinhamento da principal rua da Vila, a Rua do Senado. A demarcação desta rua era de extrema importância, pois a mesma, era a rua que interligava a estrada que vinha do Rio de Janeiro ao centro da Vila. Vejamos o que consta da ata da Câmara, daquele dia:

Discutindo a demarcação da rua que vem da Vilagem de cima [Paissandu], o senhor Presidente e mais a Câmara desceram para o lugar da casa de Inspeção e concordaram que dela, para a Vilagem de cima, se seguisse o mesmo alinhamento, com a mesma direção oblíqua, que tem desta para o armazém, para dali seguir para a Vilagem de cima<sup>34</sup>.

O armazém mencionado era o de um português, conhecido como armazém do Assis, era localizado no final da atual Avenida Alberto Braune.

Oito anos e meio após esta sessão, no dia 4 de março de 1841, o vereador Mindelino de Oliveira, que na ocasião da demarcação da direção da rua era o secretário, apresentou o seguinte requerimento:

Requeiro que se determine ao fiscal para, com a possível urgência, proceder e traçar a rua que segue desta rua para a Vilagem de cima, fazendo correr e demarcar, com estacas de 6 pés de altura, as linhas da parte do morro, devendo aquelas estacas serem colocadas de 8 em 8 braças, de maneira que, na mesma ocasião, possa a Câmara saber o número de braças que tem de terrenos disponíveis naquela rua e, para este trabalho, oferece grátis o serviço de um servente seu escravo<sup>35</sup>.

Passados alguns dias, Mindelino de Oliveira, informa à Câmara que a rua tem 140 braças (variando de 256,2 m a 308 m) de terreno utilizável em cada lado, e propõe batizá-la de Rua do Senado (posteriormente chamada de General Argolo e Alberto Braune) e apresenta uma indicação para aterro e nivelamento da rua, para

<sup>34</sup> Idem, *Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo*, de 27 de outubro de 1831. Nova Friburgo, 1831.

<sup>35</sup> Idem, *Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo*, de 4 de março de 1841. Nova Friburgo, 1841.



tornar a rua mais salubre, desaparecendo com as poças que sempre existiram ali. A indicação teve o parecer favorável da comissão respectiva e a rua começou a ser aterrada, aterro este que se estendeu por vários anos. A terra ia sendo retirada da borda do morro que a acompanhava e, com o aterro, nivelamento e alinhamento, o tortuoso e ondulante caminho foi virando rua, os lotes foram sendo requeridos e as casas começaram a surgir.

Mas a Vila não possuía ainda uma igreja, então em 1834, tem-se a primeira tentativa concreta da Câmara em construir uma igreja matriz, que se dá em 23 de junho, com a aprovação de uma planta. Esse início de construção começou a ser feito, mas houve muita reclamação da população contra o local escolhido para a sua edificação, o centro da Praça do Príncipe Real Dom Pedro (o primeiro segmento dos três que, unificados posteriormente, passaram a constituir a Praça Princesa Izabel). Devia corresponder ao local em que hoje existe um chafariz, em frente a antiga casa dos Clemente Pinto. Não se conhece a existência de nenhuma planta daquela matriz, embora seja mencionada no livro de atas número 2, da data acima mencionada. A igreja matriz começou a ser construída, mas a própria Câmara, ante as reclamações, cancelou a licença concedida.

Em 1835, Nova Friburgo apresentava 552 casas com 4.602 habitantes, mas continuava com os problemas de manutenção das obras públicas. O estado das casas se agravou, e a Câmara comunicou que 97 casas estavam ou em estado de demolir ou que exigiam grandes reformas.

Mas ao mesmo tempo em que a Vila passava por problemas financeiros e de abandono, continuava a prosperar o discurso em prol das qualidades da localidade de Nova Friburgo, ufanado as características do clima favorável a saúde e das condições excepcionais de salubridade. O que podemos verificar no documento lido

no dia 19 de janeiro de 1835, elaborado por uma comissão externa ao Presidente da Província, onde a comissão verificou que os colonos atacados por uma febre endêmica, conhecida como "Febre de Macacu", se curavam rapidamente, e pessoas que apresentavam problemas respiratórios, ou com outros sintomas, recuperavam-se em poucos meses em Nova Friburgo.

Ao nos aproximarmos do ano de 1850, Nova Friburgo encontrava-se melhor estruturada em relação às definições do seu plano urbano. As casas já demarcavam as atuais posições de ruas e avenidas e principalmente das praças. Esse fato pode ser observado pelas fotografias do período e da planta da Vila de Nova Friburgo, confeccionada pelos alunos de engenharia civil da Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1884<sup>36</sup>.

Do lado oeste das casas dos colonos em 1820, não existiam construções residenciais ou comerciais. Por volta de 1850 pode-se observar a valorização desta área, onde Antônio Clemente Pinto, 1º Barão de Nova Friburgo, construiu um casarão, existente até os dias atuais (Figura 6 e Figura 7). E também se encontravam ali a pensão Nascimento (Figura 8) e a casa de Galiano das Neves (Figuras 9, 10 e 11). A opulência destas construções ao redor de uma grande área vazia a praça Princesa Izabel, salientava um imenso contraste: o uso deste espaço pela população para passagem de um lado a outro e por animais que pastavam neste terreno vago.

---

<sup>36</sup> Esta planta encontra-se no Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.



Figura 6: Fachada do solar da família Clemente Pinto.  
Fonte: Acervo do autor.



Figura 7: Fechadura do solar da família Clemente Pinto. Esta fechadura encontra-se na porta da fachada, mas o solar possui outras como esta no seu interior. A porta de bronze se abre para o local da chave e em cima, no frontão, o monograma com as iniciais ACP de Antonio Clemente Pinto.  
Fonte: Acervo do autor.

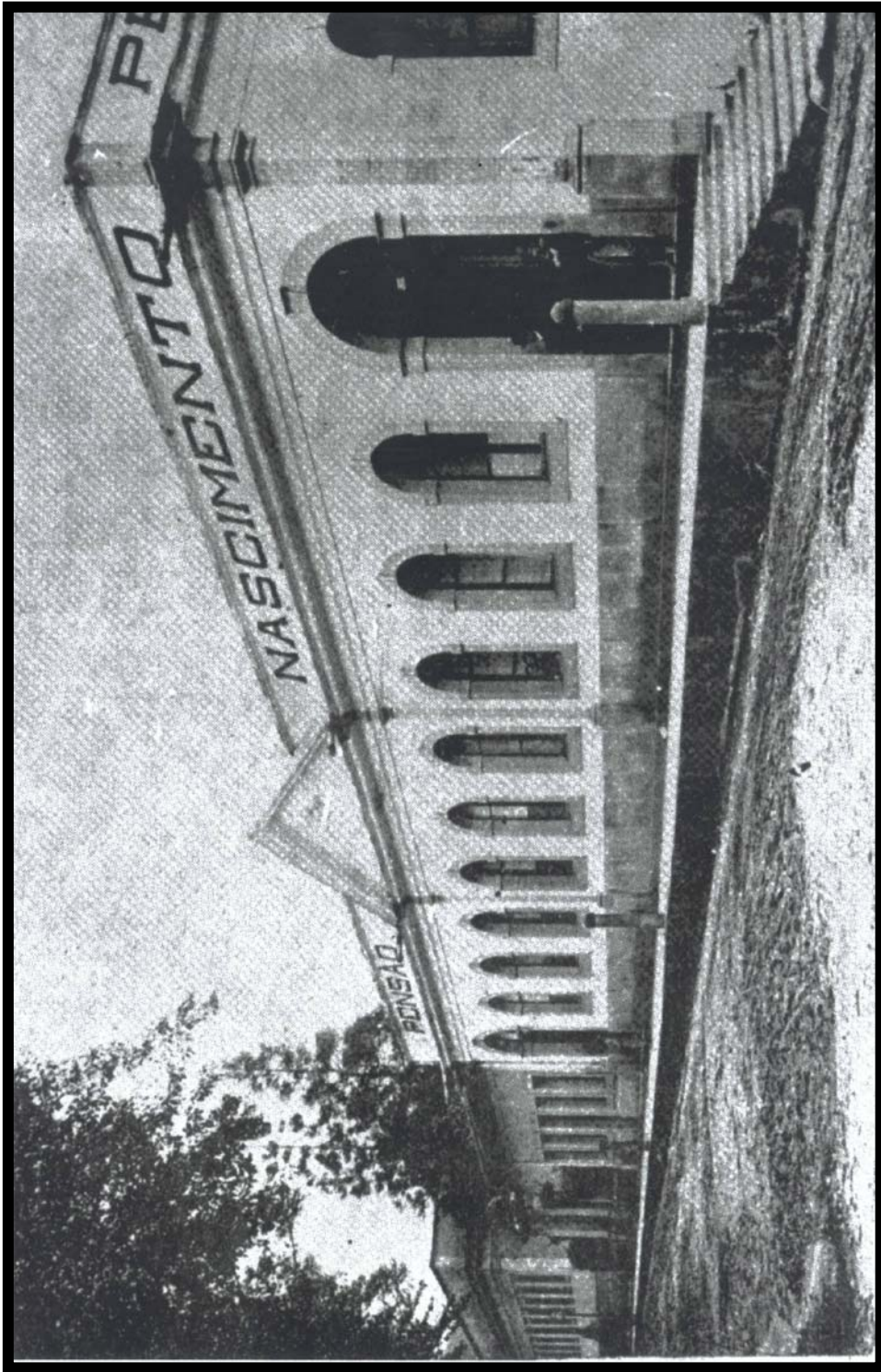


Figura 8: Pensão Nascimento. Aproximadamente final do século XIX.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

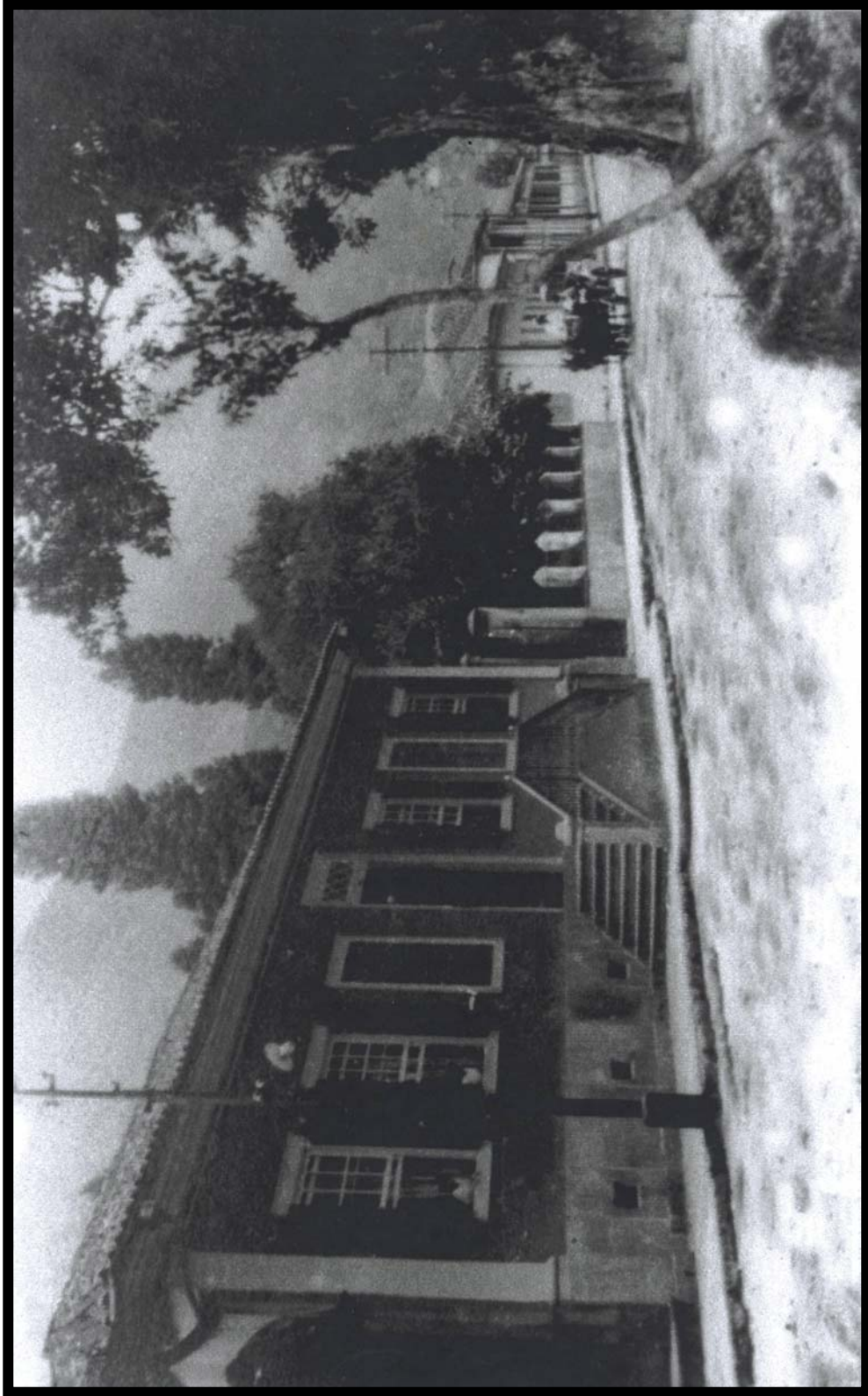


Figura 9: Casa de Galiano das Neves. Aproximadamente final do século XIX.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

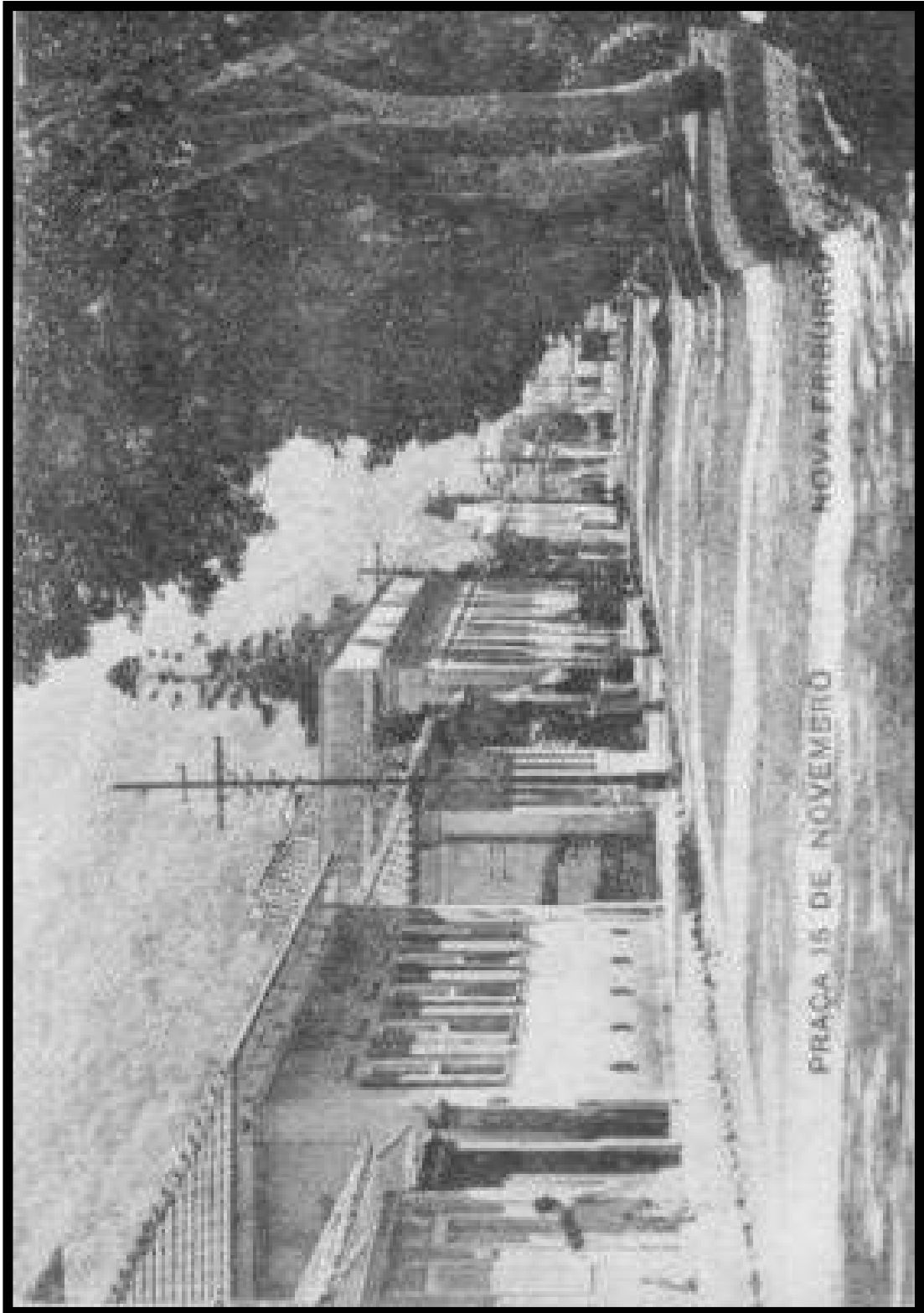


Figura 10: Ao fundo casa de Galiano das Neves ao final do século XIX. Observar que ela nesta fotografia apresenta platibanda.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

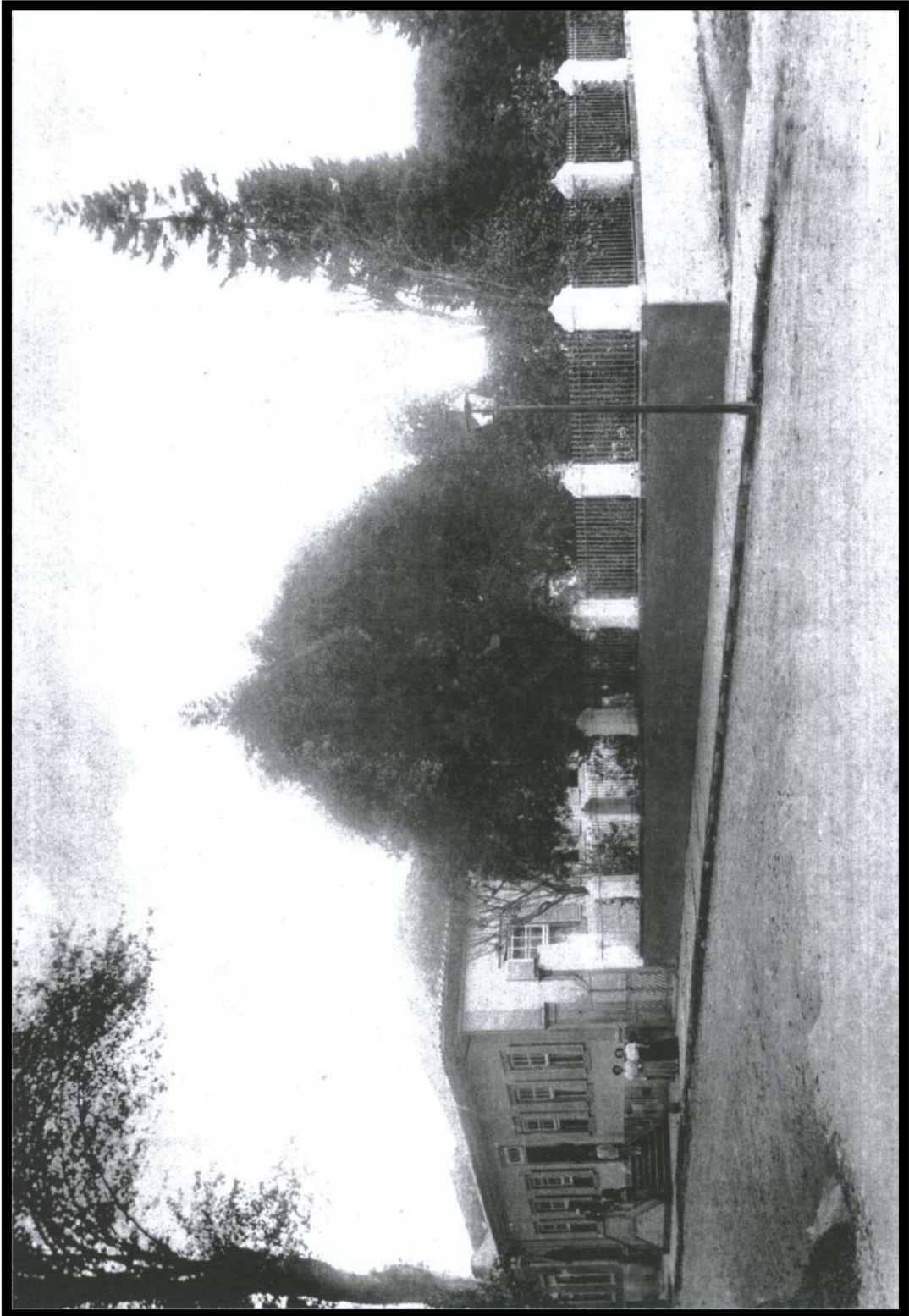


Figura 11: Casa de Galiano das Neves ao final do século XIX. Observar o grande jardim lateral.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.



A descrição feita da Vila de Nova Friburgo em 1851 pelo viajante, zoólogo Karl Hermann Konrad Burmeister<sup>37</sup>, nos mostra a paisagem que compunha a cidade nesse momento, e verificamos que poucas coisas haviam mudado nela desde sua fundação (Figuras 12, 13 e 14). Mas fica claro a ausência de espécies vegetais, ou qualquer elemento construído no local que se destina a Praça Princesa Izabel e a opulência da casa do então futuro Barão de Nova Friburgo. Vejamos a sua descrição:

Mais ao fundo, estendia-se a cidade e uma longa fila de casas de ambos os lados da estrada, a leste do vale, **alargando-se no centro para formar uma praça**. Destacando-se das demais, havia uma bela casa, grande e bem proporcionada com seus ornatos arquitetônicos. Pensei tratar-se da igreja, mas meu condutor revelou-me que não existia nenhuma em Nova Friburgo. Era a casa do **Creso** da região, sr. Antônio Clemente Pinto, que acabava de mandar construí-la<sup>38</sup>. (grifo nosso)

Burmeister enfatiza a figura de Antônio Clemente Pinto (Figura 15) ao chamá-lo de “Creso da região”, já demonstrando a sua riqueza e poder político na cidade. Mais a frente no seu relato de viagem por Nova Friburgo, Burmeister nos revela o caráter de amante das artes e dos jardins de Antonio Clemente Pinto, pois neste momento ele já se preocupava com a construção de sua casa e com um belo jardim ao fundo (Figura 16):

A cidade tem a forma de um retângulo comprido e assenta abaixo da confluência do rio das Bengalas com o ribeirão do Cônego, na margem direita, a leste, e não, como o indicam alguns mapas, na margem esquerda. Nesse retângulo estão as melhores casas, como o opulento edifício do sr. Antonio Clemente Pinto, no meio de um dos lados maiores e cujos jardins se alastram até a beira do rio<sup>39</sup>.

<sup>37</sup> Nasceu em Stralsund (Prússia), em 15 de janeiro de 1807 e morreu em Buenos Aires em 02 de maio de 1892. Em setembro de 1850, chega ao Rio de Janeiro, seguindo logo depois para Minas Gerais. Voltou à Europa em 1852 e no ano seguinte publicou a sua obra sobre a viagem ao Brasil.

<sup>38</sup> BURMEISTER, H. *Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais Visando Especialmente a História Natural dos Distritos Auri-Diamantinos*. Trad. de Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt. São Paulo: Martins, 1952, p. 108.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 115.

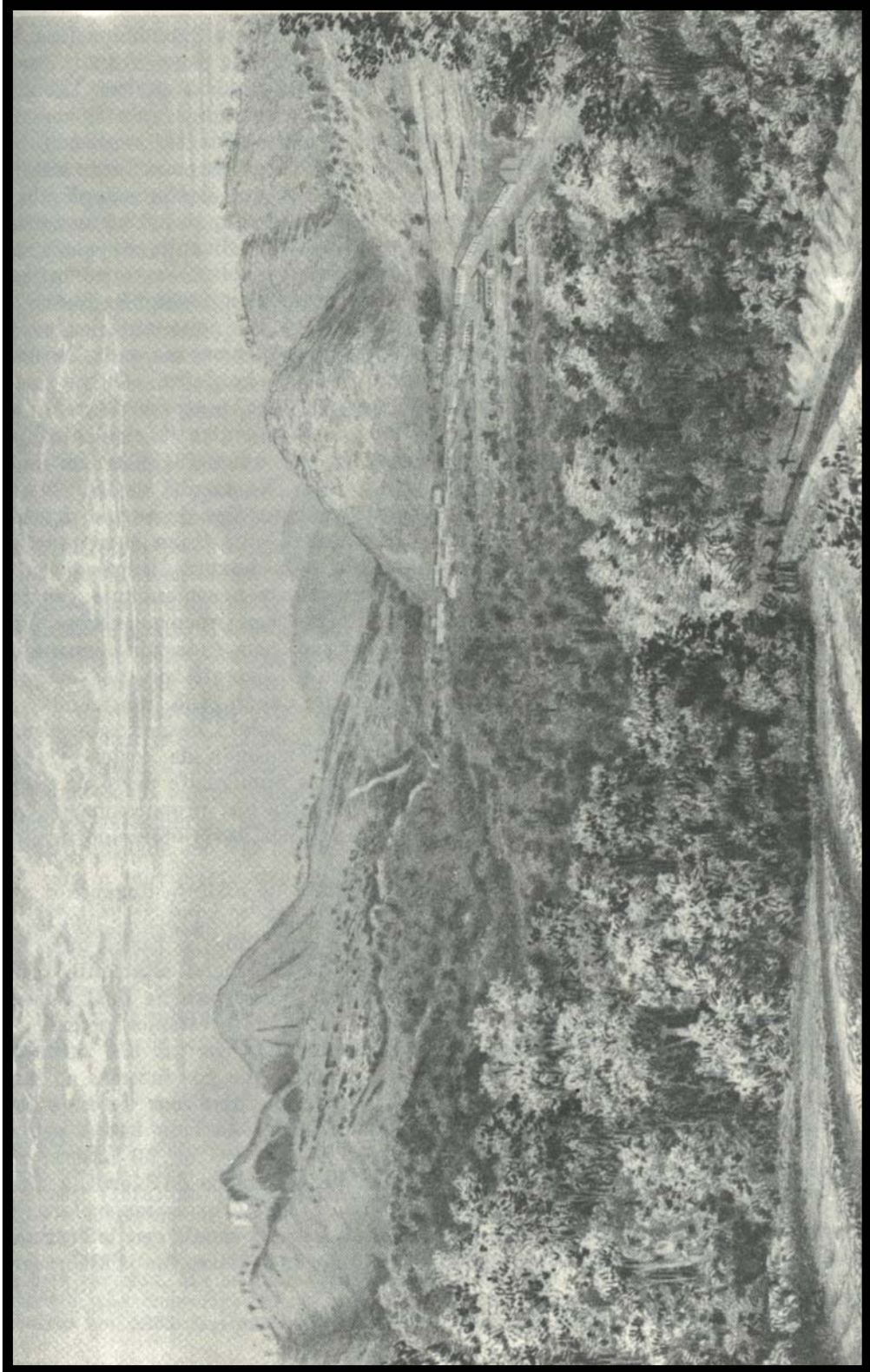
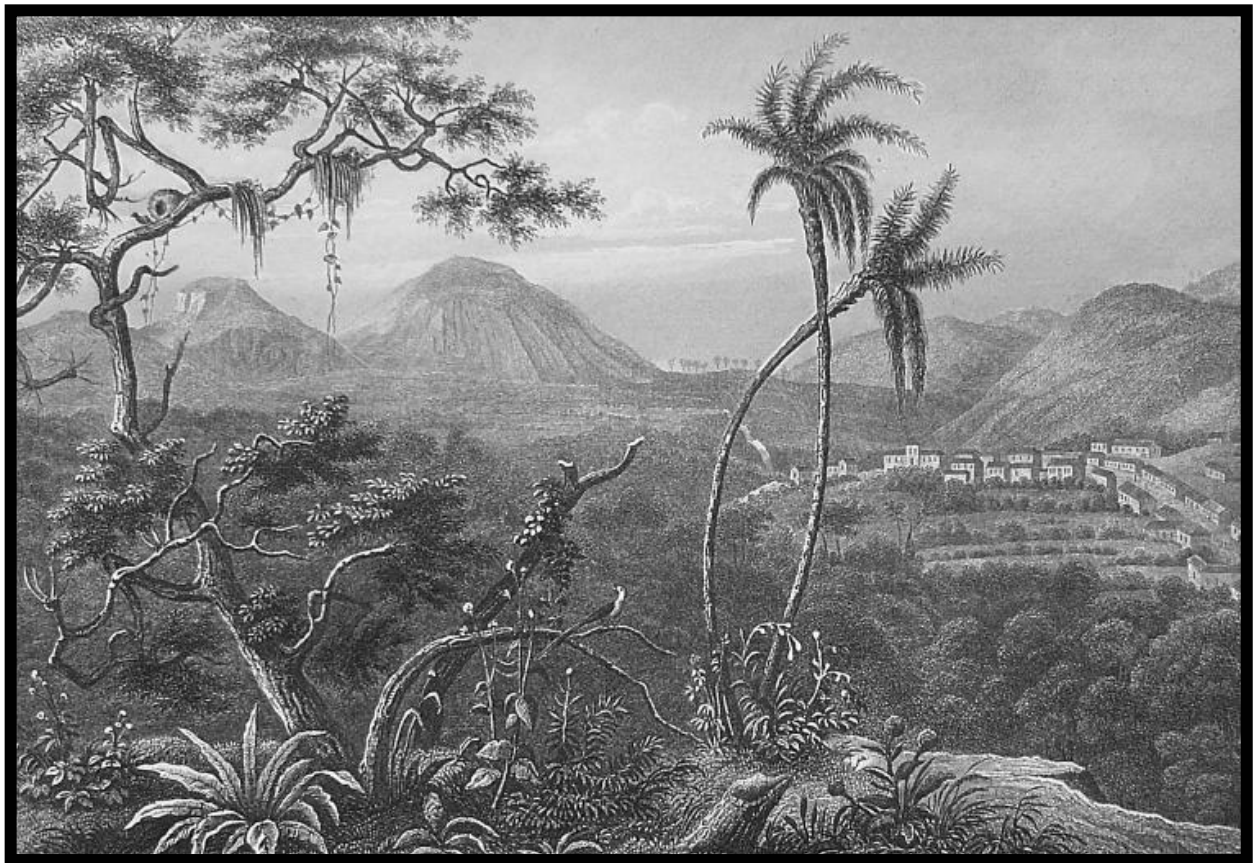


Figura 12: Vista do lado sul de Nova Friburgo em 1851. Nesta gravura de Burmeister vemos ao fundo a vila e a direita vemos a rua do Senado (posteriormente chamada de General Argolo e Alberto Braune).

Fonte: Burmeister, 1952.



Figuras 13 e 14: Vista da Vila de Nova Friburgo em 1840. Notar no detalhe a área da Praça Princesa Izabel e a Rua do Senado (atual Avenida Alberto Braune). De 1833 a 1864, Joseph Meyer, de Hildburghause na Alemanha, emitiu um jornal chamado *Universum de Meyer*, contendo gravuras de todas as partes do mundo da qual esta faz parte.

Fonte: Acervo do autor.

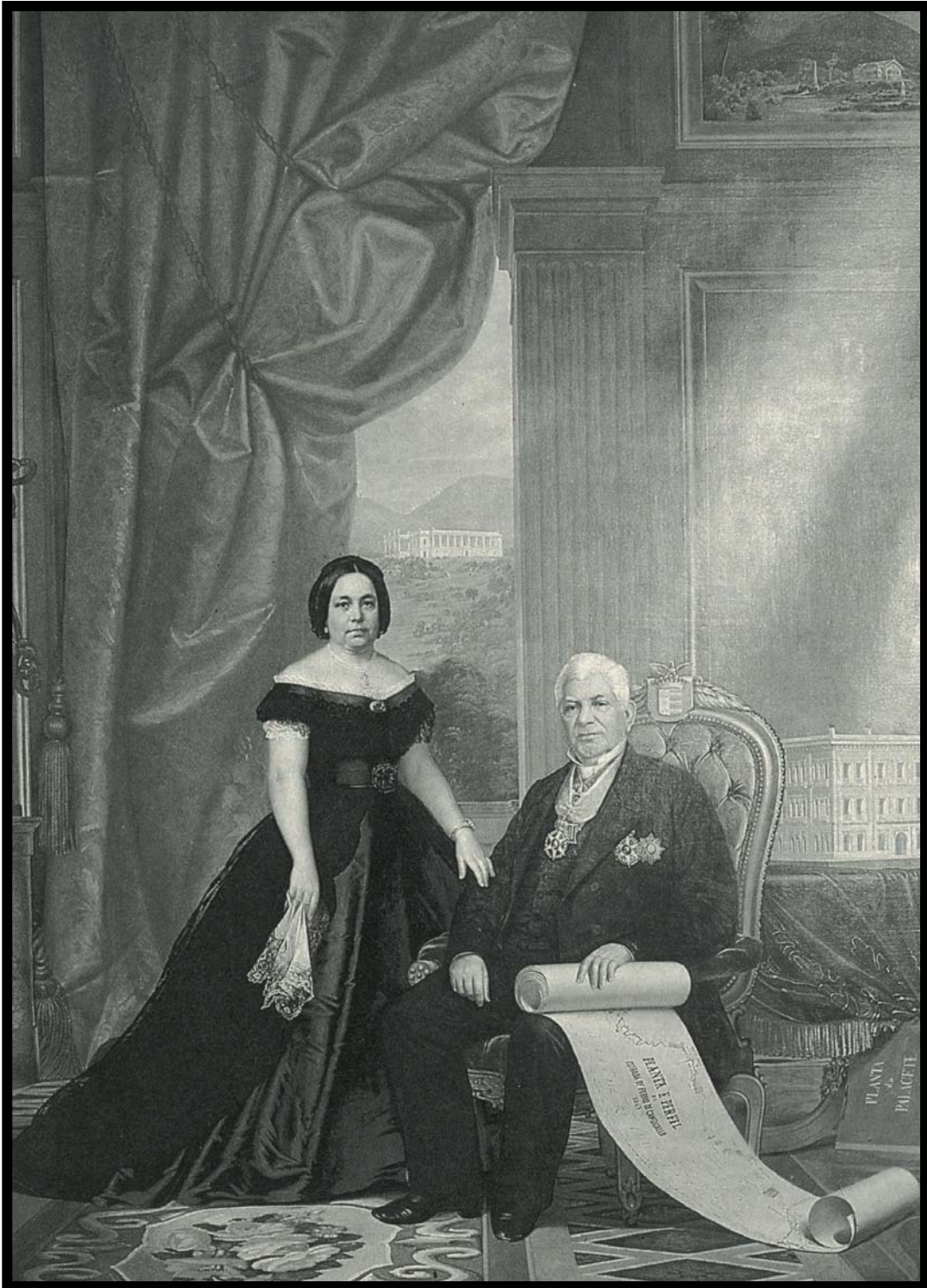


Figura 15: 1º Barão de Nova Friburgo Antonio Clemente Pinto e sua esposa a Baronesa Laura Clementina da Silva Pinto. Notar nessa pintura de Emil Bauch de 1867 as mais significativas propriedades do barão, como o Solar do Gavião em Cantagalo (ao centro), a Estrada de Ferro de Cantagalo, cuja planta o barão segura com a mão esquerda, o Palácio Nova Friburgo com uma maquete e planta do lado direito do quadro e a cima a direita um quadro da Chácara do *Challet* em Nova Friburgo.

Fonte: Almeida, 1994.

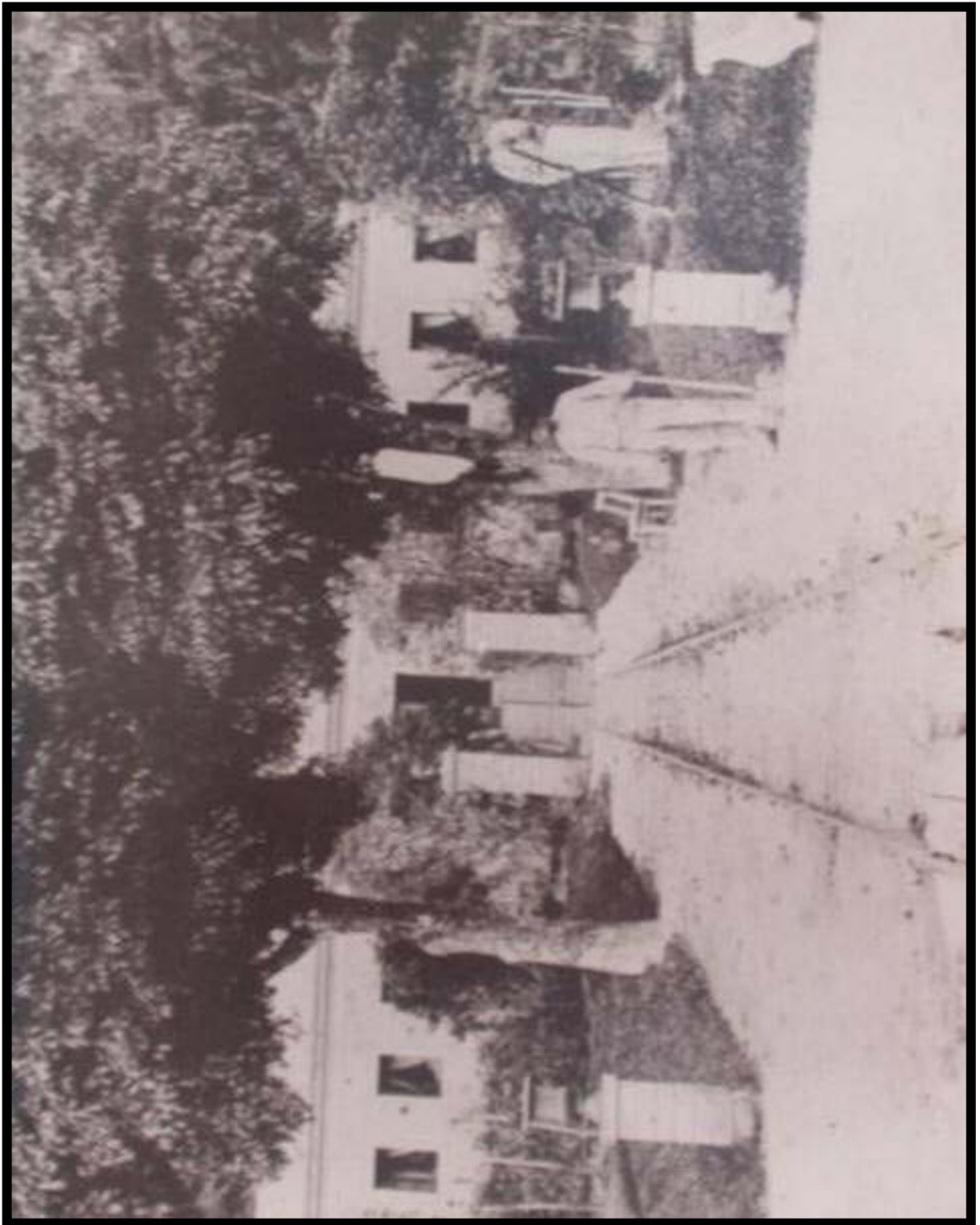


Figura 16: Jardins ao fundo do solar dos Clemente Pinto. Observar os jardineiros ao primeiro plano e o trilho do bonde *Decauville*.

Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.

Antônio Clemente Pinto nascido em 06 de janeiro de 1795, era natural da freguesia portuguesa de Nossa Senhora de Abobadela, do vilarejo de Ovelha do Marão. Filho de Manoel José Clemente Pinto e de Luiza de Miranda, chegou ao Brasil com doze anos de idade.

O futuro Barão de Nova Friburgo tinha um grande senso organizacional e administrativo, além de um tino comercial apurado. Ele buscava sempre novas tecnologias e novos olhares para seus negócios, contratando estrangeiros para administrar suas fazendas. O mais importante talvez tenha sido Jacobus Gijsbertus Paulus van Erven.

Vejamos uma citação a van Erven, feita pelo Barão Johann Jakob von Tschudi, que em 1860, vindo pela segunda vez ao Brasil, como ministro plenipotenciário da República Helvética (Suíça), para tratar em missão especial, de problemas relacionados à imigração suíça. O trecho foi retirado do livro intitulado *Viagem as Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*.

A agricultura brasileira parece ser exercida no distrito de Cantagalo pelos métodos mais racionais. Existem algumas fazendas instaladas em moldes modernos e práticos, que dão resultados satisfatórios, em desacordo com a apatia e indiferença geral que reina no meio brasileiro. Muitos dos fazendeiros ali residentes são europeus de grande inteligência. Se não me engano, foi o sr. Jakob van Erven o primeiro a trilhar pela agricultura racional, tendo introduzido várias inovações na tecnologia agrícola. Jakob van Erven administrava nada menos do que 11 fazendas do Barão de Nova Friburgo, sendo co-proprietário de algumas delas. Os grandes recursos monetários e o número elevado de operários facilitavam sua tarefa, e o levavam a êxitos completos nos seus empreendimentos modernizadores. Tais resultados não deixavam naturalmente de ter sua influência benéfica sobre os demais fazendeiros da região e agricultores do distrito todo<sup>40</sup>.

Antônio Clemente Pinto chegou a ser proprietário de 15 fazendas na região compreendida entre Cantagalo, São Fidélis e Nova Friburgo, além de ter construído

---

<sup>40</sup> TSCHUDI, J. J. Von. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

o Palácio Nova Friburgo (atual Palácio do Catete - Museu da República, RJ). Possuía na Cidade do Rio de Janeiro dez prédios e a firma Friburgo & Filhos.

Em 28 de março de 1854, por decreto do Imperador Dom Pedro II, recebeu o título de Barão de Nova Friburgo.

Os empreendimentos mais importantes para a transformação da paisagem da cidade e para a construção da Praça Princesa Izabel, estão relacionados com a demarcação e retificação da Rua do Senado, mencionada anteriormente e a construção da ferrovia que ligava a cidade de Niterói a Cantagalo, passando por Nova Friburgo. Esta ferrovia incentivou profundamente na construção da paisagem, proporcionando o surgimento de alguns bairros contíguos ao seu leito.

Em abril 1860, inaugura o trecho inicial da ferrovia entre Porto das Caixas (atual distrito do Município de Itaboraí) até Cachoeiras (atual Cachoeiras do Macacu), tendo sido a quarta estrada de ferro construída no Brasil. O objetivo dessa construção era o de unir as fazendas cafeeiras de Boa Sorte, Gavião e Laranjeiras, localizadas na região do Município de Cantagalo, todas pertencentes a família Clemente Pinto. A ferrovia foi de início movida a tração animal, só em 1883 passou a ser operado por locomotiva a vapor (Figuras 17 e 18).

O Barão de Nova Friburgo, em 23 de abril de 1860 é elevado a Barão com Grandeza. Título que dava a ele os poderes legais de um Visconde, permitindo o livre acesso à corte, galgando lentamente mais espaço na construção da paisagem de Nova Friburgo e atuando junto a Câmara.

O 1º Barão de Nova Friburgo era casado com sua prima Laura Clementina da Silva e tiveram dois filhos: Bernardo Clemente Pinto Sobrinho (1835–1914), 2º Barão, Visconde e Conde de Nova Friburgo e Antônio Clemente Pinto Filho que se

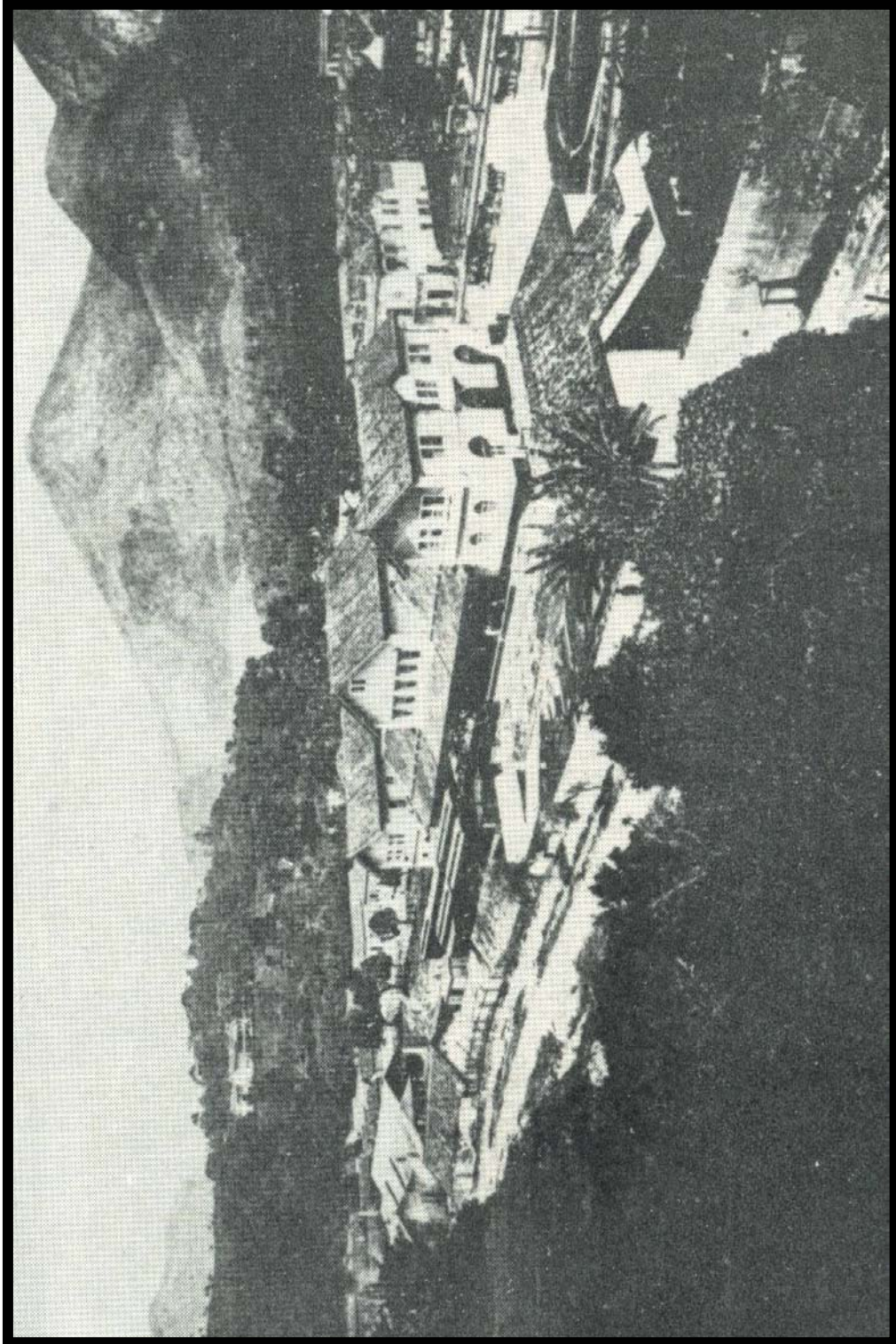


Figura 17: Fundos da Estação de Trem de Nova Friburgo.  
Fonte: Fischer, 1986.



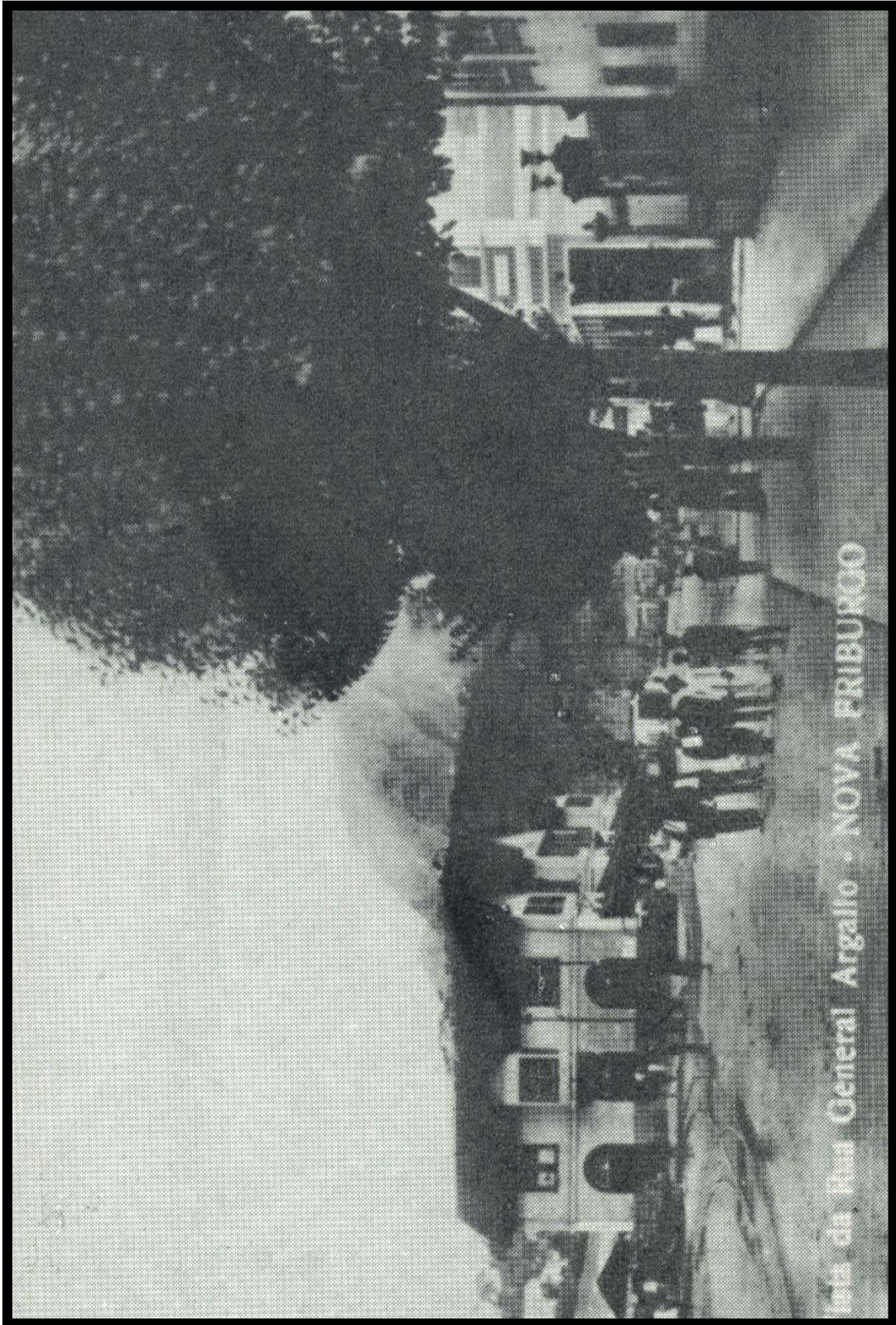


Figura 18: Fachada da Estação de Trem de Nova Friburgo.  
Fonte: Fischer, 1986.

tornou nas mesmas datas que seu irmão, Barão, Visconde e Conde de São Clemente.

Em 15 de fevereiro de 1869, escreve uma carta com seus últimos desejos no caso de sua morte. No dia 4 de outubro de 1869, falece o Barão com Honras de Grandeza de Nova Friburgo Antonio Clemente Pinto, Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Cavaleiro da Ordem da Rosa. Seu médico o Barão de Petrópolis Manuel de Valadão Pimentel atestou seu óbito.

Se voltarmos o nosso olhar para a época do Brasil Império e se tentarmos procurar nas famílias aristocratas brasileiras, um nobre que tenha um título de nobreza e que incorpore não a posição militar ou executiva que seus títulos desempenhavam, mas sim a grandiosidade de bens, de uma vida de um verdadeiro aristocrata, dificilmente encontraremos uma família como a dos Clemente Pinto.

Os quatro nobres da família Clemente Pinto - Antônio Clemente Pinto, Bernardo Clemente Pinto Sobrinho, Antonio Clemente Pinto Filho e Antônio Clemente Pinto III -, tiveram uma vida de fausto, pois tinham na cidade de Nova Friburgo e redondezas, sua casa, seu quintal e o seu jardim.

Bernardo possuía um espírito mais empreendedor do que seu irmão mais velho Antônio Clemente Pinto Filho, que era de um comportamento mais político e diplomático, exercendo a função de Presidente do Centro da Lavoura e do Comércio.

A cidade de Nova Friburgo crescia e com ela a tentativa de construir uma paisagem mais atraente. Ela já possuía a linha de trens que a ligava com o interior e com a capital, já possuía três grandes áreas de praças: Praça Princesa Izabel (atual Praça Getúlio Vargas e Dermeval Barbosa Moreira), Praça da Uruguayana (atual Praça do Suspiro) e a Praça do Paissandu (atual Marcílio Dias). Ainda tendo duas

praças menores: Praça Visconde de Itaborahy (no Largo da Cadeia, atual Rua Monte Líbano) e a Praça 1º de Março (no bairro da Vilage).

Essas praças nesse momento apresentavam-se como grandes vazios, como é o caso da Praça Princesa Izabel (Figura 19), sem árvores ou qualquer tipo de vegetação, servindo para a instalação de tanques de captação de água dos córregos, que eram usados pelos colonos residentes próximos delas. Observando os relatos de Arthur Guimarães notamos que durante a vereança de 1853–1857 sob a presidência de Francisco Marques de Souza, resolveu-se a exemplo de Niterói, plantar árvores que produzissem sombra no centro da vila. A árvore escolhida foi o pinheiro (*Araucária angustifolia*). Sem apresentar nenhum projeto definido de plantio, essas araucárias, não sobreviveram por muito tempo na paisagem da cidade (Figura 20).

Entretanto, essa medida de arborização estava inscrita em uma perspectiva ideológica que, apresentava como fato concreto, a preocupação com a posteridade, a melhoria na qualidade de vida da população e a estética da paisagem.

Em 4 de janeiro de 1861, o Governo da Província do Rio de Janeiro através do seu procurador Antônio Clemente Pinto comprou de Guilherme Mario Salusse e de sua mulher Marianna Salusse, o terreno situado na Praça Princesa Izabel para edificar a Igreja Matriz<sup>41</sup>. Ela foi edificada com recursos da Província e as obras duraram oito anos, devido a várias interrupções. Ao ser concluída em 8 de dezembro de 1869, tornou-se um símbolo na paisagem que compõe a praça, por ser um dos maiores edifícios de Nova Friburgo naquele momento, portador de papel importante na vida local.

---

<sup>41</sup> ALVES DE MIRANDA, José Silvestre. *Centenário de Nova Friburgo (Brasil) 1818-1918. História da Paróquia de S. João Batista*. Parte Religiosa. Nova Friburgo, 1920, p. 4.

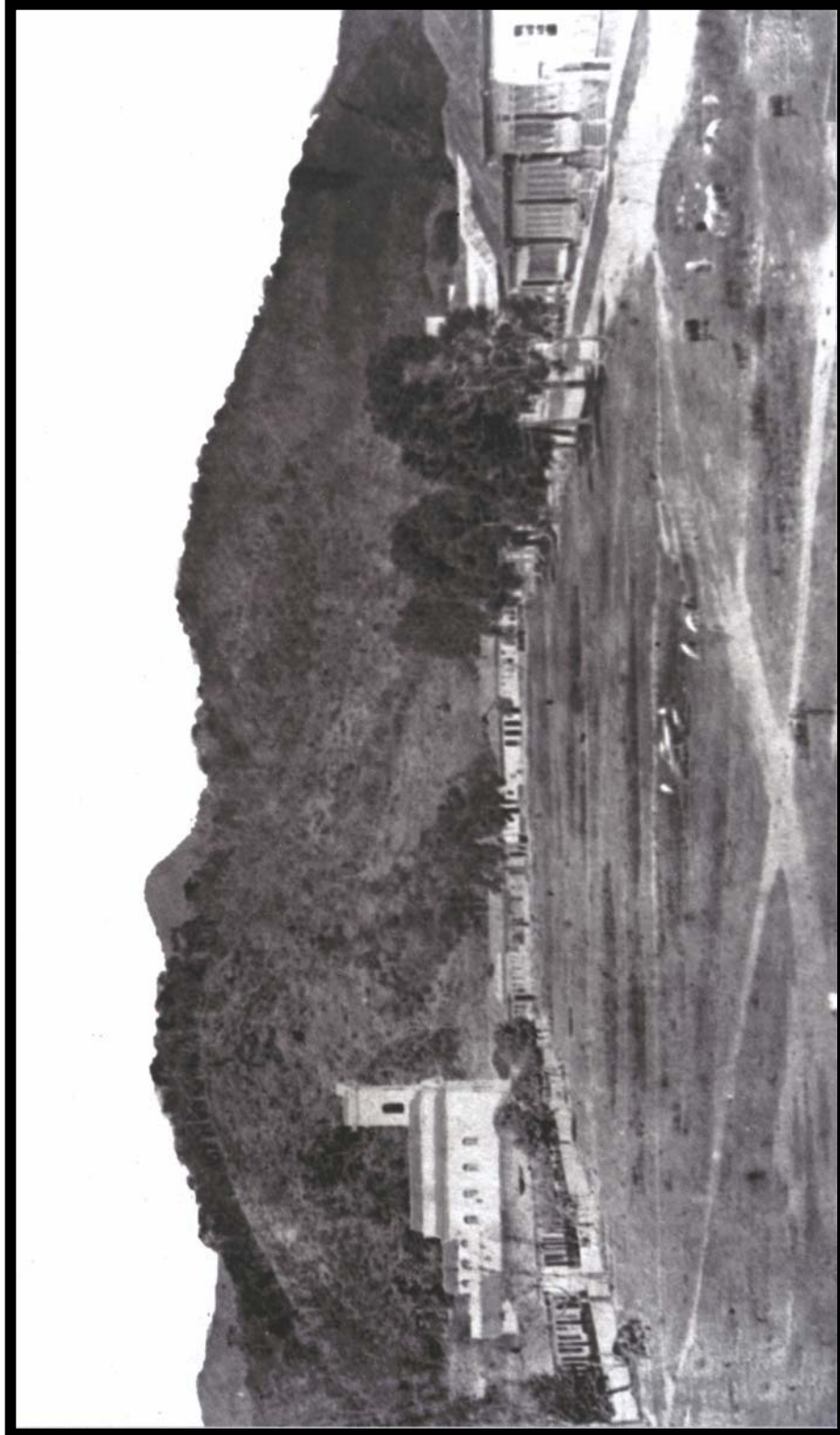


Figura 19: Vista da Praça Princesa Isabel por volta de 1870. Neste momento apresenta-se como um grande vazio, apresentando somente o plantio à direita das araucárias, e ao fundo, do lado esquerdo a Catedral de São João Batista.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

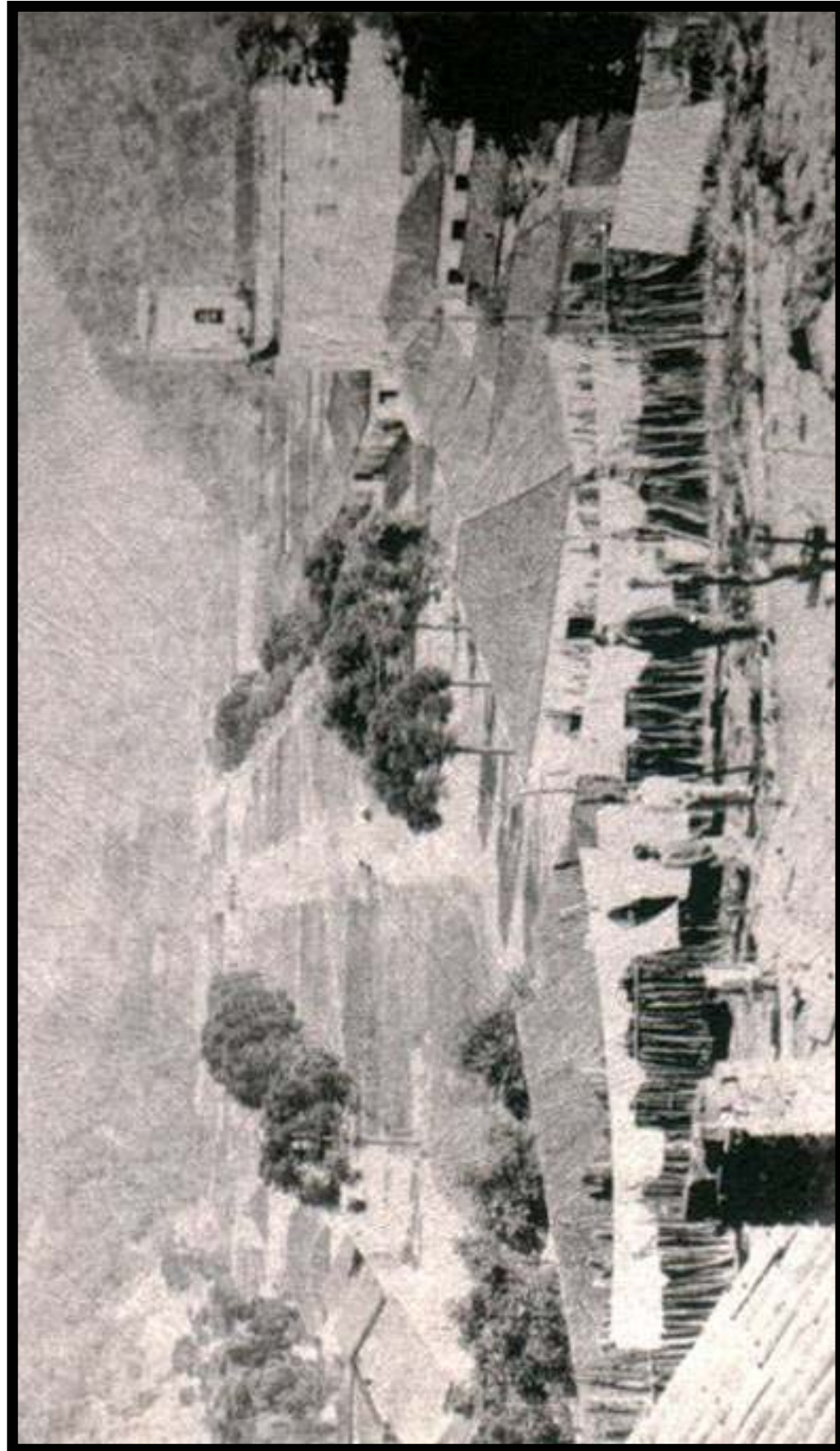


Figura 20: Praça Princesa Isabel por volta de 1870. Observe os renques de araucárias.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

Em 1867, o futuro Conde de Nova Friburgo Bernardo Clemente Pinto prolonga a estrada de ferro até Nova Friburgo, obra que cortava a Praça Princesa Izabel e servia para unir ainda mais as fazendas produtoras de café que ele herdara de seu pai o Barão de Nova Friburgo Antonio Clemente Pinto.

Além da linha normal de trens, havia uma linha de bonde “*decauville*”<sup>42</sup> (Figuras 21 e 22) , puxado a cavalo, que ligava a estação de trem de Nova Friburgo, a Chácara do *Challet* (atual Parque São Clemente), a continuação da chácara, conhecida como Fazenda do Cônego, o Pavilhão de Caça e antiga residência da praça, transformando todas as obras dos Clemente Pinto em uma única propriedade, que a rede de transportes unificava.

Nova Friburgo na segunda metade do século XIX estava crescendo e o poder público municipal começava a traçar novos projetos de melhorias para o seu centro. Buscava-se uma nova aparência que correspondesse as profundas transformações históricas que redefiniram os valores culturais do Ocidente. Impulsionado por revoluções políticas e industriais, mas, principalmente, pela Revolução Científico-Tecnológica<sup>43</sup>, este período correspondeu à expansão de novos potenciais tecnológicos e científicos, de mercados de trabalho e de consumo e ao advento de novos ritmos e hábitos sociais.

---

<sup>42</sup> Método de construção de linhas de bondes ou vagões de carga, cujo os trilhos eram móveis, podendo ser modificado o seu trajeto sem maiores dificuldades.

<sup>43</sup> SEVCENKO, Nicolau. "Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso", pp. 7-48, \_\_\_\_ (Org.), *História da vida privada no Brasil*, República: da Belle Époque à era do rádio, São Paulo, Companhia das letras, 1998, Vol. 3.

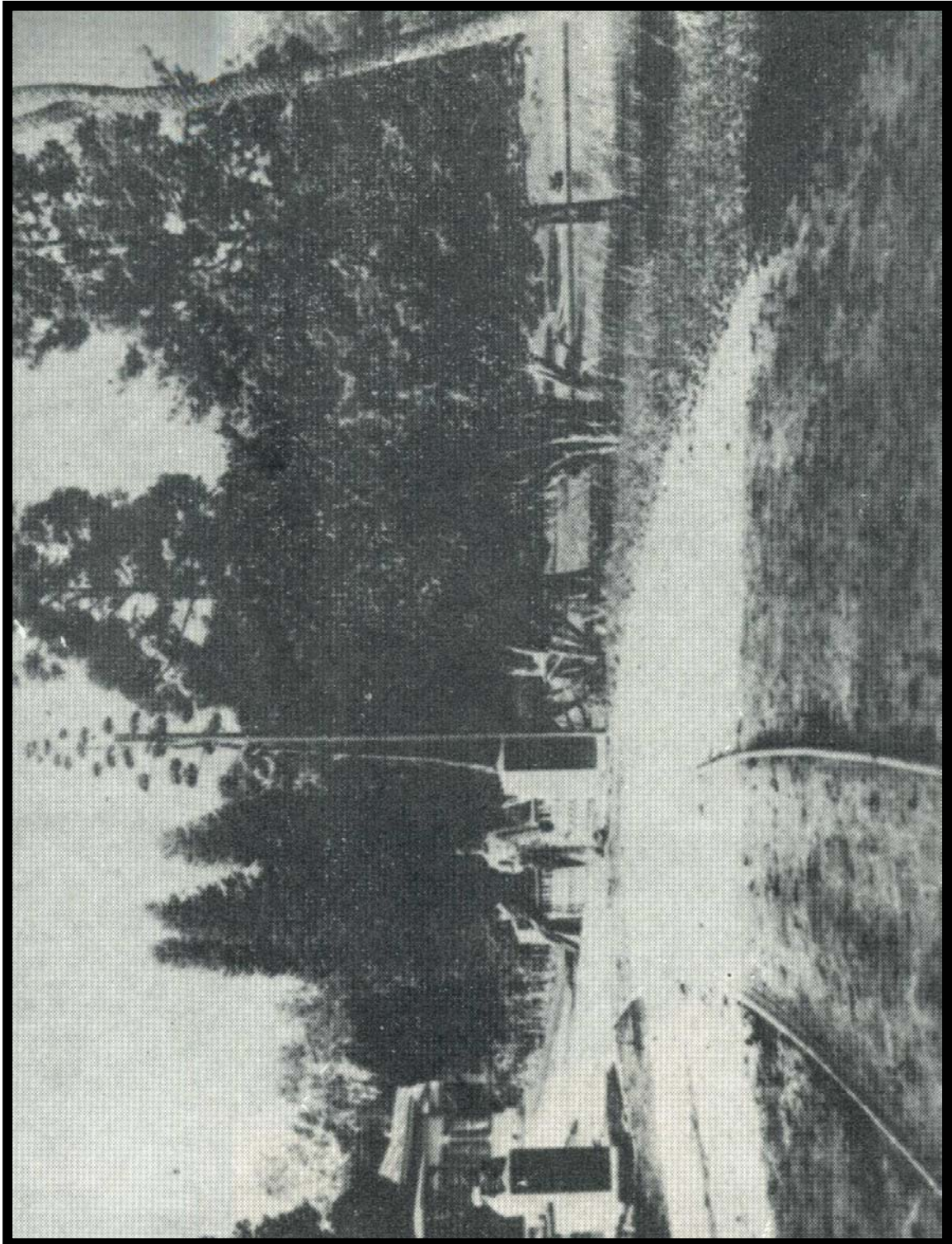


Figura 21: Chácara do *Challet*, atual Parque São Clemente. Trilho do bonde *decauville* e ao fundo o chalé dos Clemente Pinto.  
Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.

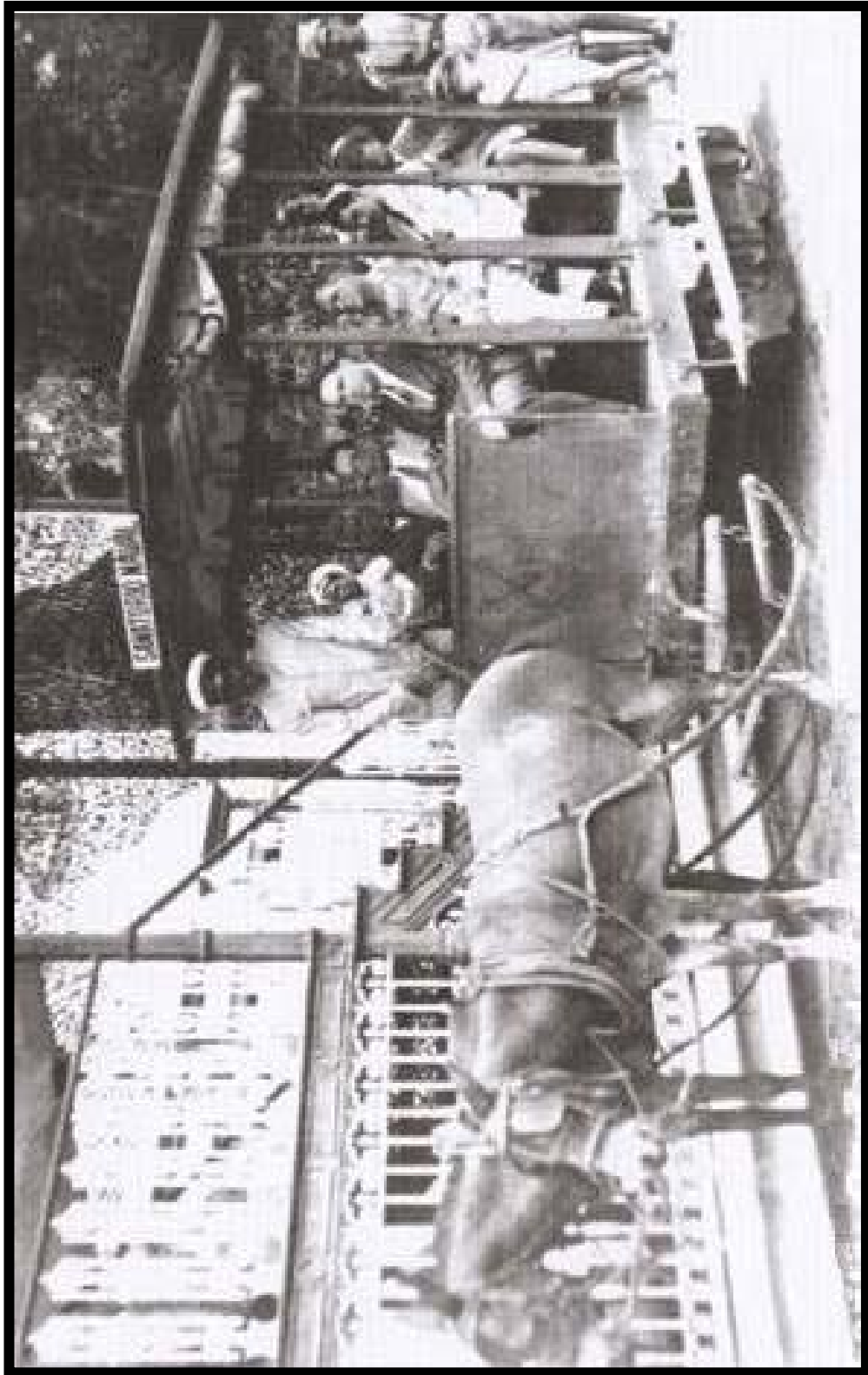


Figura 22: Bonde *decauville* com o Pavilhão de Caça (Barracão) ao fundo.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.



Essas transformações encontraram significação no sonho de uma *Belle Époque* confiante na crença do progresso e da racionalidade técnica a serviço da remodelação dos espaços urbanos<sup>44</sup>: as intervenções na Paris do Segundo Império, coordenadas pelo prefeito Haussmann e dirigidas pela burguesia financeira de Napoleão III, seguiam um plano de reforma dos espaços de circulação e sociabilidade na cidade, caracterizado por demolição de casebres, reestruturação da malha viária e dos equipamentos técnicos, embelezamento e arborização das praças centrais, higienização e separação entre espaços públicos e privados<sup>45</sup>.

No século XIX, os referenciais imaginários desta modernização urbana viajaram pelo Ocidente. Empenhadas em inserir o país, predominantemente agrícola e rural, no “trem da história” – o que significava estar em sintonia com Paris – as elites brasileiras decidiram implementar projetos de modernização urbana, apropriando-se do modelo haussmaniano<sup>46</sup>.

Em Nova Friburgo a Câmara Municipal e a família Clemente Pinto, nesse primeiro momento, tentam eliminar os vestígios de maus hábitos, implementar melhorias nos equipamentos e nos serviços urbanos regulares, acabar com a insalubridade, impondo medidas de intervenção, que previam o afrancesamento das áreas centrais e dos costumes de seus habitantes.

---

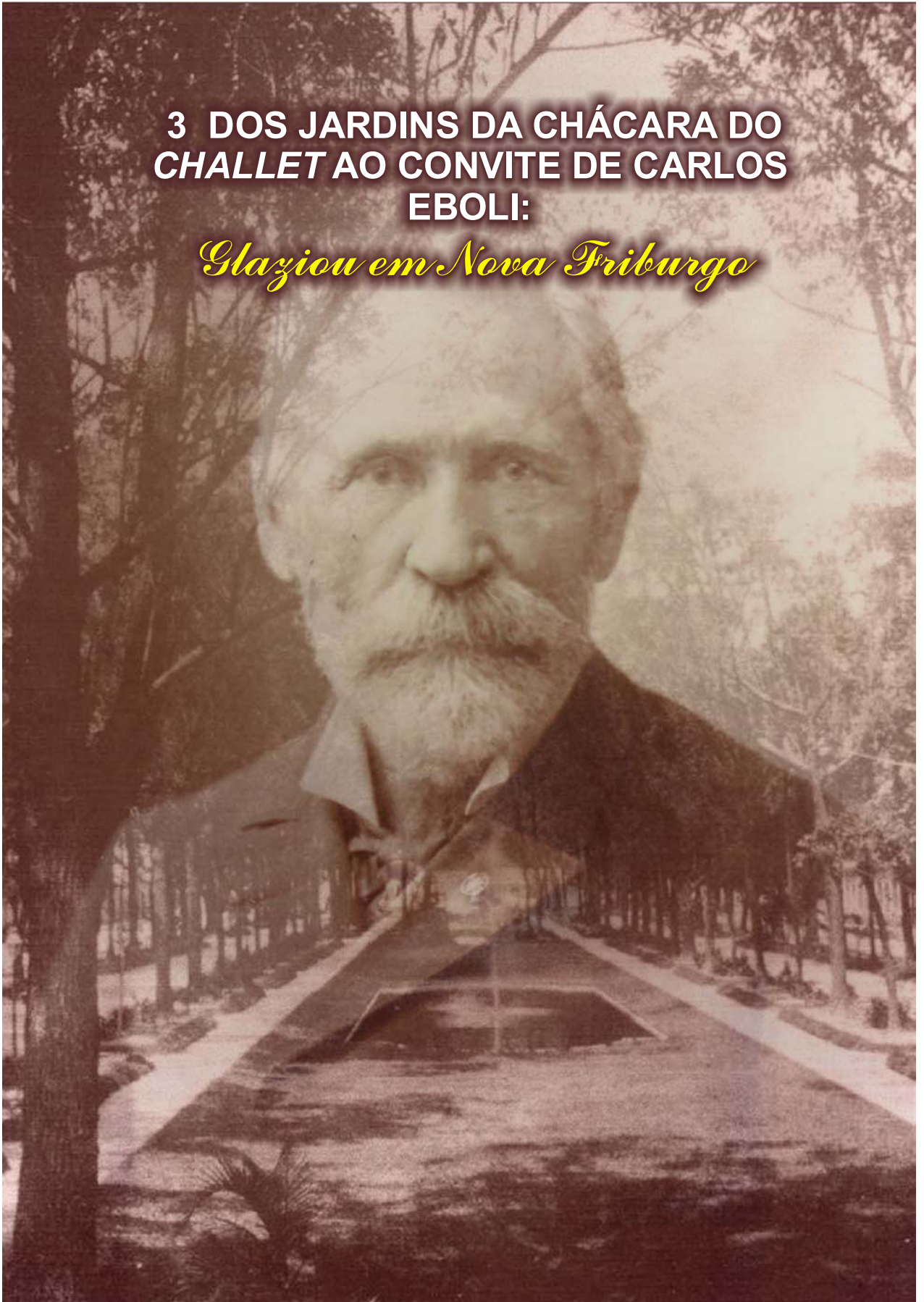
<sup>44</sup> PICON, Antoine. Racionalidade técnica e utopia: a gênese da haussmanização. In: Heliana Salgueiro (Org.), *Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos*. São Paulo: Edusp, 2001.

<sup>45</sup> BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*, São Paulo, Perspectiva, 2ª ed., 1993.

<sup>46</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*, Porto Alegre, UFRGS, 1999.

**3 DOS JARDINS DA CHÁCARA DO  
CHALLET AO CONVITE DE CARLOS  
EBOLI:**

*Glaziou em Nova Friburgo*



### 3.1 O primeiro projeto de Glaziou em Nova Friburgo

**A**uguste François Marie Glaziou nasceu em Lannion, Bretanha, segundo alguns autores pode ter nascido em 28 ou 30 de agosto de 1833<sup>47</sup> (Figura 23). Era de origem modesta, sua mãe era cozinheira e seu pai um jovem jardineiro oito anos mais novo do que ela. Em Bordeaux, Glaziou conheceu sua esposa Marie Cheminau, uma costureira que era vizinha da rua onde morava, se casaram em 1856 e em 1857 tiveram o primeiro filho<sup>48</sup>.

Provavelmente Glaziou tenha aprendido com o seu pai a arte da jardinagem e posteriormente obteve o título de engenheiro civil na *École Polytechnique D'Angers*. A convite de D. Pedro II, em 1858, veio para o Brasil para ocupar o cargo de Diretor Geral de Matas e Jardins na Cidade do Rio de Janeiro.

Segundo Terra<sup>49</sup>, Glaziou trabalhou incessantemente como pesquisador de novas espécies brasileiras. Foi nomeado Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial e posteriormente condecorado com a Ordem da Rosa pelos seus serviços. Ele permaneceu no Brasil até o ano de 1897, quando se aposentou e voltou para seu país, morrendo em 1906.

Antes de analisarmos sua primeira intervenção em Nova Friburgo, faremos um rápido resumo dos antecedentes do seu modelo utilizado – o jardim romântico.

---

<sup>47</sup> Carlos Gonçalves Terra apresenta em seu livro a data de 30 de agosto de 1833, já Miguel Gastão da Cunha em 28 de agosto de 1833.

<sup>48</sup> CUNHA, Miguel Gastão da. O extraordinário Glaziou. In: *Leituras Paisagísticas: teoria e prática*, n. 2, EBA/UFRJ, (no prelo).

<sup>49</sup> TERRA, Carlos Gonçalves. *Os Jardins no Brasil no Século XIX: Glaziou Revisitado*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000, págs. 56 à 66.

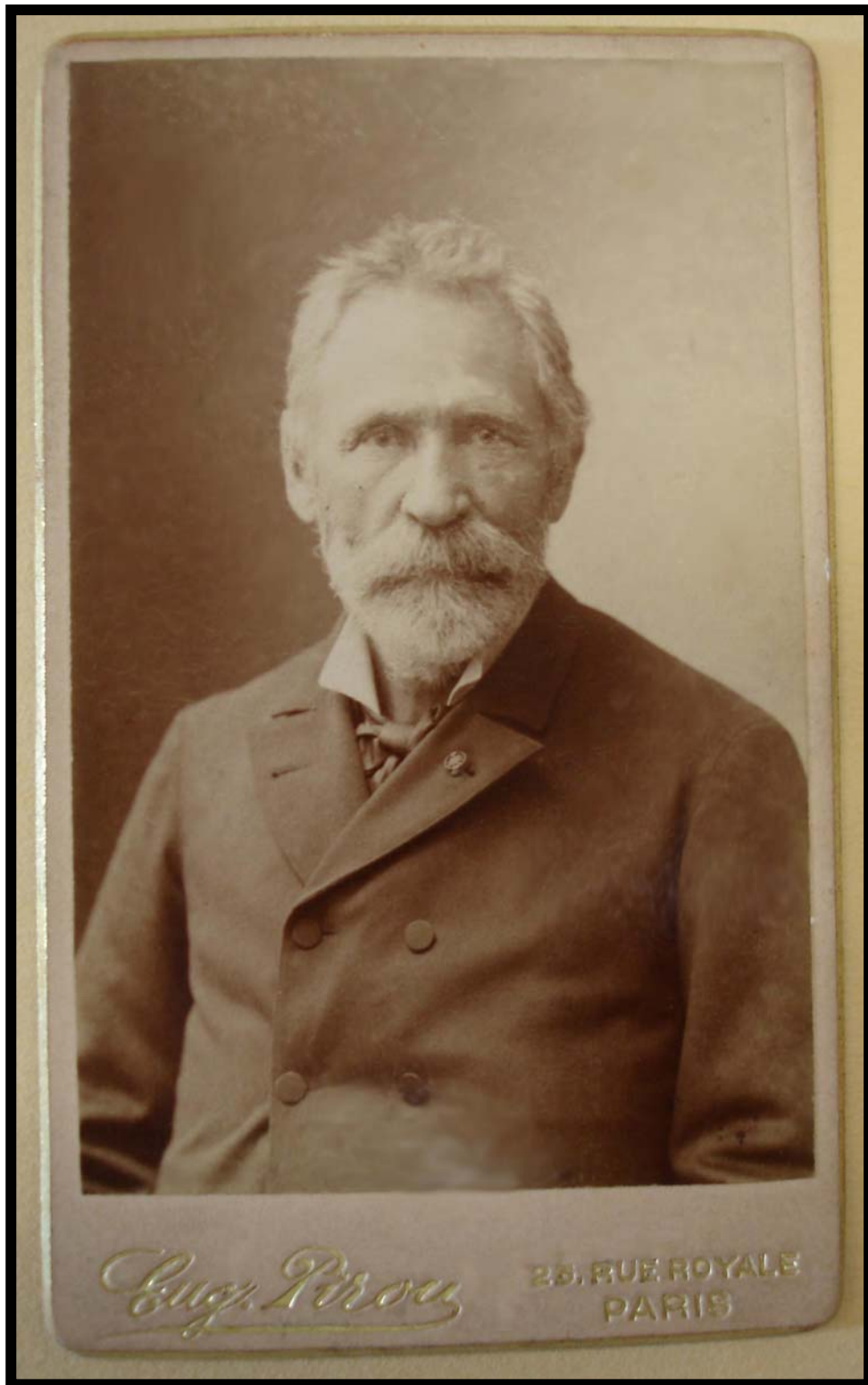


Figura 23: Auguste François Marie Glaziou, fotografia de Eugène Pirou (1841-1909).  
Fonte: Acervo de Miguel Gastão da Cunha.

O embrião do jardim romântico é encontrado na China, onde surgiram as primeiras menções de jardins que buscavam imitar a natureza<sup>50</sup>. Essa tendência se difundiu pelo Japão no século VI, sofrendo modificações, se adaptando à cultura e filosofia do seu povo. Só se tornou conhecido na Inglaterra no século XVIII, através das constantes viagens dos europeus ao oriente.

As características dos jardins românticos são: serem marcados por extensos gramados, pequenos bosques, caminhos em curvas suaves e arbustos ou árvores isoladas, ruas amplas e cômodas e em pequeno número, terrenos acidentados e possibilitando a visão de belas perspectivas, riachos rochas artificiais, quiosques e obras fabricadas.

Nos livros *Les Parcs e Jardins au commencement du XX<sup>e</sup> siècle*<sup>51</sup> e *Parcs et Jardins*<sup>52</sup> verificamos mais minuciosamente os aspectos paisagísticos desse modelo de jardim, onde foram detalhados cada elemento, que nos servirá mais adiante como referência para entender as suas diferenças com o projeto da Praça Princesa Izabel:

- 1) **Alamedas:** As principais são largas e com a caixa de rolamento côncava para facilitar o escoamento da água das chuvas, podem ser carroçáveis ou não, dependendo da importância do jardim. Geralmente a alameda que contorna o gramado principal do jardim, fica defronte ao prédio, é carroçável e larga, já as alamedas secundárias, são estreitas e planas e quase sempre não carroçáveis. Elas não devem ser pavimentadas para auxiliar na infiltração da água (Figuras 27 e 28).

---

<sup>50</sup> MONTENEGRO, H.W.S. *A arte de projetar jardins*. Piracicaba: FEALQ, 1983.

<sup>51</sup> VACHEROT, Jules. *Les Parcs e Jardins au commencement du XX<sup>e</sup> siècle*. Paris : Librairie Agricole, 1908.

<sup>52</sup> BELLAIR, G.A.; BELLAIR, P.A. *Parcs et jardins*. Paris: Encyclopédie Agricole, 1939.

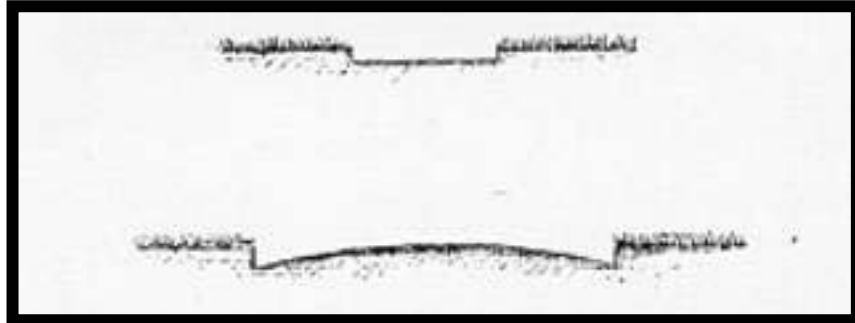


Figura 27: Desenho mostrando as alamedas: larga - côncava e a estreita - plana.  
Fonte: Bellair & Bellair, 1939.

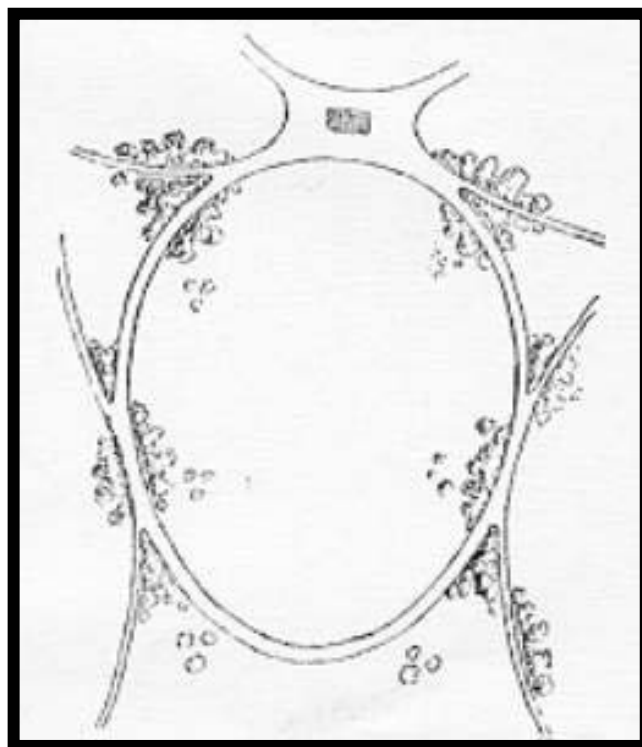


Figura 28: Projeto paisagístico mostrando as alamedas principais mais largas e as secundárias, mais estreitas.  
Fonte: Bellair & Bellair, 1939.

- 2) **Bifurcações:** Quando as alamedas que formam as bifurcações são da mesma importância, sendo primárias ou secundárias (com a mesma largura), deve-se causar no observador certo desinteresse, devendo ser abertas exatamente na bissetriz da alameda que as formará. Quando de importâncias diferentes, deve-se direcionar a alameda secundária, para o lado contrário da curva e a primária deve continuar na curvatura que já estava. As bifurcações normalmente devem ser cercadas de maciços, para que as alamedas sejam bem visíveis e a bifurcação seja notada pelo observador (Figuras 29 e 30).
- 3) **Entrada do parque:** Normalmente é formada por uma alameda reta, com árvores plantadas ao longo da mesma, alinhadas, formando renques em sua lateral. Para se chegar na edificação (prédio principal), tem-se sempre dois caminhos. Nunca a entrada fica defronte à edificação, mas se não houver outra alternativa, deve-se por motivo de segurança, implantar um maciço arbóreo na frente do portão de entrada, para que o observador que passa defronte ao parque, não tenha visão para o seu interior e ainda, deve-se deixar à vista, as laterais desse maciço, para que, a segurança da edificação em destaque que está sendo valorizado, tenha controle de quem adentra o recinto.

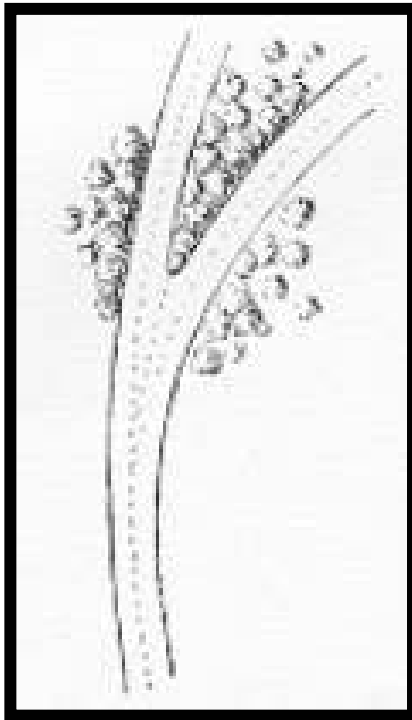


Figura 29: Bifurcação de duas alamedas de mesma importância.  
Fonte: Bellair & Bellair, 1939.

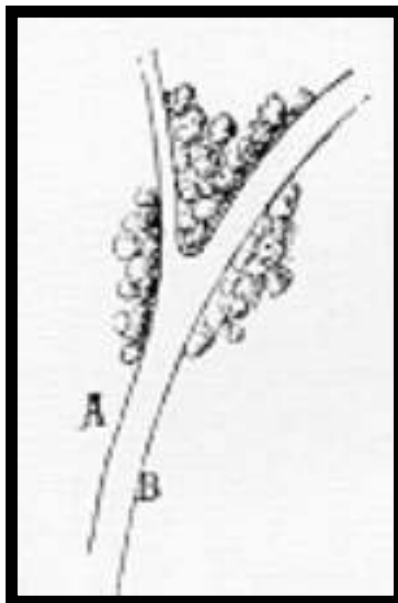


Figura 30: Bifurcação entre uma alameda principal e uma secundária.  
Fonte: Bellair & Bellair, 1939.



4) **Gramados:** Apresentam quatro características importantes:

- extensão - não depende somente das proporções do parque, mas também dos outros elementos (maciços, rochas, ruas, bosques...). É importante reservar uma superfície grande para traçar as visadas e principalmente a visada principal que é a que parte da edificação. Os gramados devem ser longos e largos para dar aspecto de calma e conforto.
- forma - tem estreita relação com a direção das alamedas. São as alamedas que determinam os contornos dos gramados. Geralmente o gramado da frente do prédio tem formato oval, elíptico ou triangulares curvilíneos, nunca trapezoidais.
- relevo - a extensão e contorno do gramado, indicam a maneira com que o terreno tende ao declive ou ao aclave, e ainda com a presença de pedras ou não. Portanto são dois elementos os que causam desnível desejado: rochas e pequenos vales. As saliências devem ficar fora da linha das visadas para não encobri-las ou então, se adaptarem a elas.
- ondulações - apresentam quatro fatores: não diferenciar exageradamente do relevo natural do solo; rebaixar o meio do gramado formando rampas convergentes; plantar árvores e arbustos longe dos fundos dos vales, perto dos locais onde foi colocado solo para formar elevações; entre dois maciços, entre dois canteiros de flores, entre um canteiro e um maciço, estabelecer pequenos vales que alcancem o vale principal que é no gramado principal.

5) **Rochedos:** Depois dos gramados, os rochedos constituem o segundo atributo de forma dos relevos do solo, pois o jardim deve transmitir

impressões agradáveis, que ofereçam serenidade, calma e momentos de contemplação, pois paisagens com muitas rochas causam insegurança. As rochas devem aparecer nos jardins com certa reserva, tentando evitar rochas que dêem um ar de suspeitas no espaço, nem rochas enterradas, que logo quando se passe, transmita a idéia de um possível desabamento.

6) **Árvores:** São elementos essenciais na composição de um jardim romântico.

Podem estar presentes no parque nas seguintes formas:

- florestas e bosques – nos jardins franceses do século XVII as árvores eram plantadas em grupos bastante adensadas formando um bosque e os caminhos simetricamente recortavam esse bosque. No jardim romântico, deixa-se uma abertura no bosque para visualização da edificação. Nesse caso, para dar um ar mais pitoresco, é recomendável que se mexa nas cotas do terreno. Outra solução seria deixar a borda do maciço recortada, com árvores plantadas fora de alinhamento, próximas ao maciço adensado, para dar um ar mais pitoresco, ou manter-se um alinhamento de plantio segundo uma forma arredondada, para ficar mais tradicional.
- maciços - as árvores são ainda plantadas adensadas, se confundindo com a cobertura de grande superfície. Buscam-se nos maciços que estão em primeiro plano o plantio de árvores de folhagem verde escuro e os afastados, de folhagem verde claro. Da mesma forma que nos bosques, as bordas dos maciços devem ser recortadas irregularmente, apresentando linhas arredondadas. Quando a borda do maciço é regular, é recomendável a implantação de canteiros de flores no local. Normalmente os maciços eram colocados em pontos que

necessitassem de segurança, impedindo a visada a certos pontos da propriedade, proteger o pomar e todos os pontos ao redor do jardim, a fim de mascarar as casas dos vizinhos, os muros e as cercas, necessidade de impedir a visão dos limites da propriedade, necessidade de desimpedir e desenquadrar os espaços que conduzem a pontos de visada.

- grupos de árvores - são grupos de poucas árvores que podem ficar praticamente contíguos ao maciço ou isolados deles. Os grupos podem ser formados por 3, 4, 5 ou 7 árvores/arbustos, que são dispostos regular (formando losangos, quadrados, triângulos) ou irregularmente (totalmente disforme, sem obedecer um polígono regular) (Figuras 31 e 32).
- árvores isoladas - são geralmente árvores especiais, nativas ou exóticas, que possuam beleza extraordinária. São plantadas em pontos de visada especiais.

7) **Vistas:** Existe uma grande relação entre as árvores e as vistas. Uma vista, é uma superfície enquadrada, onde, ao fundo existe um objeto (construção, monumento, colina, um grupo de árvores formando um ponto de vista, uma árvore isolada etc). Assim, deve-se considerar três fatores: o ponto de vista, o espaço livre até onde o olho do observador está e o quadro.

Em um jardim com uma grande área, situado no campo, não se deve traçar as vistas dentro dos limites da propriedade. Deve-se respeitar as áreas de fora, como as colinas, os rios, os bosques, os vilarejos, o mar etc, pois estes pontos de vista, longínquos, vão se distanciando, e se alterando com a mudança de iluminação do amanhecer ao entardecer.

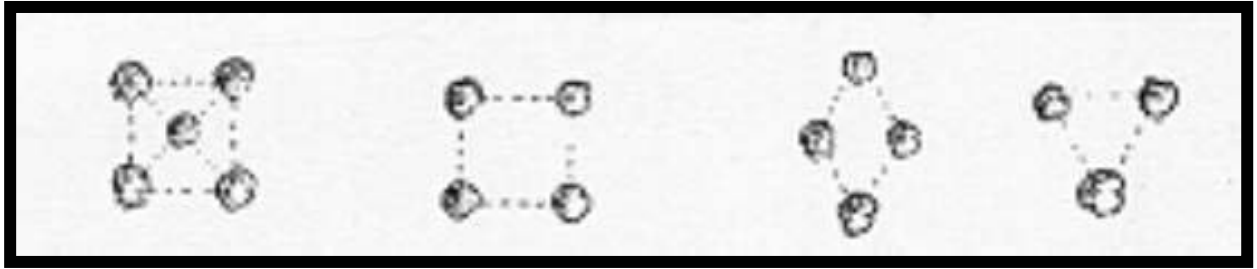


Figura 31: Desenhos mostrando as várias maneiras de distribuir regularmente as árvores.  
 Fonte: Bellair & Bellair, 1939.

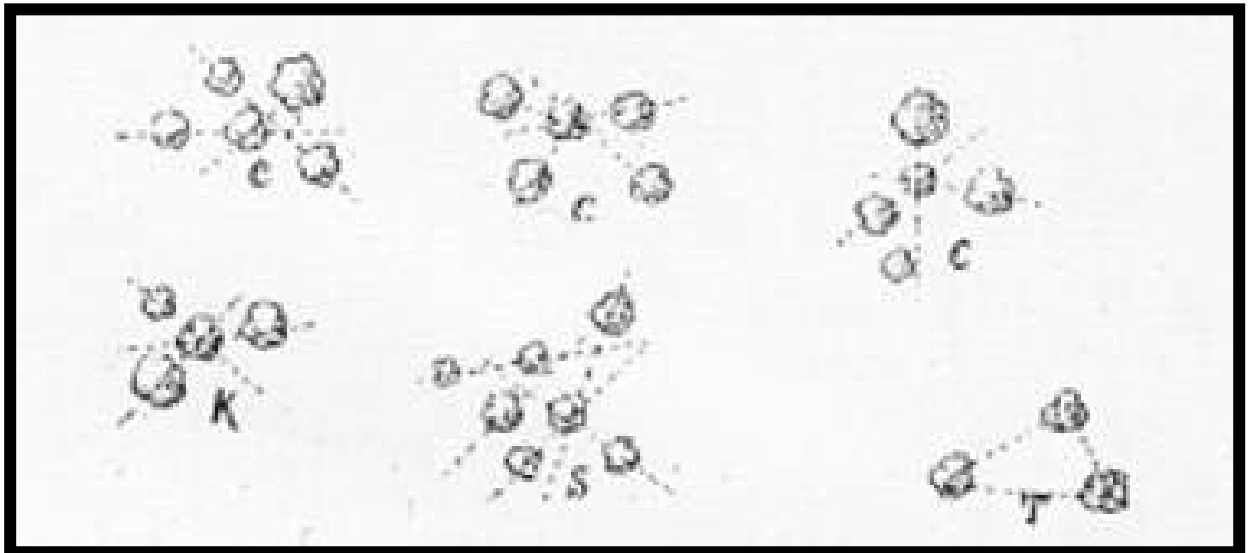


Figura 32: Desenhos mostrando as várias maneiras de distribuir irregularmente as árvores.  
 Fonte: Bellair & Bellair, 1939.

Devem-se criar paisagens que aumentem a extensão da linha de visada, buscando pontos de vistas no exterior do jardim, para aumentar as divisas do terreno onde o mesmo se instalará.

Deve-se criar vistas bem centralizadas, bem determinadas, a fim de evitar o cansaço do olho, que se perde sobre espaços muito extensos, agrupando no primeiro plano, aos dois lados do ponto de vista, grupos de árvores que forcem o olho a observar sempre em frente.

No jardim, a edificação não é somente o centro de partida, mas um centro de convergência das vistas, onde devem passar a maioria das linhas de vistas. E os edifícios principais devem ser enquadrados com a implantação de árvores, ao seu redor, emoldurando-os.

- 8) **Flores:** São utilizadas com muito cuidado, pois as flores seduzem pela sua coloração, mas são consideradas de segunda grandeza, pois requerem manutenção.

Normalmente eram usadas em canteiros, em lugares estratégicos, como por exemplo: na frente da edificação, na frente dos maciços arbóreos, em pontos de vista que enfatizassem o local.

- 9) **Água:** Por ser um jardim que busca a imitação da natureza, deve-se, ao máximo, tentar deixar rios, lagos, corredeiras, com aspecto natural, modificando-se o relevo onde o mesmo vai ser implantado.

A primeira intervenção de Glaziou em Nova Friburgo está vinculada ao projeto da Chácara do *Challet* (Figura 24), local destinado à servir de jardim para a residência do 1º Barão de Nova Friburgo Antonio Clemente Pinto.

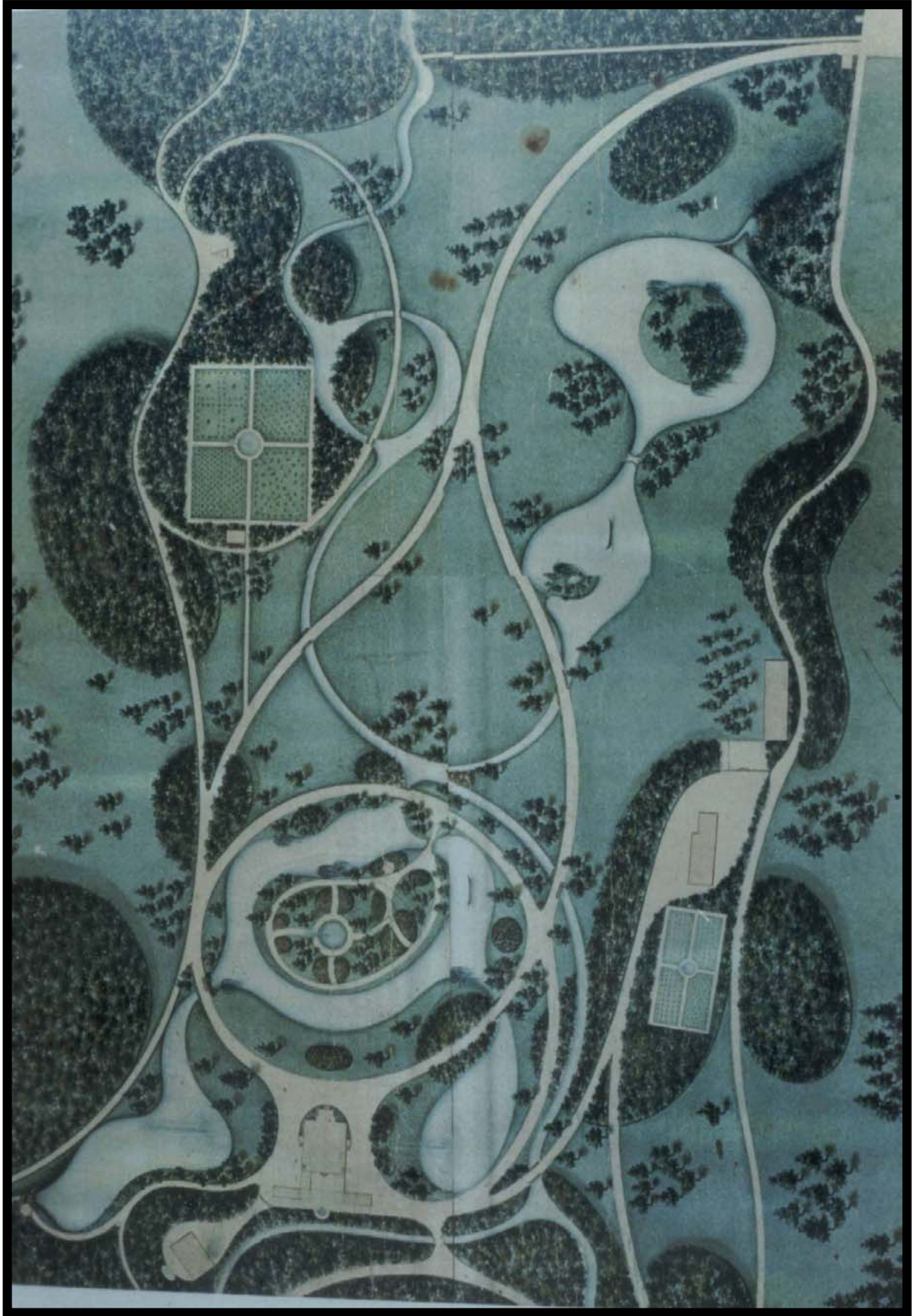


Figura 24: Projeto da Chácara do *Challet* de Auguste François Marie Glaziou.  
Fonte: Acervo da família Guinle, Nova Friburgo, RJ.

O chalé foi edificado aproximadamente em 1860, sendo a autoria do projeto muitas vezes associada ao próprio Glaziou (Figura 25).

Mas ao observarmos o contexto da época em que foi construído, conseguimos chegar ao possível executor deste projeto. Nos registros da 15ª Exposição Geral de Belas Artes de 1862<sup>53</sup>, descobrimos entre os projetos expostos o de número oito, que era o “*Plano de uma chácara em Nova Friburgo*” do arquiteto Karl Frederich Gustave Waehneltd<sup>54</sup>. Formado em arquitetura ele aventurou-se a vir para o Brasil em 1852, com apenas 22 anos de idade.

Dentre seus inúmeros trabalhos, destacam-se o projeto do Palácio Nova Friburgo (atual Palácio do Catete – Museu da República, RJ) e o projeto do Palácio do Gavião na cidade de Cantagalo, RJ, ambos destinados á servirem de residência para Antônio Clemente Pinto – 1º Barão de Nova Friburgo.

Assim verificamos a relação entre Gustave Waehneltd e o 1º Barão de Nova Friburgo, vendo a possibilidade de seu “Plano de uma chácara em Nova Friburgo”, ser o projeto da “Chácara do *Challet*”.

No projeto paisagístico realizado por Glaziou, que tem como característica o uso de planta baixa perspectivada, já se vê as áreas de todas as construções do terreno, incluindo a do chalé.

Há uma perfeita continuação entre o jardim de Glaziou e o espaço interior do chalé criado por Waehneltd, com seu pátio interno e seu jardim na parte inferior.

---

<sup>53</sup> Esse registro foi consultado nos arquivos do Museu Dom João VI da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>54</sup> Nasceu em 30 de agosto de 1830, em Fürstenwald; e faleceu em 26 de fevereiro de 1873, em Charlotenburg, Berlim, era conhecido no Brasil como Gustavo Waehneltd.



Figura 25: Chalé da família Clemente Pinto.  
Fonte: Acervo da família Guinle, Nova Friburgo, RJ.



A linha longitudinal que corta o pátio interno do chalé e une os três repuxos – do jardim inferior, do centro do pátio e o da ilha – cria dentro do jardim romântico algumas características dos antigos jardins franceses do século XVII, onde Glaziou faz um retorno e cria uma nova leitura, não vista em nenhum outro projeto de sua autoria.

É substituída a visualização total do jardim, por uma visualização gradual. A visão do jardim de dentro do chalé, mais precisamente do pátio central, quando observando através das portas, para a linha longitudinal dos três repuxos, nota-se uma perspectiva concentrada em um único ponto de vista, colocado no centro da fachada posterior do chalé. Desse ponto podemos apreciar o jardim em toda a sua plenitude, descortinando-se os lagos, as árvores e toda a paisagem do entorno.

Assim Glaziou, dentro do mais típico jardim romântico, tendo domínio e conhecimento sobre os moldes do passado pode “brincar” com eles, utilizando a característica do ponto de vista mais alto da construção e da perspectiva concentrada em um único ponto.

Nesse projeto paisagístico de Glaziou também percebemos os seus tão familiarizados traços românticos, com caminhos sinuosos que proporcionam descobertas a cada curva, de lagos, pontes, gazebos (Figura 26) e outros detalhes que nos remetem à natureza e ao romantismo francês. Mas também há os pequenos detalhes clássicos no projeto, como, por exemplo, a divisão simétrica dos canteiros na ilha do lago principal e nas hortas ou nos hortos.



Figura 26: Lago superior do Parque São Clemente, com o antigo moinho (hoje desativado).  
Fonte: Acervo do autor.

Verificamos em sua própria aquarela que ele faz uso de pontes cobertas de saibro com corrimões de cimento imitando troncos ou bambus, como os do Passeio Público do Rio de Janeiro, RJ; utiliza várias espécies de coníferas e de salgueiros, além de projetar três lagos com grandes repuxos.

Nos relatos de alguns historiadores podemos verificar que Bernardo Clemente Pinto, 2º Barão de Nova Friburgo, é quem acompanha a obra de execução do parque para seu pai Antônio Clemente Pinto.

Os detalhes do projeto podem ser observados na aquarela original de Glaziou, que se encontrava com os descendentes de Eduardo Guinle<sup>55</sup>. Nessa aquarela podemos observar com perfeição as construções do parque: como o *challet* e as demais dependências da propriedade; os lagos, as pontes imitando troncos de árvores, os acessos; os caminhos do parque e as pequenas construções de caráter decorativo e religioso – gazebos, chafarizes e uma pequena capela.

Os jardins românticos elaborados por Glaziou rompem com a retidão e simetria das linhas e com a distribuição dos maciços arbóreos e arbustivos, uma das características principais do estilo francês do século XVII, buscando, desse modo, a aproximação com a natureza. Nesses jardins há o predomínio das linhas curvas das alamedas que conduzem à observação, tanto de pontos de destaque, através de espaços deixados entre maciços vegetais, quanto de impedir totalmente a vista do observador, através da implantação desses maciços vegetais em locais estratégicos, causando a impressão, de se estar caminhando dentro de uma mata fechada<sup>56</sup>. Esses pontos de destaque, geralmente ficam a longas distâncias do ponto onde se encontra o observador, chegando às vezes estarem do lado contrário, próximos aos limites do jardim. Com esse recurso Glaziou podia criar linhas de visadas

---

<sup>55</sup> Eduardo Guinle adquiriu a Chácara do *Challet* em 1914, junto com a propriedade adquiriu toda a mobília e a aquarela de Glaziou dos jardins. Hoje o projeto aquarelado está em acervo particular.

<sup>56</sup> LIMA, A.M.L.P. Nosso Parque faz 80 anos. *Revista da ADEALQ*, v.10, n.6, p.20-22, 1987.

imaginárias e distribuir os maciços vegetais pelos jardins, de modo a não impedir a visualização dos alvos a serem destacados.

Encontramos nos projetos de Glaziou grandes gramados, com amplos caminhos e onde é valorizada a topografia do terreno. Plantas floríferas ou com cores diferentes compõem grandes manchas coloridas sobre o verde, onde árvores aparecem em pequenos grupos.

### 3.2 O pedido de Carlos Eboli (1873–1880)

O imenso vazio da Praça Princesa Izabel (Figuras 33 e 34), despertou, durante a vereança de 04/01/1873 à 28/03/1877, sob a presidência do capitão Fernandes Ennes, o interesse de se plantar árvores no centro da praça, formando uma alameda em toda sua extensão, com sessenta palmos de largura (aproximadamente 13,20 metros), ficando o plantio com a distância de trinta palmos (aproximadamente 6,60 metros) de uma árvore a outra. A espécie escolhida foi o *Eucalyptus robusta*, pela crença de que estas árvores trariam o benefício de purificação do ar.

Quando Fernandes Ennes descreve na ata da Câmara a escolha do *Eucalyptus robusta*, cita-os como simples “arbustos”, o que nos causou bastante estranheza, pois esta espécie pode atingir até 35 metros de altura, com 3 metros de diâmetro de tronco. O que podemos entender, é que havia falta de conhecimento sobre o eucalipto, pois os primeiros plantios no Brasil, foram feitos em aproximadamente 1868, no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro.



Figuras 33 e 34: Vista da Cidade de Nova Friburgo à partir do Colégio Anchieta, por volta de 1879. Observar na primeira foto a área destinada a Praça princesa Izabel, que foi construída em 1880. Fonte: Acervo de Osmar Castro.

No Jornal do Comércio de 07 de setembro de 1880, encontramos uma reportagem sobre a inauguração do Campo de Santana no Rio de Janeiro. Nesta reportagem vemos uma descrição minuciosa do jardim. E o que mais nos chamou a atenção foi o trecho onde fala-se do uso da espécie *Eucalyptus robusta* por Glaziou neste jardim:

Há allí exemplares das arvores mais notáveis do Brasil e de outras regiões que com o nosso clima tem semelhança. A qualidade de eucalyptos que o Sr. Glaziou plantou em grande quantidade é a *robusta* e *resinifera*, que se dá perfeitamente com nosso sólo e condições climatericas<sup>57</sup>.

Podemos imaginar assim, que a escolha da mesma espécie de eucalipto em Nova Friburgo pela vereança, foi baseado pelo seu primeiro uso em um espaço público por Glaziou.

O levantamento e análise sobre esta espécie de eucalipto e sua relação com a medicina higienista de Carlos Eboli, bem como, seus usos no que se refere a drenagem do solo, foi fornecido em livros de botânica do final do século XIX ou início do XX, onde pudéssemos verificar as verdadeiras características da espécie.

A escolha desta espécie foi mantida e aprovada por Carlos Eboli e por Auguste F. M. Glaziou na elaboração da Praça Princesa Izabel. Esta espécie, pesquisada em uma publicação de 1911, específica de plantação de eucaliptos, nos mostrou que a mesma prospera em terrenos brejosos, onde quase nenhuma outra espécie se desenvolveria, além de resistir muito bem a geadas. É considerada pelos botânicos da época como uma das mais belas espécies de eucaliptos, graças a abundância de sua folhagem lustrosa e pela grande copa arredondada, tendo poucos rivais no caráter ornamental.

---

<sup>57</sup> CAMPO DE SANTANA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, nº 249, 7/set./1880, p.1. (Seção Gazetilha)

Verificamos assim que a espécie *Eucalyptus robusta* atendia as necessidades tanto de drenagem do solo do centro de Nova Friburgo, que era alagadiço, como também a de que purificaria o ar, bem sincronizado com os discursos higienistas do século XIX. Vejamos um trecho do livro *Manual do Plantador de Eucalyptos*, onde se fala a respeito das crenças sobre o plantio do eucalipto na Europa e que chega ao Brasil:

Os eucalyptos foram durante muito tempo, e ainda hoje o são, aconselhados para o saneamento de regiões paludosas, pelas suas propriedades febrífugas, e muitas plantações tem sido feitas exclusivamente com esse intuito. Dizem mesmo alguns auctores que o clima é de salubridade notável onde abundam as florestas de eucalyptos [...] mesmo que as localidades pantanosas e doentias, onde se fizeram plantações de eucalyptos, melhoram consideravelmente, a ponto de desaparecerem completamente as febres [...] Chegam até asseverar que os eucalyptos purificam o ar pelas suas exalações balsâmicas e que, pela sombra que projectam sobre os terrenos humidos, furtando-os á acção do sol intenso, evitam o desprendimento de miasmas paludosos<sup>58</sup>.

O plantio não se realizou nesta ocasião, mas logo a seguir, já na vereança de 04/06/1877 à 13/09/1883, também sob a presidência do Capitão Manuel Fernandes Ennes. O médico Carlos Eboli requereu verbalmente que se pedisse a Auguste François Marie Glaziou, sua visita à Nova Friburgo para executar um projeto para os jardins da praça Princesa Izabel, sendo gratuito o seu serviço. Também solicitou à Câmara, que fosse pedido ao 2º Barão de Nova Friburgo, intervenção junto à Glaziou, a fim da municipalidade ser atendida no seu pedido e que o mesmo também assumisse à direção do plantio. Essas solicitações ficaram registradas em ata de 2 de maio de 1880, da Câmara Municipal de Nova Friburgo.

---

<sup>58</sup> ANDRADE, E.N. *Manual do plantador de eucaliptos*. São Paulo, Tipografia Brasil de Rothschild, 1911.

Mas como entender o pedido de Carlos Eboli? Quem era esse médico que ansiava por uma praça no centro da cidade? Napolitano, nascido em 1832, Carlos Eboli formou-se em medicina pela Faculdade de Paris em 1856<sup>59</sup>. Veio para o Brasil em 1872 e aqui se tornou médico e ativo participante da vida política de Nova Friburgo.

Sua educação na capital francesa o tornou familiarizado com o trabalho de Jean-Charles-Adolphe Alphand e com as transformações que sofria a cidade no século passado, sobretudo, as reformas empreendidas pelo Barão Haussmann. O que já o conduziu para os aspectos da medicina higienista e para os trabalhos ligados ao uso do jardim como melhoria da qualidade da vida de uma cidade (Figura 35).

Existiam poucas informações sobre Carlos Eboli antes dessa pesquisa, sobre sua carreira médica em Nova Friburgo e no Rio de Janeiro. O dado inicial para pesquisarmos sobre sua vida, foi a sua sociedade com o médico Fortunato Correa de Azevedo (bisavô do compositor Noel Rosa). Formado em medicina em 1850, Fortunato muda-se do Rio de Janeiro para Cantagalo, cidade próxima a Nova Friburgo.

Esta sociedade buscava a criação de um “Instituto *Hydroteraphico*” e de um hotel em Nova Friburgo, pois Eboli era muito preocupado com as questões da medicina hidroterápica<sup>60</sup> e com as questões de saneamento e higiene pública da cidade. Além disso, ele vivenciava o auge das discussões de higiene pública debatidos na Europa e na Academia Imperial de Medicina.

---

<sup>59</sup> FILHO, Lycurgo Santos. *História da Medicina no Brasil: Do século XVI ao século XIX*. São Paulo: Editora Brasiliense LTDA, 1947. v. 3. (Coleção Grandes Estudos Brasileiros)

<sup>60</sup> A hidroterapia é o uso da água na prevenção e tratamento de doenças. Ela é um método tradicional de tratamento que vem sendo usado por diferentes culturas há muitos séculos, principalmente por romanos, chineses, japoneses, egípcios e hebreus. Johann S. Hahn (1696-1773), é considerado por muitos, o pai da hidroterapia moderna por tratar muitos de seus pacientes utilizando e aperfeiçoando esta técnica.



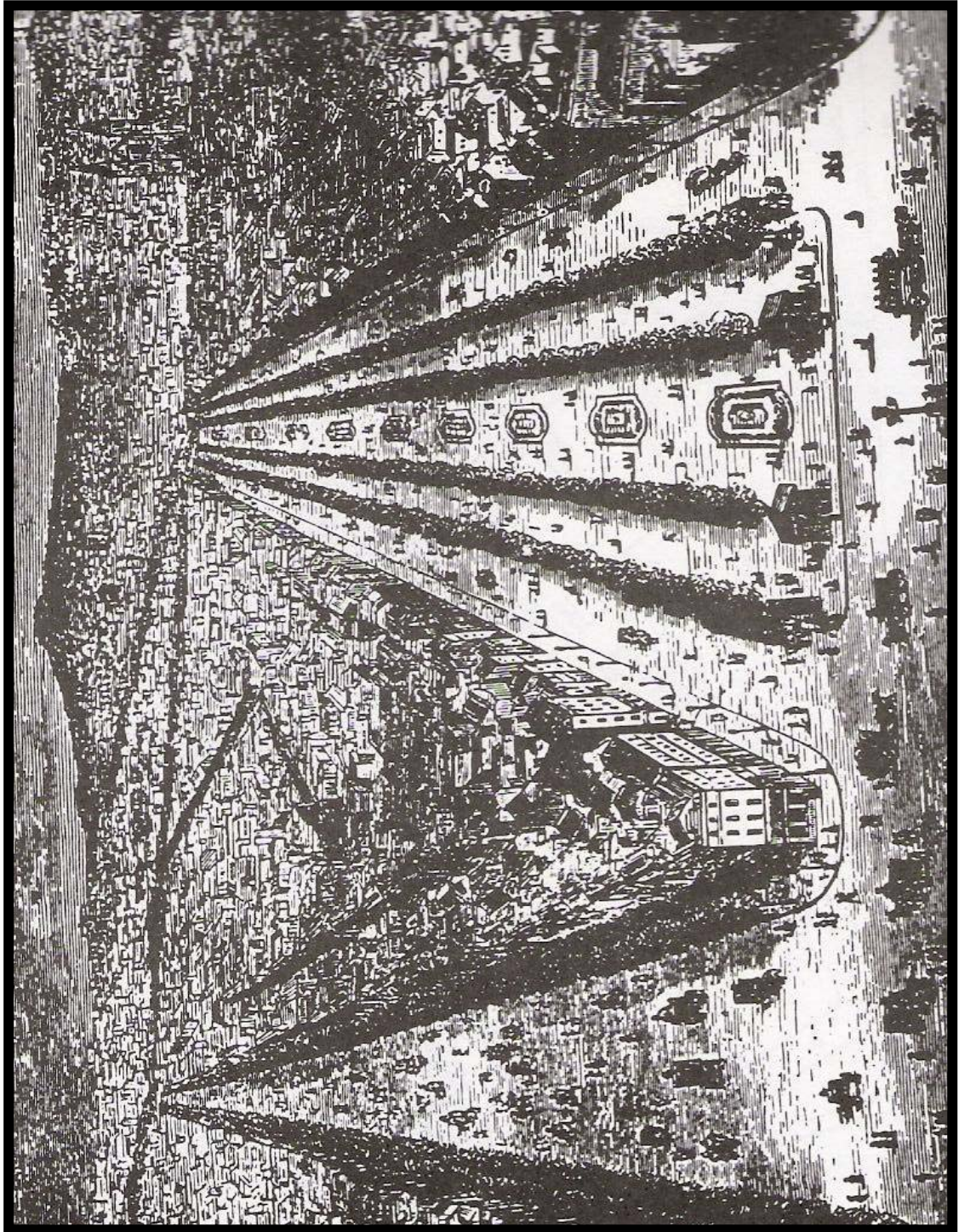


Figura 35: Boulevard Richard-Lenoir de 1863, que foi realizado durante a reforma de Haussmann em Paris, pelos arquitetos Belgrand e Davioud. Observar mais a frente no capítulo sobre o projeto de Glaziou a semelhança com a Praça Princesa Izabel.  
Fonte: Benévolo, 2005.

No Rio de Janeiro do século XIX, as epidemias foram se sucedendo a partir de 1849, surgindo assim uma discussão incessante sobre as possíveis causas e curas dessas doenças, ganhando cada vez mais espaço e ultrapassando os meios acadêmicos, da Faculdade de Medicina e da Junta de Higiene para a esfera pública. O tema era discutido por médicos, engenheiros e por membros do governo.

Nessa sociedade preocupada com as questões médicas higienistas, surgiu em 1832 a Sociedade de Medicina, posteriormente Academia Imperial de Medicina. Ela possuía o monopólio das questões de saúde, atuando também como órgão repressivo, onde era de sua alçada dar pareceres sobre o aparecimento de possíveis doenças. Com a ineficiência da Academia, a Comissão de Saúde Pública juntou-se com uma Comissão de Engenheiros, tornando cada vez maiores os discursos em prol da higiene pública, e passando-os de médicos e higienistas para os engenheiros. Assim, a cada proposta ou regulamento da nova Comissão de Higiene, era enfraquecida a Academia no discurso higienista. Nesse momento, percebemos com clareza o entrelaçamento do discurso médico com o político, às vezes elaborados por médicos envolvidos na própria política, como era o caso de Carlos Eboli, já vereador em Nova Friburgo.

Em abril de 1871, Carlos Eboli envia para análise da Imperial Academia de Medicina uma memória sobre a hidroterapia, para obter o título de membro correspondente, cargo de alto valor, sendo a única possibilidade a um médico residente em outra cidade. No mesmo trabalho o médico relator José Pereira Rego Filho, conclui após um resumo e análise, que Carlos Eboli mostrou “erudição bastante e títulos de aptidão para pertencer á nossa corporação e em condições legítimas de figurar no numero de nossos membros correspondentes”.

Em julho do mesmo ano, a Academia em sessão geral, atende o pedido de Carlos Eboli. Vejamos a transcrição da resposta:

Aberta a sessão, é lida e aprovada a acta da sessão de 19 de Junho p. p.; e passa-se á leitura do expediente que é o seguinte:

1.º Aviso de S. Ex. o Sr. Ministro dos negócios do Império communicando, em data de 17 de Junho p. p., que sua Sua Alteza Imperial a Regente do Império houve por bem approvar a nomeação do Dr. Carlos Eboli, residente em Nova Friburgo, para membro correspondente da Academia. Fica a Academia inteirada<sup>61</sup>.

Ainda na mesma sessão é lido pelo médico Costa Ferraz o discurso de inauguração do Instituto *Hydrotherapico* de Carlos Eboli em Nova Friburgo, o qual segundo o texto “foi recebido com agrado”. O discurso começa com um agradecimento a Academia Imperial de Medicina e percorre um breve histórico de sua trajetória, na pesquisa sobre a hidroterapia e sua associação com o médico Fortunato Correa de Azevedo, com o intuito da construção do Instituto. Termina falando sobre a escolha de Nova Friburgo, do seu clima e as características técnicas do Instituto.

A criação do Instituto *Hydrotherapico* estava automaticamente ligada à criação do Hotel Central, o qual era o prédio principal, tendo como anexo o Instituto. A primeira descrição que encontramos sobre o complexo hoteleiro-médico de Eboli, foi no Formulário e Guia Médico de Chernoviz, obra médica que transcrevia o uso de medicamentos e tratamentos médicos, ou seja, um almanaque de medicina. Ali havia uma espécie de propaganda dentro do verbete *Hydrotherapia*, contendo uma vasta descrição do edifício do Instituto e das características climáticas de Nova Friburgo. Vejamos um trecho da descrição:

---

<sup>61</sup> COSTA FERRAZ. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, nº 2, TOMO XXIII, dezembro de 1871.

O Estabelecimento de Nova Friburgo é um vasto edifício cuja fachada principal á rua general Câmara mede 97 metros e a lateral, à rua 2 de Janeiro, 69 metros.

N'esta ultima é que está a casa dos aparelhos hydrotherapicos com 35 metros 20 cent. de comprimento e 9 metros 90 cent. de largura, ladeada de dois grandes portões de ferro dando acesso fácil á espaçosa varanda que circumda internamente todas as construções. Compreende duas salas de recepção, dois consultórios, dez quartos vestiários, dois water closet, um mictorio e em bidet sendo de um lado exclusivamente para senhoras e do outro para homens. No centro fica uma grande sala no meio da qual se acha a tribuna para a administração das duchas e lateralmente oito quartos contendo os mais modernos aparelhos hydrotherapicos, providos de água em todas as temperaturas<sup>62</sup>.

Outra descrição do Instituto Hydrotherapico em Nova Friburgo (Figuras 36 e 37) foi a que o médico José Pereira Rego Filho, da Academia Imperial de Medicina, em 23 de novembro de 1874, elaborou para servir de resposta ao parecer sobre a pretensão de Carlos Eboli e Fortunato Correa de Azevedo em criar na cidade do Rio de Janeiro um Instituto *Hydrotherapico* Normal.

A partir da análise de todos esses dados pesquisados, percebemos a relação existente entre a medicina higienista de Carlos Eboli, de seu trabalho realizado em Nova Friburgo no campo da hidroterapia, com a criação da Praça Princesa Izabel e o uso da espécie *Eucalyptus robusta*. Para ele, a criação de uma praça elaborada por Glaziou no centro da cidade, distando apenas 150 metros de seu Instituto *Hydrotherapico*, significava o ato máximo de um vereador (membro da Comissão de Obras Públicas) e médico sanitaria, disposto a melhorar as condições de uma área alagadiça, saneando-a e ao mesmo tempo, criando um espaço de convívio para a cidade, que atendesse o seu interesse como dono de um hotel, um dos maiores de Nova Friburgo.

---

<sup>62</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e guia médico*. 19 ed. Paris: André Blot, 1927.

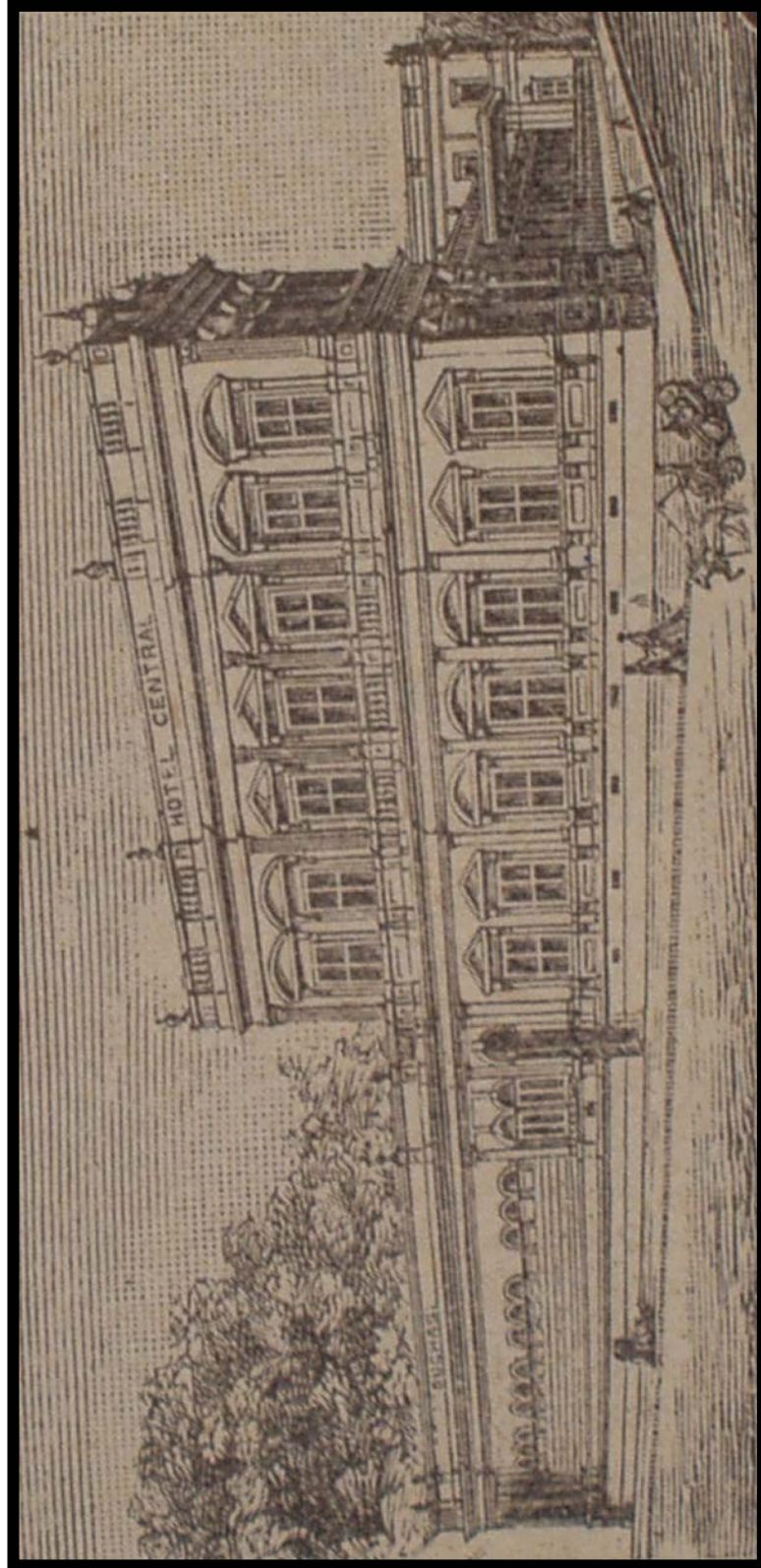


Figura 36: Instituto Hydrotherapico e Hotel Central de Carlos Eboli em Nova Friburgo.  
Fonte: Chernoviz, 1927.



Figura 37: Instituto Hydrotherapico de Carlos Eboli em Nova Friburgo, hoje Colégio Nossa Senhora das Dores.  
Fonte: Fotografia do autor.

Os turistas que se dirigiam a Nova Friburgo, queriam um local representado socialmente como necessário ao tipo de tratamento exigido pelas doenças comuns no século XIX, como a tuberculose e febre amarela, onde os elementos como os “ares”, as “águas”, estão sempre identificados com a paisagem, com a natureza. O movimento do turismo nas cidades balneárias no século XIX surgiram, como uma confirmação das propostas higienistas, que apresentavam a oposição entre a cura e a profilaxia como elementos que modificariam os hábitos de vida, principalmente da população de baixa renda.

Os banhos hidroterápicos e termais, somados a uma viagem até as montanhas era o tratamento mais adequado. A representação da paisagem natural como lugar de tratamento é fortalecido com a idéia de “cura climática”, onde a qualidade do ar e do clima são partes integrantes do tratamento (Figuras 38 e 39).

As paisagens das cidades balneárias exerciam um grande papel na constituição de uma natureza salutar. Favorecendo os interesses turísticos, pois a construção de um estabelecimento hidroterápico em Nova Friburgo por Carlos Eboli e a criação da Praça Princesa Izabel, constituíam elementos que perpetuavam a construção social de Nova Friburgo como cidade balneária, que atrairia o turista em busca de um ambiente de saúde.

Lembramos que a palavra francesa *tour*, raiz do atual conceito de turismo, provém do substantivo latino *tornus* (“volta”) ou do verbo *tornare* (“voltar”). Inicialmente significava “movimento circular” e com o tempo passou a designar também “viagem de recreio, excursão”. O termo francês *tourisme* (1643) disseminou-se nos mais diversos idiomas, como se vê no vocábulo inglês *tourism* (1811). Na própria etimologia da palavra “turismo” está refletida a evolução da

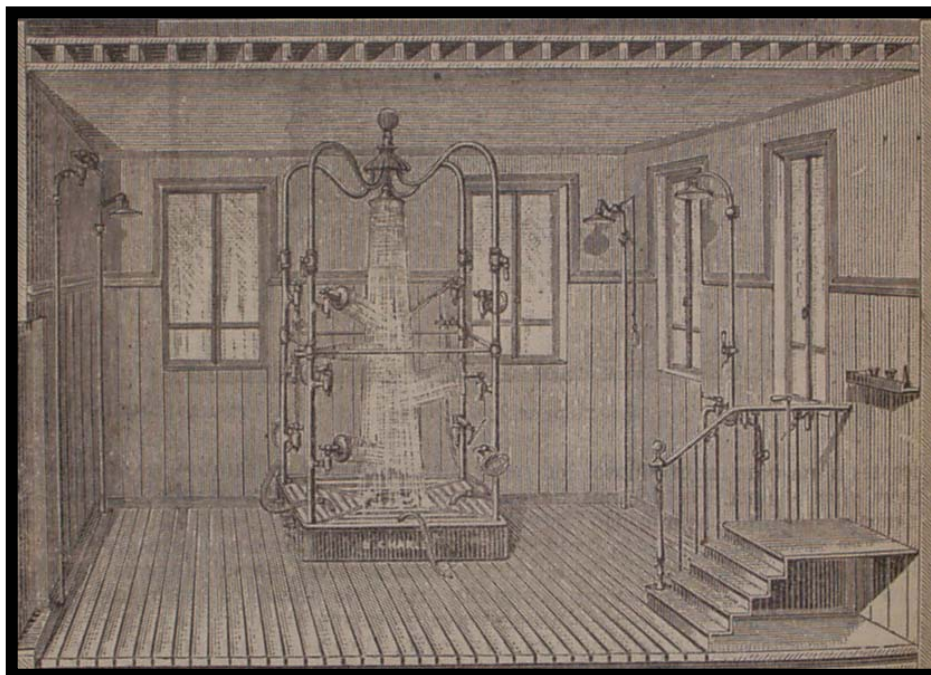


Figura 38: Sala de duchas do Instituto Hydrotherapico.  
Fonte: Chernoviz, 1927.

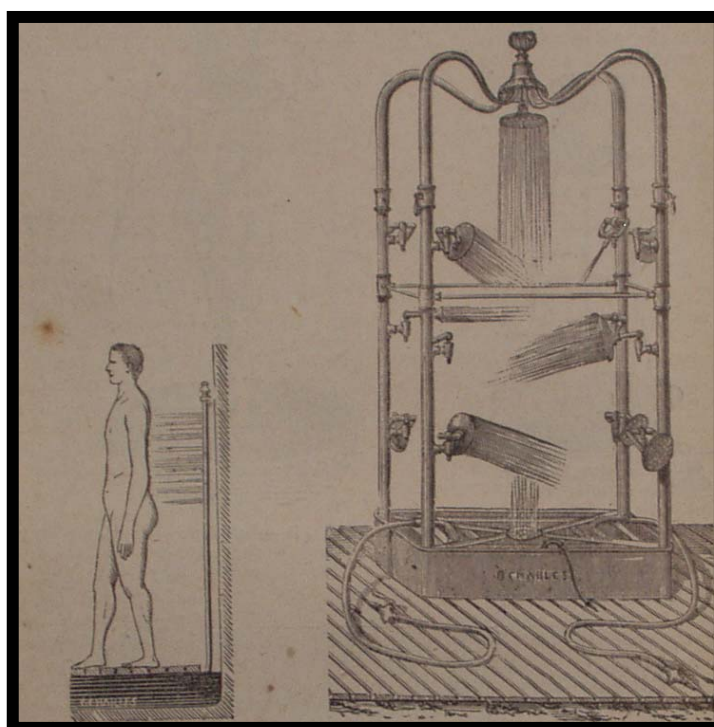


Figura 39: Ducha dorsal e aparelho para duchas verticais e laterais.  
Fonte: Chernoviz, 1927.



atividade. Seu primeiro registro em português, no século XX, já designava bem mais do que “uma viagem de ida e volta”<sup>63</sup>.

Também o termo “hospitalidade” teve origem no Império Romano. A palavra *hospitium* designava o local em que era possível conseguir, durante as viagens, instalações em caráter temporário para alimentação e repouso. *Hospitale* e *hospitalicum* eram outras expressões romanas que designavam casa para hóspedes (*hospes, hospitus*). As palavras “hospital” e “hospitalidade” têm muito em comum. Hospital vem da palavra latina *hospes*, que no inglês derivou para *host* e tem o sentido de hospedar. A palavra *hospes* logo derivou para *hospitalitas*, que no francês se transformou em *hospitalité* que é um atributo daquele que trata bem seus hóspedes.

Na Idade Média um hospital era uma casa onde os peregrinos e viajantes permaneciam temporariamente. Vindos de longas jornadas, além de cansados, muitas vezes esses hóspedes estavam mal nutridos e doentes. No hospital medieval eles tomavam banho, recebiam comida e outros cuidados e se entretinham por algum tempo, até estarem em boas condições de saúde para partirem para a próxima viagem. Só então se passou a falar em hotéis, palavra que chegou às ruas na voz dos estrangeiros que os procuravam, ainda sem sucesso. Sendo um galicismo (do francês *hôtel*), o vocábulo ainda não se fazia presente na edição de 1813 do Dicionário da língua portuguesa, de Antônio de Moraes e Silva<sup>64</sup>, o primeiro dicionarista brasileiro. Mas logo as casas de hospedagem dos mais variados níveis, das estalagens às pensões, passavam a usar a nova denominação, que lhes conferia mais prestígio.

---

<sup>63</sup> CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

<sup>64</sup> SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionario da Língua Portuguesa* (1813). Lisboa Lacerdina, 1813. Rio de Janeiro: Oficina da S.A. Lith-Typgraphica Fuminense, 1922, fac-simile da 2ª ed. (1813).

Na rota da evolução empreendida pelo Turismo nos séculos anteriores, intensificaram-se no século XIX as viagens em busca de cultura e recreação. Nesse período houve um contínuo processo de massificação do turismo. A evolução dos meios de transporte tornou as viagens mais acessíveis para outros segmentos da população que não a nobreza.

Os trens eram sinônimo de rapidez e elemento facilitador da atividade turística. Os navios exerciam verdadeira atração sobre a população. Surge a classe média, com salários melhores e maior possibilidade de gastos com entretenimento [...] <sup>65</sup>.

Ao final do século XIX e início do século XX aparece uma nova clientela, não necessariamente de enfermos, mas de pessoas que buscam novas formas de veraneio, graças à melhora dos meios ferroviários que unem cidades como Rio de Janeiro a Nova Friburgo e a modernização das instalações hidroterápicas.

Homens como Carlos Eboli e Fortunato Correa de Azevedo montam o Instituto acoplado a um hotel e com um conjunto de atividades atrativas, como passeios no jardim ao fundo do Instituto, salas especiais para diversos usos e a própria criação da Praça Princesa Izabel, tudo para propiciar mais qualidade de higiene aos que freqüentam Nova Friburgo e ao tratamento hidroterápico. Vejamos outro trecho do Formulário e Guia Médico de Chernoviz:

Contém commodos para 180 hóspedes alem de salas especiaes para visitas, musica, leitura, jogos lícitos, bilhares, fumantes, etc.  
É todo illuminado á luz electrica e tem ao fundo jardim, alamedas, parque etc., que proporcionam commodos passeios ao ar livre <sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> BADARÓ, Rui Aurélio de Lacerda. *O Direito do Turismo através da história e sua evolução*. São Paulo: [s.n.], 2005.

<sup>66</sup> CHERNOVIZ, *opus citatum*.

Nesse momento através da propaganda no Formulário e Guia Médico de Chernoviz, surge as primeiras intenções de promoção pública da atividade que podemos chamar de “balneária” e de criação de uma cidade voltada para o turismo, buscando atrair os turistas que freqüentam Petrópolis e Teresópolis para Nova Friburgo. O turismo balnear que Eboli propõe é destinado à visitaçao do seu estabelecimento apropriado ao banho, e com finalidade terapêutica. Onde o turista poderá usufruir o clima da cidade, do hotel e da nova praça no centro.

O 2º Barão de Nova Friburgo, em 17 de maio de 1880, estabeleceu as condições da incumbência a ele solicitada e respondeu à Câmara, segundo a transcrição de Arthur Guimarães, que aceitava a gerência das obras, desde que a Câmara aceitasse algumas condições, que para ele eram convenientes a fim de atingir os objetivos de dotar o município com esse melhoramento. Entre as exigências principais estavam as de que Glaziou assumisse a direção completa e absoluta desses trabalhos, aos quais prestaria gratuitamente, tendo o próprio Barão por intermediário entre ele e a Câmara. Fiscalizaria as obras pela forma que desejasse e empregaria o número de pessoas que fosse necessário para a execução dos trabalhos, calculando os respectivos salários.

No ano seguinte, no dia 12 de fevereiro de 1881, a Câmara pede ao cidadão João Luiz Tavares Guerra, em nome do bem público, que ele permita retirar e encanar água de seu terreno, pois o mesmo possui um córrego que tem água em quantidade e alturas suficientes para abastecer aos repuxos e os três tanques da Praça Princesa Izabel.

Seguindo as necessidades que se faziam presentes na execução da praça, a Câmara no mesmo dia comunica a Carlos Glasl, diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que atenda ao ofício do presidente do Imperial Instituto Fluminense de

Agricultura, entregando à Glaziou, ou a pessoa por ele indicada, os arbustos e plantas de ornamentação solicitadas para o projeto da Praça Princesa Izabel.

Nessa ocasião pede também ao diretor da Estrada de Ferro de Cantagalo que de acordo com o ofício do Governo Provincial, dê passagem gratuita as plantas e demais materiais destinados a execução da praça.

No mesmo dia, segundo os autos da Câmara Municipal de Nova Friburgo, Glaziou é comunicado que os pedidos das mudas foram encaminhados e que também foi providenciado o transporte até a vila.

Passado um ano, o segundo Barão de Nova Friburgo, enviou a Câmara um ofício relatando que os trabalhos já estavam quase concluídos, e que a quantia de dez contos de réis que ele havia sido autorizado a gastar estava esgotada. Pediu a Câmara que determinasse quem a partir daquele momento tomaria conta do jardim no estado em que se achava. Pediu também, a permissão de concluir e conservar o segmento que ficava em frente a sua residência, cercando-o para evitar estragos (Figura 40).

É interessante notar essa tendência de cercar e conservar os jardins públicos no século XIX, pois no Rio de Janeiro encontramos Glaziou fazendo a mesma coisa em relação ao Passeio Público e ao Campo de Santana. Vejamos o que dizia no Jornal do Comércio de 07 de setembro de 1880, sobre a inauguração do Campo de Santana, mostrando o horário de fechamento do jardim e a quem pertencia a obra:

[...] ficará à disposição do público este jardim, que conservará abertas as portas até as nove horas da noite.

Ahi fica, pois, o público do Rio de Janeiro de posse de um magnífico logradouro de que tanto carecia para seu recreio e hygiene, e bom será que à vista dos custosos sacrifícios que este jardim impôs aos cofres da nação, o nosso público ordeiro e bem intencionado como é zele essa propriedade nacional, como se ella pertencesse a cada um em separado<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> CAMPO DE SANTANA, *opus citatum*.

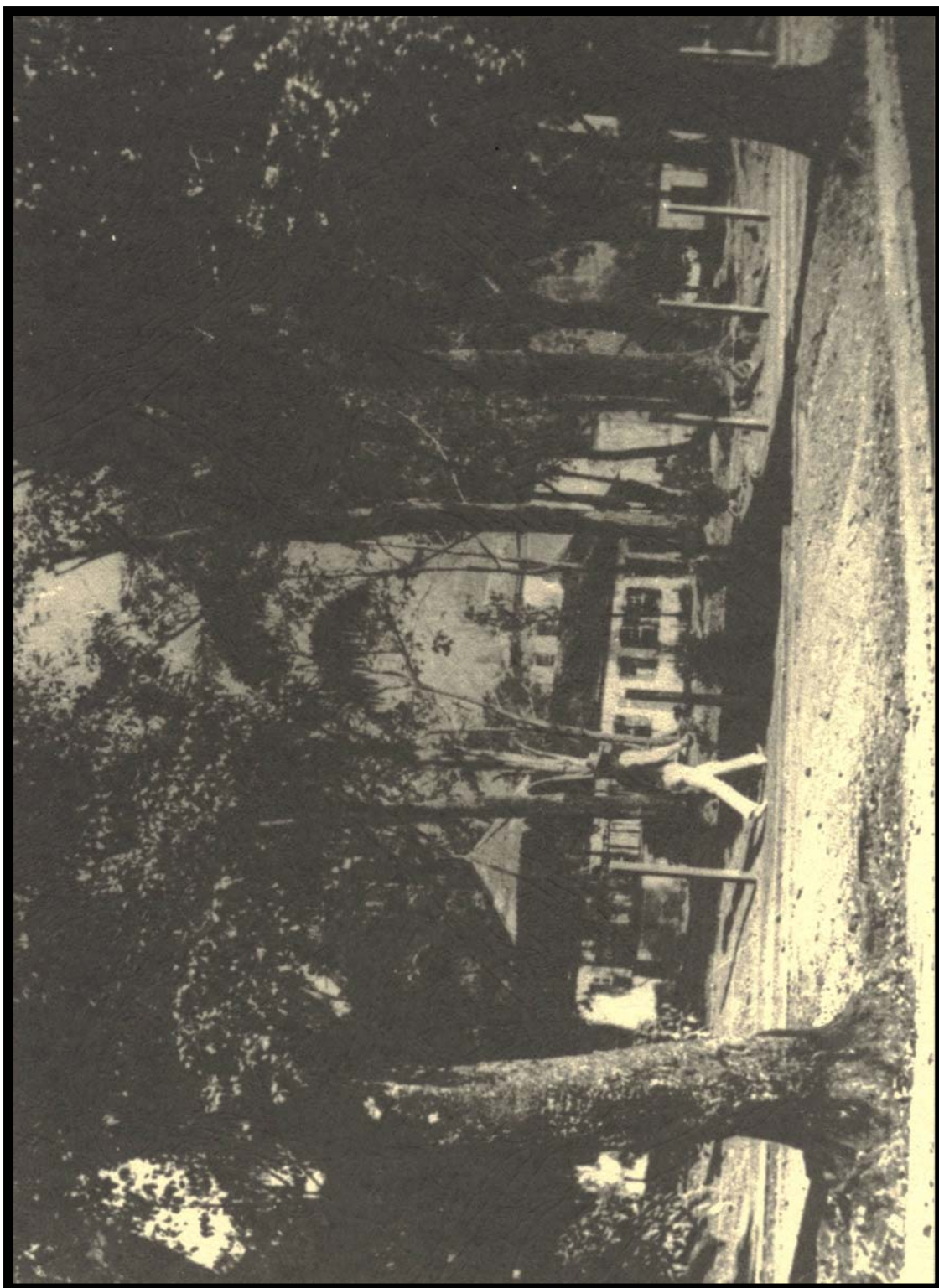


Figura 40: Praça Princesa Izabel cercada, por volta de 1900.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

O horário de fechamento dos jardins também é discutido pelo repórter K. Brito da Revista *Illustrada* de Ângelo Agostini, onde diz que os jardins públicos do Rio de Janeiro tem usos que devem ser mudados. A reportagem é de 28 de maio de 1881:

Mas já que o ministro está tão bem disposto, porque não lhe pede a câmara que ceda os jardins públicos ao publico?  
Fallo do Jardim da rua do Passeio, do Campo de Sant'Anna, que até hoje são monopolio exclusivo do Sr. Glaziou. Um fecha se às nove horas, porque o Sr. Glaziou assim o entende, outro ás dez porque o Sr. Glaziou quer dormir, e não quer movimento de transeuntes ao redor do seu chalet. Em toda a parte do mundo, os jardins públicos ou estão sempre francos, ou só se fecham â hora em que razoavelmente cada um deve estar repousando nos braço de Morpheu. Ora, as fluminenses não são como as ouropretanas que se deitam com as gallinhas, porque pois o Sr Glaziou prival-as d'um passeio agradável e hygienico, fechando os seus jardins tão cedo<sup>68</sup>.

Voltando a Nova Friburgo, verificamos que o 2º Barão de Nova Friburgo, através de seu relato, também mostrou o estado dos dois outros segmentos do jardim, que se encontravam quase prontos, faltando na parte central, cimentar o tanque, e na parte norte fazer a alvenaria do revestimento do tanque e a regularização da respectiva cava. Para concluir, declara a sua desistência da quantia de dez contos de réis, por ele investida, em prol do município. Agradeceu a Glaziou pelo projeto e a direção das obras e a Carlos Engert pela direção técnica e fiscalização das mesmas.

O mesmo interesse ligado à hotelaria irá conduzir Carlos Engert por igual caminho de Eboli, pois ele possuía em Nova Friburgo o Hotel Engert, fundado em 1885, localizando-se aproximadamente a 250 metros da praça. Ele também adquiriu o Hotel Leuenroth (que pertencia a Dutra & Carneiro) e o restaurante da estação de trens de Nova Friburgo.

---

<sup>68</sup> AGOSTINI, Angelo. *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, nº 249, ano 6, 28/maio/1881.

A trajetória de Engert no ramo hoteleiro surge quando por volta de 1883, arrenda o Hotel Central de Carlos Eboli, para logo a seguir ser o maior proprietário do ramo em Nova Friburgo (Figuras 41, 42, 43 e 44). E em todos os hotéis de Engert podemos verificar que os jardins são partes integrantes das construções. Havia uma preocupação com o lazer ao ar livre e com a proximidade com a natureza. Baseado neste mesmo pensamento ele buscava também a melhoria do centro da cidade, pois se encontrava ali o centro social de Nova Friburgo que atraía os turistas à cidade. Ao colaborar, assumindo a parte de execução e fiscalização das obras, abre caminho para se tornar futuramente vereador da cidade.

O mais curioso foi verificar em uma propaganda do Hotel Engert no Álbum de Nova Friburgo<sup>69</sup>, que o hotel também possuía uma “secção de banhos para o uso dos Snrs. Hospedes, obedecendo a todos os princípios da hydrotherapia moderna”. Assim verificamos a tentativa de transformar a cidade em uma cidade que possuísse hotéis que atendessem a uma demanda do turismo balnear.

Encravada num vale, cuja paisagem com encostas íngreme e cortada pelo Rio Bengalas, Nova Friburgo tentava atingir com a criação da Praça Princesa Izabel e com a sua rede hoteleira, o potencial de cidade balneária, de cidade salutar. A ferrovia permitia uma maior circulação de turistas pela Vila buscando o clima ameno, fugir do calor e da febre amarela, que assolava a população do Rio de Janeiro. Assim crescia a quantidade de hotéis, pensões e casas de veraneio.

---

<sup>69</sup> POMPEU, Júlio (Dir.). *Álbum de Nova Friburgo*. Petrópolis, Officinas Graphicas L. Silva & C, 1919.

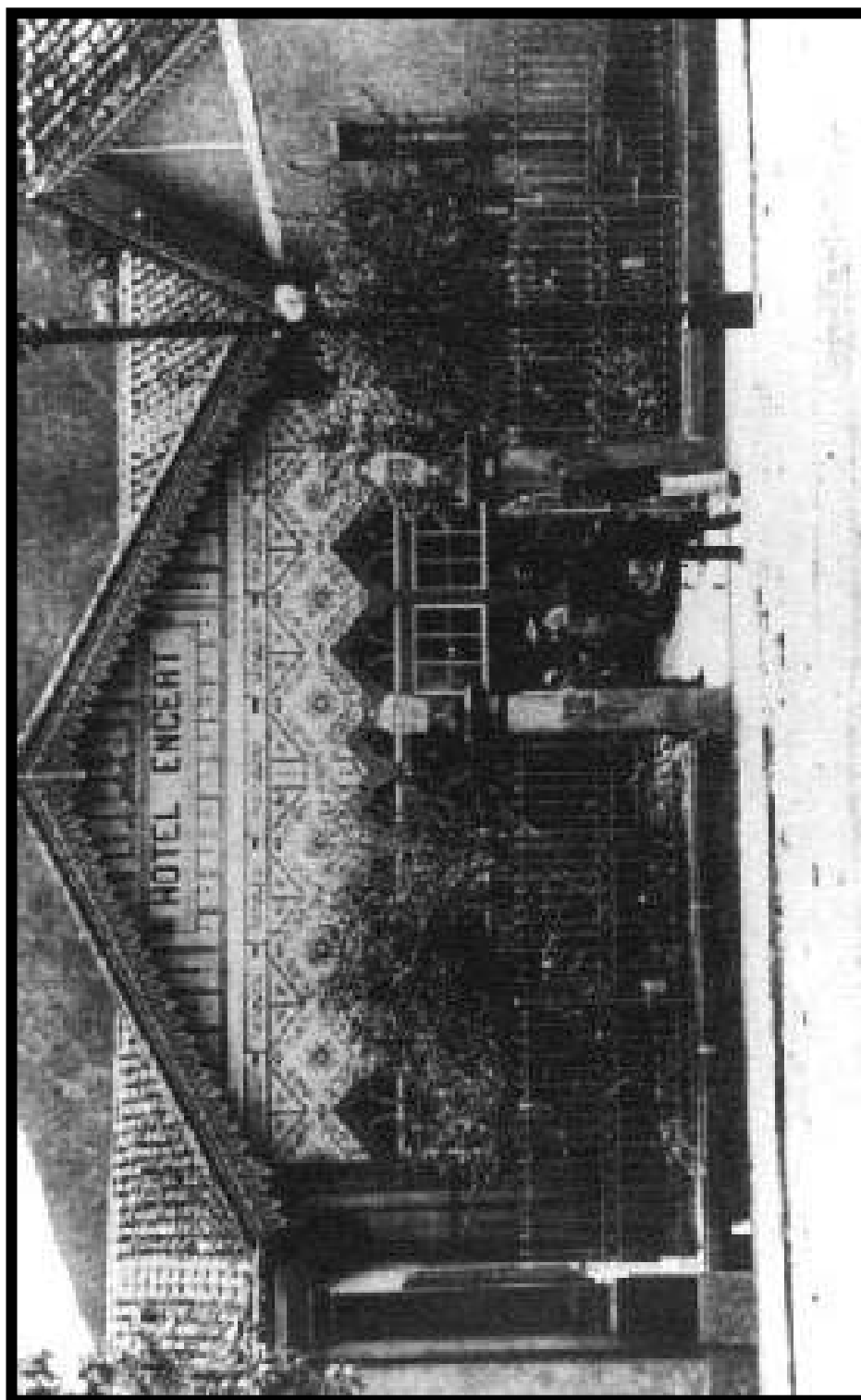


Figura 41: Hotel Engert, fachada do chalé tirolês.  
Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.



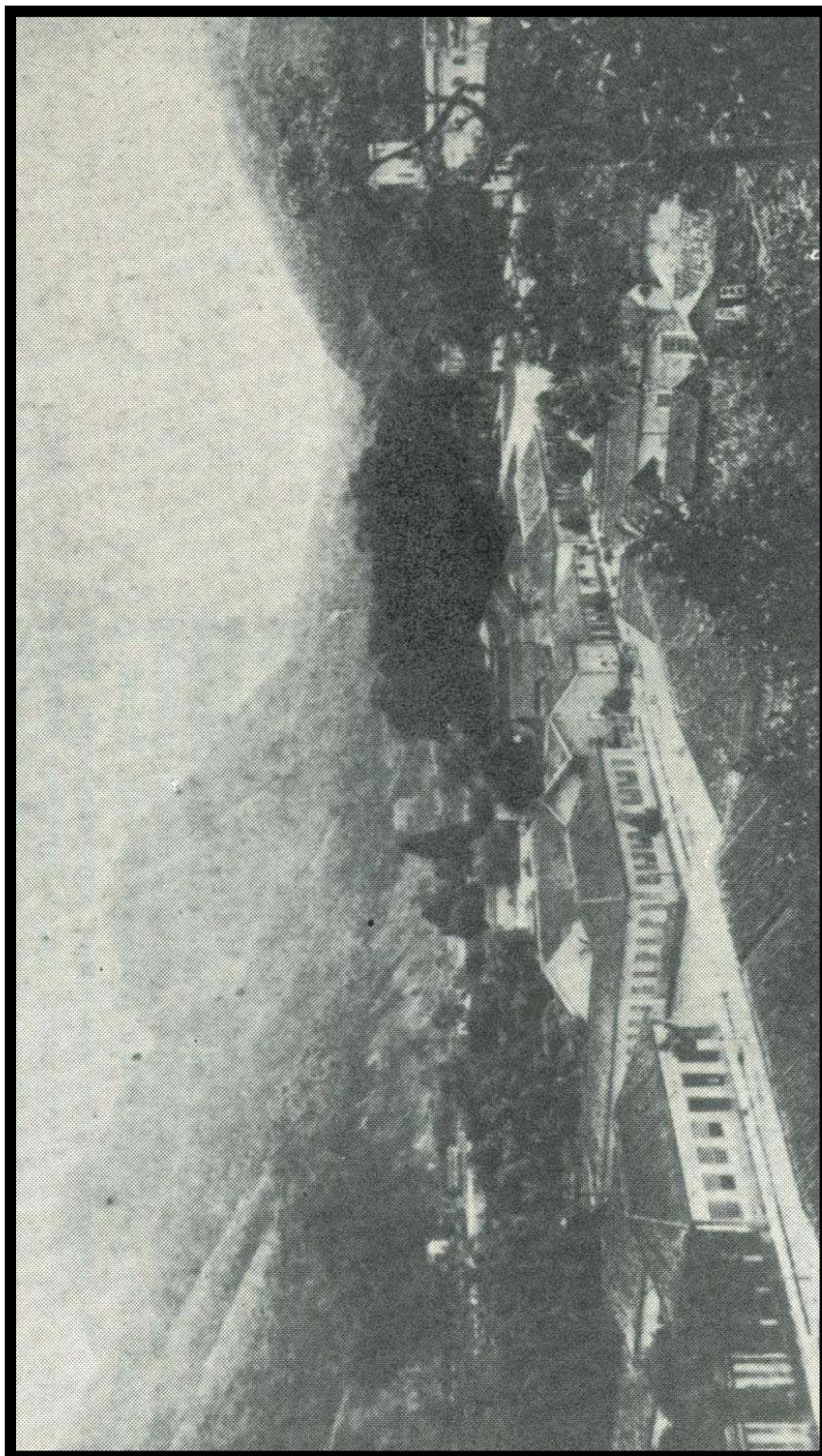


Figura 42: No centro da fotografia o Hotel Engert no final do século XIX, com o seu chalé tirolês e dois prédios laterais. Observar o grande bosque do jardim ao fundo das edificações.  
Fonte: Fisher, 1986.

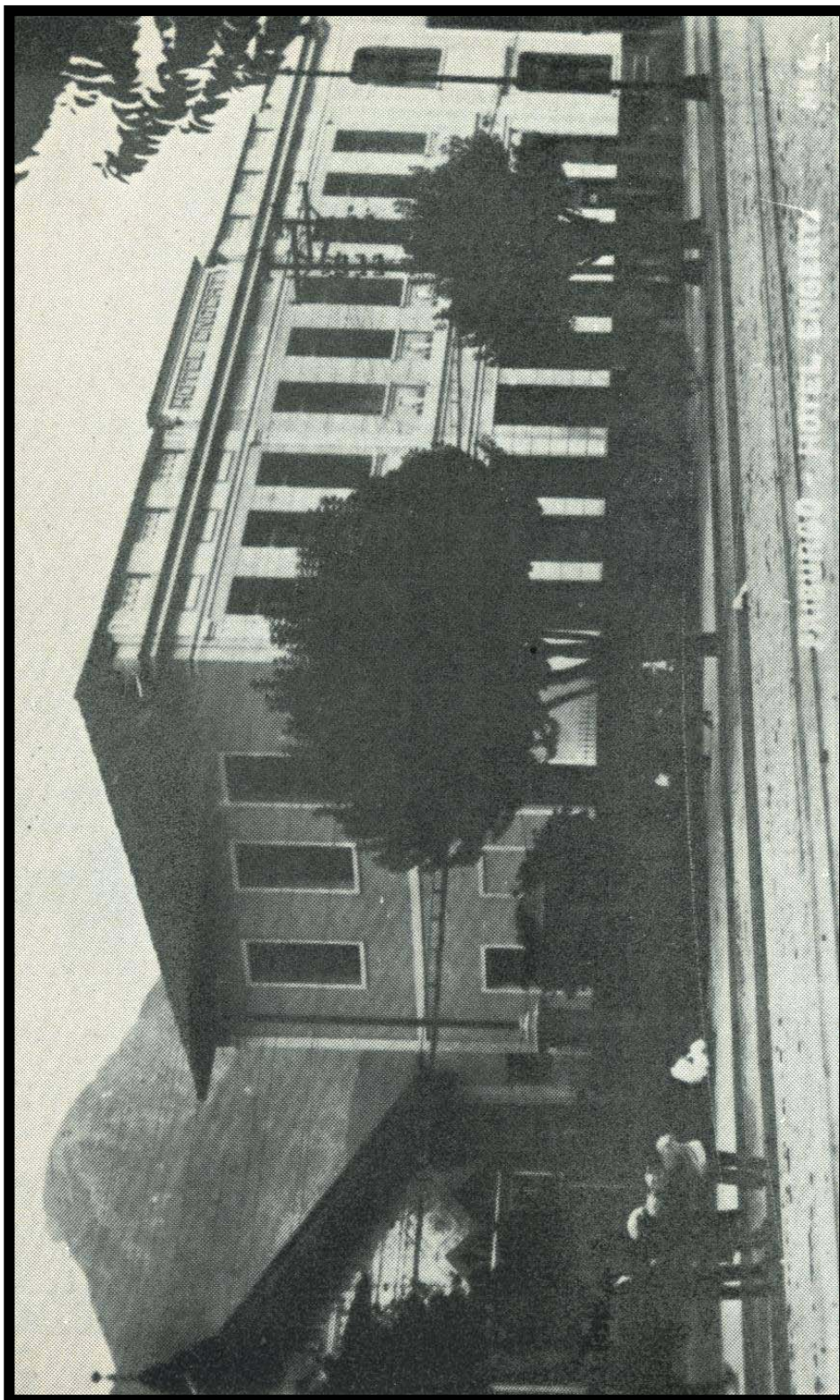


Figura 43: Prédio lateral do Hotel Engert, construído já no século XX.  
Fonte: Fischer, 1986.

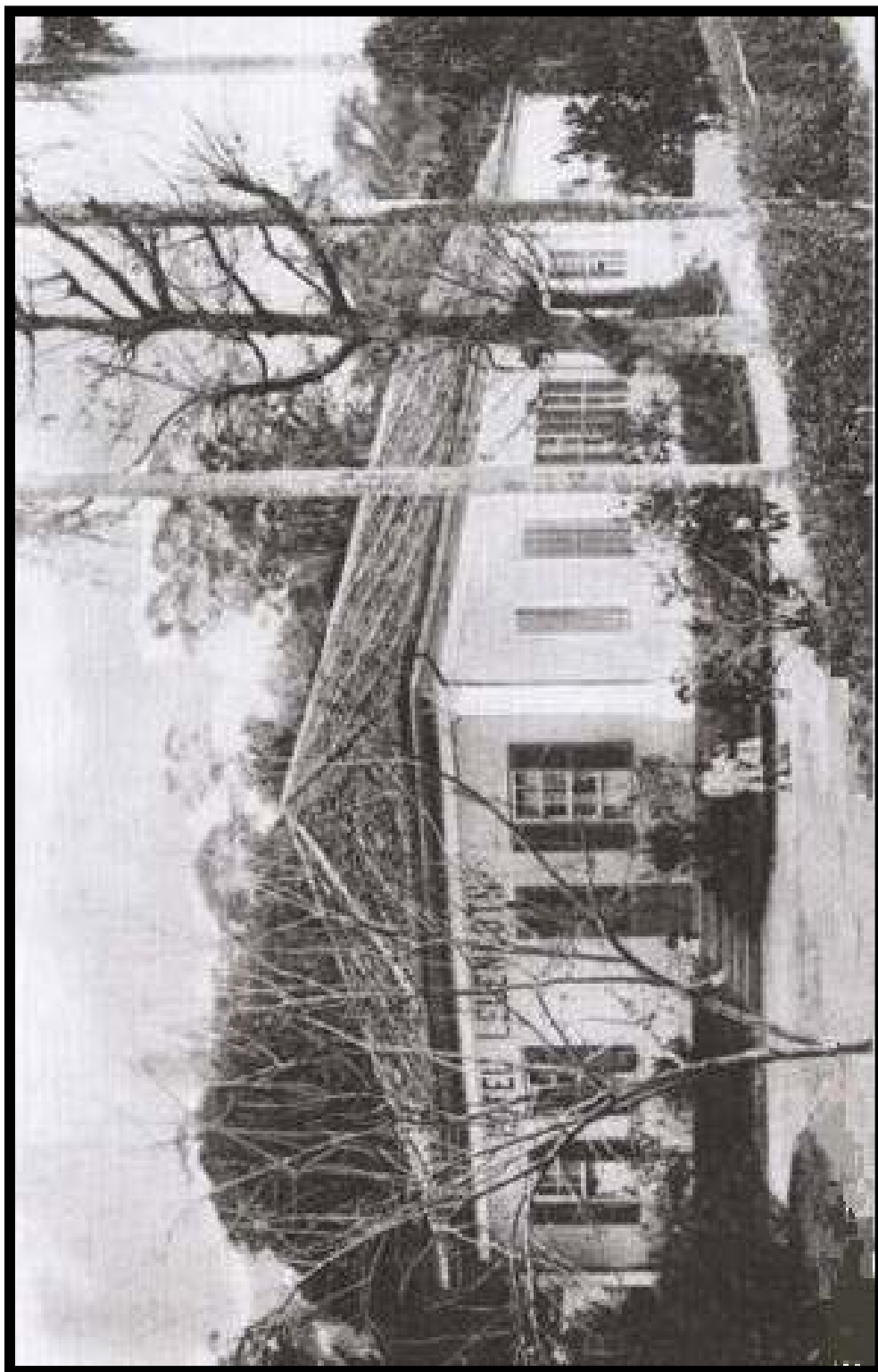
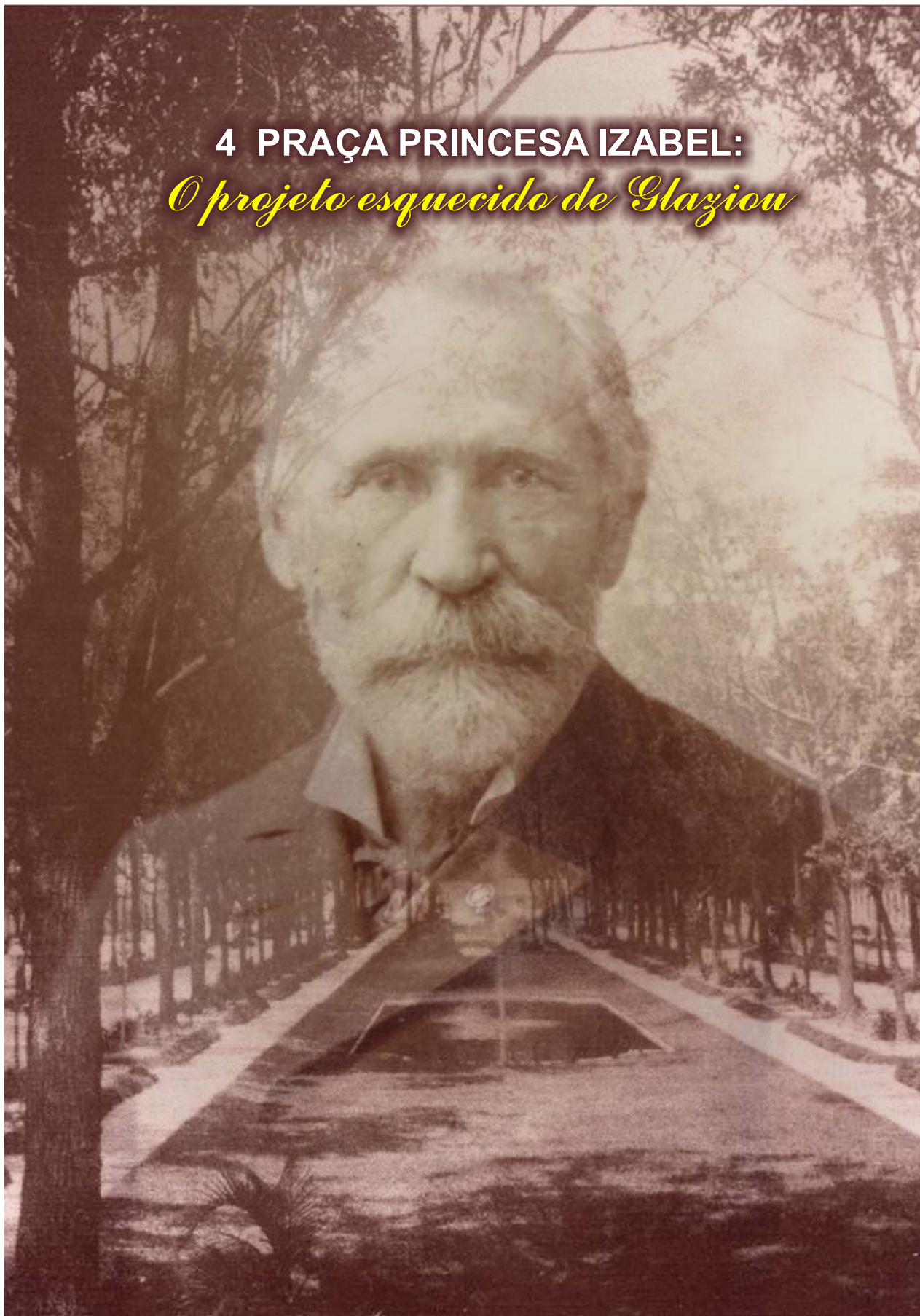


Figura 44: Hotel Leuenroth que foi comprado por Carlos Engert. Este hotel possuía um grande jardim ao fundo, nas laterais e a frente do edifício.  
Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.

**4 PRAÇA PRINCESA IZABEL:**  
*O projeto esquecido de Glaziou*



## 4.1 O projeto de Glaziou

Ao analisarmos a praça *in loco* sem antes ter visto qualquer imagem, sejam mapas ou fotografias da mesma, onde poderíamos ver o traçado original de Glaziou, nos deparamos com os renques de eucaliptos formando duas grandes avenidas e mais nada. O que restou nos mostra somente uma tendência a uma fuga dos preceitos do jardim romântico tão explorado por Glaziou em seus outros projetos.

A partir dessas primeiras observações, chegamos a conclusão que o projeto de Glaziou para a praça Princesa Izabel, para ser corretamente estudado neste trabalho, necessitava de uma reconstituição, visto que a planta original da praça nunca foi encontrada. A base para a visualização deste projeto está na Planta da Vila de Nova Friburgo, realizada pela turma de Engenheiros Civis da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sob a orientação de Paulo de Frontin, datada de 1884 (Figura 45 – ver também Anexo 2).

Nesta planta verifica-se que a praça foi totalmente construída, e o seu traçado original foi mantido até provavelmente a década de 1890. Somadas a estas informações estão as fotos da praça e medições realizadas para definir os locais de plantio dos eucaliptos. A sobreposição com a planta da atual praça definiu com uma certa precisão o projeto original. Glaziou que se orientava aos moldes românticos de sua época realizou um projeto que, em linhas gerais, enquadra-se nos moldes dos jardins franceses do século XVII.

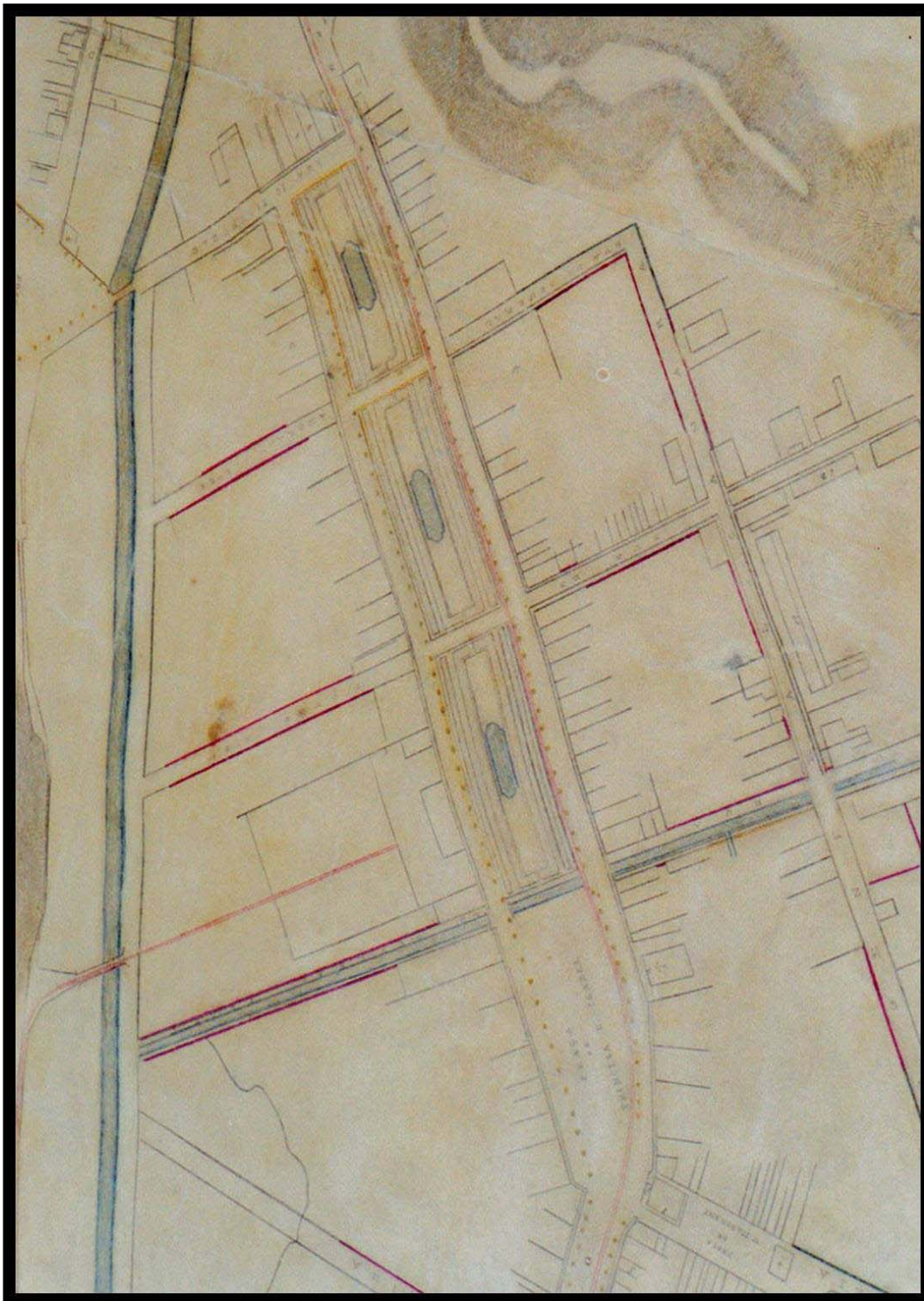


Figura 45: Detalhe da Praça Princesa Izabel na planta da Vila de Nova Friburgo realizado pela turma de Engenheiros Cíveis da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sob a orientação de Paulo de Frontin. Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.

A partir dessa primeira análise foi construída, para uma melhor visualização e entendimento do projeto de Glaziou, uma simulação espacial urbana em meio digital – maquete eletrônica.

O interesse dos modelos tridimensionais para o historiador, para o urbanista não se concentra apenas na navegação pelo ambiente virtual, mas, com base no conhecimento científico e experiência que lhe são próprios, percorrer o espaço ao longo do tempo, vislumbrando diferentes hipóteses construtivas e compreendendo melhor o monumento e a paisagem ao seu redor.

Nos nossos dias, o registro tradicional não digital da história, do patrimônio tem sido feito recorrendo a fotografias, filmes, desenhos, levantamentos arquitetônicos e documentos escritos. No entanto, este suporte não é suficiente, uma vez que, por um lado, se degrada ou fica irremediavelmente destruído com relativa facilidade e, por outro lado, não facilita a interpretação espacial e temporal que os especialistas procuram. O recurso a técnicas digitais abriu novos horizontes e possibilidades<sup>70</sup>.

A partir da elaboração de um registro tradicional, baseado em análises de mapas, fotografias e documentação escrita, obtemos um protótipo da praça e da cidade. Esse protótipo foi depois sujeito a um processo de otimização, utilizando técnicas de computação gráfica em três dimensões, que proporcionam a reprodução de materiais, de texturas e de iluminação.

O resultado obtido foi um modelo que gerou um filme, onde podemos caminhar ao longo de um labirinto de realidade virtual. Proporcionando assim a visualização do ambiente da Praça Princesa Izabel e das principais edificações a

---

<sup>70</sup> SOLOMON, Anne. *Visualising African prehistory*. Proceedings of ACM SIGGRAPH and EUROGRAPHICS Campfire on Computer Graphics and Archaeology, Salt Lake City, USA, 2000.

sua volta, onde visualizamos um cenário dinâmico em três dimensões modelado computacionalmente (Figuras 46, 47 e 48).

O filme torna-se uma excelente ferramenta de investigação para os especialistas e um ótimo ponto de partida para a criação de uma consciência pública do Patrimônio e para a democratização do saber<sup>71</sup>.

A área da praça de dezoito mil e quinhentos metros quadrados foi dividida por Glaziou em três segmentos proporcionais, cortadas por continuções das ruas que eram perpendiculares à praça, sendo que dois córregos capeados serviram como limites naturais nesta divisão. A primeira parte com cinco mil e seiscentos metros quadrados, localizava-se em frente a casa dos Clemente Pinto, começando na rua General Pedra (atualmente ruas Farinha Filho e Dante Laginestra) por onde passava um córrego que na época era aberto e estendia-se até as rua do Conde D'Eu (atualmente ruas Monsenhor Miranda e Ernesto Brasília) onde também ainda passa um córrego, sendo que este já encontrava-se canalizado em 1880. A segunda parte estendia-se do limite do segmento anterior até a rua General Andrade Neves (atualmente ruas Luiz Spinelli e Galiano das Neves) e a terceira começa do limite do segmento anterior até a rua do Riachuelo (atualmente rua Francisco Miele) (Figuras 49 e 50).

---

<sup>71</sup> MARCOS, A.; BERNARDES P.; FONTES, L.; Multimedia Kiosks and the Ancient Times: an Archaeological Reconstruction and History of Braga's Cathedral. In: *Computer graphics TOPICS*, 1999. 11v. v.5, p.21-23.





Figura 46: Vista do *Challet* dos Clemente Pinto elaborado a partir do modelo em três dimensões.  
Fonte: Elaboração do autor com a colaboração de Adilson Luiz Amaral Junior.

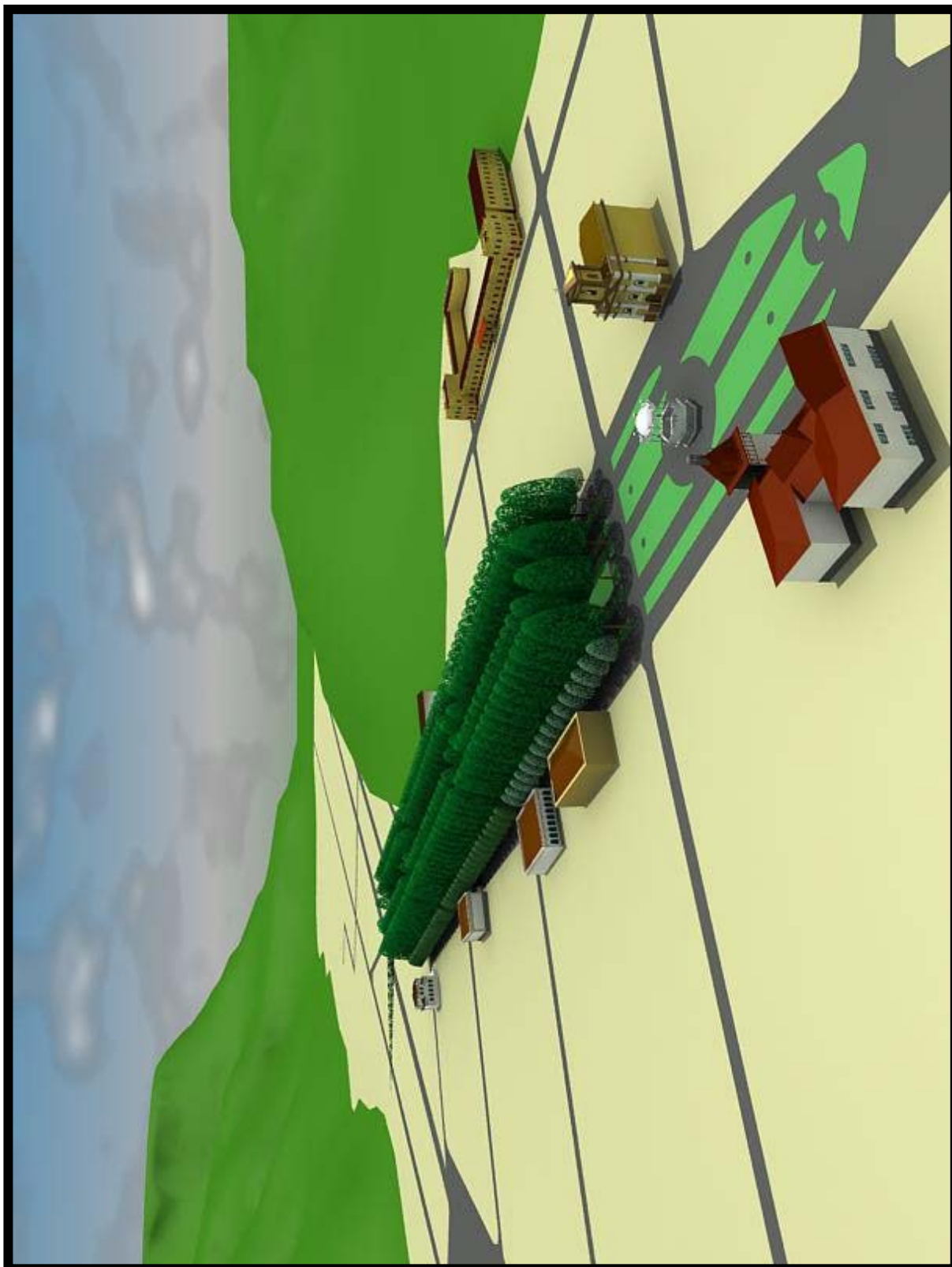


Figura 47: Vista da Praça Princesa Isabel elaborada a partir do modelo em três dimensões.  
Fonte: Elaboração do autor com a colaboração de Adilson Luiz Amaral Junior.

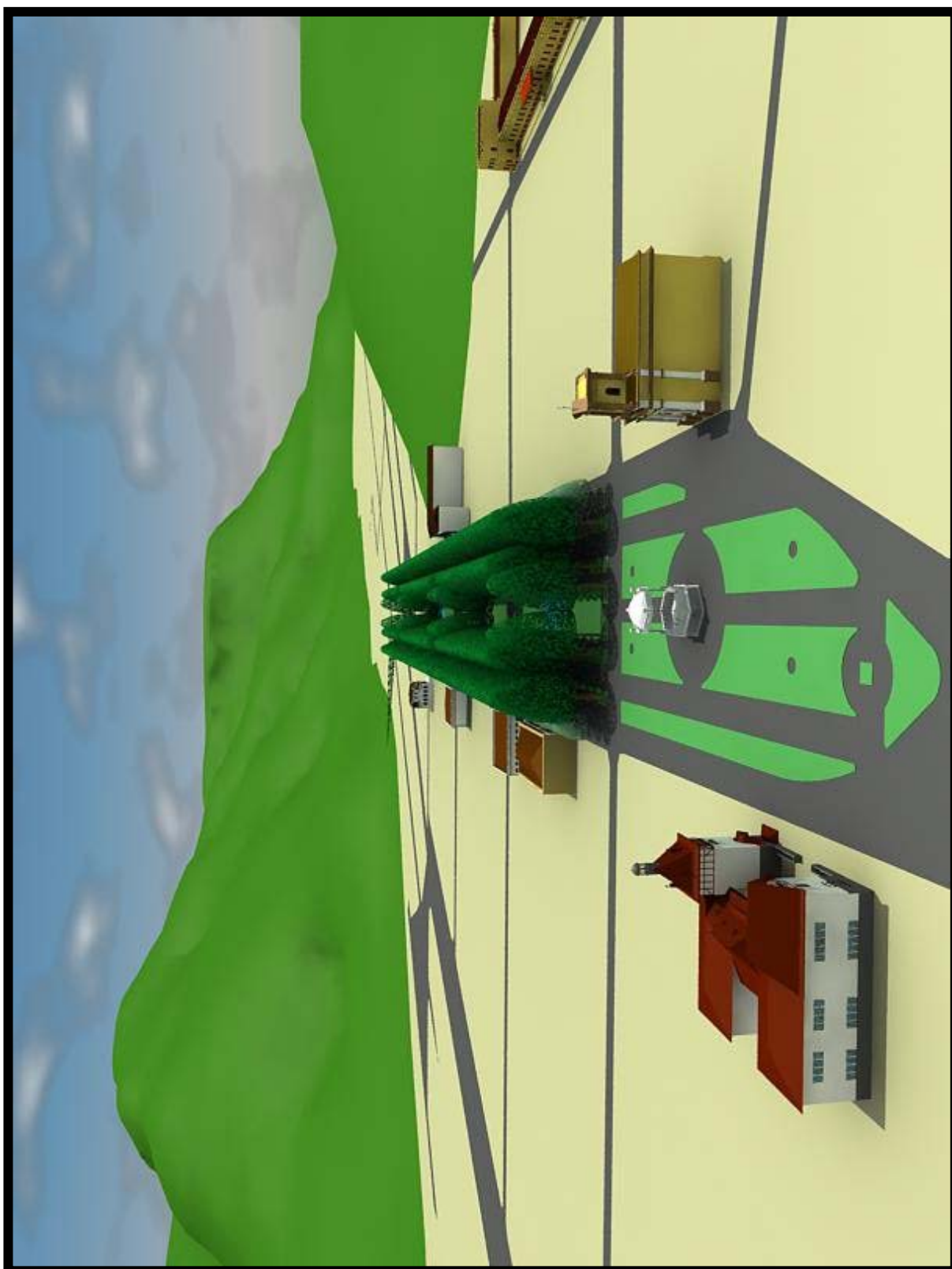


Figura 48: Vista da Praça Princesa Izabel elaborada a partir do modelo em três dimensões.  
Fonte: Elaboração do autor com a colaboração de Adilson Luiz Amaral Junior.

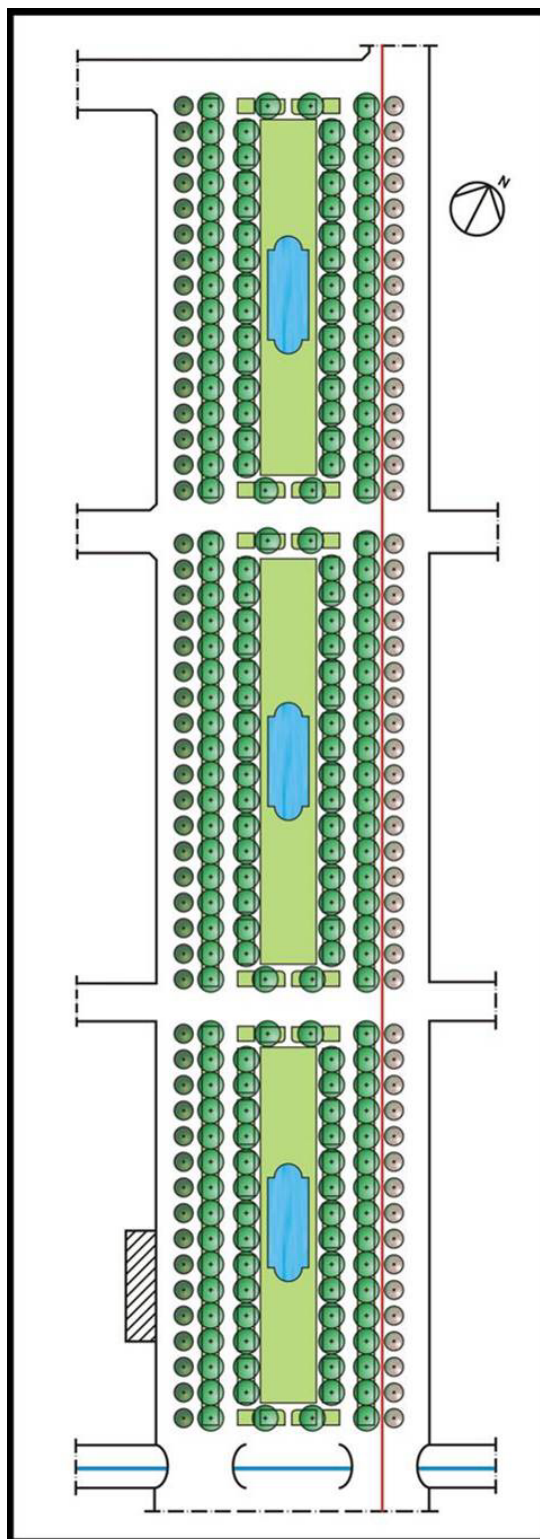


Figura 49: Planta para a visualização do projeto de Glaziou. A área hachurada é o solar Clemente Pinto. A Praça de Glaziou provavelmente apresentava 200 eucaliptos da espécie *Eucaliptus robusta*, 72 no trecho central, 64 em cada trecho lateral, do lado direito 50 bunganviles da espécie *Bougainvillea arbórea*, Glaziou e do lado esquerdo 50 árvores de espécie não identificável.  
 Fonte: Elaboração do autor.



Essa divisão da Praça Princesa Izabel em três segmentos é a mesma encontrada no projeto da vila em 1819, onde provavelmente os córregos eram utilizados em atividades domésticas ao fundo das casas (Figuras 51 e 52).

Glaziou atendeu a vontade do presidente da Câmara (Capitão Manuel Fernandes Ennes), e manteve o plantio dos eucaliptos (*Eucalyptus robusta*) nos três segmentos da praça, que apresentavam cada uma, dois renques laterais, que formavam duas alamedas com seis metros de largura em toda extensão delas (370 metros), que nos remete a simetria matematicamente planejada, onde esses eixos – avenidas – são traçados paralelamente (Figura 53). No centro de cada segmento em meio a um grande gramado como os *tapis vert* dos jardins franceses, com mil trezentos e noventa e sete metros quadrados, existiam tanques de trezentos e sessenta e três metros quadrados com repuxos de forma retangular, com uma inserção de um semicírculo nas extremidades, forma já vista nas *paterres d'eau* de jardins como os de Versalhes ou Marly, que refletiam e ampliavam a paisagem (Figura 54).

Glaziou estabelece um jogo de dentro e fora, ele analisa a paisagem natural ao seu redor, e cria uma dualidade entre a invenção de uma paisagem e o seu objeto que é a própria natureza. Ele está fora desta natureza, mas nela mergulha para reordená-la e representá-la, em um ato de apropriação. Por outro lado, a paisagem é produto do que ele vê, mas também do quadro de referências que, previamente, ele possui e que passa a estar presente nesta tarefa imaginária de reconstrução do mundo.

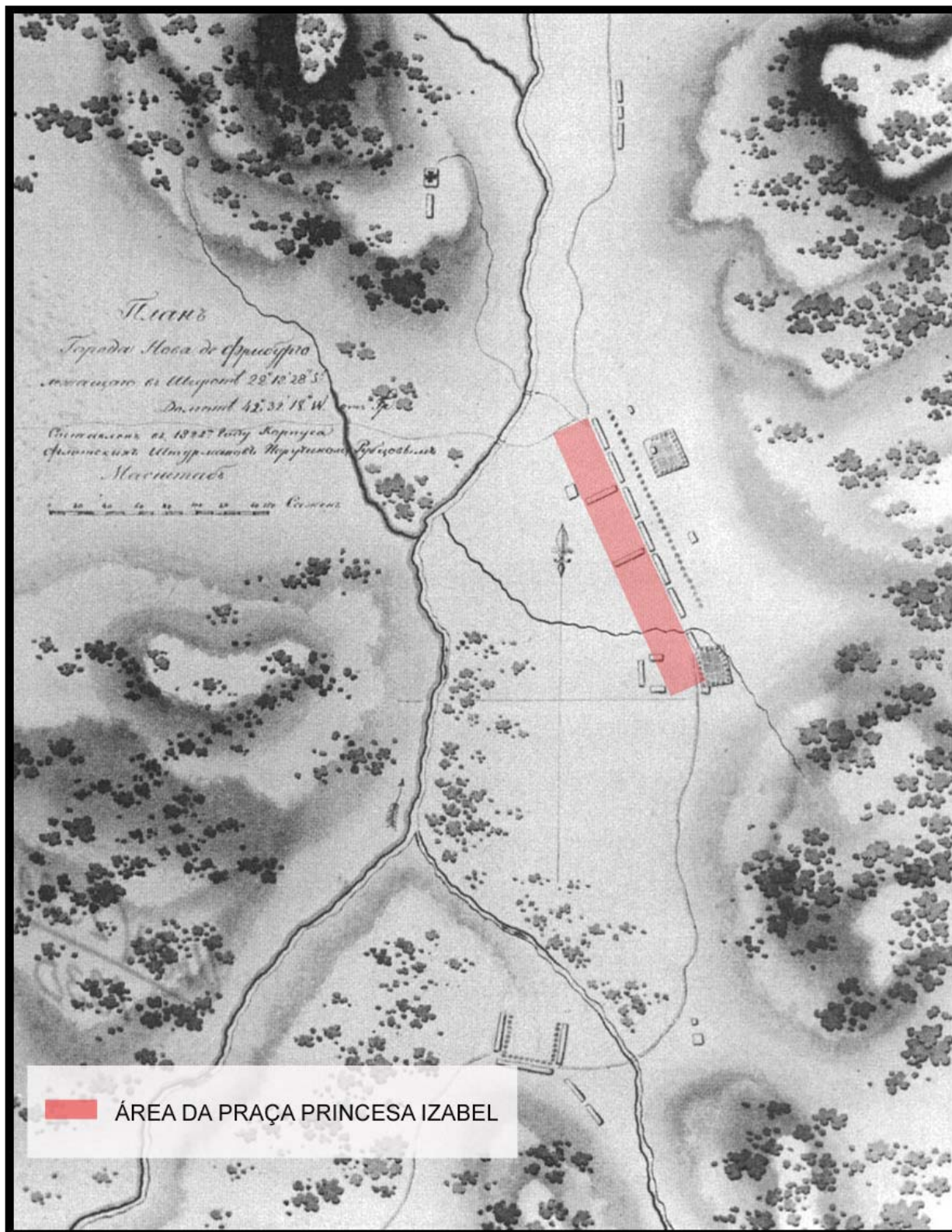


Figura 51: Esquema elaborado para a visualização da área da Praça Princesa Isabel em 1822.  
Fonte: Desenho do autor sobre planta de N. G. Rusbtov.



Figura 52: Sobreposição da planta de Nova Friburgo de 1919 sobre a planta de Rubstov de 1822. Observar que a divisão da Praça Princesa Izabel em três segmentos é a mesma encontrada no projeto da vila em 1819. Foram convertidas as medidas de polegadas para metros da planta de 1822, apresentando o resultado acima.

Fonte: Elaboração do autor.



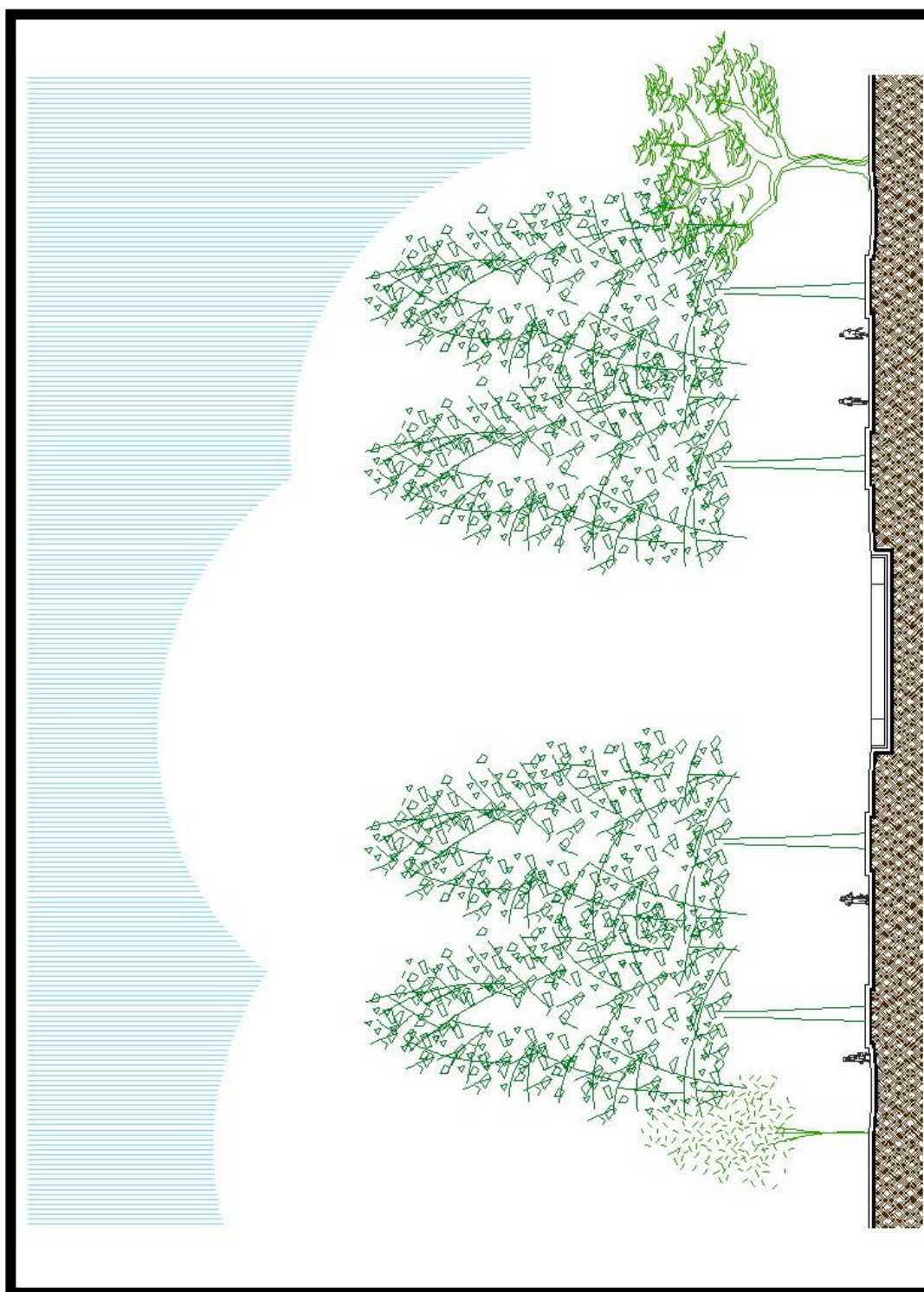


Figura 53: Corte esquemático do projeto de Glaziou para a Praça Princesa Isabel. Observar as três alamedas em suas laterais, e dois passeios menores próximos ao gramado entorno dos tanques. Fonte: Elaboração do autor.

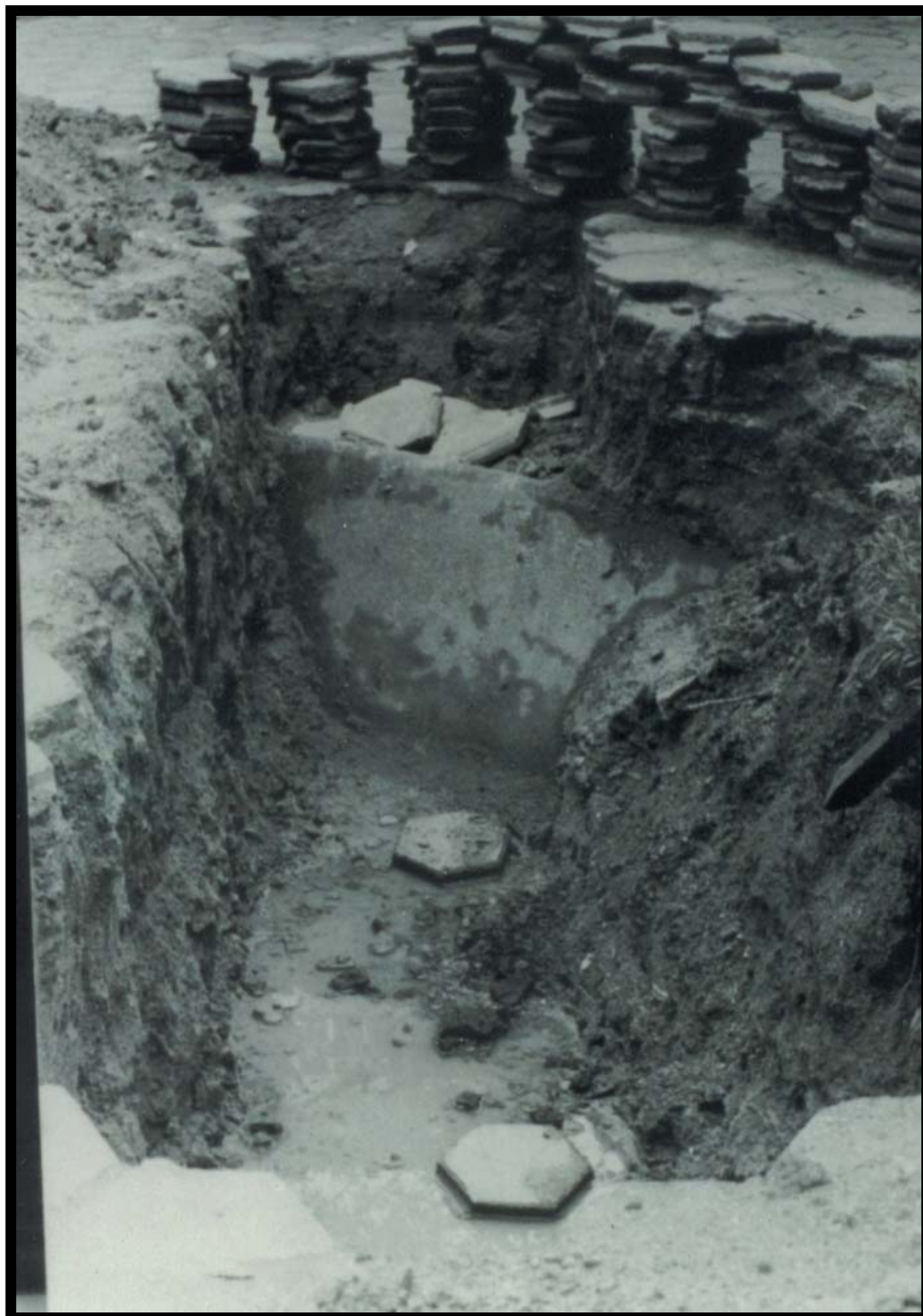


Figura 54: Escavação feita na praça por volta da década de 1990, onde percebemos parte de um dos tanques feitos por Glaziou.  
Fonte: Acervo do Pró Memória de Nova Friburgo.

Ele criou para Nova Friburgo uma praça onde as linhas direcionais conduziam o olhar para uma perspectiva sem fim, onde a escala humana perdia-se no eixo longitudinal de simetria dos canteiros e dos tanques (Figura 55). A praça não remetia mais àquela natureza buscada por ele em seus demais projetos, como os do Parque São Clemente (antiga Chácara do *Challet*), em Nova Friburgo ou o Passeio Público e Campo de Santana no Rio de Janeiro, com seus familiarizados traços românticos. Ele, ainda, utilizando o mesmo alinhamento dos eucaliptos, plantou do lado direito ao sentido norte, bunganviles (provavelmente uma espécie pouco conhecida a *Bougainvillea arbórea*, Glaziou) (Figura 56) e, do lado esquerdo uma outra fileira de árvores, sem registro de espécie, sendo que estas árvores não apresentavam canteiros em sua base.

A proposta de arborização da Praça Princesa Izabel, utilizando eucaliptos, bunganviles e a espécie desconhecida, faz supor, que Glaziou pretendia tirar proveito dos renques arbóreos maciços de grandes proporções, seja pela altura ou diâmetro de suas copas. Esses renques foram organizados de forma estratificada com árvores de grande porte e três espécies distintas seja exótica como o eucalipto ou nativa como o bunganvile.

A arborização implantada na Praça Princesa Izabel estava rigidamente inscrita ao traçado linear e as formas geométricas do jardim. A disposição em renques a que foi submetida à plantação dos eucaliptos, bunganviles e da espécie desconhecida, reafirma assim a forma retilínea do desenho. Entretanto, os canteiros e o uso das espécies que não se ajustavam ao partido da arte topiária (devido ao seu porte e forma) logo permitiram que as copas se fundissem promovendo assim, grandes áreas sombreadas que com o tempo tornaram a praça propícia para o



Figura 55: Praça Princesa Izabel, aproximadamente 1885.  
Fonte: Acervo de Maria Mercedes Lengrüber.

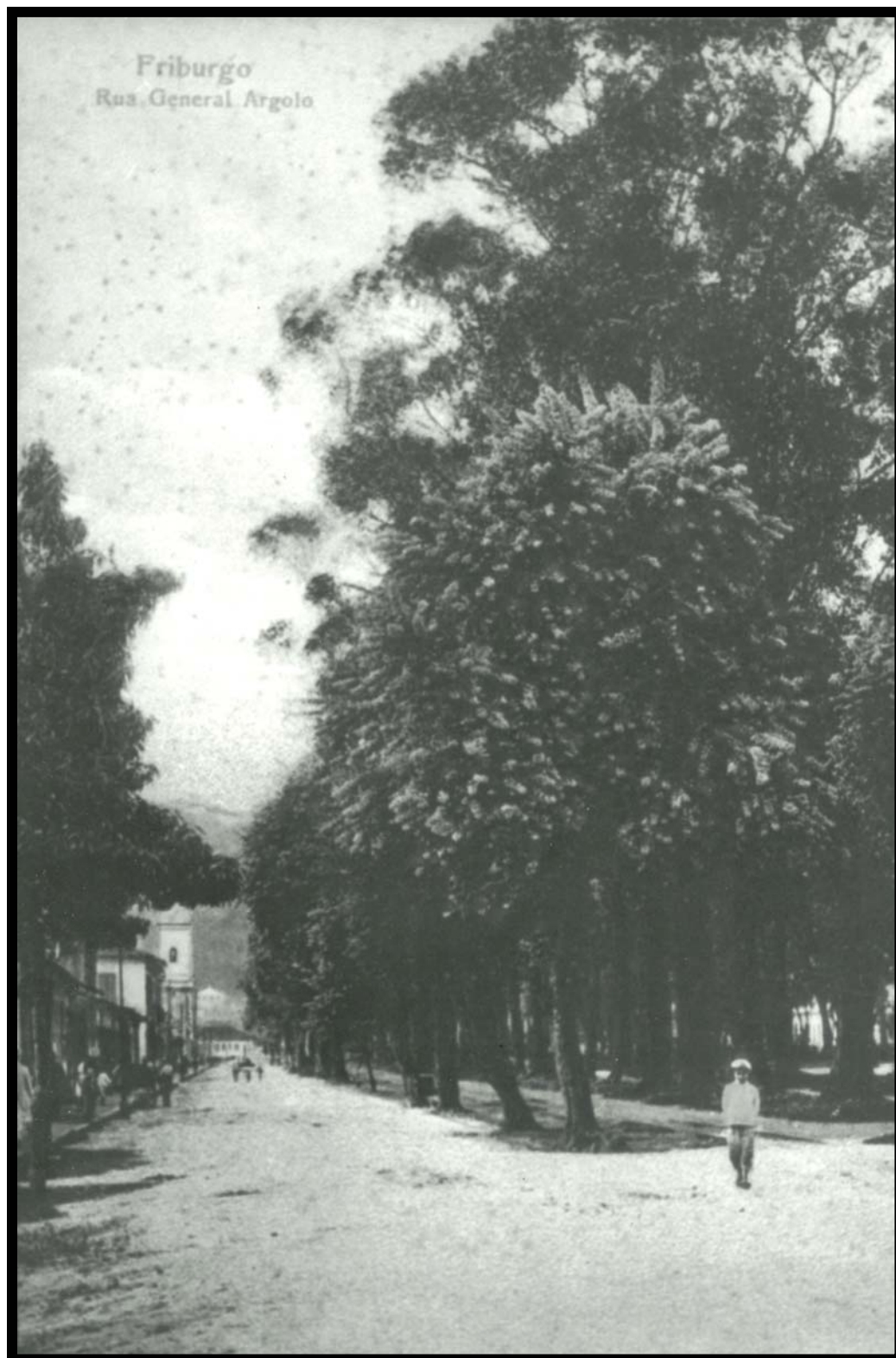


Figura 56: Renque de bunganvilles na lateral da Praça princesa Izabel.  
Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.

ócio, descanso e desfrute da paisagem. As espécies escolhidas, principalmente a *Eucalyptus robusta* quando adulta, possuíam características que quebravam em grande parte a rigidez geométrica proposta pelo desenho dos caminhos e canteiros, pois a forma da copa ou o seu porte criaram um desenho na paisagem antagônico aquele inscrito ao nível do solo (Figura 57).

Glaziou busca o predomínio da lógica, da clareza e do equilíbrio, onde a sensação de grandiosidade é alcançada. Em Nova Friburgo, ele se debate no projeto da Praça Princesa Izabel com todo o passado, com todo seu passado, com a história dos jardins de todos os tempos e com que já havia sido feito antes dele. Se debate também com a falta de tensão entre a natureza intocada da cidade e com a sua proposta romântica de paisagismo, experiência já vivida anos antes na Chácara do *Challet*, onde o impacto do jardim se perde com a própria natureza. Então, Glaziou vê ainda mais o passado, ora o coloca no centro de diferenças e vazios incontornáveis. E assim desafia: concebe e faz construir pelas mãos de Carlos Engert com o peso do mundo e da história sua praça na Serra dos Órgãos e nos emociona. Amálgama que nos ensina o encontro de técnicas antigas e modernas, praça que esquadrinha toda a história dos jardins.



Figura 57: Uma das alamedas da Praça Princesa Izabel. Observar que as copas dos eucaliptos e os jardins em suas bases com seu traçado retilíneo.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

## 4.2 Auge e declínio da Praça Princesa Izabel (1880–1919)

Embora não assumindo cargo público em Nova Friburgo, o Conde de Nova Friburgo Bernardo Clemente Pinto (Figura 58) se torna o grande benfeitor da cidade, construindo o impossível de ser realizado pela municipalidade, visto a ausência de recursos da Câmara. Ao estabelecer a ligação ferroviária, ligação telegráfica e ao construir a Praça Princesa Izabel, ele marca definitivamente a sua família na política municipal e na ordenação do espaço urbano, tornando-se confuso os limites do público e privado, e a quem realmente beneficiava essas obras na cidade (Figuras 59 e 60).

A cidade despontava no interior tentando sair do mundo rural, mas impregnada com a riqueza da produção cafeeira da região de Cantagalo. As melhorias em Nova Friburgo financiadas pelos Clemente Pinto, ficam evidenciadas com as construções de suas mansões e principalmente com a Praça Princesa Izabel, centro dessa paisagem.

O pensamento da elite dominante, que era composta por agricultores, estava repleto de pretensões, que se pautavam na idéia de viver em uma cidade cosmopolita em pleno sincronismo com as cidades européias e com o Rio de Janeiro.

O historiador João Raimundo de Araújo diz que “No período de 1850-1890, a vila de Nova Friburgo começava a ter cunhado, a sua função de cidade hospitaleira, que pode propiciar descanso e tranqüilidade às pessoas que a procuram”.

Logo após a conclusão das obras em 1881, segundo as transcrições das atas da Câmara feitas por Arthur Guimarães, durante a presidência da vereança do Capitão Manuel Fernandes Ennes, surgem os primeiros problemas em relação a



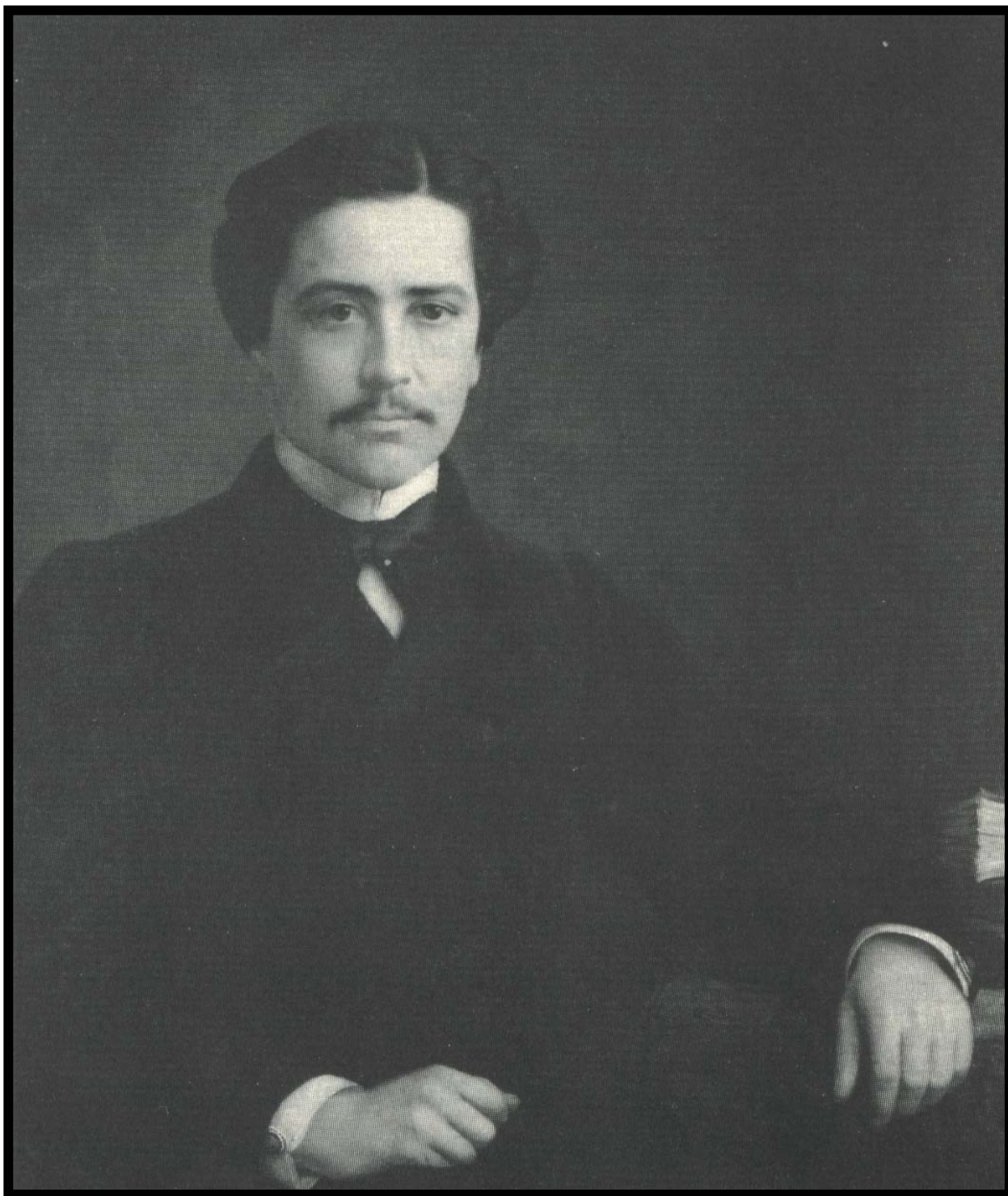
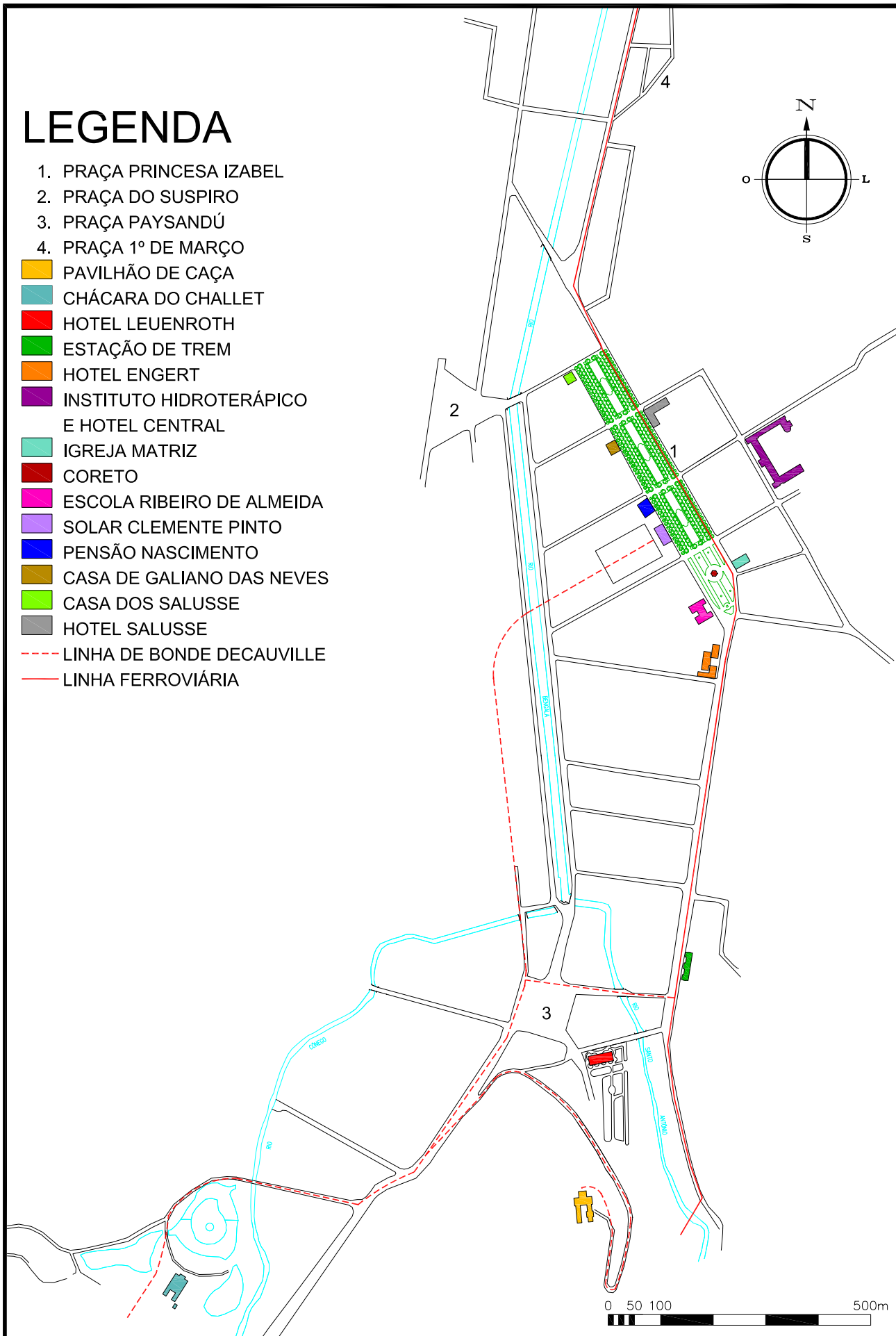


Figura 58: 2º Barão, Visconde e Conde de Nova Friburgo Bernardo Clemente Pinto 1835 – 1914. Essa pintura foi executada por Edouard Vienot, em 1862.  
Fonte: Fischer, 1986.

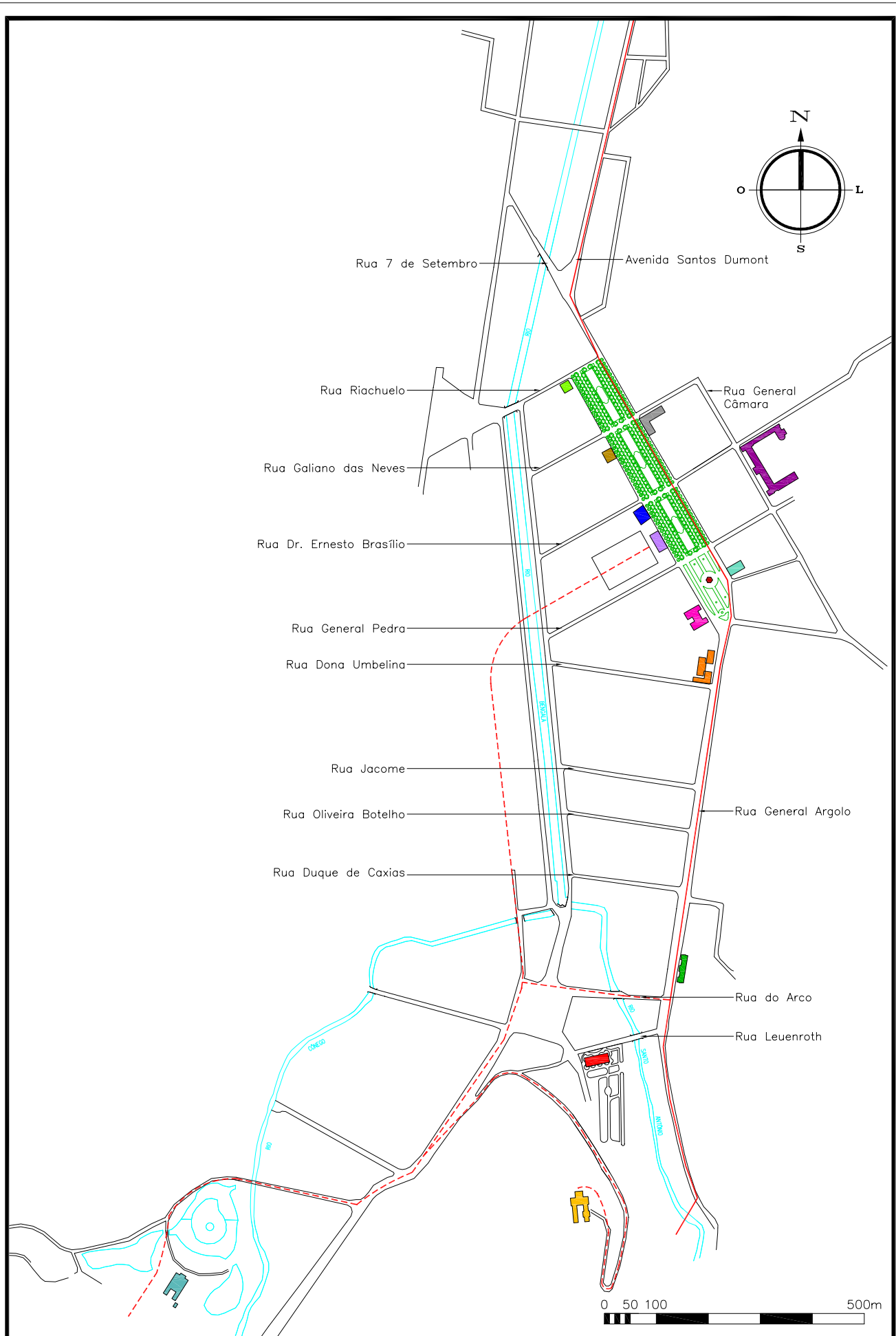
# LEGENDA

1. PRAÇA PRINCESA ISABEL
  2. PRAÇA DO SUSPIRO
  3. PRAÇA PAYSANDÚ
  4. PRAÇA 1º DE MARÇO
- PAVILHÃO DE CAÇA
  - CHÁCARA DO CHALLET
  - HOTEL LEUENROTH
  - ESTAÇÃO DE TREM
  - HOTEL ENGERT
  - INSTITUTO HIDROTERÁPICO E HOTEL CENTRAL
  - IGREJA MATRIZ
  - CORETO
  - ESCOLA RIBEIRO DE ALMEIDA
  - SOLAR CLEMENTE PINTO
  - PENSÃO NASCIMENTO
  - CASA DE GALIANO DAS NEVES
  - CASA DOS SALUSSE
  - HOTEL SALUSSE
  - LINHA DE BONDE DECAUVILLE
  - LINHA FERROVIÁRIA



## FIGURA 59: NOVA FRIBURGO

MAPA DA CIDADE NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX COM SUAS PRINCIPAIS EDIFICAÇÕES.  
FONTE: ELABORAÇÃO DO AUTOR.



# FIGURA 60: NOVA FRIBURGO

MAPA REPRESENTATIVO DA CIDADE COM A NOMECLATURA DAS RUAS.  
 FONTE: ELABORAÇÃO DO AUTOR.

conservação dessas obras, pois, a Câmara não possuía verbas suficientes para manter os jardins e tanques da praça. O vereador João Gaspar Meyer diz que a Câmara não poderia continuar a conservar o jardim da praça por falta de verbas e por que nas palavras do próprio, “aquilo era menos um jardim, do que uma capoeira onde se praticavam imoralidades”<sup>72</sup>.

Vários moradores, que compartilhavam dos mesmos pensamentos de Gaspar Meyer, haviam requerido a Câmara que fossem derrubadas as árvores da praça. Logo após esta solicitação, Carlos Eboli, que havia pedido à Câmara um projeto de Glaziou, podou gratuitamente as árvores da praça, que se encontravam em completo abandono.

Este esforço de Eboli para manter os jardins, não adiantou, pois a Câmara decidiu suprimir uma parte da praça, que só foi salva porque o vereador Tenente Coronel Galiano das Neves defendeu fervorosamente o projeto de Glaziou. Alegou um crime a destruição da obra financiada pelo então 2º Barão de Nova Friburgo. Em meio a esse dilema, a Câmara decidiu adiar a solução do caso.

Passados alguns anos, através do Decreto 34 de 18 de janeiro de 1890, o governador do Estado do Rio de Janeiro, eleva a Freguesia à categoria de cidade.

Paralelo as tentativas de manter a praça, a Câmara Municipal de Nova Friburgo, em 6 de maio de 1893, aprovou o Código de Posturas Municipal<sup>73</sup>, que compreende um conjunto de normas que obrigavam a população a cumprir certos deveres instituídos pelo poder público a fim de manter, criar e conservar as melhorias estabelecidas na cidade.

Estudando o código, podemos perceber as orientações que o poder público ditava no sentido de orientar a população e organizar a cidade. Ele pode ser

---

<sup>72</sup> GUIMARÃES, Arthur. *Um inquérito social em Nova Friburgo – ensaios de sociologia prática*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1916, p. 75.

<sup>73</sup> Código de Posturas Municipal de Nova Friburgo, 1893.

encarado como o desfecho das propostas médicas do século XIX, representada em Nova Friburgo por Carlos Eboli. Neste momento as diversas teses médicas, a influência de Eboli como vereador e membro da Comissão de Obras Públicas influenciaram os demais membros da Câmara na criação do código de posturas.

Assim, podemos verificar que no final do século XIX, há uma proliferação de obras editadas, elaboradas por médicos e engenheiros sanitaristas que alertavam para a urgência de criar normas para os habitantes das cidades, com a meta de impedir a proliferação de doenças e epidemias. E neste contexto encontramos a frente da Câmara Municipal o médico Ernesto Brazílio de Araújo.

O Código de Posturas Municipal de 1893 apresentava 134 artigos, dividido em sete capítulos. Sendo que o capítulo II – “Saúde Pública”, nos chamou mais atenção. O Capítulo se subdivide em “Cemitérios e Enterramentos; Sobre hospitais, casas de saúde e moléstias contagiosas; Sobre matanças de rezes, venda de carnes e gêneros corruptos e prejudiciais à saúde; Sobre pântanos, esgotos, despejos e diferentes objetos que corrompem a atmosfera e danificam a salubridade e segurança pública”. Totalizando 47 artigos.

O item “Sobre Pântanos, esgotos, despejos e diferentes objetos que corrompem a atmosfera e danificam a salubridade e segurança pública” é o mais interessante, pois revela o caráter disciplinador do poder público sobre a população. Um exemplo é o artigo 49 onde se lê que “os proprietários de terrenos pantanosos são obrigados a drená-los em um prazo de 30 a 90 dias”, caso houvesse o descumprimento dessa postura, uma multa seria aplicada.

Vemos nos outros artigos a mesma preocupação a manutenção da salubridade, com a higiene dos espaços públicos urbanos, buscando a eliminação

da proliferação de doenças contagiosas. Também havia uma preocupação com possíveis instalações de fábricas que prejudicassem a saúde da população.

Há, ainda, uma tentativa de normatizar a ocupação e o uso do solo urbano, onde a Câmara preocupada em criar “condições higiênicas necessárias à salubridade”, impunha normas para construção de casas e multas para desmatamento das florestas vizinhas ao centro urbano.

Como consequência dessas novas exigências duas praças abandonadas também vieram compor paisagem de Nova Friburgo. Lembramos que em 1903 a Praça Paissandu, antiga Praça do Pelourinho e atual Praça Marcílio Dias, foi reformada pelo engenheiro da Câmara Luís Pires de Farinha Filho<sup>74</sup>, sob as ordens do presidente da Câmara Ernesto Brasília de Araújo (Figuras 61 e 62). A praça havia sido construída anos antes por Theodoro Gomes que governou de 1892 a 1893 e de 1894 a 1895. Nesse momento Farinha Filho surge como o grande paisagista de Nova Friburgo, atuando em várias áreas públicas da cidade.

Em 1904 projetou a Praça do Suspiro que era dividida em quatro quadrantes, com uma soqueira de bambus ao centro, sendo concebida seguindo a tendência do jardim romântico (Figuras 63, 64, 65 e 66). Vejamos a descrição dos jardins Praça do Suspiro:

É um bello “square”, feito em 1904, sob o plano e direcção do Engenheiro da Câmara, Dr. Farinha Filho. Allí se vêem bellas pontesinhas, umas imitando madeira roliça, outras bambús ou pedras; em frente á entrada está collocada uma estatua de Minerva, de marmore, que tem mais de 150 annos de existencia; essa estatua foi encontrada em uma fazenda de serra abaixo, em local que tinha sido jardim de uma grande fazenda, abandonada há mais de 60 annos, e offerecida á cidade de Nova Friburgo pelo Dr. Farinha Filho<sup>75</sup>.

---

<sup>74</sup> Nasceu em 17 de dezembro de 1858 e faleceu em 23 de dezembro de 1925.

<sup>75</sup> POMPEU, Júlio. *Álbum de nova Friburgo*. Petrópolis, Oficinas Graphicas, 1922.

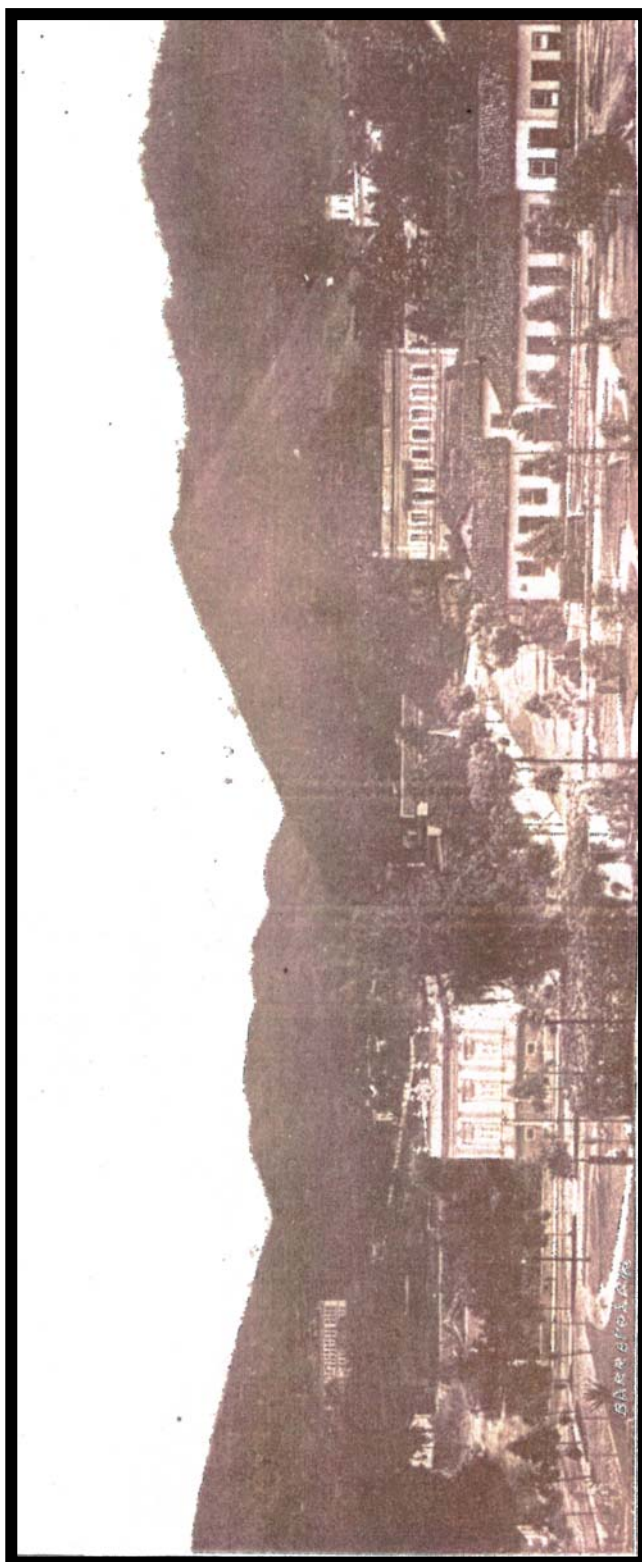


Figura 61: Praça Paissandu em aproximadamente 1919.  
Fonte: Pompeu, 1922.

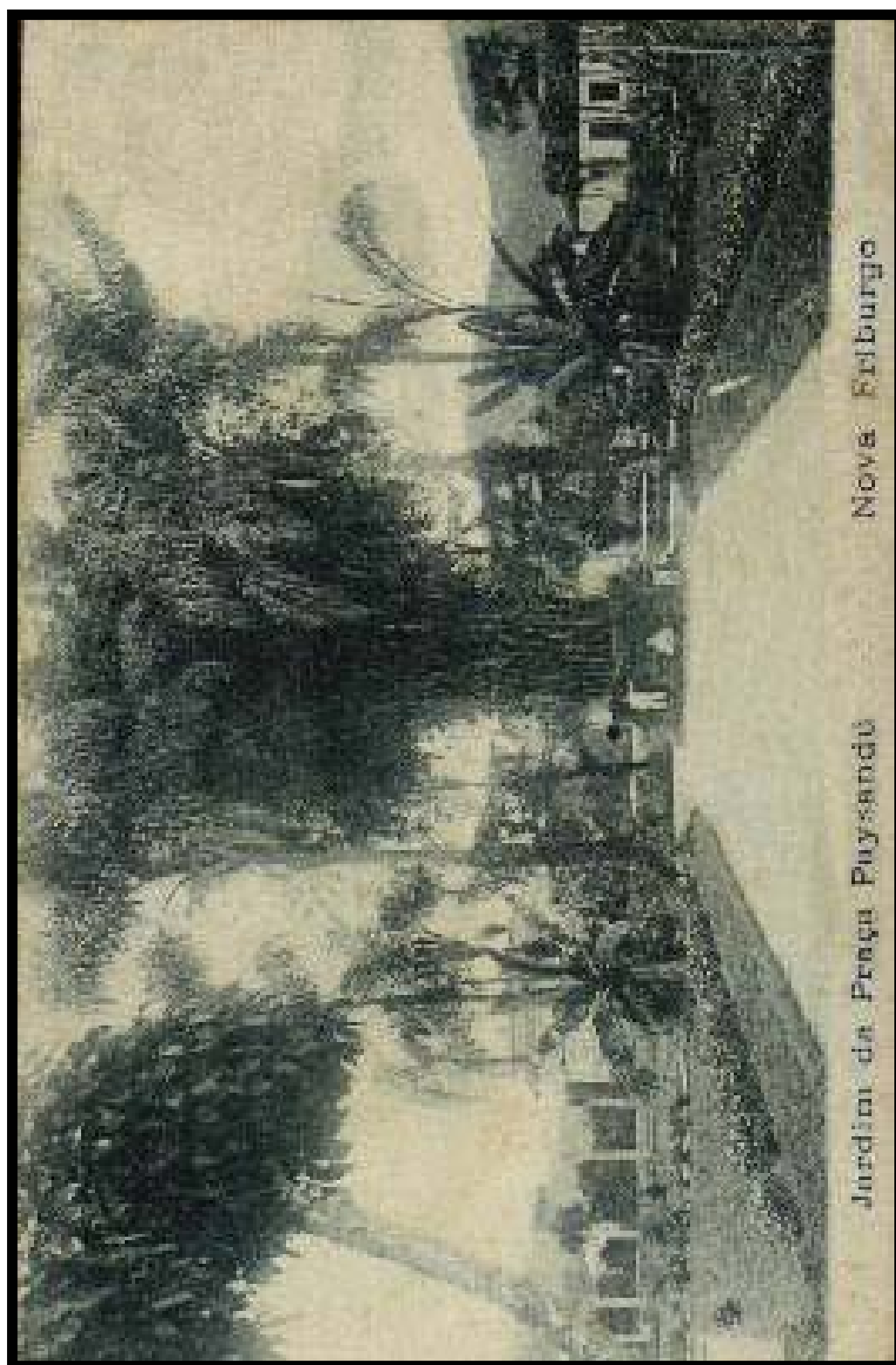


Figura 62: Praça Paissandu em aproximadamente 1919.  
Fonte: Acervo do autor.





Figura 63: Praça do Suspiro em aproximadamente 1919. Observar a frente à estátua da Minerva, doada pelo próprio Farinha Filho e ao fundo as magnoleiras.  
Fonte: Pompeu, 1922.

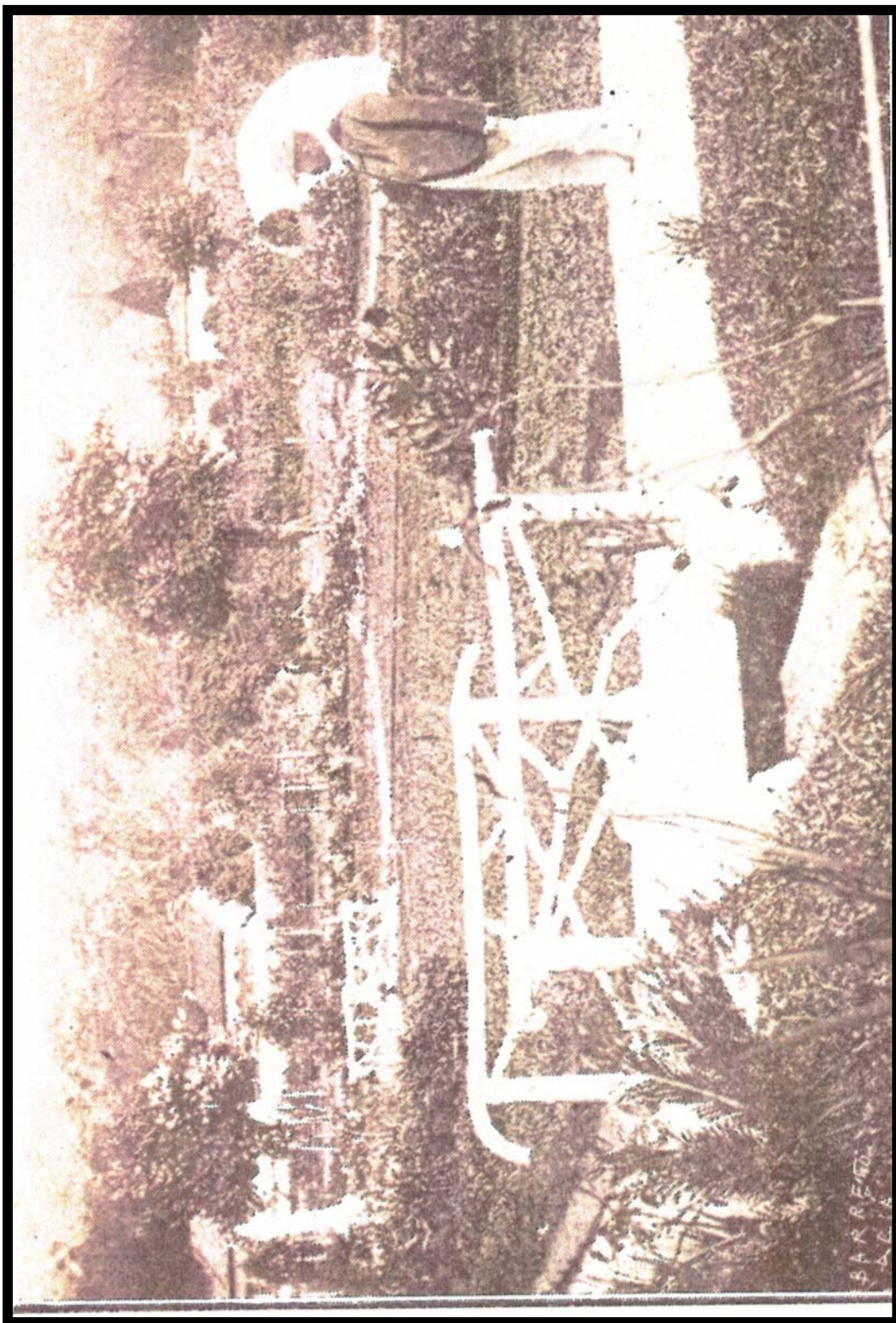


Figura 64: Praça do Suspiro em aproximadamente 1919. Observar a ponte imitando madeira.  
Fonte: Pompeu, 1922.

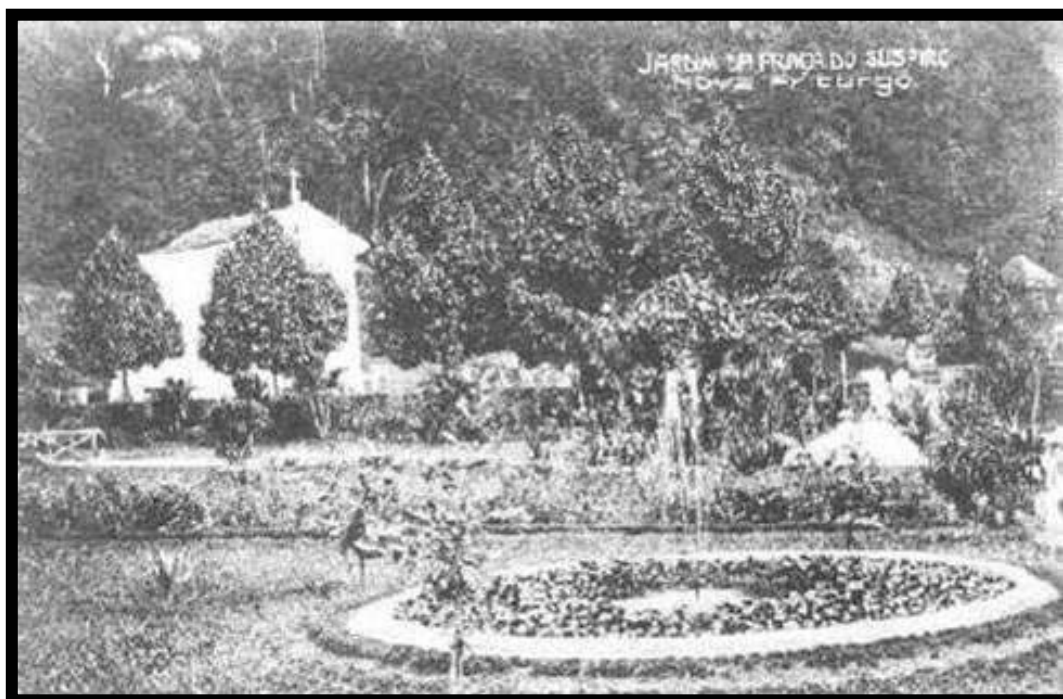


Figura 65: Praça do Suspiro em aproximadamente 1919. Observar o lago com repuxo e ao fundo a então Capela de Santo Antônio e as magnoleiras.  
 Fonte: Acervo do autor.



Figura 66: Praça do Suspiro em aproximadamente 1919.  
 Fonte: Acervo do autor.

Retornando ao nosso projeto de estudo verificamos que durante o período de transição, para o advento da República, até aproximadamente o ano de 1918, nas comemorações do centenário de Nova Friburgo, podemos perceber que, em linhas gerais, o projeto de Glaziou manteve-se intacto, apresentando somente, problemas relativos à sua conservação.

Galdino do Valle Filho, presidente da Câmara, no período de 07 de janeiro de 1914 à 08 de janeiro de 1916, reestruturou a cidade. Recuperou a praça que se encontrava abandonada. Durante a sua gestão ela passou a ser chamada de Praça 15 de Novembro.

Mantendo as linhas gerais do projeto, Galdino ensaiou, aterrou as suas aléias, e substituiu toda a terra dos canteiros, replantando os gramados e as folhagens ornamentais. A adubação realizada não apresentou os resultados esperados, pois as raízes dos eucaliptos que se formaram na superfície da terra não permitiram o crescimento normal das demais plantas, e além de tudo, era muito mais difícil achar bons jardineiros para a manutenção das mesmas.

Passado algum tempo, a última parte da praça na direção norte foi suprimida. O tanque foi retirado, dando lugar a elementos de recreação que atendesse uma nova demanda da sociedade. Baseando-se nos referenciais dos jardins românticos, com características orientais de construção (edifícios em estilo chinês, mourisco etc.), foram criadas, nesta terceira parte da praça, um cinema em estilo mourisco (Figura 67), um *rink* de patinação (Figura 68) e um coreto em estilo de pagode chinês (Figura 69).

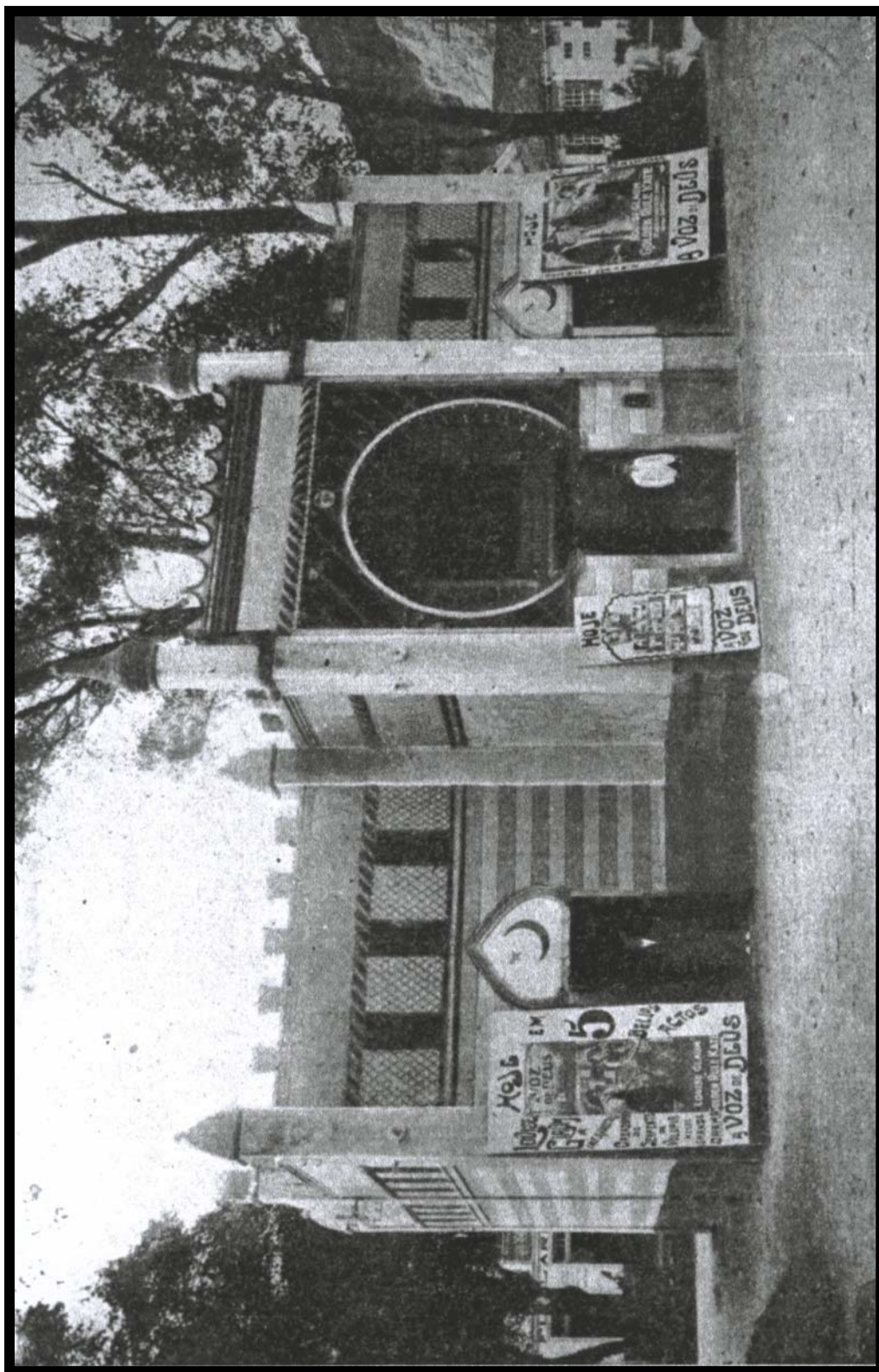


Figura 67: Cinema Leal, por volta de 1919.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

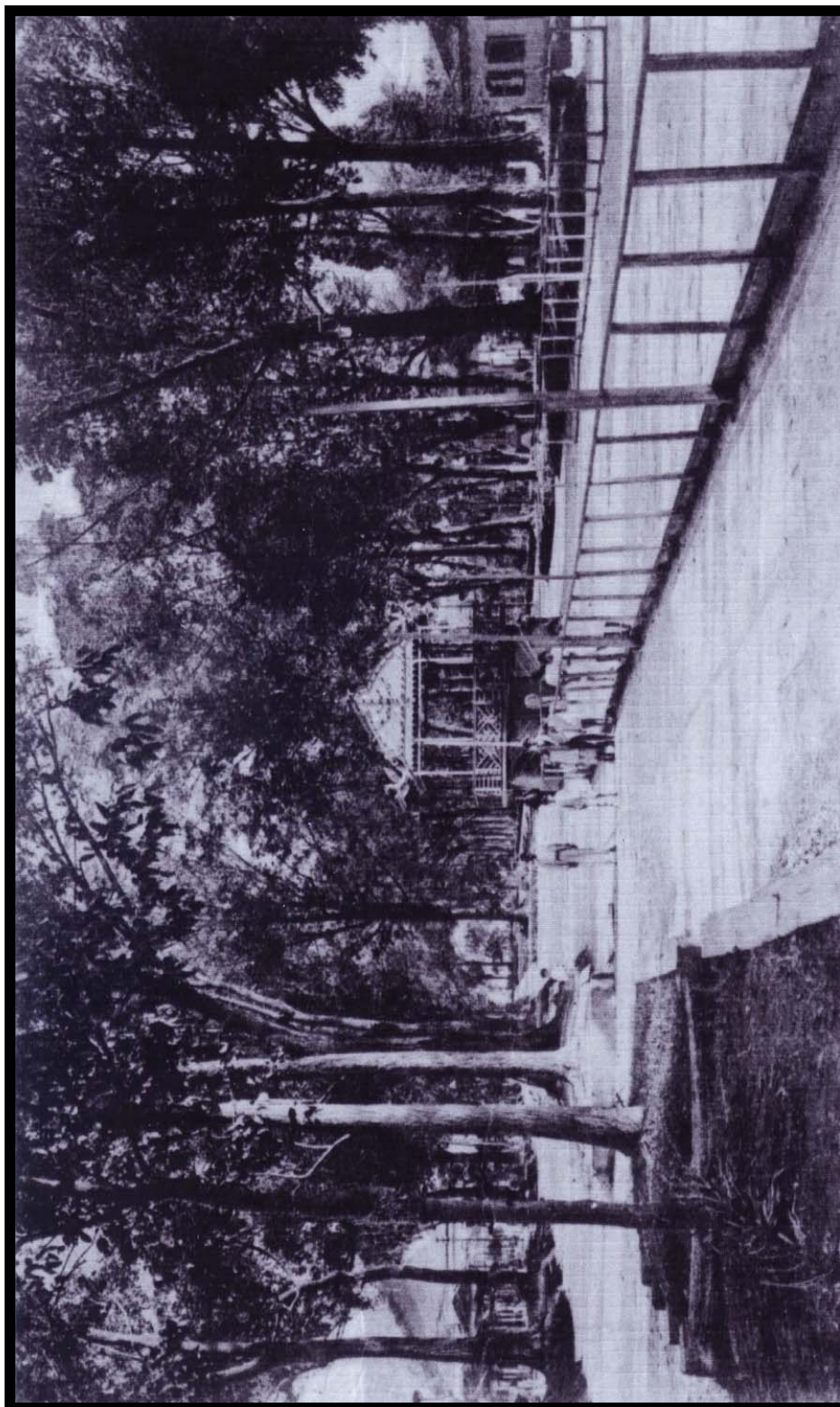


Figura 68: *Rink* de patinação no lado direito da fotografia.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

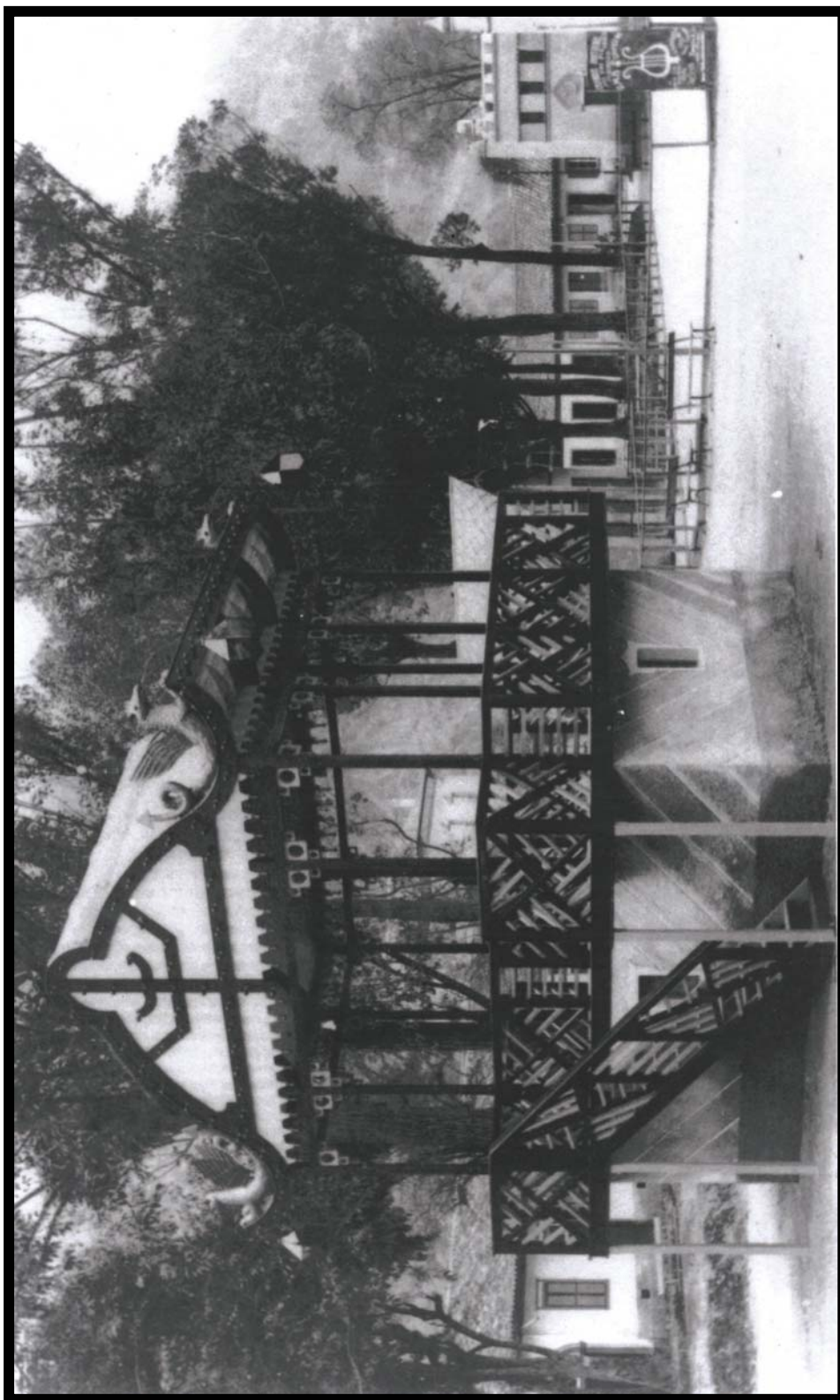


Figura 69: Coreto em estilo de pagode Chinês.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

A Praça Princesa Izabel que foi construída a partir do desejo de Carlos Eboli, projetada por Glaziou, fiscalizada por Engert e financiada por Bernardo Clemente Pinto tentava sobreviver as mudanças políticas e a falta de verbas da Câmara Municipal. O médico Galdino do Valle Filho aparece como o político que mantém nas décadas de 1910 e 1920 o mesmo ideal sanitarista de Eboli e implementa obras com o intuito de higienizar a cidade, enfatizando sua formação médica. Ele reconstruiu os leitos das ruas, aterrando-as com saibro para evitar que se formasse lama com as chuvas; remodelou e replantou os jardins da cidade.

Identificamos Galdino do Valle Filho como o político que conduziu Nova Friburgo para uma melhoria urbana, trazendo uma imagem de progresso vinculada a história da colonização da cidade. Era o saber médico pretendendo mais do que curar a cidade, constituir a cidade. Ao mesmo tempo em que recupera as áreas públicas, ele constrói novos espaços, como o prolongamento da Praça Princesa Izabel em frente a Igreja de São João Batista. Área que, até então, se apresentava como um grande vazio destinado ao encontro na saída das missas e para o uso em comícios políticos (Figura 70).

Ao que tudo indica este prolongamento da Praça Princesa Izabel foi projeto de Luís Pires de Farinha Filho e apresenta a mesma linearidade das alamedas do projeto de Glaziou, apresentando uma vegetação de porte menor, um coreto, a estátua comemorativa do centenário da cidade e quatro estátuas das estações do ano (Figuras 71, 72, 73 e 74).

Em uma foto de aproximadamente 1898, encontrada no Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ, vemos a estátua da primavera no jardim do Parque São Clemente. Como a praça é de aproximadamente 1918, e nesse período, o Parque São Clemente já pertencia a família de Eduardo Guinle, supomos que as



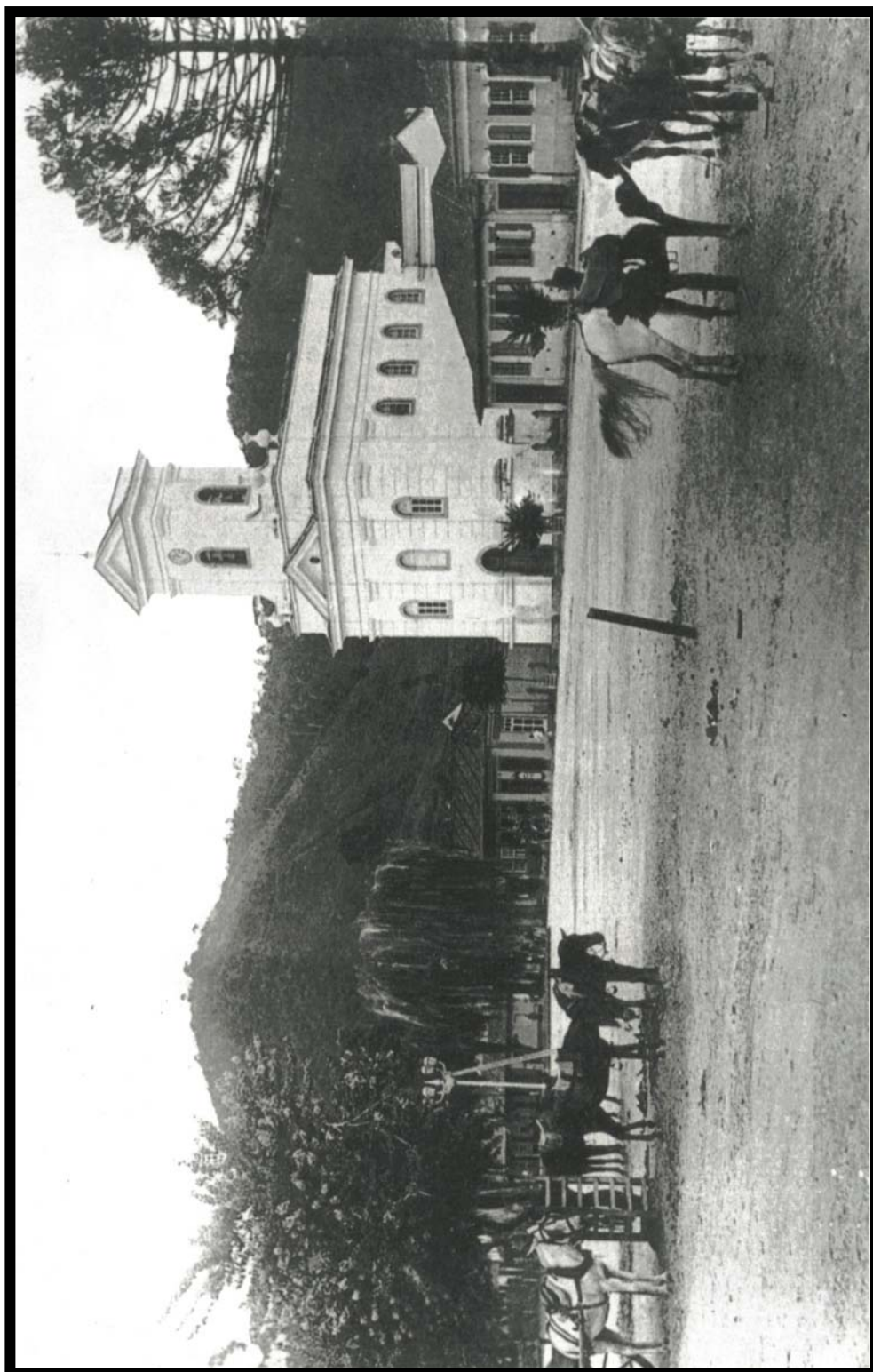


Figura 70: Área vazia da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista, por volta de 1881. Observar a araucária e a bunganvile no primeiro plano.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

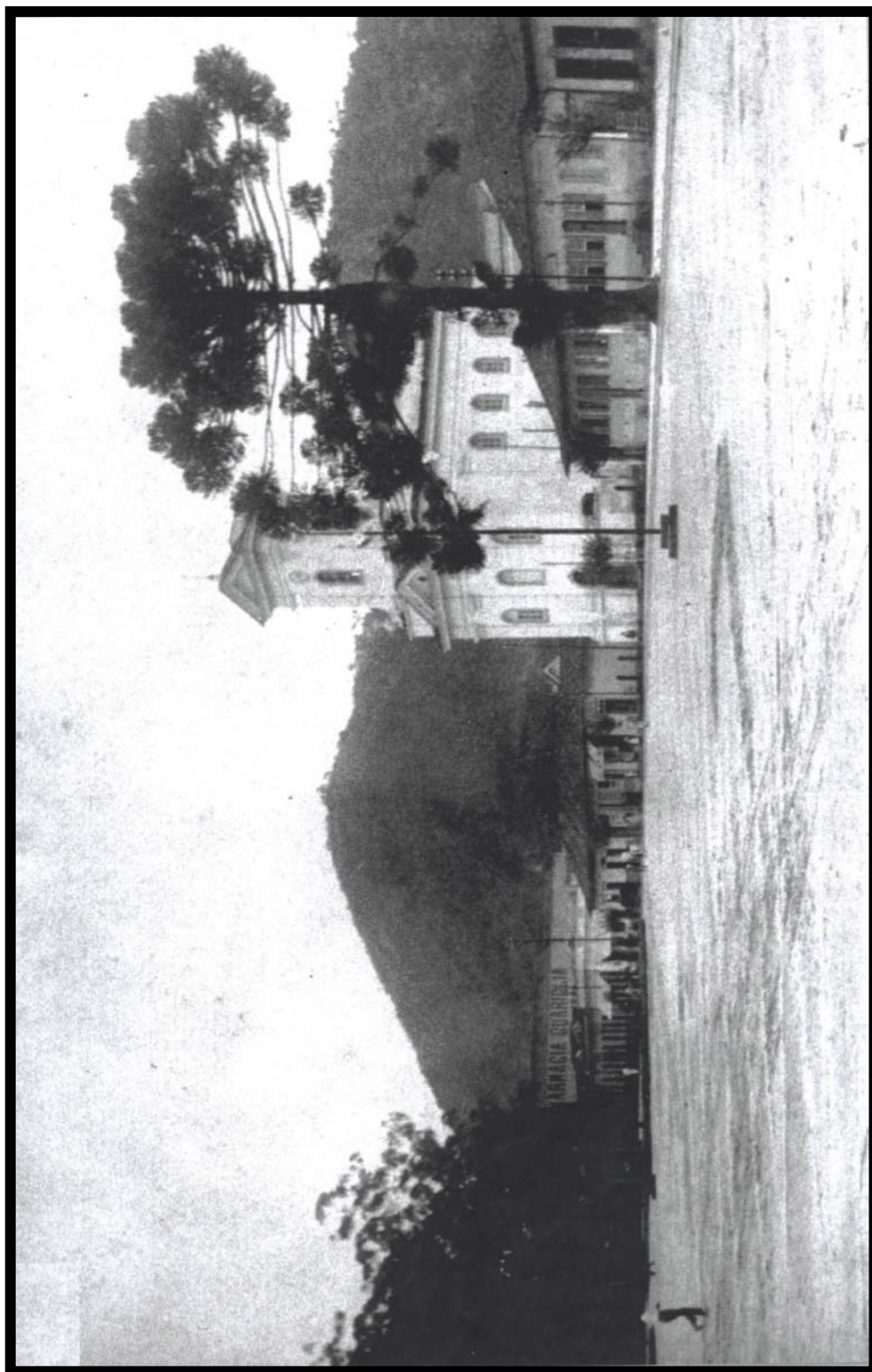


Figura 71: Área vazia da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista, por volta de 1881. Observar a araucária no primeiro plano e os eucaliptos do projeto de Glaziou ao fundo.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

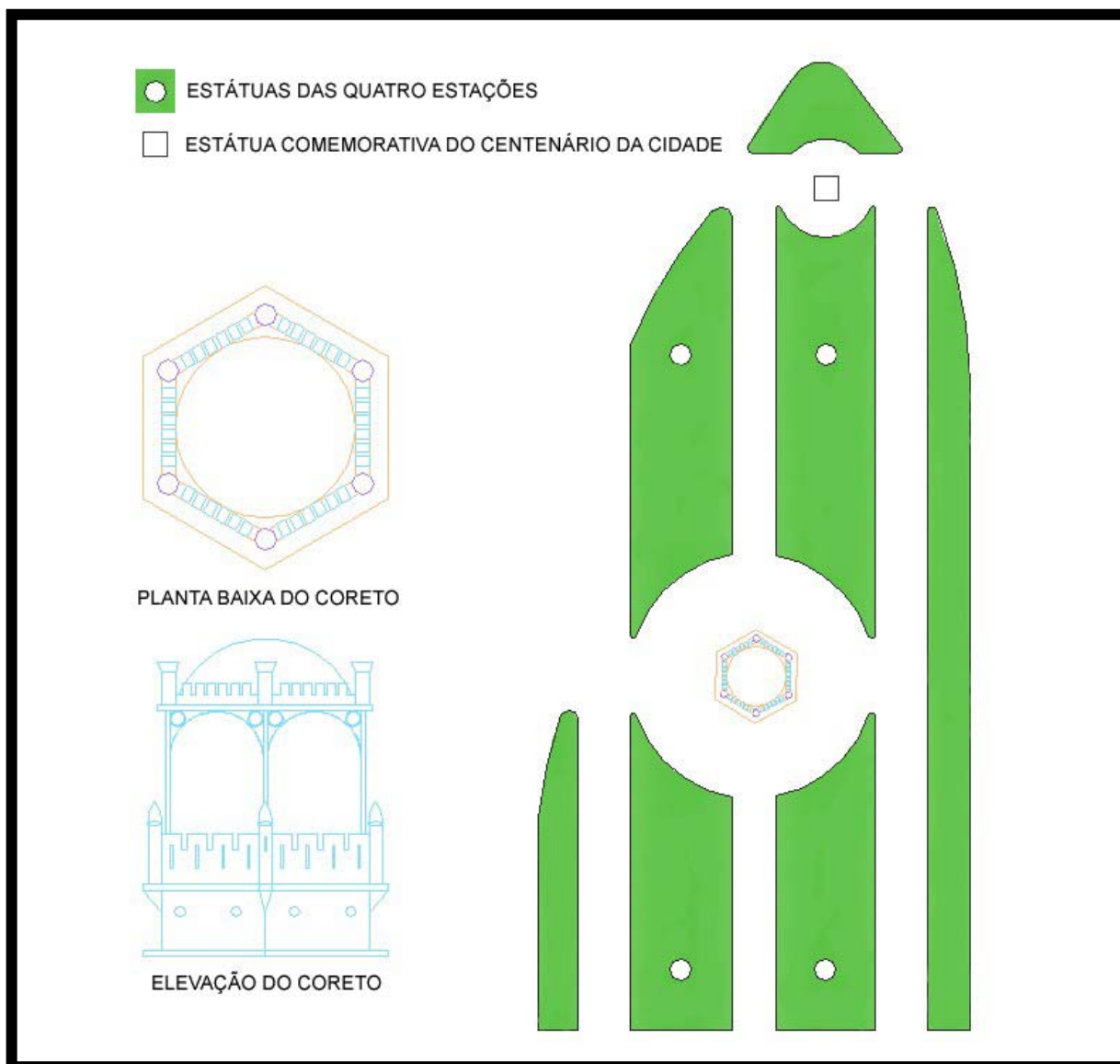


Figura 72: Reconstituição do projeto do segmento da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista.

Fonte: Elaboração do autor.



Figura 73: Coreto do segmento da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista.  
Fonte: Acervo do autor.

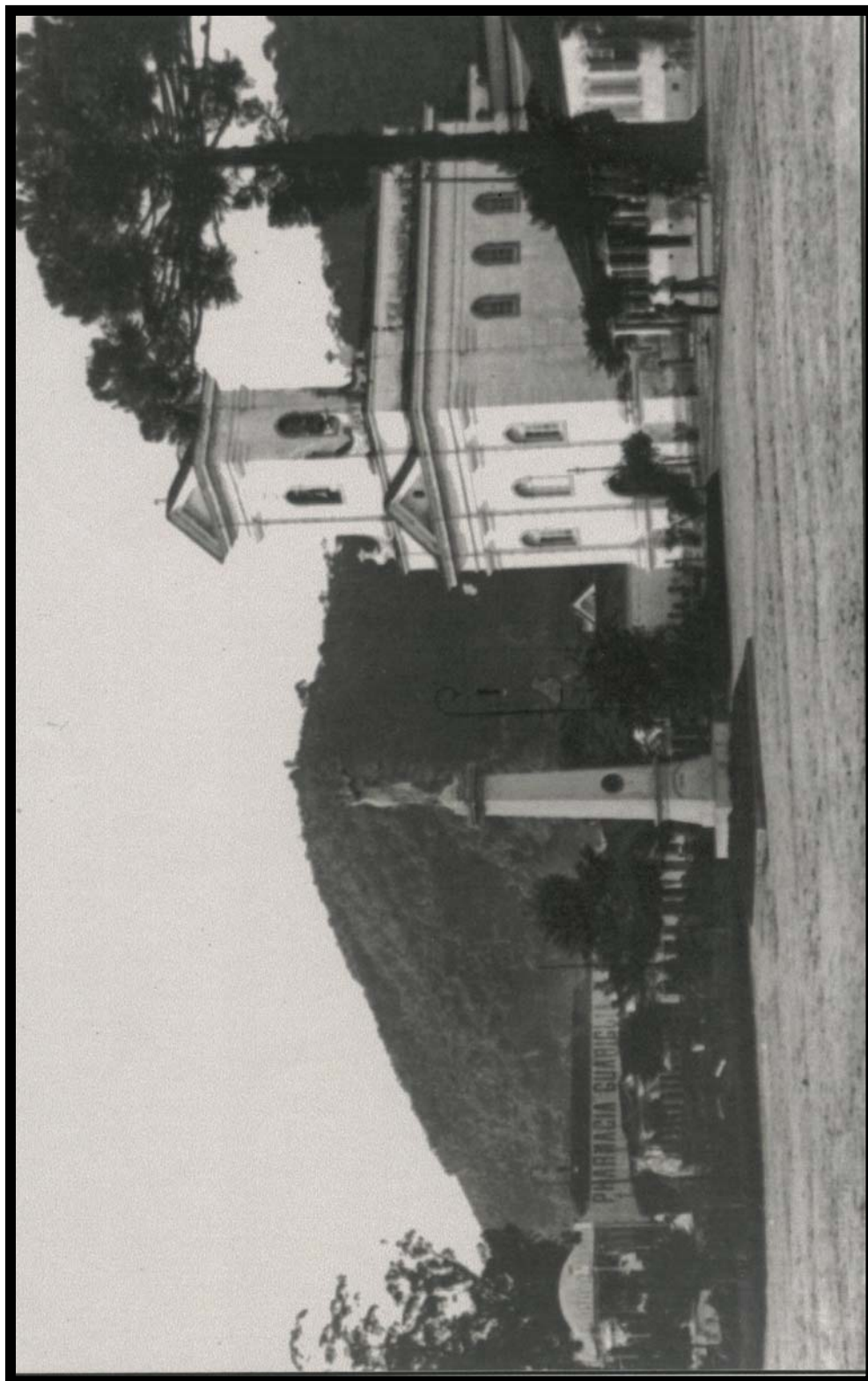


Figura 74: Vista da Praça Princesa Izabel em frente a Catedral de São João Batista, apresentando arborização, por volta da primeira metade do século XX. No primeiro plano a estátua comemorativa ao centenário da cidade.

Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.

estátuas foram levadas para a praça a partir de uma doação da família Guinle ao município.

Galdino do Valle Filho buscava afastar da cidade principalmente a imagem de atraso vinculada ao latifúndio escravocrata e da monocultura para exportação. Galdino buscava uma nova imagem vinculada na industrialização e no desenvolvimento urbano.

A partir do final do século XIX chegaram outros imigrantes. Os alemães Peter Julius Arp, chegado ao Brasil em 1882, e Maximilian Falck, em 1891, iniciaram um grande processo de transformação na estrutura sócio-econômica do município com a instalação das primeiras fábricas têxteis em Nova Friburgo: a Fábrica de Rendas Arp, em 1911 e a Fábrica Ypu, em 1912.

Com essas primeiras fábricas firma-se a atuação do grupo representado por Galdino para legitimar sua existência e reforçar sua identidade utilizando-se de discursos, que marcam o ideal de uma Nova Friburgo moderna e em busca de um projeto progressista.

Segundo João Raimundo de Araújo<sup>76</sup> o grupo liderado por Galdino do Valle Filho buscava “desbancar do comando político do município a facção dos grandes proprietários ligados à economia do café então decadente”, pois durante o século XIX a economia cafeeira foi responsável pelo desenvolvimento da região de Cantagalo, tendo em Nova Friburgo uma economia voltada ao abastecimento dos gêneros necessários à região, tornando-se o principal produtor de alimentos da região.

Galdino do Valle Filho nasceu em 24 de setembro de 1879, era filho do médico Galdino Antonio do Valle, político de Nova Friburgo, pertencente a uma

---

<sup>76</sup> ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: o Processo de Urbanização da Suíça Brasileira*, Niterói, 1992, dissertação de mestrado - Universidade Federal Fluminense.

família de fazendeiros em Sapucaia, começou sua vida na política tendo como ponto de partida ser filho de um homem público e ser médico numa região que na época era carente de tais serviços.

O projeto de cidade de Galdino do Valle Filho deixava claro que somente através da indústria seria capaz de trazer para o município o advento do progresso e da civilização. E para atingir o progresso fazia-se necessário dar continuidade as idéias de Carlos Eboli, enfatizando a higiene e saúde pública. Ele tenta solucionar o problema das águas, preservando a mata próxima da represa de abastecimento e adotando campanha de vacinação, além de criar um “Lazareto” para a isolação de doentes. Ele cria o Serviço de Obras, que reconstruiu as caixas de rolamento das ruas e criou novos jardins públicos.

Com uma população de aproximadamente quinze mil habitantes, Nova Friburgo de 1900 a 1919 cresceu, apresentando novos prédios na zona urbana e valorização dos terrenos edificáveis e cultiváveis. Os vereadores e a elite friburguense buscam apagar as características coloniais da cidade, e conduzi-la para o progresso de uma cidade turística.

Edifícios como a casa da família Salusse (Figura 75), Hotel Salusse, Pensão Nascimento, Hotel Casino-Turista (Figura 76), a Igreja Matriz de São João Batista e o solar dos Clemente Pinto, emolduravam a Praça Princesa Izabel em 1919, mas o trecho que compreendia o lado oposto da Igreja Matriz ainda era constituído de pequenas casas coloniais geminadas (Figura 77), que logo cederam lugar para um novo edifício que abrigaria o então Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, que foi projetado pelo arquiteto Heitor de Mello (Figuras 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85 e 86).



Figura 75: Casa da família Salusse no final da Praça Princesa Izabel.  
Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.



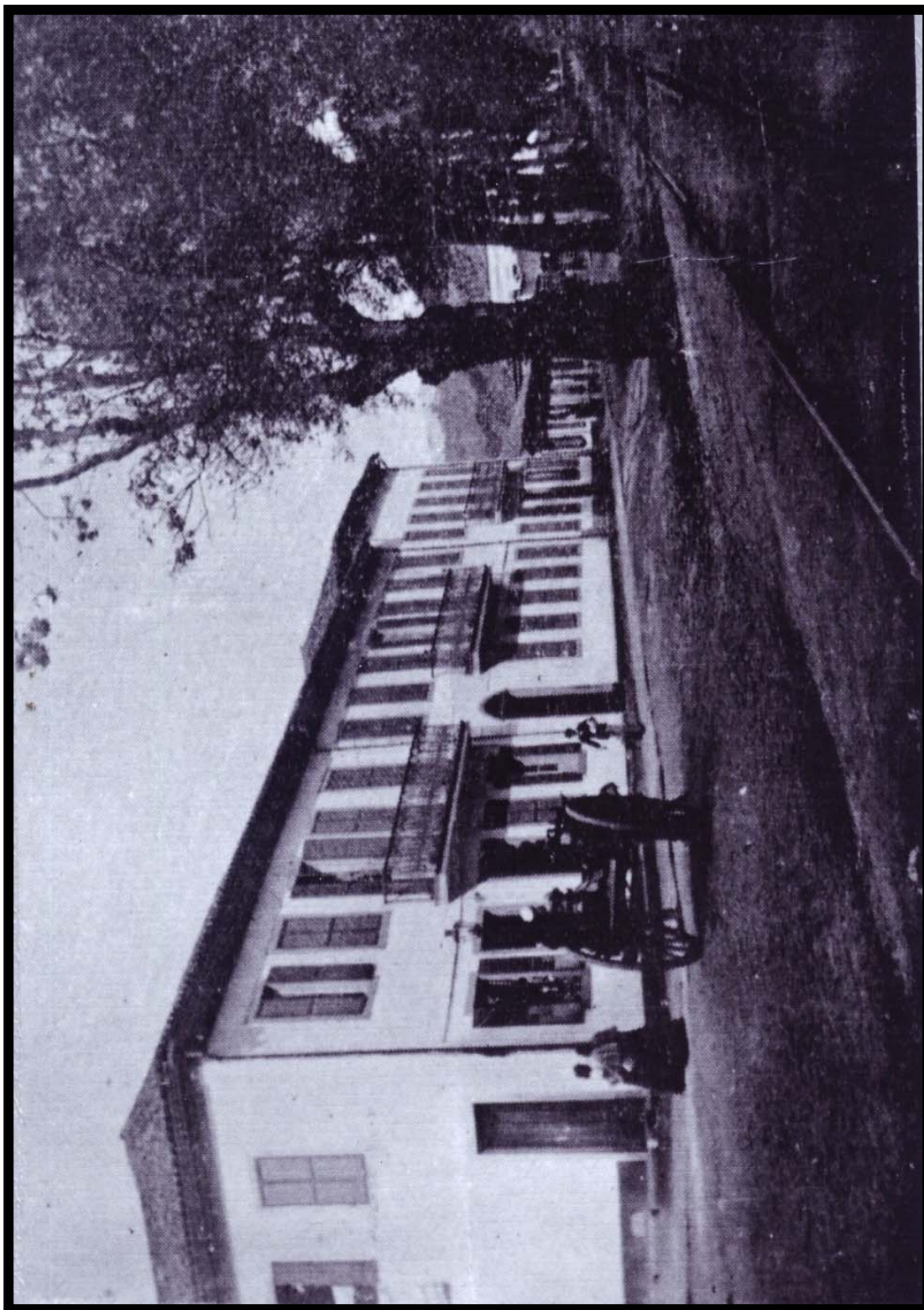


Figura 76: Hotel Salusse. Observara a direita o renque de bunganviles e o trilho da estrada de ferro de Cantagalo.

Fonte: Acervo de Osmar Castro.



Figura 77: Hotel Casino-Turista.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

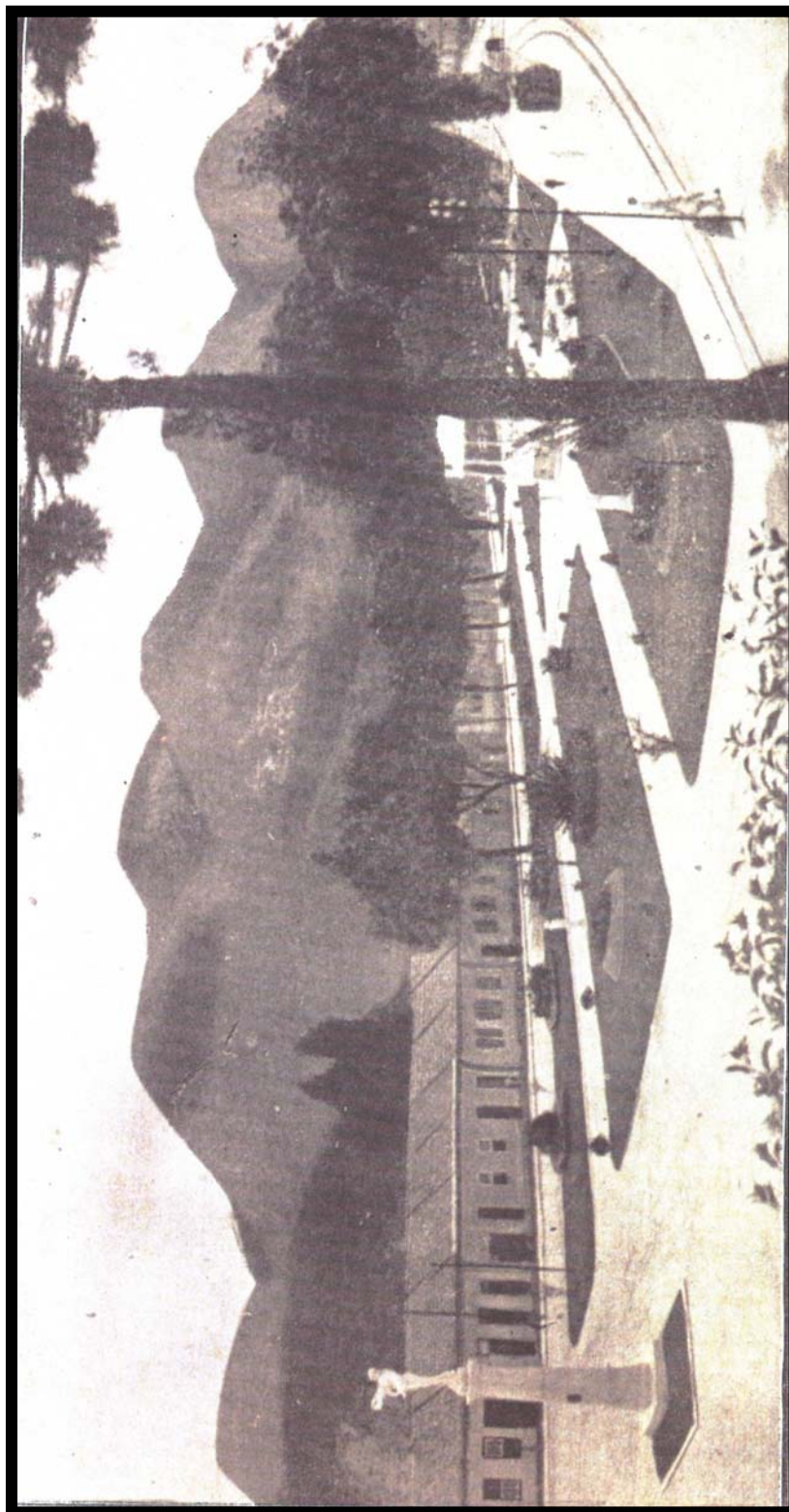


Figura 78: Praça Princesa Isabel aproximadamente em 1919. Observar ao fundo à esquerda as casas que foram demolidas para dar lugar ao Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, projeto de Heitor de Mello. No primeiro plano a estátua comemorativa ao centenário da cidade.  
Fonte: Pompeu, 1922.

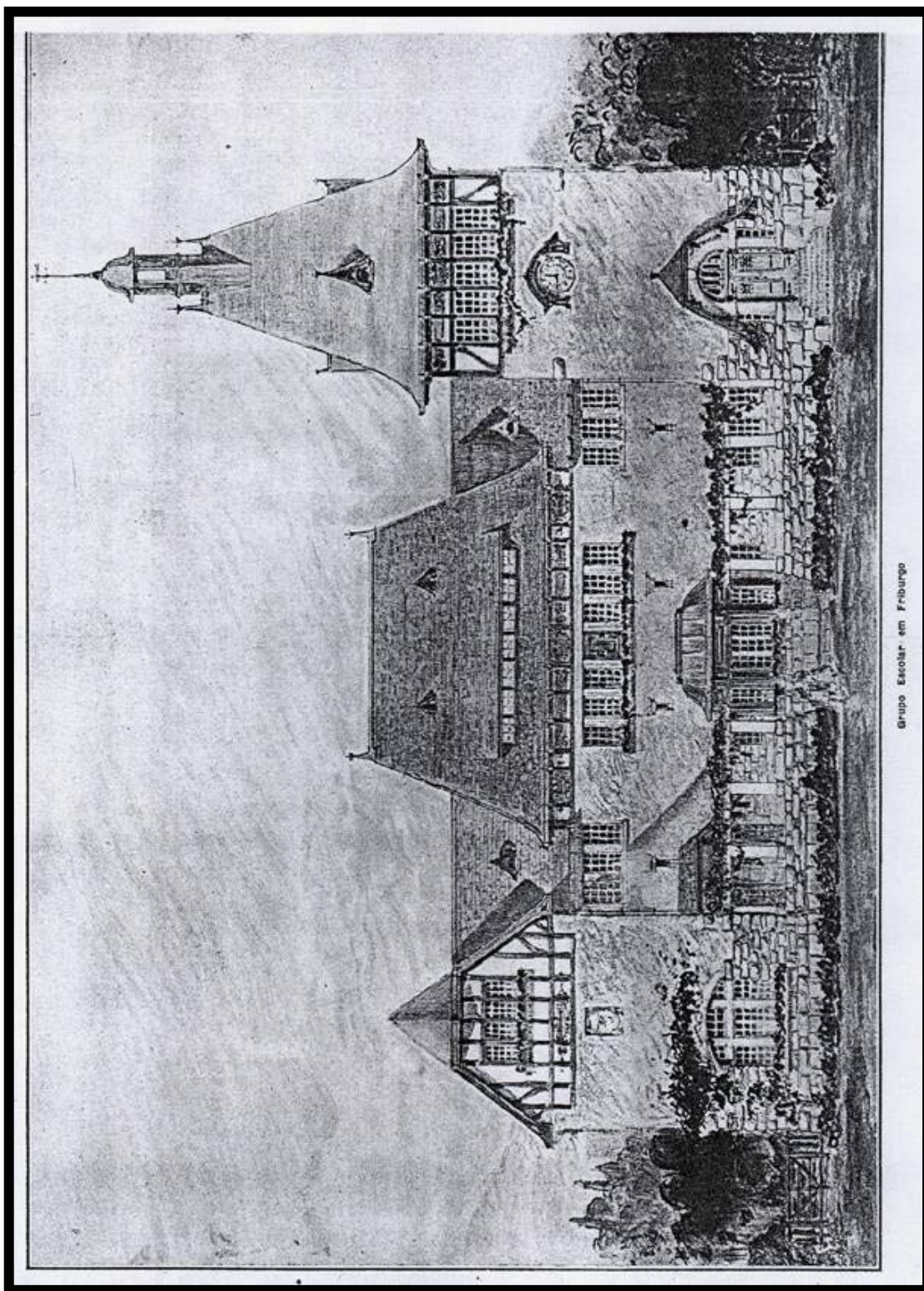


Figura 79: Fachada do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

Fonte: Mensagens apresentadas à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. 1913-1922.

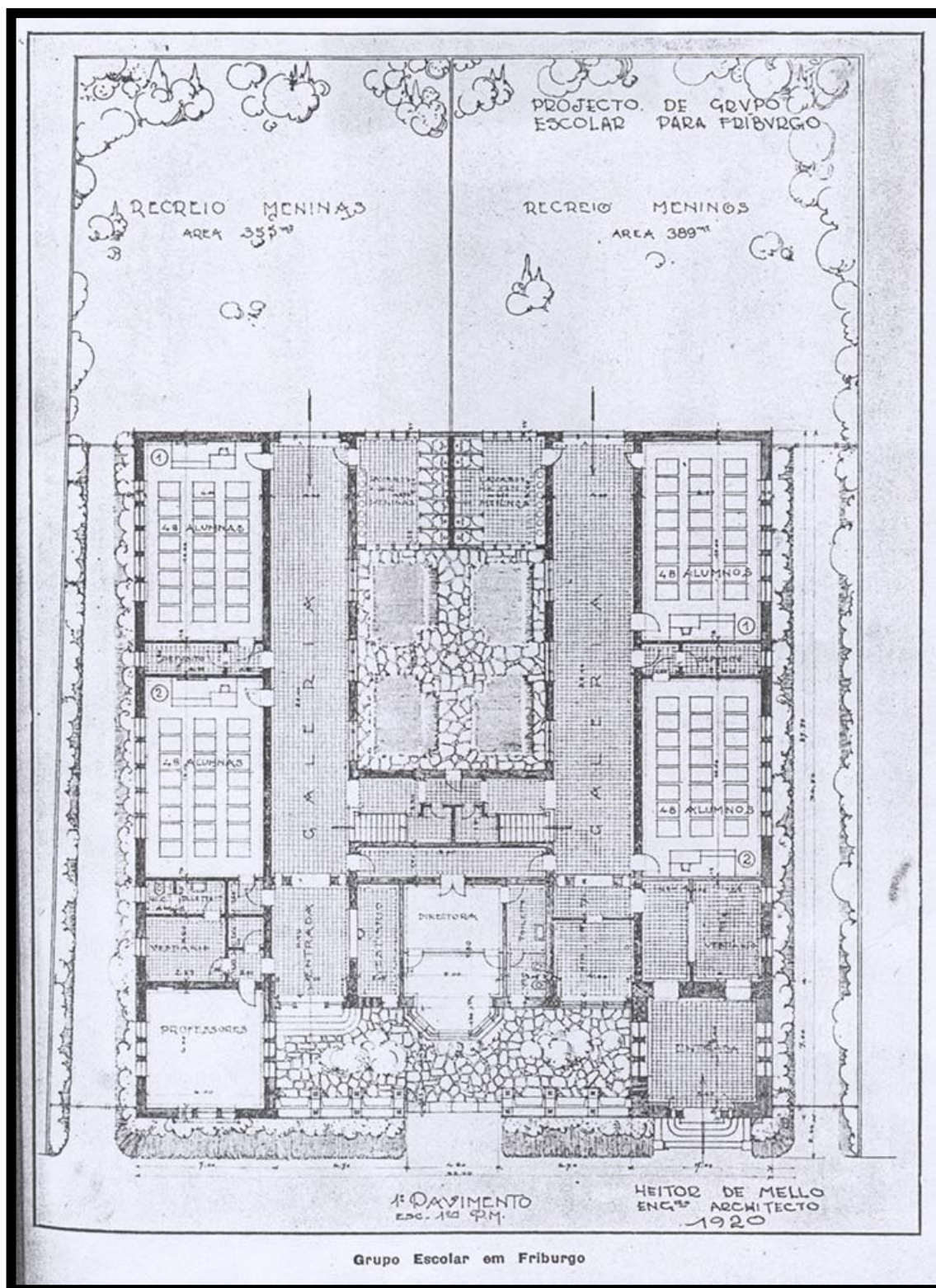


Figura 80: Planta baixa do 1º pavimento do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

Fonte: Mensagens apresentadas à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. 1913-1922.

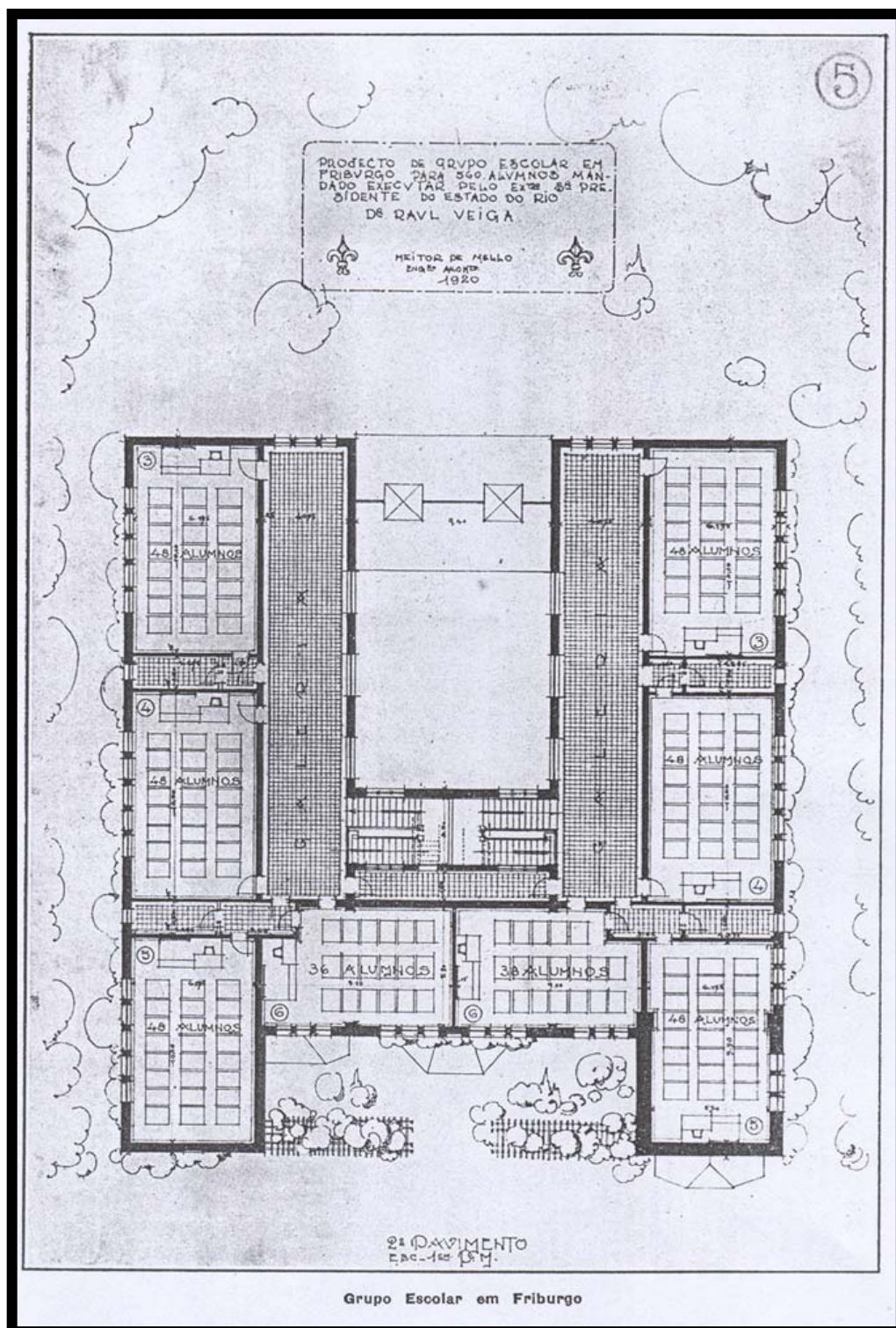


Figura 81: Planta baixa do 2º pavimento do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920. Fonte: Mensagens apresentadas à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. 1913-1922.

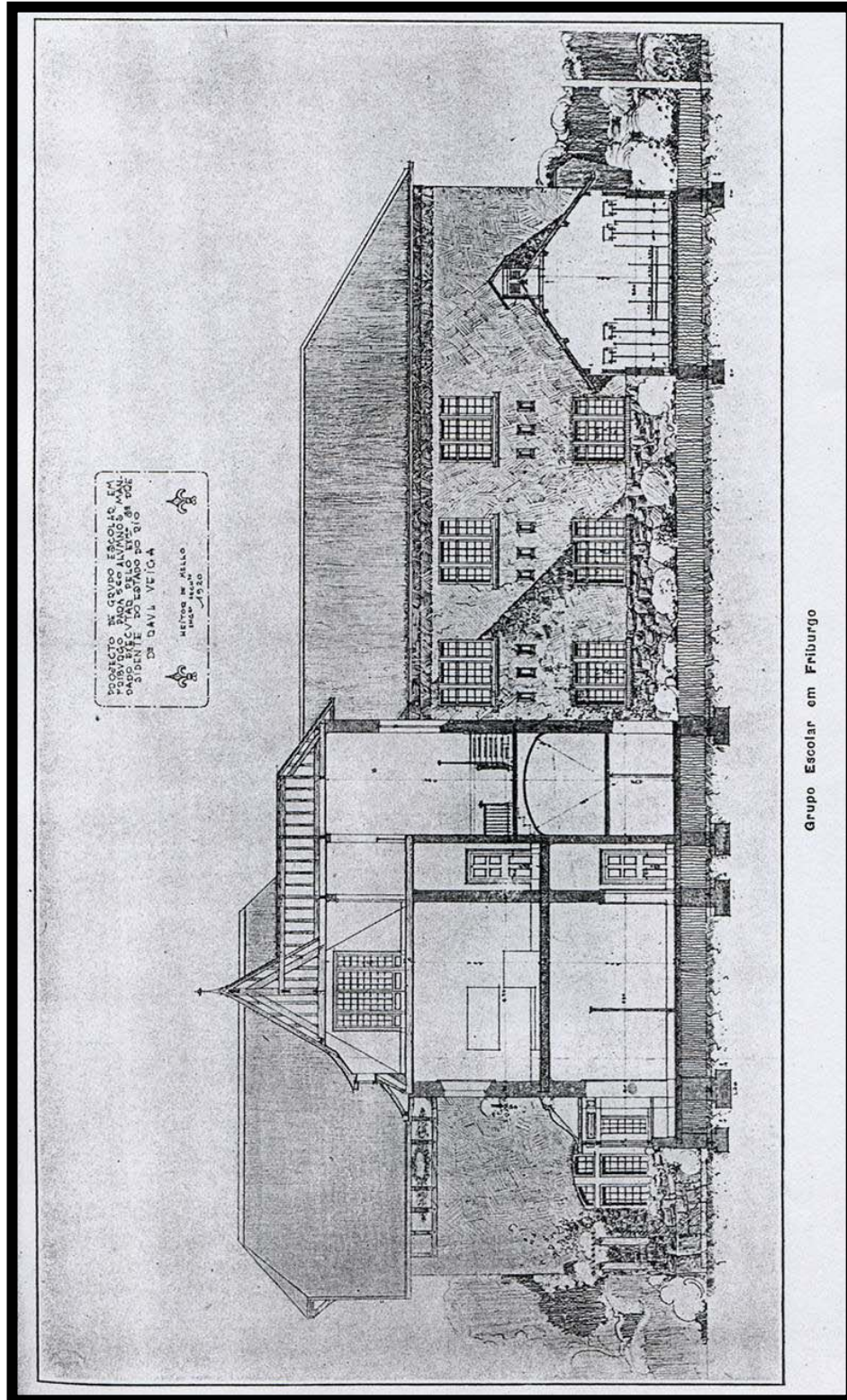


Figura 82: Corte do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

Fonte: Mensagens apresentadas à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. 1913-1922

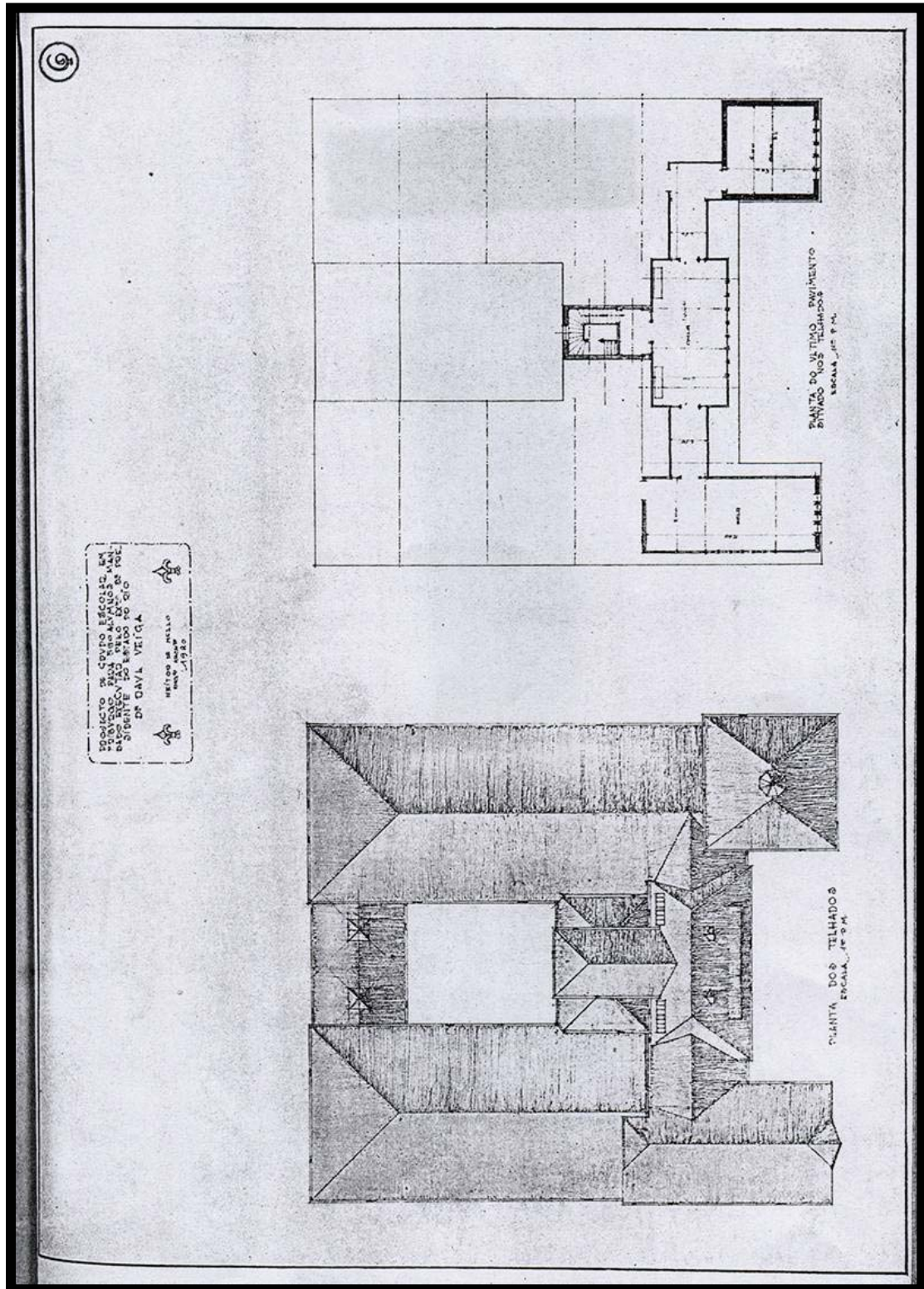


Figura 83: Planta de telhado do projeto do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, hoje Instituto de Educação de Nova Friburgo. Projeto de Heitor de Mello, 1920.

Fonte: Mensagens apresentadas à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. 1913-1922.



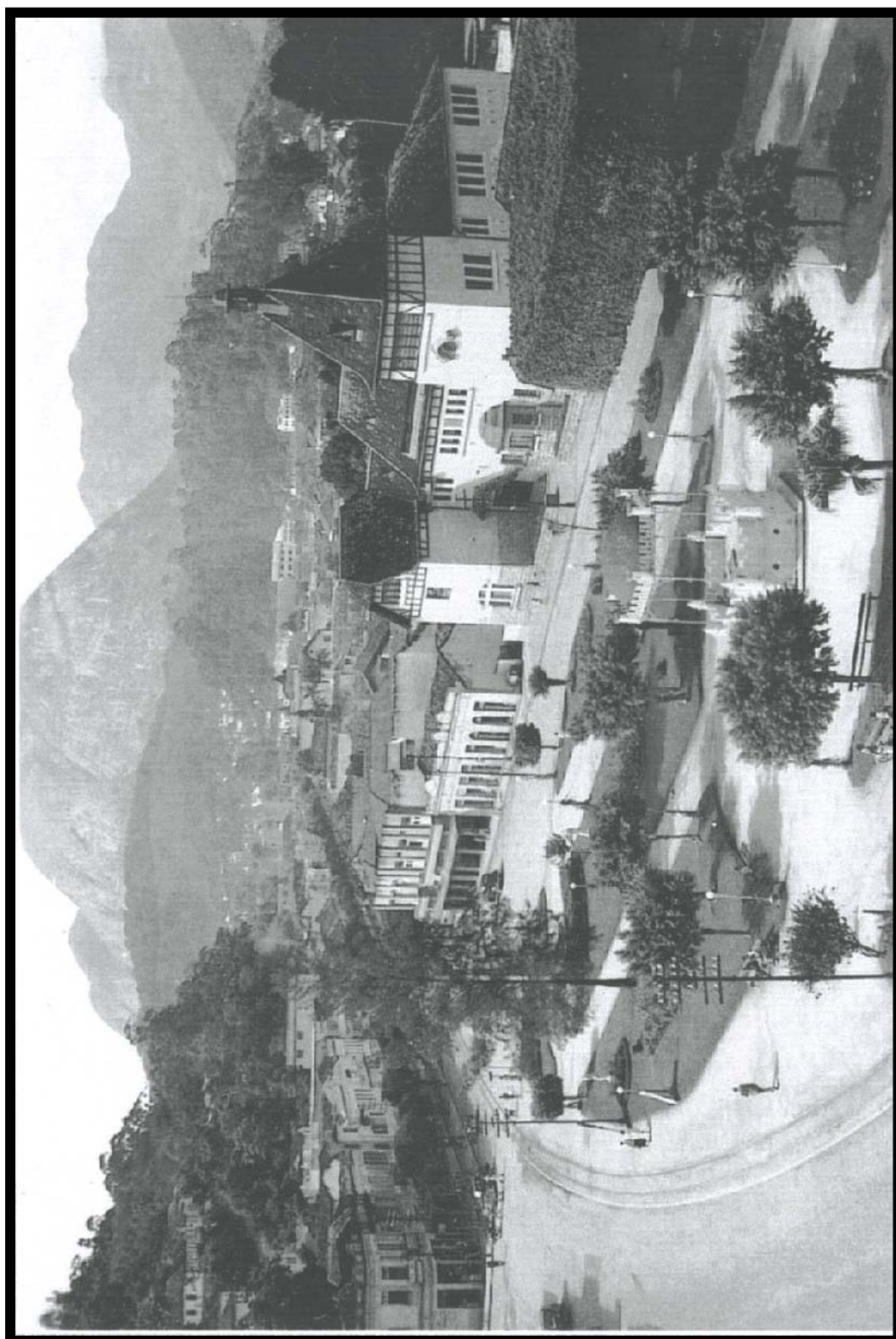


Figura 84: Vista da Praça Princesa Isabel, no trecho em frente a Catedral de São João Batista. Observar ao fundo o antigo Grupo Escolar Ribeiro de Almeida (atualmente Instituto de Educação de Nova Friburgo). Fotografia da primeira metade do século XX.  
Fonte: Acervo do Pró-Memória de Nova Friburgo, RJ.

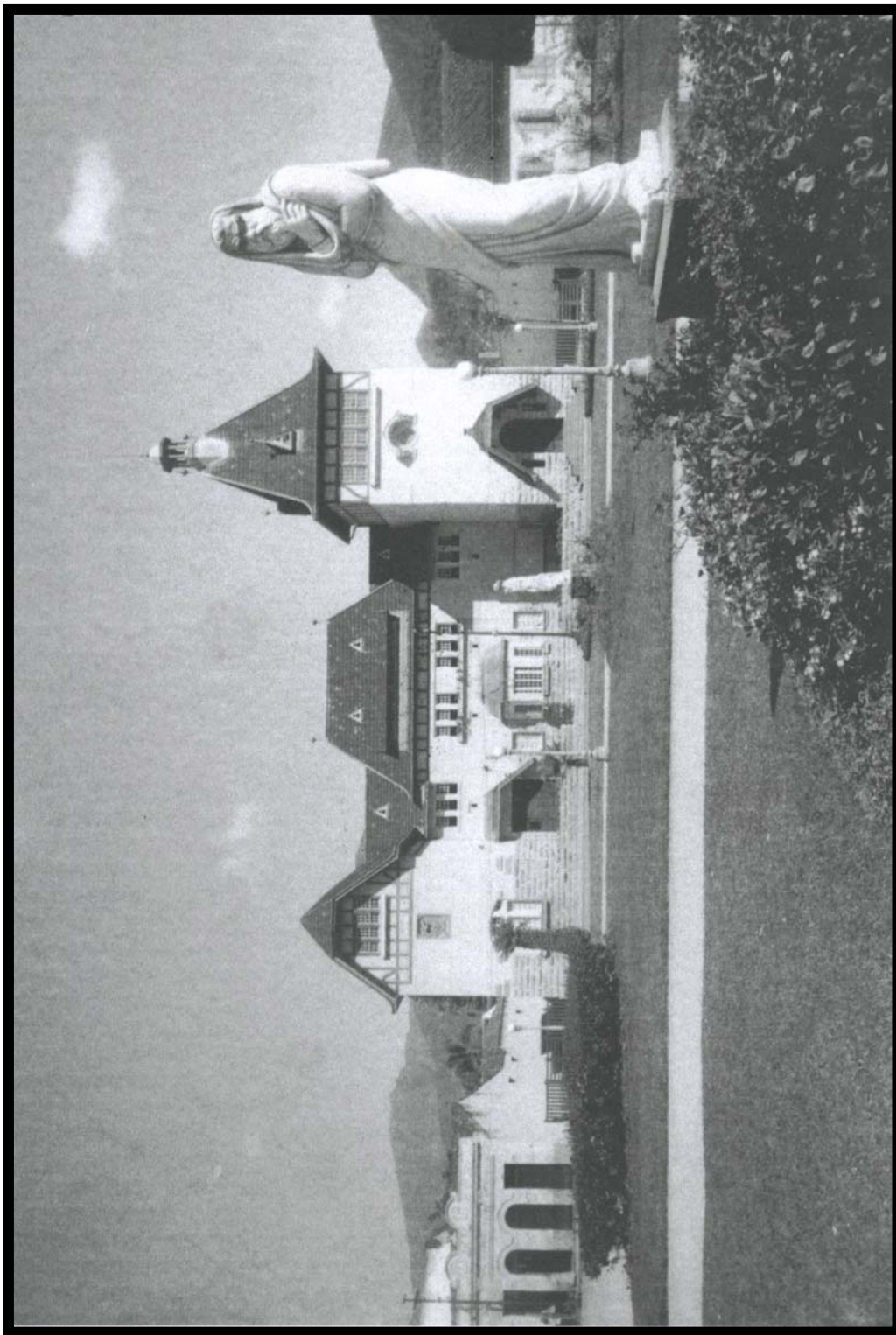


Figura 85: Vista da Praça Princesa Isabel, no trecho em frente a Catedral de São João Batista. Observar ao fundo o antigo Grupo Escolar Ribeiro de Almeida (atualmente Instituto de Educação de Nova Friburgo), e a frente a estátua do Inverno.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

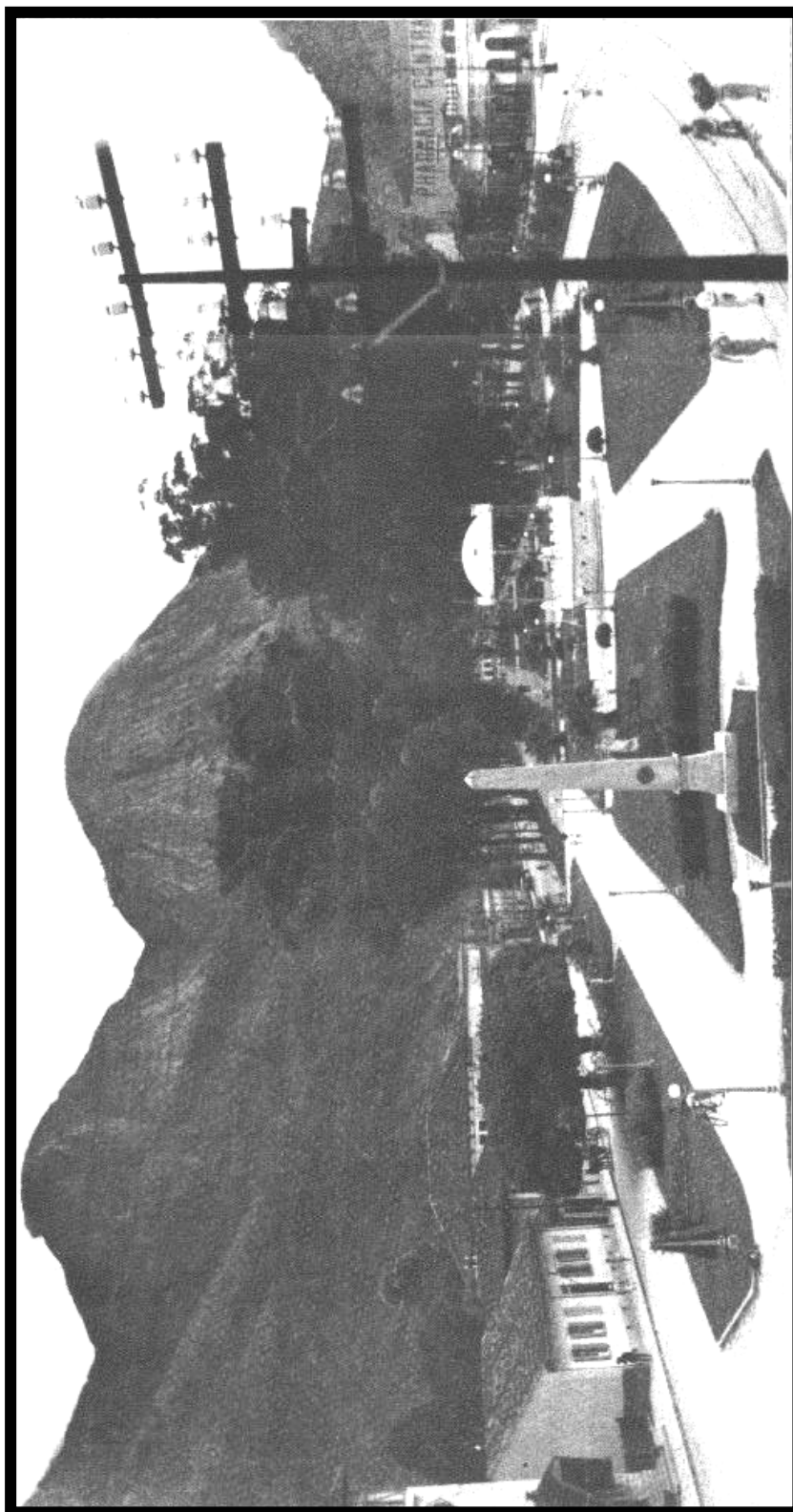


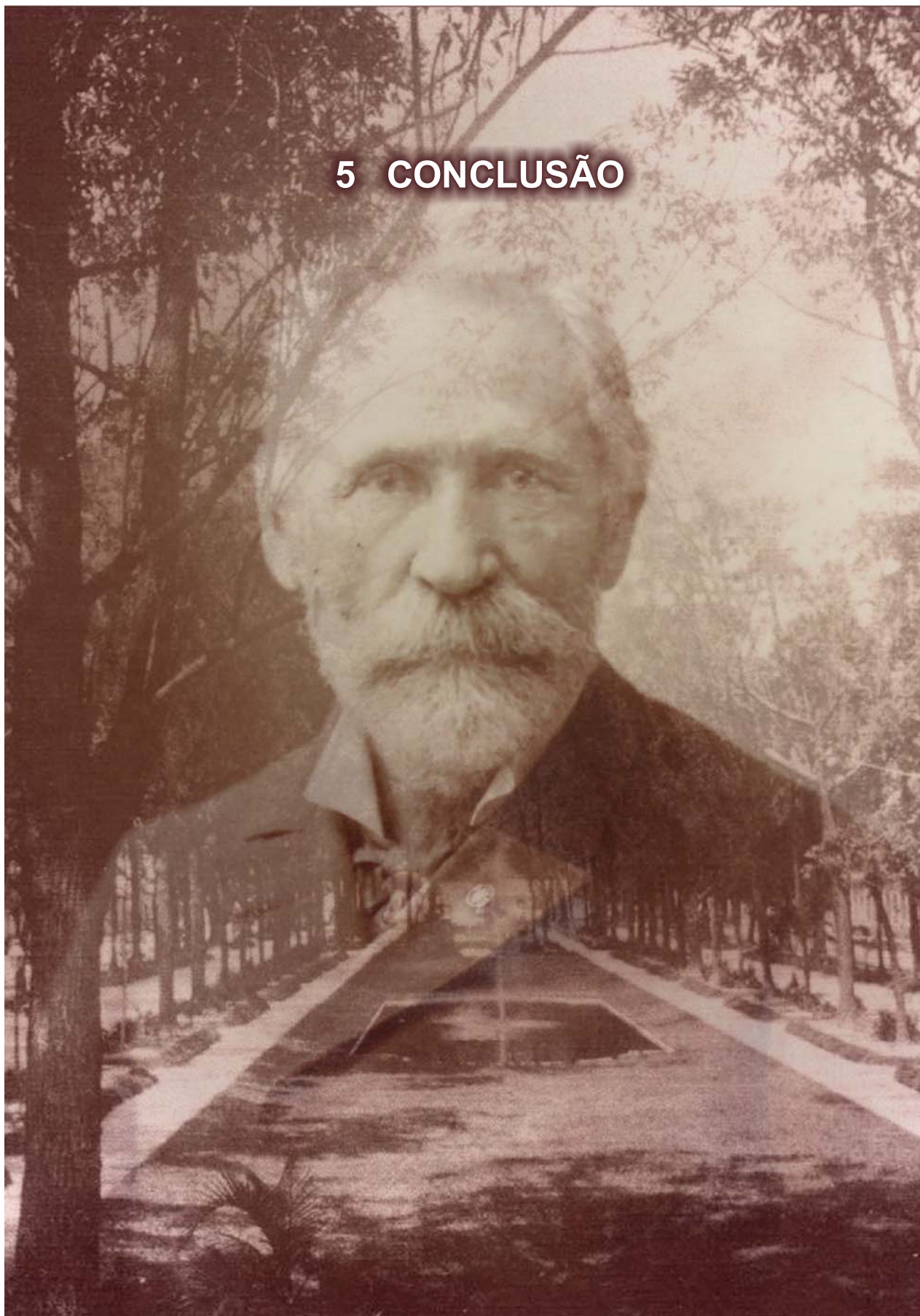
Figura 86: Vista da Praça Princesa Izabel.  
Fonte: Acervo de Osmar Castro.

Este edifício de 1920, de arquitetura inspirada na arquitetura alemã e suíça, consolidou ainda mais a Praça Princesa Izabel como centro urbano da cidade, como espaço de lazer de Nova Friburgo, isto é, um lugar de dinâmica cultural onde o lúdico fazia ressaltar um conjunto de expressões ou rituais, sinônimos do direito à cidade e de usufruto de um lugar agradável para viver. Lugar que ao prolongar a vida em seu interior, se transforma em receptáculo das aspirações da população, onde os cidadãos procuram sempre sua relação com a cidade.

Chegamos ao final dos cem anos de história da Praça Princesa Izabel as quais nos propomos a estudar e compreender. Verificamos que ela surgiu aos poucos e se transformou a partir de um constante jogo entre representações e práticas individuais e coletivas, que interferiram continuamente tanto na forma material, física e construída da praça, como nas formas de representar a vida em sociedade. Por essa razão dizemos que a praça foi materialmente construída pela ação cotidiana.

A idéia das praças da cidade expressa nas idéias de Glaziou, de Farinha Filho e da seqüência de médicos que fizeram parte do poder público de Nova Friburgo, nos mostrou a vontade imperiosa da implantação de áreas verdes, que eram o reflexo de uma época onde a necessidade das melhorias do ambiente urbano, face à urgência de controle da degradação das condições de habitação da população, era fundamental. É o pensar higienista, que busca através da inserção desses espaços verdes, proporcionar um local de extrema importância na vida da cidade.

## 5 CONCLUSÃO



Inventor de um paisagismo brasileiro que funde o antigo e o novo, Glaziou se oferece ao olhar do historiador interessado em resgatar as representações construídas por um homem de um outro tempo. Os dois jardins que deixou em Nova Friburgo são como marcas de historicidade, como janelas ou portas através das quais podemos acessar a sua sensibilidade e o seu imaginário deixado no passado.

Buscamos nessa dissertação analisar os processos de formação e transformação da Praça Princesa Izabel em relação ao centro urbano de Nova Friburgo. Verificando a sua importância e as razões pelas quais foi construída em 1880. Sendo provavelmente a única praça de Glaziou realizada segundo os moldes dos jardins franceses do século XVII, indo assim contra o partido inglês, livre, assimétrico e com elementos românticos do qual sempre foi seguidor, criando para Nova Friburgo uma praça onde as linhas direcionais conduziam o olhar para uma perspectiva sem fim, onde a escala humana perdia-se no eixo longitudinal de simetria dos tanques e renques formados pelos eucaliptos.

Reconstruímos o projeto de Glaziou para a Praça Princesa Izabel, já que o mesmo nunca foi encontrado. Baseando-nos em indícios documentais históricos e iconográficos, que deram provas reais de seu traçado, mostrando a importância da sua criação para a sociedade friburguense do século XIX e começo do XX. Através da construção da maquete eletrônica vislumbramos diferentes hipóteses construtivas e compreendemos melhor a praça e a paisagem ao seu redor. E através do filme gerado podemos visualizar as principais edificações, em um cenário dinâmico.

O filme, elaborado com ferramentas 3D, permite acrescentar informações de outros momentos, as características físicas remanescentes de um período do passado, possibilitando o reconhecimento das pessoas que configuraram estes espaços por suas decisões e ações.

Também vimos a importância de médicos como Jean Bazet, Carlos Eboli, Teodoro Gomes, Ernesto Brasília e Galdino do Valle como atores atuantes na política da cidade, sendo de grande importância o ideal higienista na consolidação e implementação de melhorias urbanas.

Creemos que este trabalho acrescentou novos elementos não só para a História dos Jardins e do Urbanismo, como principalmente para a história de Nova Friburgo, retirando do esquecimento o nome de dois grandes paisagistas que passaram pela cidade: Glaziou e Farinha Filho.

Hoje nós podemos concluir que a população da cidade nunca questionou a autoria do projeto da praça, pois a mesma sempre foi relacionada à Glaziou, informação esta, que foi sendo passada através das gerações. No decorrer desses cem anos de história da Praça Princesa Izabel, ela sempre conseguiu ser defendida e mantida pela vontade da maioria da população, pois ela faz parte integrante da estrutura social na qual esta inserida. Seja testemunhando divergências políticas, cultos religiosos, apresentações musicais ou até mesmo, o início de sólidas relações afetivas, a verdade é que a Praça Princesa Izabel condensa através de seus dezoito mil e quinhentos metros quadrados, o encontro de gerações, consolidando-se como “alma verde” de Nova Friburgo.

A Praça Princesa Izabel surgiu de um desejo de Carlos Eboli, foi criada por Auguste François Marie Glaziou e financiada por Bernardo Clemente Pinto. O nosso esquecimento a deixou morrer.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB' SABER, Azis N. Geomorfologia da região de Nova Friburgo. In: *Anais da associação dos geógrafos brasileiros*, 1951.

\_\_\_\_\_. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. In: *Boletim Geomorfologia*, nº 55. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1977.

AGOSTINI, Angelo. *Revista Illustrada*. Rio de Janeiro, n. 249, anno 6, 28 maio 1881.

ALMEIDA, Cícero Antonio F. *Catete: memórias de um Palácio*. Rio de Janeiro: Museu da República, 1994.

ALVES DE MIRANDA, José Silvestre. *Centenário de Nova Friburgo (Brasil) 1818-1918: História da Parochia de S. João Batista*. Nova Friburgo: 1920. Parte Religiosa.

*ANNAES Brasilienses de Medicina* – Jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro. Tomo XXII. Rio de Janeiro: 1870.

ANDRADE, E.N. *Manual do plantador de eucaliptos*. São Paulo: Tipografia Brasil de Rothschild, 1911.

ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: o processo de urbanização da Suíça brasileira*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1992.

BADARÓ, Rui Aurélio de Lacerda. *O Direito do Turismo através da história e sua evolução*. São Paulo: 2005.

BAZIN, Germain. *Paradeisos: the art of garden*. Londres: Cassel, 1990.

BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BERQUE, A. *Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle*. L'Espace Géographique. 1984.

BLANC-PAMARD, Chantal; RAISON, Jean-Pierre. Verbete paisagem. In: *Enciclopédia*. Porto: Editora Einaudi – Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.



BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil: através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

CAMPO de Santana. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, n. 249, 7 set. 1880. Seção Gazetilha, p.1.

CANSANSÃO DE SINIMBU, João L.V. *Notícias das colônias suíça e alemã fundadas na freguesia de S. João Batista de Nova Friburgo*. Niterói: Tipografia de Amaral e Irmão, 1852.

*CADERNO de Cultura*. Nova Friburgo: Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, 1988. v. 1. (Série 8)

CASTRO, Elizabeth Vialves. *Nova Friburgo: Medicina, Poder Político e História-1947-1977*. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

*CENSO Demográfico de Nova Friburgo*. Nova Friburgo: Câmara Municipal de Nova Friburgo: 1890.

\_\_\_\_. 1900.

CHARAGEAT, Marguerite. *L'art des jardins*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e guia médico*. 19. ed. Paris: André Blot, 1927.

CHOAY, François. *O Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

COLEÇÃO Paisagismo. *1º Seminário de arborização urbana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1996.

CONNUS, J. *História da emigração friburguense para o Brasil - 1819a 1820*. Nova Friburgo: Typographya da Sociedade Editora e Impressora de Nova Friburgo, 1918.

COSTA, Ricardo da Gama R. *Visões do "Paraíso Capitalista": Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

COSTA FERRAZ. *Annaes Brasilienses de Medicina*. Rio de Janeiro, n. 2, TOMO XXIII, dez. 1871.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Maria S. C. S. de. Notas para o estudo da presença alemã em Nova Friburgo. Mineografado.

CUNHA, Miguel Gastão da. O extraordinário Glaziou. In: *Leituras Paisagísticas: teoria e práxis*, n. 2, EBA/UFRJ, (no prelo).

CURIO, Pedro. *Como surgiu Nova Friburgo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sedegra S/A Gráficos Editores, 1974.

CURY, Isabelle (Org.). *Cartas patrimoniais*. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

*DECRETO e Condições do estabelecimento de huma colônia de Suissos no Reino do Brazil*. Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1820. (Coleção de Legislação Brasileira do Império II)

DIAS, Acácio Ferreira. *Terra de Cantagalo*. 2. ed. Rio Bonito: Artes Gráficas Cantagalo Ltda, 1979. v. I.

\_\_\_\_\_. 1981. v. II.

ERTHAL, Clélio. *Cantagalo: da miragem do ouro ao esplendor do café*. Niterói/Rio de Janeiro: Gráfica Erthal Ltda, 1992.

ERTHAL, Rui. *A dispersão dos imigrantes suíços e alemães da área colonial de Nova Friburgo: uma abordagem geográfica*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FILHO, Lycurgo Santos. *História da Medicina no Brasil: Do século XVI ao século XIX*. São Paulo: Editora Brasiliense LTDA, 1947. v. 3. (Coleção Grandes Estudos Brasilienses)

FISHER, Carlos Rodolfo. *Uma história em quatro tempos*. Nova Friburgo: Gráfica da Fábrica de Rendas Arp S.A., 1996.

FISHMAN, Robert. *Bourgeois utopias: the rise and fall of suburbia*. New York: Paperback: Basic Book, 1987.

FOLLY, Luiz Fernando Dutra. Parque São Clemente: memórias de um jardim. In: *Leituras Paisagísticas: teoria e práxis*, n. 2, EBA/UFRJ, (no prelo).

FOLLY, Luiz Fernando Dutra. Um passeio iconográfico pela Praça Getúlio Vargas em Nova Friburgo, RJ: O projeto esquecido de Glaziou. In: *Anais do VI ENEPEA – Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo*, Recife, 2002.

GLAZIOU, Auguste F. M. Liste des plantes du Brésil central recueillis em 1861-1895. In: *Bulletin de la Société Botanique de France*, 1905 - 1913.

GOMBRICH, Ernst H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1995.

GUIMARÃES, Arthur. *Um inquérito social em Nova Friburgo: ensaios de sociologia prática*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1916.

HOBSBAWM, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

*INDICADOR Comercial de Nova Friburgo*. Nova Friburgo: 1930.

*INDICADOR Fluminense*. Nova Friburgo: 1898.

*JOURNAL DU JURA*, 26 mars 1820. Mineografado.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEITURAS PAISAGÍSTICAS: teoria e práxis – (Re)construindo a paisagem do Passeio Público historiografia e práticas projetuais. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2006. v. 1.

LEMOS, Carlos A. C. *A República ensina a morar (melhor)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

LIMA, A.M.L.P. Nosso Parque faz 80 anos. *Revista da ADEALQ*, v.10, n.6, 1987.

LORENZI, Harri et al. *Árvores exóticas no Brasil: madeireiras, ornamentais e aromáticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2003.

*MENSAGENS apresentadas à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. 1913-1922*. Rio de Janeiro: 1922.

MARCOS, A.; BERNARDES P.; FONTES, L.; Multimedia Kiosks and the Ancient Times: an Archaeological Reconstruction and History of Braga's Cathedral. In: *Computer graphics TOPICS*, 1999.

MONTENEGRO, H.W.S. *A arte de projetar jardins*. Piracicaba: FEALQ, 1983.

NICOULIN, Martin. *A Gênese de Nova Friburgo: emigração suíça no Brasil (1817 - 1827)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

\_\_\_\_\_. L' emigration suisse au Brésil et le début de Nova Friburgo (1817-1826). Notes brèves de recherches et de méthodes. In: *Revue Neuchâteloise*, 1970.

NOVA FRIBURGO. *Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo*. Nova Friburgo: jun. 1829 – mar. 1888.

\_\_\_\_\_. *Código de Posturas Municipal de Nova Friburgo*. Nova Friburgo: 1893.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 449, de 18 de março de 1959. Capítulo XVII, Título III, Cidade Jardim Parque São Clemente. *Código de Obras da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo*. Nova Friburgo: 1959. p. 119 - 122.

PEDRO, José Carlos. *A colônia de Morro Queimado: suíços e luso-brasileiros na Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo*. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

POMPEU, Julio. *Álbum de Nova Friburgo*. Petrópolis: Oficinas Graphics L. Silva & C, 1919.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

PICON, Antoine. Racionalidade técnica e utopia: a gênese da haussmanização. In: Heliana Salgueiro (Org.), *Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos*. São Paulo: Edusp, 2001.

*REGISTRO de estrangeiros 1840-1842*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1964.

REGO FILHO, José Pereira. Parecer do Dr. José Perreira Rego Filho sobre a memória do Dr. Carlos Eboli. In: \_\_\_\_\_. *Trabalhos Academicos: Discurso lido pelo presidente da mesma sociedade*. Rio de Janeiro: 1866.

\_\_\_\_\_. *Parecer sobre a pretensão dos Srs. Drs. Carlos eboli e Fortunado Correa de Azevedo*: apresentado na sessão da Academia Imperial de Medicina em 23 de novembro de 1874. Rio de Janeiro: 1874.

ROBBA, Fabio e MACEDO, Sílvio Soares. *Praças Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial do Estado, 2002.

ROSSI, Aldo. *Arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROURE, Agenor de. O centenário de Nova Friburgo: In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, 1918.

SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça*. São Paulo: Edusp, 1993.

SANDERVILLE Jr., Euler. *A herança da paisagem*. Dissertação (Mestrado), São Paulo, 1993.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo : Hucitec, 1996.

SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1996.

\_\_\_\_\_. *Prelúdio da metrópole: Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê, 2000.

\_\_\_\_. Os jardins públicos no período colonial e o Passeio Público do Rio de Janeiro. In: *Congresso do Barroco no Brasil: Arquitetura e Artes Plásticas*, 1981, Ouro Preto. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: \_\_\_\_\_. *República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. v. 3. (História da vida privada no Brasil)

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa / Rio de Janeiro: Lacerdina / Oficina da S.A. Lith-Typgrphica Fuminense, 1813 / 1922.

SIQUEIRA, Edmundo. *Resumo Histórico de “The Leopoldina Railway Company Limited”*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Carioca, 1938.

SOARES, Décio. *Terra Friburguense*. Nova Friburgo: 1960.

\_\_\_\_\_. *Nova Friburgo, roteiro turístico*. Nova Friburgo: 1965.

SOLOMON, Anne. *Visualising African prehistory: Proceedings of ACM SIGGRAPH and EUROGRAPHICS Campfire on Computer Graphics and Archaeology*, Salt Lake City, USA, 2000.

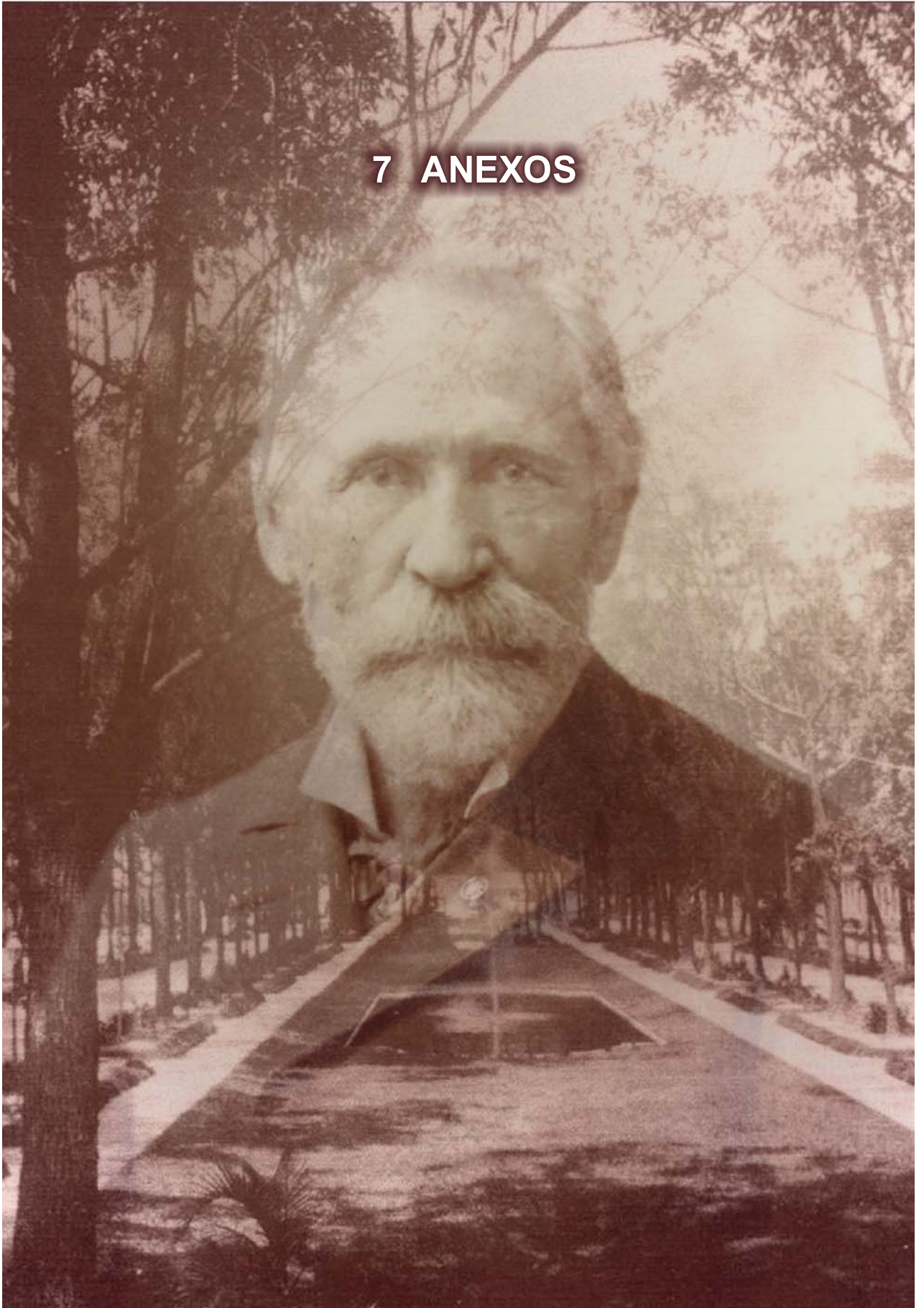
TERRA, Carlos Gonçalves. *Os jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado*. 2. ed. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000.

TSCHUDI, J. J. Von. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / EDUSP, 1980.

VACHEROT, Jules. *Les parcs et jardins au commencement du XX<sup>e</sup> siècle*. Paris : Éditeur Octave Doin / Librairie Agricole, 1908.

VALLE FILHO, Galdino do. *Lendas e Legendas de Friburgo*. Nova Friburgo: 1928.

# 7 ANEXOS



**ANEXO 1**

Cronologia da obra de Auguste François Marie Glaziou



<b>1833</b>	28 ou 30 de agosto – nascimento em Lannion, Bretanha.
<b>1856</b>	Casou-se com Marie Cheminau, uma costureira que era vizinha da rua onde morava.
<b>1858</b>	Vinda para o Brasil
<b>1860 / 62</b>	Reforma do Passeio Público e arborização do Cais da Glória
<b>1868</b>	<b>(aproximadamente) Projeto e execução dos jardins da Chácara do Challet em Nova Friburgo, propriedade do Barão de Nova Friburgo Antonio Clemente Pinto.</b>
<b>1869</b>	Nomeado Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial.
<b>1870 / 78</b>	Realização dos jardins da Quinta da Boa Vista.
<b>1870</b>	Criação de um pequeno jardim fronteiro à Estrada de Ferro Dom Pedro II.
<b>1872</b>	Urbanização do Largo do Machado.
<b>1873</b>	Portaria de 19 de março que estabelece gratificação mensal de 100\$000.
<b>1873 / 75</b>	Ajardinamento do Largo de São Francisco de Paula.
<b>1873 / 80</b>	Projeto do Campo de Santana.
<b>1875</b>	Jardim da Praça General Osório.
<b>1877</b>	Jardim da Praça Quinze de Novembro.
<b>1880</b>	<b>Jardim da Praça Princesa Izabel em Nova Friburgo.</b>
<b>1881</b>	Ornamentação da Exposição de História do Brasil na Biblioteca Nacional.
<b>1882</b>	Convidado a cuidar dos jardins imperiais do Palácio de Petrópolis.
<b>1889</b>	20 de março – licença de 6 a 8 meses para participar como Delegado da Comissão Central à Exposição Universal de Paris.
<b>1893</b>	Confirmado no cargo de Diretor dos Jardins Públicos, Arborização e Florestas da Cidade do Rio de Janeiro.
<b>1895</b>	Nomeado botânico da Comissão de Estudos do Planalto Central do Brasil.
<b>1897</b>	7 de maio – aposentado pelo Decreto nº 402.
<b>1897</b>	Fixa residência em Bouscal (perto de Bordéus).
<b>1897</b>	Envia caixa de plantas do Brasil central para o herbário da Prefeitura.
<b>1900</b>	12 de dezembro – envia plantas secas para a Escola de Farmácia de Ouro Preto.
<b>1906</b>	30 de abril – falece em Bordéus aos 73 anos.
<b>1910</b>	12 de outubro – inaugurado o busto de Glaziou na Quinta da Boa Vista. Foi executado por Nicolina Vaz de Assis.

**ANEXO 2**

Revista Ilustrada de 15 de março de 1884  
Anno 9 / N° 375

Artigo sobre a Planta da Villa de Nova Friburgo realizada pela turma de Engenheiros Civis da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sob a orientação de Paulo de Frontin.

A boa villa de Friburgo está finalmente de posse da sua planta, e podendo por conseguinte emprender todo e qualquer melhoramento que porventura brote nos cérebros dos seus vereadores.

Graciosissima offerta dos bons e inteligentes engenheiros da ultima fornada da escola Polytechnica, a planta de Friburgo é um trabalho perfeito, minucioso e completo, abrangendo a villa com todos os seus bellos arrabaldes e indicando as frentes de todos os terrenos e prédios, e dando as plantas completas dos edificios mais importantes da villa e mesmo das casas isoladas.

Tudo se acha ali indicado, convencionalmente, reconhecem-se perfeitamente as ruas, as casas, os jardins, os pomares, os terrenos devolutos, os alagadiços, as estradas, os lampeões, os chafarizes, os muros, os gradis, as cercas, as pontes, as linhas da estrada de ferro com os seus desvios, a linha de bonds do visconde de S. Clemente, e, finalmente, até os postos!

De modo que, apenas exposta, e cada um já a exclamar: “Olha a igreja! Olha a capelinha nova! E o palacete do visconde! E a estação da estrada de ferro! E o challet do Andrade Pinto! E a casa do Galiano com as escadas de fora, atrapalhando o transito! E a casinha amarella dos salesianos, já sem rendas alegres, nem padres insolentes...

A planta tem ainda três bellos escudos: um com as cores e armas da Escola Polytechnica; outro representando uma estação da estrada de ferro de Cantagallo; e o terceiro que reproduz a celebre e milagrosa fonte do Suspiro.

Um presente de rei, finalmente, como já se tinha tido ocasião de dizer aqui mesmo na Revista Illustrada.

E nem Friburgo foi ingrata para com os bons e generosos engenheiros, não, eu expresso-me a conhecer.

A boa e fresca villa mostrou-se, ao contrario toda agrados, toda carinhos, e desfez-se em doçuras e amabilidades á vista dos engenheiros e sobretudo do seu illustrado director.

O baile, que lhes foi offerecido, pela villa, esteve realmente esplendido.

No edificio da camara, todo ornado e illuminado se acotellava presenteiramente tudo quanto Friburgo tinha de distincto, de secto como “provisorio” e como visitante.

E muitas senhoras, muitas moças davam á festa o seu encanto, a sua graça.

E já não se fallava em padres salesianos senão a rir de suas predicas, e dounaírear das devotas.

Uma devota cujo nome eu prometti calar, mas que não e prohibido adivinhar, prometteu mesmo offerecer o seu grosso livro de missa para a bibliotheca Ganganelli – guardando apenas o pequeno formato.

Rolando

**ANEXO 3**

Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo - 1881

Há de servir este livro na Camara Municipal para o registro geral, sendo primeiramente sellado. Contem cincoenta /50/ folhas e leva no fi, o termo de encerramento. Nova Friburgo 13 de Novembro de 1880.

João Gaspar Meyer  
Presidente Int<sup>o</sup> da Câmara Municipal

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao cidadão João Luiz Tavares Guerra.  
Paço da Camara Municipal de Nova Friburgo, 12 de fevereiro de 1881. II<sup>mo</sup>. Sr. – Sendo preciso esta Câmara encanar água que nasça em lugar elevado e que seja em quantidade sufficiente para abastecer os lagos e repuxos que devem ser feitos no jardim da Praça Princesa Izabel, resolveu pedir a V. S<sup>a</sup>., que tem em seus terrenos um correjo em taes condições, se digne permitir-lhe que do referido córrego derive a água necessária para os fins já indicados. Esta municipalidade espera que V. As. acceda ao seu pedido, contribuindo deste modo para o bem publico. Deos Guarde a V. S<sup>a</sup>. – III<sup>mo</sup>. Sr. João Luiz Tavares Guerra – O Presidente da Câmara, Manuel Fernandes Ennes.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Dr. Carlos Glasl, Director do Jardim Botânico e Fazenda Normal.  
Paço da Camara Municipal de Nova Friburgo, 12 de fevereiro de 1881 – III<sup>mo</sup>. Sr. – De accordo com o officio do Exm<sup>o</sup>. Sr. Presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, datado de 6 de Maio de 1879, esta Câmara vem pedir a V. S<sup>a</sup>. se digne entregar ao Sr. Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, ou á pessoa por elle indicada, os arbustos e plantas de ornamentação solicitados para o embelezamento da Praça Princesa Izabel. – Deos Guarde a V. S<sup>a</sup>. – III<sup>mo</sup>. Sr. Director do Jardim Botânico e Fazenda Normal. – O Presidente da Câmara, Manuel Fernandes Ennes.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Director da Estrada de Ferro de Cantagalo.

Paço da Camara Municipal de Nova Friburgo, 12 de fevereiro de 1881. – III<sup>mo</sup>. Sr. – Rogo a V. S<sup>a</sup>. que, de accordo com o officio ao Governo Provincial, datado de 29 de Abril de 1879, se digne dar passagem gratuita na estrada de Ferro de Cantagallo, ás plantas e mais materiais destinadas ao embellesamento da Praça Princesa Izabel – Deos Guarde a V. S<sup>a</sup>. – III<sup>mo</sup>. Sr. Dr. Ernesto Eugenio da Graça Bastos, Director da Estrada de Ferro de Cantagallo. - O Presidente da Câmara Manuel Fernandes Ennes.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Dr. Glaziou.

Paço da Camara Municipal de Nova Friburgo, 12 de Fevereiro de 1881. – III<sup>mo</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Sr. – Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex<sup>a</sup> que esta Camara já officiou ao Director do Jardim Botânico e ao Director da Estrada de Ferro de Cantagallo, pedindo ao primeiro que entregue a V. Ex<sup>a</sup>. ou á pessoa que V. Ex<sup>a</sup>. indicar, os arbustos e plantas de ornamentação concedidas para o Jardim Publico desta villa, e ao segundo que, de accordo com o que foi decidido pelo Governo Provincial, dê passagem gratuita na estrada de ferro as referidas plantas e mais materiais destinados ao mesmo Jardim. – Deos Guarde a V. Ex<sup>a</sup>. – III<sup>mo</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Sr. Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou. – O Presidente da Camara, Manuel Fernandes Ennes.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

- Ao Procurador. –

Paço da Câmara, 30 de Abril de 1881. – III<sup>mo</sup>. Snr. – Fica Vm<sup>ce</sup>. Autorisado a pagar mensalmente ao Exm<sup>o</sup>. Sr. Barão de Nova Friburgo, a contar do dia 1<sup>o</sup> de Abril proximo futuro em diante, a quantia de 166 / 666, até perfazer a = 10:000 // 000 = importancia do Jardim da Praça Princesa Izabel, de que esta encarregado aquelle senhor - De cada um desses pagamentos, que serão feitos pela verba – Obras publicas – cobrará V. M<sup>ce</sup>. recibo. – Deos Guarde a V. M<sup>ce</sup>. – O Presidente, Manuel Fernandes Ennes - O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues. Sr. Francisco Antonio de Araújo Barreto - Procurador da Camara.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Sr. Galiam Emilio das Neves.

Paço da Câmara Municipal, 30 de Abril de 1881. – III<sup>mo</sup>. Sr. – Conforme foi deliberado em sessão de hoje, remettemos a V. S<sup>a</sup>. as contas relativas á subscrição promovida para o ajardinamento da Praça Princesa Izabel. – Deos Guarde a V. S<sup>a</sup>. – III<sup>mo</sup>. Sr. Vereador Galiam Emilio das Neves. – O Presidente, Manuel Fernandes Ennes. O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

- Ao Procurador. –

Paço da Câmara, 2 de Maio de 1881. – III<sup>mo</sup>. Snr. – Fica Vm<sup>ce</sup>. Autorizado a pagar mensalmente ao Exm<sup>o</sup>. Sr. Barão de Nova Friburgo, a contar do dia 1<sup>o</sup> de Abril do corrente anno em diante, a quantia de 166 / 666, até perfazer a = 10:000 // 000 = importancia do Jardim da Praça Princesa Izabel, de que esta encarregado aquelle senhor - De cada um desses pagamentos, que serão feitos pela verba – Obras publicas – cobrará V. M<sup>ce</sup>. recibo. Declaramos assim a V. M<sup>ce</sup>. Que fica sem effeito o officio que em data de 30 de abril lhe foi dirigido. – Deos Guarde a V. M<sup>ce</sup>. O Presidente, Manuel Fernandes Ennes – O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues. – Sr. Fr<sup>co</sup>. Ant<sup>o</sup>. de Ar<sup>o</sup>. Barreto, Procurador da Camara.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Á Commissão de obras Publicas.

Paço da Camara, 2 de Maio de 1881. – III<sup>mo</sup>. Sr. – Conforme deliberou a Camara em sessão de 30 de Abril próximo passado, fica V. S<sup>a</sup>. autorizado a orçar as despesas a fazer-se com a construcção de paredões em ambos os lados da valla que atravessa a rua General Pedra, desde a Praça Princesa Izabel até á rua General Camara. – Deos Guarde a V. S<sup>a</sup>. – III<sup>mo</sup>. Snr. Vereador Dr. Carlos Eboli, Dig<sup>mo</sup>. membro da Commissão de Obras publicas – O Presidente, Manoel Fernandes Ennes – O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Procurador.

Paço da Camara Municipal 24 de Maio de 1881. – III<sup>mo</sup>. Sr. – Conforme deliberou a Camara em sessão de hoje, recommendamos a V. M<sup>ce</sup>. Que em toda a brevidade mande comprar um lampeão de gaz-globo para substituir o que foi inutilizado na rua General Argollo. – Outrossim lhe communicamos que fica de nenhum effeito o officio que lhe dirigio esta Municipalidade em 2 do corrente mez, visto ter o Barão de Nova Friburgo desistido da somma a que tinha direito pelos trabalhos da Praça Princesa Izabel. – Deos Guarde a V. M<sup>ce</sup>. O Presidente Manoel Fernandes Ennes. O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues. – Sr. Francisco Antonio de Araújo Barreto.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.

Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Snr. Carlos Engert. –

Paço da Camara Municipal, 24 de Maio de 1881. – III<sup>mo</sup>. Sr. – Esta Municipalidade vem por este meio agradecer a V. S<sup>a</sup>. os importantes serviços que graciosamente prestou a este municipio, auxiliando o Sr. Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou na direcção dos trabalhos de ajardinamento da Praça Princesa Izabel. Deos Guarde a V. S<sup>a</sup>. - III<sup>mo</sup>. Sr. Carlos Engert. – O Presidente, Manoel Fernandes Ennes. – O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.

Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Sr. Carlos Engert.

Paço da Camara Municipal, 24 de Maio de 1881. III<sup>mo</sup>. Snr. – Tendo o Exm<sup>o</sup>. Sr. Barão de Nova Friburgo officiado á Camara, convidando-a a tomar conta da parte do jardim da Praça Princesa Izabel que se estende desde a rua Conde d'Eu até a Riachuelo, e a indicar a pessoa a quem deve entrega-la, resolveu esta municipalidade pedir a V. S<sup>a</sup>. que se digne receber daquelle senhor a referida parte do jardim e tê-la a seu cargo até á próxima sessão. Deos Guarde a V.S<sup>a</sup>. - III<sup>mo</sup>. Sr. Carlos Engert. – O Presidente, Manoel Fernandes Ennes. – O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.

Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.



Ao Sr. Dr. A. F. Maria Glaziou.

Paço da Camara Municipal, 23 de Maio de 1881. III<sup>mo</sup>. Sr. – Esta Camara resolveu em sessão de hoje agradecer a V. S<sup>a</sup>. o importantissimo serviço que prestou a este município, encarregando-se, sem remuneração alguma, do traçado e da administração do Jardim da Praça princesa Izabel. – Deos Guarde a V. S<sup>a</sup>. III<sup>mo</sup>. Sr. Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou. – O Presidente, Manoel Fernandes Ennes. – O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Sr. Dr. Carlos Eboli.

Paço da Camara Municipal, 24 de Maio de 1881. – III<sup>mo</sup>. Sr. – Tendo-se verificado nas contas apresentadas por V. S<sup>a</sup>., relativas á subscrição promovida em favor do Jardim da Praça Princesa Izabel, o engano contra a Camara, na importância de 250 //, devolvemos a V. S<sup>a</sup>. as mesmas contas afim de que as retifique e entre para o cofre com essa quantia. – Deos Guarde a V. S<sup>a</sup>. III<sup>mo</sup>. Sr. Dr. Carlos Eboli. – O Presidente, Manoel Fernandes Ennes. – O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

Ao Barão de Nova Friburgo.

Paço da Camara Municipal de Nova Friburgo, 24 de Maio de 1881. – III<sup>mo</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Sr. – Esta Municipalidade, já muito grata a V. Ex<sup>a</sup>. pela bondade que teve de encarregar-se do ajardinamento da Praça Princesa Izabel, vem agora agradecer o relevantissimo serviço que acaba de prestar a esta localidade e ao município em geral, desistindo do reembolso da somma que despendeu com aquella obra.

Aos Snrs. Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou e Carlos Engert, que graciosamente colaborarão no importante melhoramento com que V. Ex<sup>a</sup>. dotou esta villa, também dirige, nesta data os seus agradecimentos . – Aproveita o ensejo para declarar que aceita o offercimento que, em officio de 16 do corrente, fez V. Ex<sup>a</sup>., de encarregar-se de por espaço de três annos da conservação da parte do jardim que fica entre as ruas General Pedra e Conde d'Eu, e que autorisou o Sr. Carlos Engert a receber as outras duas partes. – Deos Guarde a V. Ex<sup>a</sup>. = III<sup>mo</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Sr. Barão de Nova Friburgo. O Presidente, Manoel Fernandes Ennes. – O Secretario, Eugenio Candido da Silveira Rodrigues.

Transcrito por Luiz Fernando Dutra Folly.  
Fonte: Pró-Memória de Nova Friburgo.

**ANEXO 4**

Formulário e Guia Médico de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz

# FORMULARIO

E

## GUIA MEDICO

CONTENDO

a descripção dos medicamentos,  
as doses, as doenças em que elles são empregados,  
um Compendio alphabetico das Aguas mineraes,  
uma selecção das melhores fórmulas,  
um Memorial therapeutico, remodelado em harmonia  
com as modernas ideias e progressos mais recentes  
da Medicina e dando o tratamento de todas as doenças.  
em especial dos paizes quentes, a prophylaxia das doenças  
contagiosas, o diagnostico e o modo de debellar as  
doenças de ordem medica e de ordem cirurgica,

POR

**PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ**

DOCTOR EM MEDICINA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO  
E OFFICIAL DA ORDEM DA ROSA DO BRAZIL

A Pharmacopeia foi minuciosamente revista por M. H. LACROIX,  
Membro da Sociedade de Therapeutica e da Sociedade  
de Pharmacia de Paris, que a remodelou em conformidade  
com o CODEX, ultimamente sancionado pelo  
Governo da Republica Franceza.

Com cerca de 800 gravurãs intercaladas no texto, muitas laminas  
e mappas especiaes, um Formulario muitissimo completo  
e uma interessante resenha das ultimas novidades  
scientificas, enriquecido com um copioso Vocabulario  
portuguez-francez e outros melhoramentos que  
os leitores apreciarão.

DECIMA NONA EDIÇÃO

REFUNDIDA, MUITO CORRECTA E AUGMENTADA

TOMO I

PARIS

ANDRE BLOT, EDITOR

ANTIGA CASA ROGER E CHERNOVIZ

Fundada em 1820

6, RUE DE LA SALPETRIERE, 6

1927

Reservados todos os direitos



**HYDROTHERAPIA.** Esta palavra, de origem grega, significa o tratamento das molestias pela agua. Muitos autores, para designarem o mesmo me-

## HYDROTHERAPIA

891

thodo curativo, empregam a palavra *hydro-sudo-therapia*, *hydropathia*, ou *hydrosudo pathia*. Este methodo de tratar as molestias, introduzido em 1829 por Priesnitz, medico veterinario de Graefenberg, pequena aldea da Silesia pertencente á Austria, consiste na administração da agua fria em abundancia, quer interna quer externamente, combinada com um meio sudorifico energico, fricções prolongadas, exercicio quasi incessante, regimen simples e ar vivo e puro. No exterior a agua é usada debaixo da fórma de banhos geraes ou parciaes, que se dividem em semicupios, banho de pés e de muitas outras regiões. Seguem-se as applicações de pannos molhados, os seringatorios, os lavatorios, as duchas ascendentes, descendentes, horizontaes; os banhos de chuveiro, as duchas vaginaes; rectaes, nasaes, etc.

A medicina hydrotherapica compõe-se de tres meios. O primeiro é o uso da agua fria, o segundo provoca os suores, e o terceiro consiste em tratar os



Fig. 207. — Vista do estabelecimento hydrotherapico de Nova Friburgo, Brazil.

doentes n'um paiz montanhoso, ou, pelos menos, n'um paiz salubre, de atmospheria viva e pura. Os doentes devem fazer grandes excursões por veredas ingremes, durante o tempo frio e secco.

A agua empregada para os banhos e para as bebidas deve ser bem arejada de boa qualidade, agradavel, isenta, quanto seja possivel, de sulfatos que perturbem a digestão; deve tambem ser muito fria. Priesnitz dava muita importancia á temperatura da agua, e aconselhava o tratamento durante o inverno aos doentes que não se podiam curar no verão. O certo é, que, durante a estação quente, o tratamento não produz tão bom effeito, a reacção não é tão franca, e a transpiração vem com demasiada facilidade.

*Methodo que era seguido em Graefenberg.* As 5 horas da manhã vinha um servente embrulhar o doente n'um cobertor de lã. Depois de suar por duas horas, entrava o doente no banho. Ao sahir do banho ia ao passeio, onde bebia uma porção d'agua, e assim ficava até ao almoço, que tinha lugar ás oito horas. Meia hora era sufficiente para esta refeição, depois da qual principiava de novo o passeio e a bebida de agua. As 1 horas o doente mettia-se debaixo de uma bica d'agua frigidissima, de 3 a 4 metros de altura, e demorava-se n'esta ducha dois a cinco minutos. Quando havia uma parte do corpo enferma, dirigia-se para ali a queda da agua. Jantava ao meio dia, e depois passeava de novo. Um pouco antes das quatro horas dava o ultimo passeio chamado sudorifico, porque consistia em descer uma montanha, que era preciso subir depois para provocar a transpiração com a qual se entrava de novo no envoltorio. Depois de suar, tomava o doente o banho; em seguida fazia um pequeno exercicio, e ceava ás oito horas. Depois da cea, alguns iam passear, outros ficavam na sala para assistirem a um pequeno concerto ou a dansa. Antes de deitar-se, tomava o doente um semicupio frio.

Priesnitz, que morreu em 1831, modificou muito nos ultimos annos da sua vida o modo de tratamento. Salvo grande numero de excepções, motivadas

pela constituição dos doentes ou por suas molestias, o tratamento consistia essencialmente, nos ultimos annos da vida de Priesnitz em : 1º um lençol molhado com que se embrulhava o doente ; 2º duchas frias ; 3º semicupio frio ; 4º cinto molhado. Desde o anno de 1845, a agua, tomada em bebida, era administrada em menor quantidade do que no principio. No começo da sua carreira, Priesnitz empregava muito o envoltorio secco : no fim quasi havia renunciado a elle.

O emprego externo e interno d'agua fria exige experiencia e pratica, e por isso foi abandonado pelo empirismo ; mas alguns medicos, entregando-se a esta especialidade, fundaram em varios paizes, casas de saude, que prestam importantes serviços. Na villa de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, em um clima temperado, ha tambem um Instituto hydrotherapico, provido de todos osapparelhos modernos.

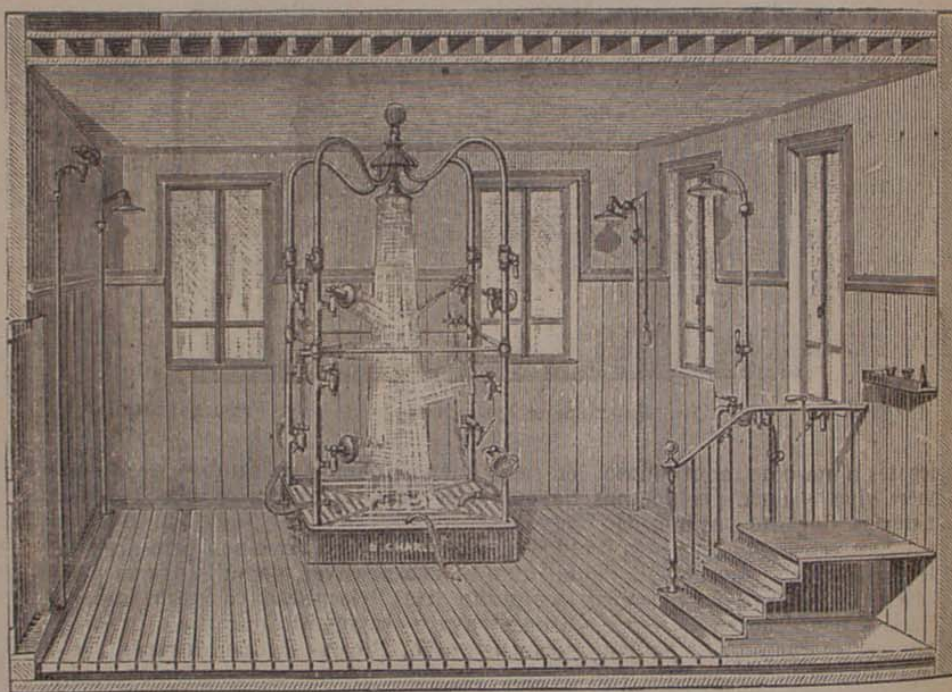


Fig. 297 A. — Sala de duchas n'um estabelecimento hydrotherapico.

O *Estabelecimento de Nova Friburgo* é um vasto edificio cuja fachada principal á rua general Camara mede 97 metros e a lateral, á rua 2 de Janeiro, 69 metros (fig. 297).

Nesta ultima é que está a casa dos apparelhos hydrotherapicos com 35 metros 20 cent. de comprimento e 9 metros 90 cent. de largura, ladeada de dois grandes portões de ferro dando accesso facil á espaçosa varanda que circunda internamente todas as construcções. Comprehende duas salas de recepção, dois consultorios, dez quartos vestiarios, dois *water closet*, um mictorio e em *bidet* sendo de um lado exclusivamente para senhoras e do outro para homeas. No centro fica uma grande sala no meio da qual se acha a tribuna para a administração das duchas e lateralmente oito quartos contendo os mais modernos apparelhos hydrotherapicos, providos de agua em todas as temperaturas.

A agua fria que alimenta o Estabelecimento é encanada desde sua nascente e atravessa grande numero de pequenos depositos defecadores e um filtro, e a

quente vem de um reservatorio de ferro de capacidade de 4 mil litros de liquido aquecido por vapor.

A importancia da hydrotherapia dependendo da temperatura da agua esta encontra-se no Estabelecimento de Nova Friburgo desde + 8° até + 13° centigrados, podendo de momento se obter qualquer temperatura intermediaria.

A fachada principal á rua Geueral Camara e o resto do grande edificio é occupado pelo *Hotel central* ligado á casa das duchas por 250 metros de alegres varandas.

Contém commodos para 180 hospedes alem de salas espezias para visitas, musica, leitura, jogos licitos, bilhares, fumantes, etc.

É todo illuminado á luz electrica e tem ao fundo jardim, alamedas, parque etc., que proporcionam commodos passeios ao ar livre.

O clima de Nova Friburgo, temperado e secco, é tido pelos medicos brasileiros como melhor dentre os melhores do Brazil.

A temperatura atmospherica em Nova Friburgo no verão varia entre 16 e 25 graus centigrados, e no inverno entre 8 e 17. A temperatura natural da agua no verão é de 16 a 19 graus nascente e no inverno de 8 a 16 graus. O Estabelecimento Hydrotherapico de Nova Friburgo é frequentado durante duas estações, uma de Novembro a Maio pela população que foge ao calor intenso do Rio de Janeiro e das cidades da planicie, chamados veranistas, e a outra que vai de Maio a Setembro preferida pelos doentes e convalescentes por ser esta considerada pelos clinicos a melhor epocha para o tratamento hydrotherapico.

Nova Friburgo está situada na Serra dos Orgãos a 880 metros acima do nivel do mar e a 10 kilometros de Nictheroy, ponto de partida da estrada de ferro que vence essa distancia em tres horas.

#### Meios de que se compõe hoje o tratamento hydrotherapico :

*Envoltorio humido.* Estando o doente na cama, levanta-se por um instante. O servente estende então, em cima d'ella, um cobertor de lã, e sobre este, um lençol previamente molhado e fortemente torcido; o doente deita-se em cima do lençol, e embrulha-se rapidamente n'elle. Põem-se-lhe por cima tres ou quatro cobertores de lã. Logo que o calor tornar a apparecer, o que acontece, depois de vinte minutos, sahe o doente do envoltorio para entrar no banho frio geral ou parcial. O banho parcial emprega-se com preferencia no principio do tratamento, ou quando os doentes são fracos.

*Envoltorio secco.* Faz-se da mesma maneira que o envoltorio humido, com a differença de que se empregam dois cobertos de lã sem intermedio do lençol molhado. Por cima põem-se sempre dois ou tres cobertores de lã. O doente fica ali pouco mais ou menos, até que a transpiração seja abundante, ás vezes tres horas e mais. Tem o inconveniente este envoltorio de ser bastante penoso, e mui excitante. Alguns doentes não podem supportal-o. É seguido, como o envoltorio humido, d'agua fria debaixo de diversas fórmas; e ordinariamente lo banho geral em tanque.

*Fricção com lençol molhado.* Faz-se da maneira seguinte: — Pela manhã, e logo que o doente sahir da cama, o servente deita-lhe sobre os hombros e sobre o corpo um lençol molhado e torcido; depois esfrega-lhe fortemente por detraz, com a mão aberta, as espaldas, as costas, os braços, as coxas, as pernas, e ao mesmo tempo o proprio doente esfrega por diante o peito e o ventre; dura isto tres a quatro minutos, até se sentir que o lençol principia a aquecer-se; substitue então o lençol molhado por um lençol secco, muito grosso e muito aspero, com que se enxuga e se esfrega com força o doente, ou melhor ainda, em vez de enxugar-o dá-se-lhe um *banho de ar*.

*Banho de ar.* Depois de molhado com agua fria, em vez de se deixar enxugar pelo servente, toma o doente pelas duas pontas um lençol de panno de linho bastante grosso, põe-n'o por cima da cabeça e sacode-o; n'este tempo o servente segura o lençol pelas outras duas pontas e sacode de cima para baixo. O doente colloca-se para isto n'uma corrente de ar, entre a janella e a porta aberta: no fim de um minuto está inteiramente enxuto; deixa então cahir sobre o corpo o lençol, com o qual o servente esfrega o doente; a evaporação

já então tem produzido uma refrigeração bastante viva, mas superficial, seguida rapidamente da reacção geral.

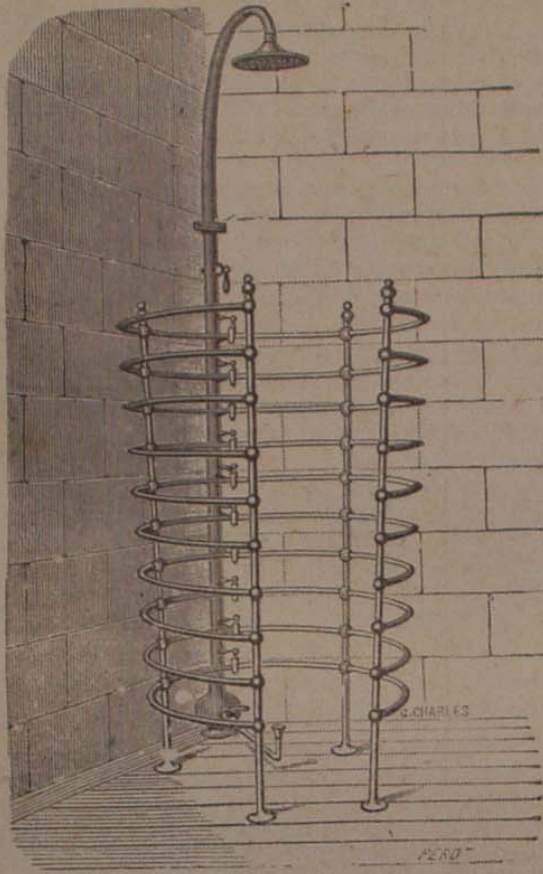


Fig. 297 B. — Appareilho circular para duchas.

*Duchas.* Dá-se o nome de *ducha* à queda de uma columna d'agua, de uma altura e diametro determinados, sobre qualquer parte do corpo. Na applicação d'este meio hydrotherapico, a agua fria pôde ser lançada vertical ou horizontalmente; a percussão pôde ser mais ou menos forte e a agua mais ou menos dividida. — A ducha pôde ser *em circulo* ou *em pó*. A ducha em circulo compõe-se de uma serie de arcos ôcos de cobre, sobre postos horizontalmente, mantidos parallelamente a uma distancia uns dos outros de cerca de 15 centimetros, diminuindo sensivelmente de diametro à medida que se aproximam do solo (fig. 299). Estes arcos tem sobre a face anterior duas fileiras de pequenas aberturas de um millimetro. Cada arco tem a sua torneira. Para administrar a ducha o doente colloca-se entre os arcos, e depois de aberta a torneira que se deve empregar, vira-se brandamente sobre si mesmo afim de molhar igualmente toda a superficie do corpo. A ducha em circulo, que deve ser de pequena duração, determina

uma poderosa revulsão, util no tramento de muitas molestias chronicas.

*Duchas locais.* São as duchas que se applicam a uma região determinada do corpo: applicam-se por meio deappareilhos moveis. Estas duchas tomam os nomes de *dorsaes*, *hepaticas* (fig. 300), *splenicis*, *hypogastricas*, *cephalicas*, *articulares*, etc., segundo as regiões a que são destinadas (fig. 301).

N'um estabelecimento hydrotherapico, deve haver agua fria em quantidade bastante e de temperatura conveniente, 10 a 15 graus. A agua deve ser accumulada nos reservatorios situados em diversas alturas, afim de exercer pressões variadas. Alem d'isto, é preciso estabelecer um reservatorio em communicação com uma caldeira, visto que se precisa muitas vezes d'agua quente.

*Ducha escosseza.* Consiste na applicação de uma ducha d'agua quente; seguida immediatamente de uma ducha d'agua fria. Estas duchas de temperaturas diversas, repetem-se alternativamente durante um tempo mais ou menos longo.

As operações hydrotherapicas tem por effeito reanimar todas as funcções da pelle, cujo entorpecimento é uma das causas principaes de grande numero de molestias.

*Agua fria como bebida.* O doente deve beber agua fria durante o passeio, e sobretudo durante o exercicio recommendado depois da ducha. Tomada moderadamente, a agua fria estimula todas as funcções entorpecidas. É sobretudo util aos gottosos, ás pessoas affectadas de arcias, de engurgitamentos do figado e do baço. Mas os individuos anemicos não podem supportar esta bebida em alta dose: não devem usar d'ella senão em limites restrictos.

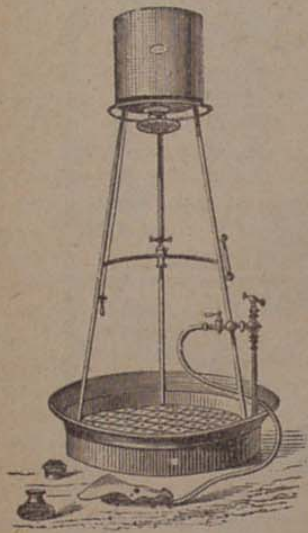


Fig. 297 C. — Apparelo para duchas com pressão de ar com duche de chuva e um duche movel.



Fig. 297 D. — Balde que se adapta ao tecto para duchas de chuva, com pressão do peso d'agua, contendo 30 litros.

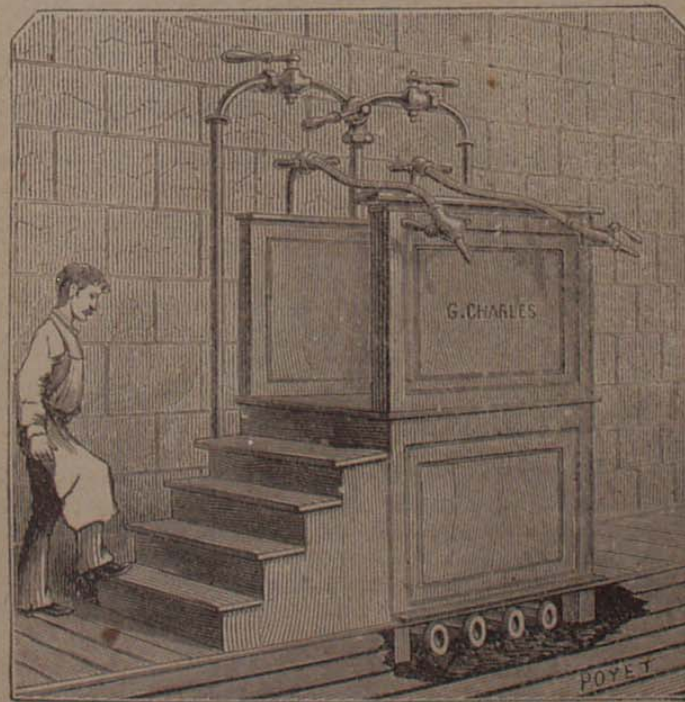


Fig. 297 E. — Tribuna hydromisturadora para grandes pressões.



As figuras indicadas representam osapparehos para tomar duches em casa. São muito commodos e praticos, e podem adquirir-se sem grande dispendio. *Exercicio e alimentação.* Um exercicio moderado debaixo de todas as fórmas é um adjuvante precioso do tratamento hydrotherapico. Nos individuos



Fig. 297 F. — Duche dorsal.

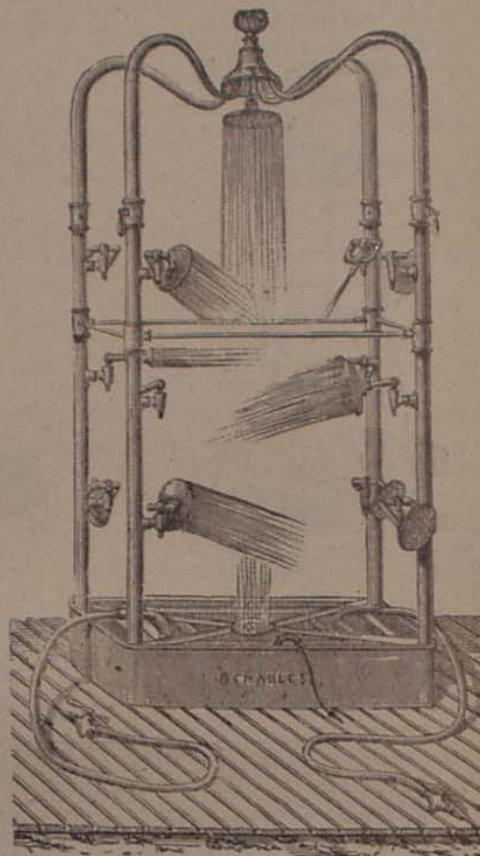


Fig. 297 G. — Appareho para duches verticaes e lateraes.

que não podem andar, empregam-se as fricções e sobretudo a maçadura. — O regimen alimentar será tonico, composto principalmente de carne assada, ovos, peixe, tapioca, vinho.

*Aplicação da hydrotherapia.* Este methodo curativo tem produzido curas na gotta, no rheumatismo chronico, nos engurgitamentos do figado, do baço, nas escrophulas, na syphilis inveterada que tem resistido ao mercurio, nas molestias cutaneas, flores brancas, colicas nervosas, urinas sanguinolentas, nas molestias incipientes do peito; nas affecções nervosas, taes como a gotta coral, o hysticismo, a enxaqueca, etc.

**HYDROXYLAMINA.** É ammoniaco no qual um atomo H é substituido pelo grupo *hydroxyleo*. Corpo incolor e inodoro; seu chlorhydrato, que crystalliza bem, é hygroskopico e mui solavel em agua, alcool e glicerina; sua solução não deve corar a phenolphthaleina, nem emrubrecer muito o papel de Congo.

Por não sujar a pelle, substituem o acido pyrogallico e a chrysarobina pela hydroxylamina nas molestias da pelle.

**HYGIENE.** Arnould define-a d'este modo: « Estudo das relações sanitarias do homem com o mundo exterior e dos meios de fazer contribuir essas relações para a viabilidade do individuo e da especie. » É a sciencia da

**ANEXO 5**

Annaes Brasilienses de Medicina – Jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro

ANNAES  
BRASILIENSES DE MEDICINA  
JORNAL  
DA  
ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA  
DO  
RIO DE JANEIRO

—  
REDACTOR EM CHEFE — DR. COSTA FERREZ  
—

TOMO XXII.—JUNHO DE 1870.—N. 1.



RIO DE JANEIRO

Typ.—de Santos Garbano & Irmão, rua de Gonçalves Dias n. 60.  
1870.

## DISCURSO

Pronunciado pelo Dr. Carlos Ebeli na occasião da inauguração do Instituto Sanitário Hydrotherapico de Nova Friburgo.

Agradeço do intimo de minha alma á Academia Imperial de Medicina, que inspirada sempre por nobres sentimentos de progresso para ter á seu alcance meios enérgicos e poderosos, que ou alliviem ou triumphem dos mais graves padecimentos da humanidade soffredora, se dignou nomear uma commissão composta de tres de seus illustres membros, affim de dar mais tarde, com a sua visita a este estabelecimento, o testemunho de apreço que dispensa a esta nova medicina. Agradeço igualmente o concurso das nobres senhoras e illustres cavalheiros que honrarão com sua presença esta inauguração. Accito este agradecimento como a expressão pura de meus sinceros sentimentos.

As artes, as letras e as sciencias, em suas vastas aspirações, empulso-se constantemente em expandir-se pelo Universo. A centella da divina razão que as illumina, inspira-lhes, dia por dia novas idéas a propagar e novos trabalhos a completar; e a marcha progressiva dos conhecimentos humanos, arrastada por esse impulso poderoso, dirige-se livre e desembaraçada a attingir os altos destinos que lhe estão reservados.

É por isso que eu, o mais obscuro de seus obreiros, venho apresentar-me no meio desta grande nação como um dos propagadores de uma das mais preciosas conquistas da medicina.— a hydrotherapia.

Ha cinco annos que eu trabalho incessantemente

para realizar esta idéa; ha cinco annos que eu estado a melhor e a mais apropriada combinação dos elementos, que devião servir de base para a fundação de um estabelecimento hydrotherapico neste clima intertropical.

Esta idéa, accita pelo meu distincto collega e amigo Fortunato Correia de Azevedo, foi por elle fecundada; e, associando-se a mim nesta ardua tarefa, prestou-me apoio franco, decidido e illustrado. Chegou finalmente este dia tão desejado por mim, este dia que, não hesito em affirmar, constitue um acontecimento memoravel para os factos da medicina brasileira.

A installação de um estabelecimento hydrotherapico importa, senhores, a propagação de uma medicina energica e poderosa, que, bem dirigida, conserva a saude, prolonga a vida, unquilha a molestia, ou pelo menos allivia os soffrimentos; de uma medicina, que, administrada com arte e intelligencia muitas vezes triumpho das molestias chronicas, que pertinazmente havião zombado dos desvelos e precitos dos mais illustres medicos; de uma medicina sympathica, admittida por allopathas e homoeopaths, por physicos e chimicos, por anatomistas e physiologistas; de uma realidade pratica, que, baseada na observação e na physiologia, recebeu a sanção das clinicas progressistas de todas as nações.

É realmente só esta solida alavanca da therapeutica moderna, que já se tem tornado sobrenaturalmente efficaz em muitos casos de minha clinica, apresentados á Academia Imperial de Medicina; só o amor á sciencia pôzão-me resolver a abandonar uma excellento posição medica, adquirida em outro lugar, á força de tempo e de trabalho, para dedicar-me a uma especialidade, que tinha todo o direito de ser amparada e propagada.

O uso medico das varios agentes hydrotherapicos data da mais remota antiguidade. A agua fria, no começo da medicina, foi incontestavelmente a primeira de todas as tizmas. Moysés mandava lavar os leprosos nas aguas do Jordão; Hipocrates, Galeno e Celso aconselhavão a agua fria nas febres; Antonio Musa, no tempo dos Romanos, curou radicalmente, por meio de applicações de agua fria, uma hepatite chronica ao imperador Augusto; Priesnitz, por meio da hydrotherapia, tratou do celebre medico inglez Mayo, cujas articulações estavam quasi todas ankylosadas, e de um distincto general prussiano, a quem a gota tinha tornado surdo e paralytico, tendo a felicidade de restabelecer completamente a saúde tão arruinada de ambos. É devido, senhores, ao intelligente manejo das eminentes virtudes da agua fria, que Currie, Floyer, Smith e William Wright na Inglaterra; Hoffmann, Hahn, Hufeland e Fröhlich na Allemanha, Scoutetten, Schedel, Bonnet de Lyon e Fleury na França; Giannini, Cirillo, Gusha e Codivilla na Italia; Baeta e Gomes em Portugal puderão obter os mais felizes resultados, conseguindo a cura de doentes condemnados a uma morte proxima. E nesta occasião, senhores, não quero deixar de lembrar os nomes dos verdadeiros e mais perspicazes propagadores da hydrotherapia.

O primeiro, o que fundou as primeiras bases da hydrotherapia scientifica foi incontestavelmente James Currie, em 1797, na Inglaterra; a ella seguiu-se Vicente Priesnitz, em 1829, na Allemanha, que seu instrução medica, e completamente desconhecedor dos trabalhos anteriores, ercou por si mesmo a hydrotherapia empirica em uma larguissima esphera. H. E. Schedel, em 1845, e Luiz Fleury, desde 1846 até o presente, na França, continuarão a tratar o luminoso caminho começado

por Currie, e aproveitando-se das creações empiricas de Priesnitz, transformarão a hydrotherapia de experimental e empirica em racional e methodica, e a dotarão de riquissimas observações. E note, senhores, que estes illustres medicos, benefactores da humanidade, cujos nomes irão á posteridade, não havião ainda revelado a ultima palavra na marcha progressiva deste ramo da sciencia. A outros era dado fazê-la progredir annexando á hydrotherapia a filiformisação e pulverisação dos líquidos, a electricidade, os banhos escoceses e thermo-mineraes, os modernos apparatus para a rapida transudação, e as machinas de movimento artificiaes. Senhores, tenho consciencia em affirmar: Este notavel complexo de meios constitue na actualidade a ultima palavra da sciencia, no tratamento de certas molestias.

Só os medicos irreflectidos poderão considerar a hydrotherapia como uma panacôa geral para todas as molestias, e reduzi-la a um systema.

Seria isto tão absurdo, como é absurdo em outros ramos da sciencia medica, que se compõe de immensas particularidades, o admittir uma idéa só geral, e tirar della todas as illações. Ninguem ha mais apreciador do eclectismo em medicina do que eu, ninguem ha, que tenha mais medo dos systemas medicos do que eu, pois que os tenho visto constituir um rochedo immenso diante do qual tem naufragado os mais sabios pathologistas, desviando-os solememente, mas infelizmente para o doente, do verdadeiro caminho do progresso. As admiraveis injeções subcutaneas, a electricidade, a agua do mar, as aguas thermo-mineraes, o ar e a dieta estendem a mão amiga á hydrotherapia, fazendo-lhe adquirir maior força e vigor.

A agua fria, senhores, é uma faca de dois gumes; maldirigida pôde causar muitos males; bem

administrada torna-se sobremaneira util. Os especuladores, que em toda a parte abundão, tem querido assenhorear-se deste elemento therapeutico, a ponto de atreverem-se, no centro das cidades mais populosas e civilizadas, a applicar, unicamente para satisfazer a curiosidade alheia, banhos russos e turcos.

Estas praticas na mão de industriosos, ou tornando-se inefficazes, ou produzindo accidentes congestivos graves nos orgãos internos, trazendo apenas o desconfito para aquella medicina á qual me hei dedicado com todo o ardor.

Contudo, nunca na pratica hydrotherapica illustrada, houve factos a lamentarem-se, nunca se realizão as preteridas metastases. Eis porque, senhores, a hydrotherapia é uma medicação pratica, que deve ser applicada pela mão de um medico intelligente e especialista, que saiba calcular as suas indicações e contra-indicações.

As tentativas feitas neste paiz, no intuito de propagar a hydrotherapia, não passarão de ensaios estercis, faltando-lhes a direcção e a dedicação penosa de um especialista.

Em 1851, o Dr. Antonio Bilefonso Gomes procurou tambem introduzir a hydrotherapia no Brazil; porém seus esforços, ahiás dignos de elogio, não fóro cercados de bom exito. A maneira quasi sonhada com que foi administrando a agua fria em suas peregrinações por Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro; as promessas vãs e pomposas que fazia de curar por este meio molestias realmente incuráveis, e a imperfeição de sua linguagem hydrotherapica inspirá-lo pouca confiança a seus collegas. E esta medicação tão util e importante, tornando-se titubante em suas mãos, em lugar de attingir á altura de que é capaz, offerceu antes resultados negativos, expondo-se ao ridiculo e á indifferença



publica. Foi assim que o Dr. Ildefonso Gomes perdeu a mais bella occasião de ser considerado no Brasil como primeiro apostolo desta nova medicina.

É devida á baixa e secca temperatura atmosphérica, e á superior qualidade das aguas, a escolha que meu sócio e eu fizemos desta villa, de preferencia a qualquer outro lugar para fundar este estabelecimento hydrotherapico. Incontestavelmente o clima de Nova Friburgo é o mais salubre e ameno de toda esta provincia, e o que se prestará com mais vantagem ao bom exito hydrotherapico; e foi esta circumstancia que, acima de toda e qualquer outra consideração de conveniencia, mais conscienciosamente calou em nosso animo. E de-viño, senhores, decorrer 41 annos, desde que o simples aldeão de Freiwalden, Vicente Priesnitz, fundou, em 1829, o primeiro de todos os estabelecimentos hydrotherapicos, nos frigidis bosques de Graefenberg da Silesia Austríaca, para que Friburgo fôsse destinada pela Providencia a ser a séde do primeiro estabelecimento hydrotherapico da America do Sul. E nesta occasião solenne, senhores, eu não hesito, antes orgulho-me em affirmar que tempo virá em que os agradecidos a este tratamento, do alto das serranias de Nova Friburgo, levantarão um grito de reconhecimento que resoará por todo o Imperio.

O Dr. Fortunato e eu procuramos enriquecer este estabelecimento com o que havia de mais moderno a este respeito: grandes piscinas com instrumento proprio para dar á agua a fórma de ondas, dirigidas sobre o corpo; duchas em chuva e jacto, em dupla corrente, em dez jactos, em columnas de varias dimensões, em lamina; duchas ascendentes e circulares, duchas filiformes e pulverulentas, duchas electricas, temperadas e frias.

escossezas, thermo-mineraes, vaporosas, hygienicas, banhos russos e turcos.

Accrescentae a isto um manancial abundante da mais pura e crystallina agua, cuja temperatura será elevada e abaixada conforme as prescripções medicas, por meio de machinismos apropriados; accrescentae a isso uma grande sala de respiração, em que todo o estabelecimento será convertido em certas horas determinadas do dia, e dous medicos, cheios de grande vontade, dedicados e dispostos a affrontar todas as tormentas; e tereis idéa dos elementos já bastante numerosos que os doentes encontrarão neste estabelecimento, que eu denomino *Instituto Sanitario Hydrotherapico*.

A pedra, senhores, com que concorro para o instituto e propagação da hydrotherapia neste Imperio é pequena sem duvida, mas solida.

A Luiz Fleury, professor da Universidade de Paris, e actual director do instituto hydrotherapico de Plessis-Lalande; a Luiz Fleury a quem a sciencia e a humanidade devem, em materia de hydrotherapia, mais do que a ninguem, a elle devo todo o fervor com que me consagrei aos estudos hydrotherapicos. É por isso, que, ao terminar este meu insignificante discurso, desejo me seja concedido repetir as seguintes memoraveis palavras daquelle illustre medico: — Vasto é, senhores, o dominio da hydrotherapia hygienica e medica, do qual hei percorrido apenas a minima parte; deveis explora-lo e fecunda-lo; não tenhaes medo de empenhar-vos nelle; o successo coroará vossos esforços, porque caminhareis á luz da physiologia, da observação e da experiencia racional, isenta de estereis discussões de theorias hypotheticas. —

ANNAES  
BRASILIENSES DE MEDICINA

TOMO XXIII.—DEZEMBRO DE 1871.—N. 7

REDACÇÃO DO DR. COSTA FERREZ

ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA.

Sessão geral em 10 de Julho de 1871.

PRESIDENCIA DO ILLM. E EXM. SR. CONSELHEIRO  
DR. JOSÉ PEREIRA REGO.

Aberta a sessão, é lida e approvada a acta da sessão de 19 de Junho p. p.; e passa-se á leitura do expediente que é o seguinte :

1.º Aviso de S. Ex. o Sr. ministro dos negocios do Imperio communicando, em data de 17 de Junho p. p., que Sua Alteza Imperial a Regente do Imperio houve por bem approvar a nomeação do Dr. Carlos Éboli, residente em Nova-Friburgo, para membro correspondente da Academia. Fica a Academia inteirada.

2.º Portaria do ministerio dos negocios do Imperio remettendo, em data de 30 de Junho p. p., um exemplar de um folheto escripto pelo Dr. Daniel Nunes del Prado sobre a *febre amarella*, sua origem, causas, symptomas e tratamento. É recebido com muito agrado.

3.º Um exemplar de um folheto do Dr. João Ribeiro de Almeida, membro adjunto da Academia e cirurgião de esquadra graduado, sendo o

título desta publicação — Estudo sobre as condições hygienicas dos navios encouraçados, e sobre os meios de combater as causas de insalubridade nelles existentes. É recebido com muito agrado, declarando o Sr. presidente ser este um de-dous exemplares que lhe forão enviados pelo director geral da secretaria de marinha.

4.º Relatorio do Sr. conselheiro Dr. Pereira Rego feito por elle como presidente da junta de hygiene publica. Desta publicação offerece o autor varios exemplares que são distribuidos aos membros academicos presentes, ficando um delles para a bibliotheca da Academia. São recebidos com muito agrado.

5.º Um folheto da parteira Maria Josephina Mathilde Durocher, adjunta da Academia, intitulado — Idéas para coordenar a respeito da emancipação, offerecido pela autora. É recebido com agrado.

Depois disto, passa-se á abertura de uma carta cujo sobrescripto declara achar-se nella o nome do autor da Memoria remettida á Academia para concurso aos premios deste anno em solução á questão proposta pela Academia: « Que serviços pôde prestar a acupressura na medicina », Memoria que trouxera por epigraphie o simplés vocabulo — *Salvage* —. E tendo a dita carta sido aberta na sessão actual, acha-se nella escripto o nome de Francisco Villela de Paula Machado, estudante de medicina do 6º anno, na época em que a Memoria foi enviada á Academia, e hoje Doutor em medicina da escola medica desta cõrte.

O Sr. Dr. Costa Ferraz apresentou o discurso que o Sr. Dr. Eboli pronunciou na occasião da inauguração do Instituto Hydrotherapico, estabelecido em Nova-Friburgo, o qual é recebido com agrado.

O Sr. Dr. Pereira Rego Junior communica que a comissão nomeada para assistir á sessão anniversaria do Instituto dos Bachareis em Letras por parte da Academia, cumprio a sua missão.

Passa-se depois disto á ordem do dia e entra-se na 1.<sup>a</sup> parte da mesma ordem do dia que é — Communicações verbaes e por escripto.

O Sr. Dr. Costa Ferraz expõe por escripto, que lê, a sua opinião a respeito da applicação do centeio respigado, e da sua efficacia e resultado.

Tendo chegado a hora, levanta-se a sessão.

---

**Sessão geral em 17 de Julho de 1871.**

PRESIDENCIA DO ILLM. E EXM. SR. CONSÉLHEIRO  
DR. JOSÉ PEREIRA REGO.

Aberta a sessão, é lida e approvada a acta da ultima sessão ordinaria antecedente havida em 19 de Junho p. p.

Não havendo expediente, passa-se á ordem do dia, e entra-se na primeira parte desta — Communicações verbaes e por escripto —.

O Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, actual thesourciro, pedida e obtida a palavra, apresenta e lê o balanço da receita e despeza da Academia durante o anno academico, e exercicio financeiro de 1870 a 1871, a saber, do 1.<sup>o</sup> de Julho de 1870 *inclusive* até 30 de Junho de 1871 *inclusive*; e apresenta igualmente os recibos e documentos que o acompanhão, e que vem nelle mencionados; o

### Clinica hydrotherapica.

TREMOR CHOREICO PARCIAL QUE DATA DE CINCO ANNOS, ANGINA DO PEITO INTERCURRENTE, CURA COMPLETA DESTAS MOLESTIAS PELA HYDROTHERAPIA EM DOUS MEZES.

Marcellina, crioula de 25 annos, de boa constituição, de uma excessiva sensibilidade nervosa, pertencente à Exma. Sra. Baroneza de S. Clemente, gozava da melhor saude possível, quando, em 1866, principiou a sentir uns pequenos movimentos irregulares no antebraço e braço direito. Esses movimentos desenvolveram-se pelo facto de ter mergulhado a mão em agua fria na occasião em que engominava. Os movimentos convulsivos tornarão-se mais intensos e de todo involuntarios, augmentando-se consideravelmente pelas emoções moraes e pelos estimulantes.

Estas causas influião tanto sobre a molestia, que durante a acção dellas, os movimentos alternativos de vaivem tornavão-se cada vez mais agitados e mais desordenados. A fraqueza do membro superior affectado foi-se augmentando pouco a pouco e seu volume diminuindo, de fórma que a paciente se tornou impossível, desde o começo da molestia, segurar com a mão os objectos mais insignificantes. As convulsões clónicas erão continuadas mesmo durante o somno; as massas musculares da região doente, de vez em quando, erão percorridas por caimbras. A intelligencia, as funcções respiratorias, digestivas e menstruaes achavão-se em perfeito estado: só soffria de constipações do ventre, que lhe duravão de dous a tres dias.

Além desses movimentos choréicos, tão desagradaveis, do membro superior que perduravão incessantemente havia cinco annos, tinha soffrido Marcellina de dous annos a esta parte accessos caracterizados por uma dôr viva, ás vezes lancinante, que se localizara na parte inferior do sternó, e, que se irradiava

ao pescoço e ao braço esquerdo. Essa dôr era acompanhada de uma sensaçã de constricção afflictiva e de suffocação. A pobre paciente durante esses accessos ficava sem poder pronunciar uma palavra e com palpitações: o rosto cheio de suor frio, tornava-se pallido e exprimia terror. Nenhuma causa conhecida dava lugar aos accessos, que sobre vinham bruscamente, e que duravam de 15 minutos a meia hora de cada vez repetindo-se 5 e 6 vezes durante o anno. A Exma. Sra. Baroneza de Quarahim e sua filha a Exms. Sra. Baroneza de S. Clemente, não relaxarão um só momento durante cinco annos, em procurar allivio para Marcellina, que foi no Rio de Janeiro submettida successivamente ao tratamento de medicos, cuja illustração e habilidade são geralmente reconhecidas como Torres-Homen, Sábóia, Pereira Rego, Ferraz e Alreu. Entretanto estes peritos collegas em vão se esforçaram recorrendo ao opio e suas preparacões, á valeriana, á assafetida, ao ether, á electricidade, aos antihelminticos e aos purgativos. A doente continuava a soffrer da mesma fórma sem experimentar sequer uma pequena melhora.

Quando todos os recursos da medicina e a paciencia dos mestres da arte pareciam inteiramente esgotados, o Dr. Bernardo Clemente Pinto Sobrinho, pediu-me para tratar de Marcellina, que veio para o Gavião, em Cantagallo, no dia 1º de Maio de 1870. Achei-a nas condições supracitadas, por tanto de difficillima cura.

No dia 10 de Maio submetti-a ao emprego das duchas á chuva e á jacto de agua fria, aos sudoros hydrotherapicos forcados, e lhe administrei pilulas de escamonea, valeriana e belladona. No fim de Maio o tremor choréico principiou a diminuir, sobretudo durante o somno. Insisti no tratamento com muita esperanza de exito, e depois de dous mezes os movimentos anormaes do membro superior desapparecerão completamente: a forza muscular que era nenhuma desenvolveu-se em toda a sua plenitude com os movimentos artificiaes, e a atrophia muscular inscipientie

da mão e do antebraço desvaneceu-se. Suspendi o tratamento hydrotherapico no dia 20 de Julho.

Os accessos de angina do peito repetirão-se ainda duas vezes durante o meu tratamento, mais afinal desapparecerão de todo, e até hoje (Outubro de 1870) tudo faz suppor que essa cura foi completa, por isso que os referidos accessos não voltarão. Do tremor choréico acha-se ella completamente restabelecida, de fórma que com facilidade pôde hoje executar os mais delicados trabalhos d'agulha e de crochet.

Esta cura alcançada pela hydrotheraphia é realmente admiravel, e deve ser com satisfação dos medicos registrada nos annaes dos soffrimentos choréicos para demonstrar mais um effeito importantissimo d'aquella medicação.

A vista desta observação clinica, que é bem authentica, porque foi verificada e admirada por muitos de meus amigos e collegas de Cantagallo, Nova-Friburgo e Rio de Janeiro, todos os elogios que se possão fazer á hydrotherapia não são de mais.

Lida em sessão de 31 de Outubro de 1870.

DR. CARLOS EBOLI.



### Clinica Hydrotherapica

#### HYSTERISMO CURADO ADMIRAVELMENTE PELA HYDRÔTHERAPIA

Maria parda de 22 annos, mucama da finada Exma. Sra. Baroneza de Nova-Friburgo, gozava da integridade de todas as suas funcções organicas quando, em Novembro de 1869, rolou do alto de uma escada, não manifestando o seu corpo senão contusões na cabeça e na columna vertebral. A queda foi tão forte que ficou a rapariga desacordada durante uma hora. Nas primeiras vinte e quatro horas, que se seguirão ao accidente, sentio fraqueza geral, peso e dôr de cabeça. A doente no fim d'esse espaço de tempo, repentinamente deu um grito e cahio por terra, estremecendo-se-lhe o corpo todo. Esta crise nervosa durou meia hora. D'esse tempo para cá repetirão-se frequentemente os accessos no Rio de Janeiro e em Nova-Friburgo, chegando a manifestarem-se duas, tres, e quatro vezes por dia, com duração de 1/2 até 2 horas e às vezes pela successão continuada delles perdurando um dia inteiro.

Assistindo eu, em Nova-Friburgo, a um d'esses ataques, observei que a doente tornava-se triste queixando-se de forte dor de cabeça, manifestando-se depois de alguns gritos, convulsões clonicas acompanhadas de agitação, e movimentos irregulares de extensão, flexão, adducção e abducção de todos os seus membros; estes movimentos erão acompanhados de perda quasi completa da intelligencia.

Alguns selucos mesclados de riso e a recuperação das faculdades intellectuaes vinhão, depois de certo espaço de tempo, pôr termo a esta crise nervosa. A doente declarou-me sentir um bollo, que da barriga subia até a garganta, onde observava uma sensação de constricção; disse-me tambem que depois dos accessos sentia-se extenuada, e que muito influíão sobre a repetição de seus soffrimentos qualquer pequeno desgosto, bem como o periodo menstrual.

Deve-se notar que existia integridade em todas as funções do seu organismo, e que nunca havia tido filhos. Muitos médicos habéis da Córte haviam opposto um tratamento variado á frequente repetição das características crises hystericas d'essa doente; mas infelizmente sem resultado algum.

No dia 1 de Maio de 1870, a pedido do Dr. Bernardo Clemente Pinto Sobrinho, principiei o tratamento de Maria. Desde o dia 10 de Maio até o dia 15 do mez de Setembro administrei-lhe a hydrotherapia, por meio de affusões frias, de banhos frios de assento, e de duchãs de agua fria, precedidas de transsudações frequentes e seguidas de bastante exercicio muscular. Os beneficos effeitos d'essa medicação manifestarão-se desde o começo das applicações. No primeiro mez de tratamento, só se derão dous accessos, tendo um delles tido lugar durante a menstruação; seguirão-se depois mais dous accessos no segundo mez, e até o presente (Outubro de 1870) não voltaram.

Devo fazer considerar, que os quatro ataques hystericos que apparecerão nos primeiros dous mezes do tratamento hydrotherapico, forão muito fracos, tendo apenas oito a doze minutos de duração.

A cura de Maria é certamente mais um triumpho para a hydrotherapia, e um salutar aviso para aquellas infelizes que tão frequentemente soffrem deste mal, rebelde aos mais desvelados cuidados dos pais e maridos, e aos esforços continuados dos mais intelligentes praticos.

DR. CARLOS EBOLI.

